

O grande conflito e o plano da salvação

Pr. Albino Marks

Ellen G. White, na introdução de seu livro “O Grande Conflito”, escreveu: *“Mediante a iluminação do Espírito Santo, as cenas do prolongado conflito entre o bem e o mal foram apresentadas à autora destas páginas. De quando em quando foi-me permitido contemplar o desenvolvimento, nas diversas épocas, do grande conflito entre Cristo, o Príncipe da vida, o Autor de nossa salvação, e Satanás, o príncipe do mal, o autor do pecado, o primeiro transgressor da santa lei Deus. A inimizade de Satanás para com Cristo se manifestou contra Seus seguidores. O mesmo ódio aos princípios da lei divina e a mesma tática de engano – pela qual se faz o erro parecer verdade, e pela qual a lei divina é substituída pelas leis humanas e os homens são levados a adorar a criatura em lugar do Criador – podem ser vistos em toda a história passada. Os esforços de Satanás para representar de maneira falsa o caráter de Deus, fazendo com que os homens nutram um conceito errôneo do Criador e assim O considerem com temor e ódio em vez de amor; seu empenho para anular a lei divina, levando o povo a se julgar livre das exigências dessa lei, e sua perseguição aos que ousam resistir aos seus enganos têm continuado persistentemente em todas as épocas. Podem ser observados na história dos patriarcas, profetas e apóstolos, mártires e reformadores.*

“No grande conflito final, como em todas as épocas anteriores, Satanás empregará as mesmas estratégias, manifestará o mesmo espírito e trabalhará para o mesmo fim. Aquilo que foi será, com a exceção de que a luta futura será marcada por uma terrível intensidade, como o mundo jamais testemunhou. Os enganos de

Satanás serão mais sutis, e seus ataques, mais decididos. Se fosse possível, ele enganaria até mesmo os eleitos (Mc 13:22)” (GC, p. 12).

Lúcifer era a mais exaltada criatura de Cristo: “você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de grande beleza. [...] Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso eu o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes” (Ez 28:12-14, NVI).

“O Pai trabalhou por meio de Seu Filho na criação de todos os seres celestiais. [...] O Filho de Deus fizera a vontade do Pai na criação de todos os seres celestiais; e a Ele, bem como a Deus, eram devidas as homenagens e a fidelidade daqueles. Cristo ia ainda exercer o poder divino da criação da Terra e de seus habitantes” (PP, 10, 12).

“Ele [Cristo] foi o Criador de todas as coisas, e sustenta os mundos com Seu infinito poder” (TI, v. 5, p. 421).

De maneira inexplicável, esse exaltado e glorioso querubim deu origem, no centro do Universo, porque em sua posição de honra estava junto ao trono de Deus e de Cristo, ao grande conflito cósmico de conceitos espirituais que afetou todo o Universo,

Outra questão muito importante em relação a este conflito com suas dimensões cósmicas, acontece em dimensões individuais em cada mente e caráter humano. Enganado por Satanás, o ser humano também se rebelou contra Deus pela desobediência às Suas orientações: “o Senhor Deus ordenou ao homem: ‘coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em dela comer, certamente você morrerá’” (Gn 2:16, 17, NVI).

Pelo ato da desobediência à ordem de Deus, o ser humano pecou e se tornou prisioneiro escravo de Satanás, condenado à morte eterna: *“pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus. [...] Pois o salário do pecado é a morte”* (Rm 3:23 e 6:23, NVI).

Sobre esta dimensão individual Ellen G. White comenta: *“o grande conflito entre o Príncipe da luz e o príncipe das trevas não arrefeceu um jota ou um til de seu ímpeto com o passar do tempo. O conflito árduo entre a luz e as trevas, entre o erro e a verdade, só aprofunda em sua intensidade. A sinagoga de Satanás se encontra extremamente ativa, e o poder enganador do inimigo trabalha de maneira mais sutil nesta era. Cada ser humano que não se entrega a Deus e não vive sob o controle do Espírito será pervertido pelos agentes satânicos.*

“O inimigo trabalha sem parar, a fim de suplantar Jesus Cristo no coração humano e colocar seus atributos no caráter das pessoas, em lugar dos atributos divinos. Ele lança as suas fortes ilusões sobre a mente humana a fim de obter poder controlador, obscurecer a verdade e abolir o verdadeiro Padrão de bondade e justiça, para que o professo mundo cristão seja varrido para a perdição, separando-se de Deus. Ele trabalha para que o egoísmo tome conta do planeta, invalidando os efeitos da missão e obra de Cristo”. (MM, 2022, p. 229).

Destaco com ênfase que o autor do grande conflito de conceitos espirituais e do pecado, *“é Satanás, o príncipe do mal, o autor do pecado, o primeiro transgressor da santa lei Deus. [...] Os esforços de Satanás para representar de maneira falsa o caráter de Deus, [...] levando o povo a se julgar livre das exigências dessa lei, e sua perseguição aos que ousam resistir aos seus enganos têm*

continuado persistentemente em todas as épocas. [...] Satanás empregará as mesmas estratégias, manifestará o mesmo espírito e trabalhará para o mesmo fim. [...] Os enganos de Satanás serão mais sutis, e seus ataques, mais decididos. [...] Cada ser humano que não se entrega a Deus e não vive sob o controle do Espírito será pervertido pelos agentes satânicos. [...] Ele trabalha para que o egoísmo tome conta do planeta, invalidando os efeitos da missão e obra de Cristo”.

Entretanto, a verdade mais grandiosa que precisa ser compreendida é que as Escrituras Sagradas revelam que Deus em Sua onisciência e presciência, previu a possibilidade do conflito e, em Seu imenso amor para o ser humano que criou para a Sua glória (Is 43:7), Ele estabeleceu “o seu eterno plano da salvação” que realizaria por meio de “Cristo Jesus, nosso Senhor” (Ef 3:11): “porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:15, NVI).

“Jesus veio ao mundo a fim de trazer de volta o caráter de Deus à humanidade e reimprimir na alma humana a imagem divina. Ao longo de toda Sua vida, por meio do esforço contínuo e laborioso, Cristo buscou chamar atenção do mundo para Deus e Suas santas reivindicações, a fim de que os seres humanos se encham do Espírito de Deus, sejam movidos pelo amor e revelem tanto na vida como no caráter os atributos divinos. Cristo veio para ser luz, e luz do mundo; Sua vida foi de constante negação do eu e sacrifício pessoal. O Senhor Jesus valorizava cada ser humano e não conseguia suportar a ideia de uma pessoa perecer. Seu grande coração de amor

envolvia o mundo inteiro e O levou a oferecer salvação completa a todos que Nele crerem.

“No caráter de Cristo se uniam majestade e humildade. Temperança e negação do eu eram identificadas em cada ato de Sua vida. Mas não havia traço algum de fanatismo nem autoridade fria manifesta na Sua conduta que diminuíssem a Sua influência junto àqueles com quem entrava em contato. O Redentor do mundo tinha uma natureza muito mais que angelical. Contudo, ligada à Sua majestade divina, havia mansidão e humildade que atraíam todos a Ele” (MM, 2022, p. 229).

Sobre a importância do estudo e da compreensão do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, Ellen G. White também escreveu: *“o sacrifício exigido de Abraão não foi somente para seu próprio bem nem unicamente para o benefício das gerações seguintes, mas também foi para instrução dos seres destituídos de pecado, no Céu e em outros mundos. O campo do conflito entre Cristo e Satanás, o terreno sobre o qual se desenvolve o plano da salvação, é o compêndio do Universo” (PP, p. 122).*

Está aqui perante nós uma questão crucial: o desenvolvimento do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás *“é o compêndio do Universo [...] dos seres destituídos de pecado, no Céu e em outros mundos” (PP, p. 122).*

Portanto, nesse amplo contexto, para a compreensão correta das Escrituras Sagradas, como escritos que relatam acontecimentos reais e verdadeiros é preciso reconhecê-las e aceitá-las como o autêntico documento histórico elaborado por Deus, que em todas as suas predições proféticas e nos seus relatos históricos, .em primeiro plano têm como foco central revelar para o ser humano vencido por

Satanás e sob o domínio da temporalidade do pecado, a origem desse grande conflito espiritual entre Cristo e Satanás, seu desenvolvimento e a sua solução,

Por esta razão, revelando o grande conflito cósmico e o plano da salvação, seus relatos ultrapassam em muito os limites da história da humanidade como a conhecemos em seu período sob o domínio da temporalidade do pecado. Sem a compreensão dessa visão cósmica, grande parte dos seus relatos são avaliados como fantásticas criações de irrealidades ficcionais, porque as Escrituras Sagradas falam de realidades eternas e espirituais que *“são loucura para quem não tem o Espírito de Deus”* (1Co 2:14).

Quando a história da humanidade encontra dificuldades para definir e sustentar os acontecimentos depois de mil anos antes de Cristo, a história bíblica nos conduz com segurança até quatro mil anos antes de Cristo e ainda nos revela importantes e profundos lampejos da eternidade.

O grande conflito, o plano da salvação e a tipologia do santuário. Para os israelitas compreenderem o plano da salvação e o desenvolvimento do grande conflito de conceitos espirituais, Deus orientou Moisés para erigir o santuário repleto de mensagens em símbolos. Toda a tipologia centraliza-se em Jesus Cristo.

No pátio desenvolvia-se todo o simbolismo do resgate do pecador sob o domínio de Satanás. O Remidor, Jesus, era simbolizado pelo animal substituto inocente, morrendo em lugar do pecador culpado, escravo de Satanás. Tipicamente o pecador obtinha o perdão de seu pecado, como um ato da graça de Deus e na aceitação da dádiva, pela fé, era justificado.

No compartimento santo do santuário, desenvolvia-se o processo de santificação, o crescimento na graça no preparo para viver na presença de Deus, no mundo restaurado. O candelabro tipificava Cristo, a luz da verdade que ilumina a mente para compreender toda vontade de Deus expressa em Sua lei e em *“toda palavra que procede da boca de Deus”* (Mt 4:4, NVI).

Os pães da mesa da proposição, tipificavam Cristo, o pão da vida, nutrindo com Seus ensinamentos a vida espiritual de todos aqueles que têm fome e sede de justiça: *“Tu tens as palavras de vida eterna”* (Jo 6:68, NVI).

O altar do incenso tipificava Cristo em Sua permanente intercessão a favor do pecador contrito e penitente.

No compartimento santíssimo encontrava-se a arca do concerto, tipificando o trono de Deus, contendo as tábuas da lei dos Dez Mandamentos, a sua norma para reger o Seu povo, o Seu Reino.

Nesse compartimento desenvolvia-se tipicamente a eliminação do pecado, a condenação e aniquilamento do autor do pecado e a recompensa de glorificação dos justificados e santificados.

O dia dez do sétimo mês era o dia da Expição, o dia de um novo começo para o israelita. O santuário estava purificado de todas as *“impurezas e das rebeliões dos israelitas, quaisquer que tenham sido os seus pecados”* (Lv 16:16, NVI).

O bode emissário, tipificando Satanás e todos os seus demônios, levou sobre si a condenação de *“todas as iniquidades deles para um lugar solitário, [...] no deserto”* (Lv 16:22, NVI).

Esse cerimonial típico declarava toda a nação perdoada, justificada e santificada, que com grande júbilo durante sete dias, se

envolvia na festa das cabanas, celebrada fora das dependências do santuário, tipificando a glorificação dos redimidos em sua herança eterna.

Para o povo de Israel compreender todo o simbolismo dos rituais do santuário, Deus transmitiu para Moisés orientações em forma de “*decretos e leis*”, para ensinar ao povo praticar de maneira correta cada serviço típico do plano da salvação. (Dt 10:4), em consequência do grande conflito de conceitos espirituais.

Todo esse simbolismo encontrou a sua realidade com Jesus, que “*por meio de um único sacrifício, aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados*” (Hb 10:14, NVI), cumprindo o símbolo do animal substituto oferecido sobre o altar dos sacrifícios, no pátio, provendo a dádiva da graça, oferecendo o perdão e justificando o pecador contrito, que pela fé, aceita a oferta de Deus por meio de Cristo Jesus.

No santuário celestial, como sacerdote, Jesus ministra no compartimento santo revelando a Si mesmo como a luz da verdade: “*Eu sou a luz do mundo [...] que ilumina todos os homens*” (Jo 8:12 e 1:9, NVI); o pão da vida: “*Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome. [...] Tu tens as palavras de vida eterna*” (Jo 6:36, 68, NVI); e a Sua permanente intercessão em favor daqueles que estão “*sendo salvos*” (At 2:47, NVI).

No lugar santíssimo, a arca contendo as duas tábuas da lei dos Dez Mandamentos, revela Jesus como o Rei da teocracia universal.

No Apocalipse esse ministério de Jesus é descrito nos primeiros três, no sexto e no décimo primeiro ao décimo terceiro capítulo, conduzindo a missão da igreja na proclamação do plano da

salvação ao longo dos séculos, que enfrenta a tenaz e violenta oposição de Satanás, no grande conflito de conceitos espirituais, até a segunda vinda.

Como sumo sacerdote, ministra no segundo compartimento, o santíssimo, desde 1844, o juízo em suas fazes investigativa e executiva, que o profeta João descreve no quarto, quinto, sétimo ao décimo e décimo quarto até o vigésimo capítulo.

Os capítulos vinte um e vinte e dois encontram o seu simbolismo na festa das cabanas, os salvos celebrando a recepção de sua herança eterna e tendo Jesus como seu glorioso e poderoso Rei: *“então a soberania, o poder e a grandeza dos reinos que há debaixo de todo o céu serão entregues nas mãos dos santos, o povo do Altíssimo. O reino dele será um reino eterno, e todos os governantes o adorarão e lhe obedecerão”* (Dn 7:27, NVI).

Deus, Lúcifer, Graça e Rebelião. Para obter uma compreensão mais clara das predições apocalípticas dos profetas Daniel e João, é importante compreender os lampejos das Escrituras Sagradas que penetram a eternidade, onde a história humanista não consegue chegar porque o fundamento que sustenta essa compreensão é rejeitado.

Somente as Escrituras Sagradas oferecem uma explicação convincente da existência de Deus como o Criador e Mantenedor do maravilhoso Universo, do qual o planeta Terra é uma ínfima partícula.

Moisés inicia o seu relato com a declaração conclusiva: *“No princípio Deus...”* (Gn 1:1). Paulo complementa a declaração, dizendo: *“todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste”* (Cl 1:16, 17, N VI).

Sobre esse começo da história da humanidade, os historiadores humanos nada têm a dizer.

Deus e Seu caráter. Sobre Deus e Seu caráter, as Escrituras Sagradas têm informações muito importantes: *“justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem”* (Sl 89:14, NAA).

Quatro atributos comunicáveis do caráter de Deus são colocados em evidência nesse texto em relação ao Seu trono, o centro do Seu governo e de relacionamento com Suas criaturas: justiça, direito, graça e verdade.

Mas o autor deste salmo coloca em destaque que: *“graça e verdade te precedem”*, ou conforme outra tradução: *“graça e verdade vão adiante de ti”* (TB), demonstrando que a justiça e o direito são executados tendo como base o inamovível alicerce da graça e da verdade. A justiça e o direito não são executados como um ato de autoritarismo despótico, ou de vingança e ódio, mas precedidos por um processo de misericordiosa graça sob a luz de toda a pureza da verdade.

O apóstolo Paulo também relaciona a graça com o trono de Deus: *“Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança”* (Hb 4:16, NVI).

O apóstolo Pedro revela uma ideia muito significativa sobre a graça: *“sirvam uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como encarregados de administrar bem a multiforme graça de Deus”* (1Pe 4:10, NAA). *“Administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas”* (NVI).

Pedro revela que a graça de Deus não se manifesta em apenas uma forma, mas em múltiplas formas.

Como, então, definir e compreender a graça, esse atributo do caráter de Deus que é *“multiforme?”*

Para o profeta Isaías Deus se revelou, dizendo: *“Ainda antes que houvesse dia [tempo], Eu sou”* (Is 43:13, NAA). E o apóstolo Paulo, falando de Jesus, declarou: *“Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre”* (Hb 13:8, NAA).

Deus é eterno, Jesus é eterno. Assim também, por questão lógica, todos os atributos do caráter de Deus são eternos, perfeitos e completos, formando uma totalidade holística, eterna, perfeita e completa. Nada pode ser acrescentado e nada pode ser tirado, omitido. Portanto, Seus atributos são presentes no caráter e nas ações de Deus ao longo da eternidade, independentes da existência, ou não, do pecado. No Salmo 103, o rei e poeta Davi, referindo a um dos atributos de Deus declarou: *“Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade”* (Sl 103:17, NAA).

Assim acontece com a graça de Deus. O Salmo 89:3, Matos Soares traduz: *“porquanto disseste: ‘a graça está estabelecida para sempre’; no céu estabeleceste a tua fidelidade”*. A tradução do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, traz o mesmo texto como verso 2: *“eu digo: ‘a graça tem bases eternas; como os céus firmastes a vossa fidelidade’”*. Em verdade, no Salmo 103:17, a palavra traduzida por misericórdia, também pode ser traduzida por graça.

A questão muito importante a ser compreendida é a mensagem do apóstolo Pedro, de que a graça Deus manifesta de múltiplas formas.

Deus é o magnífico, eterno e único “Eu Sou”. Assim é Jesus e assim é o Espírito Santo. Quando entendemos que a Trindade é o magnífico, eterno e único “Eu Sou”, Aquele que é de eternidade a eternidade, e que o Seu plano de vida para Suas criaturas não se fundamenta em leis fixas e frias, mas no relacionamento de amor, harmonia e confiança, compreendemos que a graça é a vida eterna de Deus comunicada às Suas criaturas, como um dom de Seu imutável e eterno amor. Todas as criaturas criadas por Deus são dependentes de Sua graça. Nenhuma subsiste por si mesma. Portanto, tudo o que as criaturas de Deus recebem, são manifestações do caráter amoroso do Deus-Trino, que é graça plena e inesgotável.

A criação e seu propósito no plano de Deus. O propósito de Deus para toda a Sua criação era e continua sendo que O glorifique como Deus eterno; o Criador e o Mantenedor de toda a Sua criação, pleno de justiça, amor e graça. *“Os céus declaram a glória de Deus”* (Sl 19:1, NVI). *“Todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz”* (Is 43:7, NVI). *“Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador”* (DTN, p. 161).

Com esse propósito de Deus para a criação do Universo, analisemos a criação de Lúcifer, sua missão, queda e rebelião.

Lúcifer foi criado perfeito para cumprir esse propósito: *“você era perfeito nos teus caminhos, [...] desde o dia em que foi criado”* *“Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em formosura”* (Ez 28:12, NAA).

Recebeu todos os ornamentos para conferir formosura à sua estrutura física e comunicar ao exército celestial de anjos a importância de sua posição: *“tudo foi preparado no dia em que você foi criado”* (Ez 28:13, NVI).

Foi dotado de sabedoria e *“ungido”*, proclamado como *“um querubim da guarda. [...] Eu o estabeleci, [...] no monte santo de Deus”* (Ez 28:14, NAA).

Deus o fez [a Lúcifer] bom e formoso, tão semelhante quanto possível a Si próprio. [...] Concedeu-lhe elevada posição de responsabilidade. Nada lhe pediu que não fosse razoável. Deveria ele administrar o cargo que Deus lhe atribuía, num espírito de mansidão e devoção, buscando promover a exaltação de Deus, o qual lhe dera glória, beleza e encanto” (VA, p. 15).

“Lúcifer, o “filho da alva” sobrepujando em glória todos os anjos que rodeavam o trono, e ligado pelos mais íntimos laços ao Filho de Deus” (DTN, p. 435).

“Aquele que se havia colocado em oposição a Deus era um ser de grande poder e glória. Sobre Lúcifer, o Senhor declarou: ‘Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em formosura’ (Ez 28:12). Lúcifer tinha sido querubim de guarda. Estivera na luz da presença divina. Havia sido o mais elevado de todos os seres criados e revelava ao Universo os propósitos divinos. Depois de pecar, seu poder de enganar se tornou maior. E ficou mais difícil descobrir seu caráter, por causa da posição exaltada que tinha junto do Pai” (DTN, p. 758).

Dependência e graça Seguramente uma das maiores e mais importantes mensagens de Deus para Suas criaturas é a revelação

de Si mesmo como o manancial da graça. Quando receberam as Suas criaturas esse conhecimento de que Deus é graça?

Fundamentada em Hebreus 1:3, Ellen G. White revela que todas as criaturas de Deus receberam o conhecimento da graça, sua dependência de Cristo, no momento do ato de sua criação: *“mas o Filho, o Ungido de Deus, ‘a expressa imagem de Sua pessoa’ (Hb 1:3, ARC), o ‘resplendor da Sua glória’ (Is 66:11), ‘sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder’ (Hb 1:3), tem a supremacia sobre todos eles”* (PP, p. 10).

Todos os seres celestiais e os seres humanos foram criados perfeitos em si, mas na sua existência são dependentes de Cristo Jesus, Deus eterno, *“sustentadas pela palavra do Seu poder”*, por Sua multiforme graça, o ato revelador da dependência de todos de Sua supremacia.

Um fato importante que é colocado em evidência na comunicação da graça é a determinação de Deus fundamentando-a no relacionamento que tem como alicerce o amor. Amor de Deus para com os seres criados, revelado no princípio do livre arbítrio concedido, a liberdade de fazer escolhas e tomar decisões. Amor das criaturas para com Deus, reconhecendo-o como a fonte do amor e da graça e declarando a sua inteira dependência no ato da obediência. Portanto graça e obediência, uma dádiva e uma resposta, são inseparáveis desde a eternidade. Deus revela o Seu amor e a Sua graça sustentando as Suas criaturas, e as criaturas exercendo a sua liberdade da escolha, revelam o seu reconhecimento, obedecendo movidas pelo amor.

“Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres inteligentes depende da perfeita

harmonia com seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todos os seres criados por Ele o serviço de amor, que brote de um reconhecimento de Seu caráter. Ele não tem prazer na obediência forçada e concede a todos livre-arbítrio para que Lhe possam prestar serviço voluntário”.

“Enquanto todos os seres criados reconheceram a lealdade pelo amor, havia perfeita harmonia por todo o universo de Deus. A alegria da hoste celestial era cumprir o propósito do Criador. Tinham prazer em refletir Sua glória e manifestar Seu louvor. E, enquanto o amor para com Deus predominava, o amor de uns para com outros era cheio de confiança e abnegação. Nenhuma nota dissonante havia para desafinar as harmonias celestiais” (PP, p. 10).

Na instrução e ordem de Deus dada a Adão e Eva, antes do pecado, evidenciam-se os conceitos da graça, da lei e do julgamento ou juízo. *“Coma livremente”* – o conceito da graça expresso na forma de uma orientação para, no contexto da liberdade de escolha desfrutar todas as dádivas que procedem de Deus. *“Mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal”* – o conceito da lei, mas que também manifesta o conceito da graça na forma de uma ordem para prevenir contra o uso errado da liberdade de escolha. *“Se comer da árvore do bem e do mal, certamente você morrerá”* – o conceito da lei e do julgamento ou juízo (NVI), mas que revela as consequências da rejeição do conceito da graça na forma de orientação e ordem, e demonstrando que a graça está inquestionavelmente relacionada com a obediência.

Logo, a graça não é uma dádiva somente para o ser humano, mas em suas diferentes formas é manifestada a todas as criaturas de Deus. A respeito dos anjos e seu relacionamento para com Deus,

é declarado pelo salmista: *“Bendizei o Senhor, vós seus anjos, forças de elite a serviço de sua palavra, que obedecéis ao ressoar de sua palavra”*. (Sl 103:20, TEB).

Assim como Adão e Eva receberam orientações e ordens de como relacionar-se com Deus em amorosa obediência, também os anjos foram instruídos do mesmo modo: *“os anjos de Deus não ambicionam maior conhecimento do que conhecer a vontade de Deus; e seu maior deleite é cumprir a perfeita vontade do Pai celestial”*. (E Recebereis Poder, MM. 1999, p. 362).

“Todos os seres criados vivem pela vontade e poder de Deus. São dependentes depositários da vida de Deus. Do mais alto serafim ao mais humilde dos seres vivos, todos são providos da Fonte da vida” (DTN, p. 785).

Todas as criaturas de Deus, em Seu imenso Universo, foram e continuam envolvidas pelo elo da dependência *“da Fonte da vida”*, Cristo Jesus, de Seu amor e de Sua graça, nEle revelados. A resposta da dependência da graça é manifestada pelo ato da liberdade de escolha de obediência espontânea por amor. A liberdade de escolha também é uma dádiva da graça de Deus. A rejeição da dependência de Deus pelo mau uso da liberdade de escolhas é rebeldia.

Com facilidade compreendemos a graça como o dom de Deus para salvar o ser humano do pecado. No entanto, no Éden, a graça, era o dom de Deus para preservar o ser humano do pecado. Desde que saiu das mãos do Criador, a vida do ser humano era um dom da graça de Deus, ou seja, a vida de Deus era comunicada ao ser humano como uma dádiva de Sua graça. O desenvolvimento do ser humano em todas as áreas estava ligado ao manancial da graça. Se

o ser humano houvesse sempre seguido a orientação da graça, a queda não teria vindo à existência.

As mesmas condições são reais e verdadeiras para os seres celestiais no Universo perfeito que expressam a sua liberdade de escolha na obediência movidos pelo amor. Sobre a criação de Lúcifer e a dádiva da liberdade de escolha, Ellen G. White declarou: *“quando o Senhor criou esses seres [angélicos] para estarem diante de Seu trono, eram eles belos e gloriosos. Sua amabilidade e santidade equivaliam a sua exaltada posição. Estavam investidos da sabedoria de Deus e cingidos com a armadura celestial”* (VA, p. 14, 15).

“Embora Deus houvesse criado Lúcifer nobre e formoso, e o houvesse colocado em posição de elevada honra entre os anjos, não o deixou fora do alcance da possibilidade do mal. Satanás tinha o poder, se decidisse por este caminho, de perverter seus dons” (VA, p. 15).

Lúcifer não fez nada para obter tudo o que possuía. Tudo lhe havia sido dado como manifestação da graça de Deus quando foi criado.

Lúcifer, que não escolheu a sua criação, pois Deus declara: *“você era perfeito nos seus caminhos, desde o dia em que foi criado”* (Ez 28:15, NAA); recebeu vida, perfeição, sabedoria, formosura e posição de honra (Ez 28:12, 14); foi coroado com a dádiva da liberdade de escolha, todos dons da *“multiforme”* graça de Cristo Jesus, seu Criador.

“Ele [Cristo] foi o Criador de todas as coisas, e sustenta os mundos com Seu infinito poder” (TI, v. 5, p. 421).

“As estrelas do céu acham-se sob o controle de Cristo. Ele as enche de luz. Dirige os seus movimentos. Não o fizesse Ele, elas se tornariam estrelas cadentes” (TI, v. 6, p. 413).

O Universo revela a Deus como um Ser responsável, coerente, justo e amoroso, que assumiu o dever de Mantenedor, e nEle subsiste a permanência de todas as Suas obras, que criou com o propósito de glorificar o Seu nome (SI 19), *“para sempre e eternamente”* (SI 104:5, BJ).

Esse propósito incluía a Lúcifer, que, como toda a criação, foi criado perfeito, mas não completo em si mesmo. Ainda que ungido por Deus com uma gloriosa distinção: a mais honrada de todas as Suas criaturas, com poder de liderança, em sua existência, vida, era dependente de Cristo.

Lúcifer, criado perfeito O profeta Ezequiel usa como personagem simbólico o rei de Tiro, que explorando com sabedoria o comércio com as outras nações, enriqueceu e transformou em deslumbrante jardim a pequena ilha de Tiro, para, palidamente descrever a glória que Deus conferiu a Lúcifer, quando o criou: *“você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. Você estava no Éden, no jardim de Deus; todas as pedras preciosas o enfeitavam: sárdio, topázio e diamante, berilo, onix e jaspe, safira, carbúnculo e esmeralda. Seus engastes e guarnições eram feitas de ouro; tudo foi preparado no dia em que você foi criado”* (Ez 28:12, 13, NVI).

Santo, sem pecado *“Lúcifer, ‘filho da alva’ (Is 14:12), era o primeiro dos querubins cobridores, santo e incontaminado”* (PP, p. 10, 11).

Todas as criaturas de Deus foram criadas com a possibilidade de desenvolvimento em todas as suas faculdades espirituais, morais e intelectuais. Logo, sempre teriam motivações para crescer. No entanto, não foram criadas como um deus, mas dependentes de Deus.

Assim como o conhecimento de Deus é ilimitado: *“não há meio algum de sondar a sua inteligência”* (Is 40:28, TEB), assim, pela graça de Deus, todas as Suas criaturas foram dotadas de recursos ilimitados de expansão enquanto em perfeita dependência com o seu Criador. Assim era com Lúcifer: *“você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria. [...] Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado”* (Ez 28:12, 15, NVI).

A “A Bíblia de Jerusalém” traduz o verso 15: *“Desde o dia da tua criação foste íntegro em todos os teus caminhos até o dia em que se achou maldade em ti”*.

Deus, Cristo Jesus criou Lúcifer: *“perfeito, inculpável, íntegro”*, isto é: sem pecado e sem a propensão para o pecado.

Recebeu o livre arbítrio Lúcifer recebeu a grandiosa manifestação da graça de Deus, a liberdade de fazer escolhas, mas com discernimento para saber fazer a distinção entre o bom e o mau, o amor genuíno e a inveja e o ódio, a justiça e a injustiça.

O primeiro passo errado de Lúcifer no uso da liberdade de fazer escolhas, foi volver-se para si mesmo, nutrindo o “eu” no seu íntimo: *“seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria”* (Ez 28:17, NVI). *“O teu coração se exaltou com a tua beleza. Perverteste a tua sabedoria por causa do teu esplendor”* (BJ).

Sobre essa dádiva, manifestação da justiça, do amor e da graça de Deus, a liberdade de escolha, Ellen G. White comentou: *“Ele não tem prazer na obediência forçada; e concede a todos livre-arbítrio, para que Lhe possam prestar serviço voluntário”*.

“Enquanto todos os seres criados reconheceram a lealdade pelo amor, havia perfeita harmonia por todo universo de Deus. A alegria da hoste celestial era cumprir o propósito do Criador” (PP, p. 10).

Como entender a escolha de Lúcifer, alimentando o seu “ego”? Essa escolha é denominada pelo apóstolo Paulo como, *“o mistério da iniquidade”* (2Ts 2:7, NVI). Isto é: não há explicação.

Posição conferida a Lúcifer *“Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso eu o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes”* (Ez 28:14, NVI).

Lúcifer foi *“ungido”*, separado por Deus para ser o guardião líder da hoste angélica. Deus colocou sobre ele a responsabilidade de como instruir e orientar os anjos em sua maneira de glorificar e exaltar a Deus, Cristo Jesus e o Espírito Santo, como únicos, em Sua eternidade, imutabilidade, majestade, santidade, esplendor, glória, poder, dignos de adoração.

Ele tinha permanente acesso à presença de Deus: *“Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes”* (Ez 28:14, NVI).

“Lúcifer fora querubim guardião. Estivera à luz da presença divina. Fora o mais elevado de todos os seres criados, e o primeiro em revelar ao Universo os desígnios divinos” (DTN, p. 758).

Começou a nutrir o mal O grande conflito de conceitos espirituais teve a sua origem no Céu na mente da mais gloriosa e elevada criatura de Cristo, Lúcifer: *“até que se achou maldade em você”* (Ez 28:15, NVI).

“No entanto, uma mudança alterou esse contexto de felicidade. Houve um ser que perverteu a liberdade que Deus havia concedido às Suas criaturas. O pecado se originou com aquele que, abaixo de Cristo, havia sido o mais honrado por Deus e o mais elevado em poder e glória entre os habitantes do Céu. Lúcifer. ‘filho da alva’ (Is 14:12), era o primeiro dos querubins cobridores, santo e incontaminado. Permanecia na presença do grande Criador, e os incessantes raios da glória que cercavam o eterno Deus repousavam sobre ele” (PP, p. 10, 11).

Foi com a mais honrada criatura de Deus e de Cristo que se originou o mal. Lúcifer foi criado como *“o modelo da perfeição”* (Ez 28:12, NVI). Portanto, *“é impossível explicar a origem do pecado apontando a razão se sua existência. Contudo, podemos compreender o suficiente com respeito ao surgimento e ao fim do pecado, para que a justiça e a benevolência de Deus em Sua relação com o mal fiquem plenamente evidentes. Deus não é responsável, de maneira nenhuma pela origem do pecado. Nada é mais claramente ensinado nas Escrituras do que isso. Ele nunca privou alguém de sua graça nem houve qualquer deficiência em Seu governo que motivasse a rebelião. O pecado é um intruso, cuja presença não tem justificativa. É algo misterioso, inexplicável. Justificá-lo equivale a defendê-lo”* (GC, p. 412).

Deus, “*nunca privou alguém de sua graça*”, envolve todas as Suas criaturas, incluindo Lúcifer. Se o tivesse feito, o mal, o pecado teria uma justificativa.

A declaração seguinte é poderosa no sentido de que o pecado não tem justificativa: “*Lúcifer poderia ter continuado a desfrutar da graça de Deus, sendo amado e honrado por todos os anjos e exercendo suas nobres habilidades para abençoar outros e glorificar seu Criador. Mas, como disse o profeta, seu coração se elevou por causa de sua formosura, e ele corrompeu sua sabedoria por causa de seu esplendor. (v. 17). Pouco a pouco, Lúcifer deu lugar ao desejo de exaltação própria. ‘Estimas o teu coração como se fora coração de Deus’ (v. 6)’ Tu dizias: [...] acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei [...]; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo’ (Is 14:13, 14). Em vez de procurar fazer com que Deus fosse o alvo supremo das afeições e da lealdade de suas criaturas, o esforço de Lúcifer era conquistar para si o serviço e a homenagem dos seres criados. E, cobiçando a honra que o infinito Pai havia conferido ao Seu Filho, esse príncipe dos anjos aspirava a um poder que somente Cristo tinha o direito de exercer” (GC, p. 413). (Destaque acrescentado)*

Inexplicavelmente o uso pervertido da liberdade de escolha corrompeu o caráter perfeito de Lúcifer, recebido de Deus, e a maldade começou a ser nutrida no silencioso íntimo do seu ser. Pouco a pouco foi rejeitando a sua dependência de Deus, a subsistência pela graça e alimentando o desejo de independência, de “*exaltação própria*”. “*Serei como o Altíssimo*” (Is 14:14, NVI).

A lei, uma forma da multiforme graça de Deus. No dia em que Deus pronunciou a Sua lei moral para o povo de Israel, Ele definiu dois conceitos fundamentais do Seu relacionamento com o ser humano e do ser humano com Ele e também com os seus semelhantes: Eu sou o Deus da graça *“que te tirou do Egito, da terra da escravidão”* (Êx 20:2, (NVI), e, ofereço e coloco perante vocês o meu caminho da graça, proclamando a lei orientadora da conduta, os Dez Mandamentos, o caminho da graça.

O cumprimento da lei, envolvendo toda a Palavra de Deus que expressa a Sua vontade como suprema, é a fonte da harmonia entre Criador e criaturas e entre as criaturas, porque traz em si a graça que move a reciprocidade das ações. O amor gera amor, e isto é fruto da lei do amor e graça.

“Enquanto todos os seres criados reconheceram a lealdade pelo amor, havia perfeita harmonia por todo o universo de Deus. A alegria da hoste celestial era cumprir o propósito do Criador. Tinham prazer em refletir Sua glória e manifestar Seu louvor. E, enquanto o amor para com Deus predominava, o amor de uns para com outros era cheio de confiança e abnegação. Nenhuma nota dissonante havia para desafinar as harmonias celestiais” (PP, p. 10).

Esse foi o caminho que Deus colocou perante o povo de Israel no monte Sinai, proclamando a Sua vontade: *“obedeçam aos meus decretos e ordenanças, pois o homem que os praticar por eles viverá. Eu sou o Senhor”* (Lv 18:5, NVI).

O salmista Rei Davi, em oração pediu a Deus: *“afasta de mim o caminho da mentira e dá-me a graça da tua lei” “Desvia-me dos caminhos enganosos; por tua graça, ensina-me a tua lei”* (Sl 119:29, TEB, NVI).

O ensino do salmista sobre a graça e a lei é o ensino de Paulo, no Novo Testamento: *“porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar a impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente”* (Tt 2:11, 12, NVI).

O salmista, rei Davi e o apóstolo Paulo declaram: a graça de Deus ensina. O que, ou, Quem é essa graça que ensina a rejeitar a mentira, o engano, a impiedade, as paixões mundanas, o mal, aceitar e viver o bem? A graça se manifestou na presença personificada de Jesus. Portanto é Jesus quem nos ensina a abandonar o pecado e aceitar o estilo de vida segundo a vontade de Deus. De que maneira Ele ensina? Por toda *“palavra que procede da boca de Deus”* (Mt 4:4, NVI), que expressa a Sua vontade como lei para todo o nosso procedimento. Ele é a graça, mas Ele também é a lei. Na Sua morte, por Sua graça, apela para que abandonemos o pecado e nos ensina e conduz para aceitar a graça da Sua lei, para viver de maneira sensata, justa e piedosa.

Jesus resumiu esse conceito dessa forma da graça, com o princípio de conduta: *“se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos”* (Jo 14:15, NVI).

Para os salmistas, a graça e a conduta orientada pela lei, são inseparáveis, pois é pela lei, pela Palavra que a graça comunica o discernimento para detestar, odiar e vencer o pecado e caminhar na vereda da justiça. *“Graças aos teus preceitos tenho discernimento, por isto detesto todos os caminhos da mentira”* (Sl 119:104, TEB).

“Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço” (Sl 119:165, ARA). Que compreensão maravilhosa do plano redentor e restaurador de Deus. Pela graça o relacionamento de

amor é restaurado e o pecador está em paz com Deus, obedecendo às orientações de Sua lei, isto é, toda Palavra que procede da boca de Deus, o caminho da graça.

“Aguardo a tua salvação, Senhor, e pratico os teus mandamentos. [...] Anseio pela tua salvação; Senhor, e a tua lei é o meu prazer” (Sl 119:166, 174, NVI). “Mandamentos”, refere aos preceitos específicos da lei moral. “Lei”, envolve toda a Palavra de Deus.

A graça está ligada à conduta. A graça determina um novo estilo de vida e rege este novo modo de conduta pela lei moral e por todos os ensinamentos da Sua palavra. Por esta razão, o salmista declarou: *“aguardo a tua salvação, Senhor, e pratico os teus mandamentos. [...] Anseio pela tua salvação; Senhor, e a tua lei é o meu prazer”* (Sl 119:166, 174, NVI).

Jesus é a graça; Jesus é a lei. A lei é a forma da *“multiforme graça de Deus”* que orienta a conduta em harmonia com a justiça, para desenvolver o estilo de vida sensato, piedoso, justo e agradável à vontade de Deus.

A queda de Lúcifer O que aconteceu com Lúcifer, desfrutando as bênçãos de todos esses dons da graça, que o conduziu à rebeldia e ao pecado? *“Até que se achou iniquidade em você”* (Ez 28:15, NAA).

Que sequência de atos de iniquidade culminou com o pecado? *“Você ficou orgulhoso por causa da sua formosura, você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor, [...] pela multidão das suas iniquidades, pela injustiça do seu comércio, você profanou os*

seus santuários. [...] Você se encheu de violência e pecou” (Ez 28:17, 18, NAA).

Lúcifer foi tentado pelo orgulho por causa da sua formosura; foi tentado com ideias em desarmonia com o caráter de Deus e questionar a Sua justiça e o Seu amor, por causa da sua sabedoria; foi tentado pela inveja, questionando a posição de Cristo, seu Criador, por causa da sua exaltada posição de honra; foi tentado a questionar que o seu corpo e dos anjos eram um santuário para a habitação de Deus; rejeitou a dependência da graça e alimentou a ambição de independência, permitiu que as tentações o dominassem e pecou, rebelando-se contra Deus e contra Cristo.

“Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador” (DTN, p. 161).

A tentação não é pecado. Alimentar a tentação e permitir que ela nos domine, conduz para o pecado. *“Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por ele arrastado e seduzido. Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ter-se consumado, gera a morte”* (Tg 1:14, 15, NVI). *“Um abismo chama outro abismo”* (Sl 42:7, NAA).

Como Deus agiu com Lúcifer e suas tentações. Descrevendo a criação e queda de Lúcifer, o profeta Ezequiel, simbolicamente usa o rei de Tiro. Em sua descrição o faz, como Deus falando de Seu exímio e dedicado trabalho para criar um ser perfeito em todos os detalhes e lembrando o grande propósito de sua criação: glorificá-Lo como Deus eterno e Criador. Fala da sua escolha de exaltação própria, como insatisfeito com toda a glória recebida. E

então refere a sua rebeldia e de como Deus o expulsou do Céu e o condenou à destruição.

É muito importante dar atenção à maneira de o profeta introduzir a manifestação de Deus sobre a criação e queda de Lúcifer: *‘Filho do homem, erga um lamento a respeito do rei de Tiro’* (Ez 28:12, NVI). A “Nova Tradução na Linguagem de Hoje”, traduz: *“Homem mortal, cante uma canção de tristeza por causa do fim que o rei de Tiro vai ter”*.

É importante observar que a mesma reação Deus externou quando decidiu destruir a Sua criação na Terra, por meio do dilúvio: *“Então o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e isso cortou-lhe o coração”* (Gn 6:6, NVI).

O profeta Isaías proclama de que destruir as obras por Ele criadas é um ato estranho e misterioso para Deus (Is 28:21).

À luz desse contexto é muito importante avaliar como as Escrituras Sagradas e a inspiração descrevem a maneira de Deus tratar o problema das tentações e da rebelião de Lúcifer.

Cristo tornou conhecido o fruto de sua insatisfação. *“Todo o Céu se alegrava em refletir a glória do Criador e celebrar Seu louvor. E enquanto Deus havia sido honrado dessa forma, tudo era paz e alegria. No entanto, uma nota discordante rompeu a harmonia celestial. O serviço e exaltação em favor de si mesmo, contrários ao plano do Criador, despertavam pressentimentos do mal nas mentes para as quais a glória de Deus era suprema. Os concílios celestiais insistiram com Lúcifer. O Filho de Deus lhe apresentava a grandeza, a bondade e a justiça do Criador, bem como a natureza sagrada e imutável de Sua lei. Deus mesmo havia estabelecido a ordem do*

Céu, e, afastando-se dela, Lúcifer desonraria seu Criador, trazendo sobre si a ruína. No entanto, a advertência feita com amor e misericórdia infinitos apenas despertou o espírito de resistência. Lúcifer permitiu que prevalecesse a inveja para com Cristo e se tornou ainda mais rebelde” (GC, p. 414). (Destaque acrescentado).

Jesus procurou despertar Lúcifer para compreender “a grandeza, a bondade e a justiça do Criador”. Paulo fez a inquiridora pergunta: “*não reconhecendo que a bondade de Deus o leva ao arrependimento?*” (Rm 2:4, NVI).

Paulo usa a palavra “*bondade*”, para declarar que a graça de Deus leva o pecador ao arrependimento. A resistência e a rejeição do apelo da graça, conduz para o espírito da independência de Deus, Seu amor e cuidado. Foi isso o que aconteceu com Lúcifer: “*No entanto, a advertência feita com amor e misericórdia infinitos apenas despertou o espírito de resistência. Lúcifer permitiu que prevalecesse a inveja para com Cristo e se tornou ainda mais rebelde*” (GC, p. 414).

Os anjos fiéis e leais trabalhando com Lúcifer “*Os anjos alegremente reconheceram a supremacia de Cristo e, prostrando-se diante dEle, extravasaram seu amor e adoração. Lúcifer se curvou com eles, mas em seu coração havia um conflito estranho e violento. A verdade, a justiça e a lealdade estavam lutando contra a inveja e o ciúme. A influência dos santos anjos pareceu por algum tempo levá-lo com eles. Ao se espalharem os cânticos de louvor em melodiosos acordes, avolumados por milhares de vozes alegres, o espírito do mal pareceu subjugado, um inexprimível amor fazia vibrar todo o seu ser. Unido aos adoradores destituídos de pecado, sua alma se expandia em amor para com o Pai e o Filho. No entanto, ficou novamente repleto de orgulho por sua própria glória. Voltou-lhe o*

desejo de supremacia, e uma vez mais condescendeu com a inveja de Cristo” (PP, p. 12).

“Os anjos leiais e sinceros procuraram reconciliar esse anjo poderoso e rebelde com a vontade do Criador. Justificaram o ato de Deus de conferir honra a Jesus Cristo, e com poderosos argumentos tentaram convencer Satanás de que ele próprio não possuía agora menor honra do que antes de o Pai proclamar a honra especial conferida ao Filho. Mostraram-lhe claramente que Jesus era o Filho de Deus, existindo com Ele antes que os anjos houvessem sido criados, e que sempre estivera à destra de Deus, sem que Sua terna e amorável autoridade jamais tivesse sido questionada; nem dera Ele qualquer ordem que os seres celestiais não houvessem cumprido alegremente. Argumentaram que o fato de haver Cristo recebido honras especiais por parte do Pai, na presença dos anjos, não diminuía a honra que ele [Satanás] recebera até então” (VA, p. 19, 20).

Deus removeu Lúcifer da sua liderança “Por isso eu o lancei, humilhado, para longe do monte de Deus, e o expulsei, ó querubim guardião, do meio das pedras fulgurantes” (Ez 28:16, NVI).

“Com grande misericórdia, de acordo com Seu caráter divino, Deus suportou Lúcifer por muito tempo. O espírito de descontentamento e hostilidade nunca antes havia sido conhecido no Céu. Era um elemento novo, estranho, misterioso, inexplicável. A princípio o próprio Lúcifer não esteve ciente da natureza verdadeira de seus sentimentos. [...] Entretanto, esforços que somente o amor e a sabedoria infinitos poderiam imaginar foram feitos para convencê-lo de seu erro” (PP, p. 14, 15). (Destaque acrescentado).

Deus revelou a Sua longanimidade *“Em Sua grande misericórdia, Deus suportou Satanás por muito tempo. Ele não foi imediatamente expulso de sua posição elevada ao alimentar o espírito de descontentamento, nem mesmo quando começou a apresentar suas falsas alegações diante dos anjos fiéis. Permaneceu ainda por muito tempo no Céu. Várias vezes lhe foi oferecido o perdão, sob a condição de que se arrependesse e submetesse”* (GC, p. 414, 415).

“Naquele tempo, ele não tinha repellido totalmente sua lealdade a Deus. Embora tivesse deixado sua posição como querubim cobridor, teria sido reintegrado em suas funções se estivesse disposto a voltar para Deus, reconhecendo a sabedoria do Criador e satisfeito por ocupar o lugar a ele designado no grande plano de Deus.” (PP, p.15). (Destaque acrescentado).

“Durante longos séculos, suportou Deus a angústia de contemplar a obra do mal. Preferiu dar a infinita Dádiva do Gólgota, a deixar alguém ser iludido pelas falsas representações do maligno; pois o joio não podia ser arrancado, com o risco de desarraigar a preciosa semente. E não seremos tão clementes para com nossos semelhantes, como o Senhor do Céu e da Terra o é com Satanás?” (PJ, p. 72).

Lúcifer apontou a longanimidade de Deus como uma prova de sua superioridade” (PP, p. 15). (Destaque acrescentado).

Deus revelou de maneira poderosa a grandeza do Seu caráter de justiça, amor e graça, por meio da manifestação do Seu amor, bondade, paciência, misericórdia, clemência, compassividade, longanimidade, todos, qualificativos que emolduram a graça.

Deus não agiu compulsivamente com Lúcifer Como Deus eterno, em harmonia com o Seu caráter de perfeita justiça e perfeito amor, *“permitiu que Satanás levasse avante sua obra até que o espírito de desafeto amadurecesse em ativa revolta. Era necessário que seus planos se desenvolvessem completamente para que todos pudessem ver sua verdadeira natureza e tendência. Lúcifer, sendo o querubim ungido, fora grandemente exaltado. Ele era muito amado pelos seres celestiais, e sua influência sobre eles era forte. O governo de Deus incluía não somente os habitantes do Céu, mas também de todos os mundos que Ele havia criado. Assim Lúcifer concluiu que, se ele pôde levar consigo os anjos à rebelião, poderia também levar todos os mundos. De forma astuta, ele havia apresentado a questão sob seu ponto de vista, empregando sofisma e fraude, a fim de alcançar seus objetivos. Seu poder para enganar era muito grande. Disfarçando-se sob a capa da falsidade, alcançara uma vantagem. Todos os seus atos eram de tal maneira revestidos de mistério que era difícil revelar aos anjos a verdadeira natureza de sua obra. Antes que se desenvolvesse completamente, não poderia mostrar-se o quanto era mau; sua inimizade não seria vista como sendo rebelião. Nem mesmo os anjos fiéis conseguiram discernir completamente o caráter dele ou ver onde sua obra iria parar”* (PP, p. 17).

“O orgulho de sua própria glória alimentava o desejo de supremacia. As elevadas honras conferidas a Lúcifer não eram valorizadas como um dom de Deus e não despertavam gratidão para com o Criador” (GC, p. 414).

Lúcifer perverteu e rejeitou a graça de Deus *“Um compassivo Criador, sentindo terna piedade por Lúcifer e seus seguidores, procurava fazê-los retroceder do abismo de ruína em que*

estavam prestes a imergir. No entanto, Sua misericórdia foi mal interpretada. Lúcifer apontou a longanimidade de Deus como uma prova de sua superioridade, como indicação de que o Rei do Universo ainda concordaria com suas imposições. Declarou que, se os anjos permanecessem firmes com ele, poderiam ganhar tudo que desejassem” (PP, p. 15). (Destaque acrescentado).

As ambições de Lúcifer, erroneamente nutridas, se tornaram mais fortes do que a poderosa manifestação dos atos da graça de Deus. A compassividade, a misericórdia, a clemência e a longanimidade de Deus, atributos que se identificam com a graça, foram considerados como complacência e que para agradar a ele, Lúcifer, e aos anjos rebeldes, Deus satisfaria aos seus desejos. Lúcifer confundiu clemência com complacência. Deus é clemente, mas não complacente. “O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado” (Na 1:3, ARA).

Lúcifer rebelou-se contra a lei de Deus e Sua graça O profeta Daniel prediz o surgimento de um poder espiritual que se levantaria contra Deus “o Altíssimo; cuidará em mudar os tempos e a lei. [...] Pela sua sutileza, fará prosperar o engano na sua mão, e no seu coração se engrandecerá, e destruirá muitos que vivem em segurança; levantar-se-á contra o príncipe dos príncipes; porém será quebrado sem intervir mão de homem” (Dn 7:25 e 8:25, TB).

Interpretamos essa predição aplicando-a ao poder papal, mas no Céu, quem realmente questionou a validade da lei de Deus e se levantou contra Jesus Cristo, o Príncipe dos príncipes, foi Lúcifer.

“Desde o princípio a grande controvérsia fora a respeito da lei de Deus. Satanás procurara provar que Deus era injusto, que Sua lei era defeituosa, e que o bem do Universo exigia que ela fosse

mudada. Atacando a lei, ele visava subverter a autoridade de seu Autor. Seria mostrado no conflito se os estatutos divinos eram deficientes e passíveis de mudança, ou perfeitos e imutáveis” (PP, p. 44, 45).

Essa foi a tentação que levou Lúcifer à queda. Ele começou a questionar a validade da lei depois de questionar o amor de Deus e a Sua *“longanimidade”* (PP, p. 15) na administração da Sua graça. Passou a nutrir a ambição de que era merecedor de maior honra: *“Descontente com a posição que ocupava, apesar de ser mais honrado do que a hoste celestial, ousou cobiçar a homenagem devida somente ao Criador. Em vez de procurar fazer com que Deus fosse o alvo supremo das afeições e fidelidade de todos os seres criados, (“como encarregado, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas” (1Pe 4:10), seu esforço consistiu em obter para si o serviço e a lealdade deles. E, cobiçando a glória que o infinito Pai havia conferido ao Seu Filho, esse príncipe dos anjos aspirou ao poder que era a prerrogativa de Cristo unicamente”* (PP, p. 11, interpolação acrescentada).

Lúcifer rebelou-se contra a forma da graça de Deus que é o canal da vida de Deus fluindo para as Suas criaturas pela manifestação do Seu inesgotável amor. Esse canal pode ser boqueado pela rejeição da dependência, pela recusa da submissão, pela rebeldia da obediência, que *“dá à luz o pecado”* (Tg 1:15, NVI).

Lúcifer alimentou de maneira tão compulsiva a sua ambição de poder e grandeza, que perdeu o senso da sua inteira dependência da graça de Deus e formou a irresistível ideia de que era um ser independente: *“serei como o Altíssimo”*.

Lúcifer fez a sua escolha *“Havia chegado o momento para uma decisão final; deveria render-se completamente à soberania divina, ou colocar-se em aberta rebelião. Quase chegou à decisão de voltar; mas o orgulho o impediu de fazer isso”* (PP, p. 15).

“Por meio do seu amplo comércio, você encheu-se de violência e pecou” (Ez 28:16, NVI).

Rejeitando todos os apelos que traziam em si a manifestação da *“multiforme”* graça de Deus, Lúcifer decidiu independer-se de Deus e de Cristo, rebelando-se e transformando-se em Satanás, o inimigo de Deus e de Cristo.

Lúcifer e seus anjos expulsos do Céu Deus e Cristo, em razão da escolha de Lúcifer, o expulsaram do Céu. *“Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor. Por isso eu o atirei à terra; fiz de você um espetáculo para os reis”* (Ez 28:17, NVI).

“O pecado se originou com aquele que, abaixo de Cristo, havia sido o mais honrado por Deus e o mais elevado em poder e glória entre os habitantes do Céu. Lúcifer, ‘filho da alva’ (Is 14:12), era o primeiro dos querubins cobridores, santo, incontaminado” (PP, p. 10, 11).

O profeta Isaías assim retrata a ambição de Lúcifer: *“Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo”* (Is 14:14, NVI).

“Satanás [...] quis se tornar um centro de influência. Uma vez que não poderia ser a mais alta autoridade no Céu, se tornaria a mais elevada autoridade em rebelião contra o governo do Céu. Seria líder, exerceria controle e não seria controlado” (VA, p. 23).

Lúcifer corrompeu a sua responsabilidade *“como encarregado de administrar bem a multiforme graça de Deus”* (1Pe 4:10, NAA): *“assim foi que Lúcifer, ‘o portador de luz’, aquele que participava da glória de Deus, que servia junto ao seu trono, tornou-se, pela transgressão, Satanás, o ‘adversário’ de Deus e dos seres santos, e destruidor daqueles a quem o Céu confiou à sua guia e guarda”* (PP, p. 15).

“O conhecimento possuído por Satanás e os que com ele caíram, quanto ao caráter de Deus, de Sua bondade, misericórdia, sabedoria e excelente glória, tornou imperdoável a culpa dos rebeldes” (VA, p. 25).

“Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor. Por isso eu o atirei à terra; fiz de você um espetáculo para os reis” (Ez 28:17, NVI).

Lúcifer não foi expulso do Céu porque Deus é ditador, tirano, intolerante e arbitrário, mas porque ele escolheu rejeitar o perfeito amor e a inexaurível graça de Deus, e pela rebelião tornou-se inapto para o ambiente de santidade justiça e amor, e fez o rio da graça secar para ele, recebendo a justa recompensa de sua escolha.

Como um ser perfeito, criado pelo Deus perfeito e colocado em um ambiente de perfeição, se corrompeu e deu origem ao pecado, é descrito pelo apóstolo Paulo como *“o mistério da iniquidade”* (2Ts 2:7, NAA).

Lúcifer rejeitou as formas da graça a ele reveladas por Deus, nas Suas demonstrações apresentando a Trindade como o Deus eterno e Criador, e os seres celestiais, como criaturas; *no amor, na*

misericórdia, na compassividade, na justiça, na benevolência, na longanimidade, no perdão incondicional oferecido reiteradas vezes, na clemência, no apelo direto de Cristo Jesus, (PP, p. 11, 14, 15, 16, 18).

No Céu, a rejeição dos atributos do caráter de Deus, conduziu Lúcifer à rebelião e ao pecado, e como Satanás, no jardim do Éden, enganou Adão e Eva em relação ao perfeito caráter de Deus, e também os induziu ao pecado e à rebelião.

A forma da graça que Lúcifer não conheceu “*Mesmo quando foi expulso do Céu, a Sabedoria infinita não destruiu Satanás. Visto que unicamente o serviço de amor pode ser aceito por Deus, a fidelidade de suas criaturas deve se basear em uma convicção de Sua justiça e benevolência. Os habitantes do Céu e dos mundos, não estando preparados para compreender a natureza ou consequência do pecado, não poderiam ter visto então a justiça de Deus na destruição de Satanás. Se ele tivesse sido imediatamente destruído, alguns teriam servido a Deus pelo temor em vez de fazer isso por amor. [...] E a justiça e a misericórdia de Deus, bem como a imutabilidade de Sua lei, pudessem para sempre ser postas fora de toda a questão*” (PP, p. 18).

O profeta João descreve a derrota e a expulsão do dragão, Satanás e seus anjos, que aconteceu no centro do “*Reino dos Céus*”, sendo “*atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos*” (Ap 12:9, NAA), em confinamento no minúsculo planeta Terra, dentro do “*Reino dos Céus*”, porque não existe local fora deste Reino.

Com a queda de Adão Deus revelou a forma da graça que Lúcifer e os anjos não conheciam e sobre essa manifestação da graça, Ellen G. White declarou: “*jamais teríamos aprendido o*

significado desta palavra ‘graça’ se não houvéssemos caído. Deus ama os anjos santos que executam Sua obra e são obedientes a todos os Seus mandamentos, mas Ele não lhes dá a graça. Estes seres celestiais nada conhecem da experiência da graça; nunca necessitaram dela, pois nunca pecaram. A graça é um atributo de Deus manifestada aos seres humanos não merecedores. Não a buscamos, mas foi mandada em busca de nós. Deus Se alegra em dar Sua graça a todos que a desejam, não porque sejamos dignos, mas justamente porque somos totalmente indignos. Nossa necessidade é a qualificação que nos dá a segurança de que receberemos esse dom”.

“Mas Deus não usa essa graça para tornar sem efeito Sua lei. ‘Foi do agrado do Senhor, por amor da Sua justiça, engrandecer a lei, e torná-la gloriosa’”.

“A graça de Deus e a lei estão em perfeita harmonia; andam de mãos dadas. Sua graça torna possível para nós acercar-nos dEle pela fé. Recebendo-a, e permitindo que opere em nossa vida, testificamos da validade da lei; exaltamos a lei e a tornamos gloriosa executando seus princípios” (MM, 1989, p. 100).

Como compreender essa declaração de Ellen G. White à luz da afirmação do apóstolo Pedro de que a graça de Deus é “*multiforme?*” E, à luz da declaração do apóstolo Paulo: “*a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas. A intenção dessa graça [...] de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor?*” (Ef 3:9-11, NVI).

O apóstolo Paulo fez uma declaração sobre a graça que somente pode ser plenamente compreendida à luz das formas da

graça de Deus reveladas para Lúcifer e os anjos, antes da rebelião e do pecado, e a forma da graça revelada para o Universo com a queda de Adão: *“Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça”* (Rm 5:20, ARA). *“Mas onde aumentou o pecado, aumentou muito mais ainda a graça”* (NAA). *“Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça”* (NVI).

Com a queda de Adão, Satanás, o autor do pecado, se tornou o príncipe usurpador deste mundo e o pecado inundou o planeta Terra, porque o pecado de Adão contaminou toda a sua descendência, pois em Adão *“todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”* (Rm 3:23, NVI). Contaminou toda a natureza dos reinos: animal, vegetal e mineral.

E Satanás, o autor do pecado, tornou-se o falso príncipe deste mundo: *“chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo”* (Jo 12:31, NVI).

Para este mundo, *“onde abundou o pecado”*, sob o domínio de Satanás, foi manifestado o *“mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus”*, na forma da Sua superabundante graça, assumindo a culpa do pecado de Adão e Eva e da sua descendência: *“Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”* (1Co 5: 21, NVI).

Compreendendo que a graça de Deus é *“multiforme”*, façamos algumas perguntas para obter respostas. Qual a forma da graça da qual *“jamais teríamos aprendido o significado se não houvéssemos caído?”* A forma manifestada no Substituto inocente, *“sem pecado”* (Hb 4:15), assumindo a nossa culpa de condenados por causa do nosso pecado, para que por Sua justiça, por um ato de Sua

superabundante graça, fôssemos perdoados e *“nele nos tornássemos justiça de Deus”* (1Co 5: 21, NVI).

Qual a forma da graça, Lúcifer e os anjos não conheceram? A mesma forma manifestada no Substituto inocente, *“sem pecado”* (Hb 4:15), em favor do pecador culpado, que os seres humanos nunca teriam conhecido se não houvessem caído.

Quais formas da graça de Deus foram manifestadas à todas as Suas criaturas? A graça da criação. Todas as criaturas vieram à existência por exclusiva iniciativa e competência de Deus. A graça da vida. Todas as criaturas recebem vida que emana da vida de Deus. A graça da imagem e semelhança com Deus. Todas as criaturas receberam atributos que são atributos comunicáveis do caráter de Deus. A graça do livre arbítrio. Todas as criaturas receberam de Deus a dádiva da liberdade e do direito da escolha. A síntese de todas as formas da graça encontra-se na graça da dependência. Nenhuma criatura existe por si mesma; todas dependem do poder mantenedor da graça de Deus. *“Porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. [...] Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”* (At 17:25, 28, NVI). *“Pois nele foram criadas todas as coisas, [...] e nele tudo subsiste”* (Cl 1:16, 17, NVI).

Todas as criaturas de Deus conheciam os atributos da grandeza do caráter de Deus, a Sua infinita e perfeita justiça, a longanimidade do Seu amor e da Sua graça.

“Todos os seres criados vivem pela vontade e poder de Deus. São dependentes depositários da vida de Deus. Do mais alto serafim ao mais humilde dos seres vivos, todos são providos da Fonte da vida” (DTN, p. 785).

Deus colocou Lúcifer na exaltada posição de ensinar para a hoste angélica sobre os atributos do Seu caráter. *“Você foi ungido como querubim guardião, pois para isso eu o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes”* (Ez 28:14, NVI).

Deus o fez [a Lúcifer] bom e formoso, tão semelhante quanto possível a Si próprio. [...] Concedeu-lhe elevada posição de responsabilidade. Nada lhe pediu que não fosse razoável. Deveria ele administrar o cargo que Deus lhe atribuía, num espírito de mansidão e devoção, buscando promover a exaltação de Deus, o qual lhe dera glória, beleza e encanto” (VA, p. 15).

Avaliemos outra questão relevante na declaração de Ellen G. White, em análise. *“A graça de Deus e a lei estão em perfeita harmonia”* (MM, 1989, p. 100).

A *“multiforme”* graça de Deus, incluindo a forma guardada em *“mistério em Deus”*, está em perfeita harmonia com a lei de Deus desde a eternidade.

É a compreensão e aceitação de que a graça de Deus e a Sua lei *“estão em perfeita harmonia; andam de mãos dadas”*, que conduz para testificar da eternidade, imutabilidade e validade da lei, exaltá-la e torná-la gloriosa, *“executando seus princípios”* (MM, 1989, p. 100), movidos pelo poder orientador de Sua graça. *“Por tua graça, ensina-me a tua lei”* (Sl 119:29, NVI).

Porque tal como é eterna *“toda palavra que procede da boca de Deus”* (Mt 4:4, NVI), a lei é eterna: *“todos os seus preceitos merecem confiança. Estão firmes para sempre, estabelecidos com fidelidade e retidão. [...] A tua palavra, Senhor, para sempre está*

firmada nos céus. [...] A tua justiça é eterna, e a tua lei é a verdade” (Sl 111:7, 8; 119:89, 142, NVI), também a graça de Deus é eterna: *“a graça está estabelecida para sempre”* (Sl 89:3, MS), ou: *“a graça tem bases eternas”* (PIBR).

Avaliemos mais um argumento contido na declaração em análise: *“mas Deus não usa essa graça para tornar sem efeito Sua lei”* (MM, 1989, p. 100).

A grande verdade indestrutível é que a graça em todas as suas formas, não *“torna sem efeito Sua lei”*. Todos os atributos do caráter de Deus são perfeitos e completos, formando um todo perfeito e completo. Essa verdade se fundamenta na Pessoa de Deus que não apenas tem os atributos, mas Ele é o eterno Eu Sou em todos os Seus atributos. Todos os Seus atributos são eternos como Deus é eterno, o que inviabiliza um atributo limitar ou tornar sem efeito outro atributo.

A gloriosa e irrefutável verdade de que Deus É, torna inquestionável a maneira de Deus agir nos atos de revelar ou não revelar atributos do Seu caráter para as Suas criaturas.

Por meio do profeta Isaías, Deus faz a poderosa declaração: *“ai daquele que contende com seu Criador, daquele que não passa de um caco entre os cacos no chão. Acaso o barro pode dizer ao oleiro: o que você está fazendo? [...] Digo: Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada”* (Is 45:9; 46:10, NVI).

Para Moisés, o Senhor Deus declarou: *“apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como El Shadai; mas pelo meu nome, lahweh, não lhes fui conhecido”* (Êx 6:3, BJ).

Com o fundamento da eternidade e imutabilidade dos atributos de Deus, compreendemos que a forma de: “*essa graça*”, que Deus não usou para tornar sem efeito Sua lei, é a forma revelada do Substituto inocente, “*sem pecado*”, morrendo em lugar do pecador culpado, confirmando a lei, porque a exigência de sua justiça condenando o pecado, foi executada no Substituto, para oferecer perdão, justificação e redenção.

Entretanto, os seres celestiais, incluindo Lúcifer, que não conheceram a forma “*dessa graça*”, do Substituto, conheceram todas as outras formas da “*multiforme graça*” de Deus, que Ele lhes revelou. Foi a rejeição da “*multiforme graça*” de Deus, manifestada em diferentes formas para Lúcifer e aos anjos, que determinou a sua condenação, porque a rejeição do ensino da graça de obediência da lei, conduziu para a rebelião contra a graça e contra a lei. A rebelião culminou contra a autoridade de Deus e de Cristo, em quem a graça e a lei se encontram personificadas, porque Eles são o único eterno, imutável e magnífico Eu Sou.

Outra declaração inspirada também revela que Lúcifer conheceu a multiforme graça de Deus sem conhecer a superabundância da graça: “*Lúcifer poderia ter continuado a desfrutar da graça de Deus, sendo amado e honrado por todos os anjos e exercendo suas nobres habilidades para abençoar outros e glorificar seu Criador*” (GC, p. 413).

A revelação da superabundância da graça O Deus da graça, exerce a Sua autoridade com a benevolência da Sua graça; usa o Seu poder com a magnanimidade da Sua graça; executa a Sua justiça com a longanimidade da Sua graça e revela a

imensurabilidade do Seu amor com a grandeza e superabundância da Sua graça.

Assim foi revelado para o Universo o mistério da superabundância da graça, que maravilhou os anjos e os mundos não caídos, e desconcertou Satanás e os demônios.

Quando Adão pecou, Jesus revelou para os anjos não caídos e o Universo o plano da superabundância da graça: *“A encarnação de Cristo é um mistério. A união da divindade com a humanidade é de fato um mistério, oculto em Deus, ‘o mistério que esteve escondido durante séculos’ (Cl 1:26). Ele foi mantido em silêncio eterno por Jeová, e foi pela primeira vez revelado no Éden, pela profecia de que o descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, e que essa lhe feriria o calcanhar”*. (CBASD, v. 6, p. 1204, EGW).

“O plano pelo qual unicamente se poderia conseguir a salvação do homem abrangia todo o Céu em seu infinito sacrifício. Os anjos não puderam se alegrar quando Cristo lhes expôs o plano da redenção, pois viram que a salvação da humanidade deveria custar o indescritível infortúnio de seu amado Comandante. Com pesar e admiração escutaram Suas palavras ao contar-lhes como deveria descer da pureza e paz do Céu, de sua alegria, glória e vida imortal e ter contato com a degradação da Terra, para suportar suas tristezas, humilhação ignomínia e morte, Ele deveria ficar entre o pecador e a punição pelo pecado, mas poucos O receberiam como o Filho de Deus. Deixaria Sua elevada posição como a Majestade do Céu, apareceria na Terra, se humilharia como um ser humano e, por Sua própria experiência, Se familiarizaria com as tristezas e tentações que o homem teria de enfrentar” (PP, p. 40).

“Por ocasião do nascimento de Jesus, Satanás compreendeu que viera Alguém divinamente comissionado, para lhe disputar o domínio. Tremeu, ante a mensagem dos anjos que atestava a autoridade do recém-nascido Rei. Satanás bem sabia a posição ocupada por Cristo no Céu, como o amado do Pai. Que o Filho de Deus viesse à Terra como homem, encheu-o de assombro e apreensão. Não podia penetrar o mistério desse grande sacrifício. Sua alma egoísta não compreendia tal amor pela iludida raça” (DTN, p. 115).

O *“mistério”* da superabundância da graça e do ilimitado amor de Deus era desconhecido por Satanás e pelos anjos e quando Jesus o revelou na profecia no Éden aos anjos, para todo o Universo, Satanás *“encheu-o de assombro e apreensão”*.

O apóstolo Paulo falando sobre a revelação do mistério de Deus do plano eterno da superabundância da graça, declarou: *“foi-me concedida esta graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo e esclarecer a todos a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas. [...] A multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor”* (Ef 3:8-11, NVI).

Esse *“eterno plano, [...] mantido oculto em Deus, [...] se tornasse conhecido dos poderes e autoridades nas regiões celestiais,* (o conhecimento do eterno plano envolve os anjos fiéis, o Universo, Satanás e seus demônios), *[...] que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor”*, não limitou a manifestação de Deus em Sua multiforme graça para com Lúcifer e os anjos rebeldes, permeada *“de*

sabedoria infinita, de amor, de bondade, de benevolência, de grandeza, de compassividade, de misericórdia, de longanimidade de clemência e de justiça” (PP, p. 11-18).

“Tinha sido difícil, mesmo para os anjos, compreender o mistério da redenção, isto é, entender que o Comandante do Céu, o Filho de Deus, devia morrer pelo ser humano culpado. Quando foi dada a Abraão a ordem para oferecer seu filho, despertou-se o interesse de todos os seres celestiais. Com extrema ansiedade, observavam cada passo no cumprimento daquela ordem. Quando Isaque perguntou – ‘Onde está o cordeiro para o holocausto?’, Abraão respondeu – ‘Deus proverá para Si [...] o cordeiro’ (v. 7, 8); e quando a mão do pai foi detida estando a ponto de matar seu filho, e fora oferecido o cordeiro que Deus provera em lugar de Isaque, derramou-se então luz sobre o mistério da redenção. Até mesmo os anjos compreenderam mais claramente a maravilhosa providência que Deus tomara para a salvação do ser humano 1P 1:12)” (PP, p. 123).

“Ao princípio do grande conflito, os anjos não entendiam isso. Houvesse sido deixado que Satanás e seus anjos colhessem os plenos frutos de seu pecado, e teriam perecido; mas não se patentearia aos seres celestiais ser isso o inevitável resultado do pecado. Uma dúvida acerca da bondade divina haveria permanecido em seu espírito, qual ruim semente, para produzir seu mortal fruto de pecado e miséria. Não será, porém, assim, ao findar o grande conflito. Então, havendo-se completado o plano da redenção, o caráter de Deus é revelado a todos os seres inteligentes. Os preceitos de sua lei são vistos como perfeitos e imutáveis. Então, o pecado terá patenteado sua natureza, Satanás o seu caráter. Então

o extermínio do pecado reivindicará o amor de Deus, e estabelecerá a Sua honra perante um universo de seres que se deleitam em fazer a Sua vontade, e em cujo coração está a Sua lei.

Bem podiam, pois, os anjos se regosijar ao contemplarem a cruz do Salvador; pois embora não compreendessem ainda tudo, sabiam que a redenção do homem era certa e que o universo estava para sempre a salvo. O próprio Cristo compreendeu plenamente os resultados do sacrifício feito no Calvário. A tudo isso olhava Ele quando exclamou na cruz: ‘Está consumado’” (DTN, p. 764).

Satanás condenado e destruído Satanás e os demônios foram condenados e serão completamente aniquilados porque com desprezo rejeitaram as manifestações das “múltiplas formas” da graça de Deus em seu favor. Os pecadores serão condenados e destruídos porque rejeitam a dádiva da superabundância da graça. *“Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus. [...] Quem crê no Filho tem a vida eterna; já quem rejeita o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele”* (Jo 3:18, 36, NVI).

Crer no Filho significa aceitar a oferta da graça como o valor pago para o nosso resgate do poder do pecado e receber por meio da graça a dádiva de vida eterna. Rejeitar o Filho significa rejeitar a oferta da graça e permanecer sob a ira da condenação de Deus. Receber vida eterna ou ser condenado à morte eterna é decidido pelo ato do pecador de aceitar a oferta da graça ou rejeitá-la.

Lúcifer e uma terça parte dos anjos decidiram rejeitar todas as formas da multifome graça de Deus, se encheram do espírito de violência e rebelião, e pecaram (Ez 28:16). Se tornaram Satanás e os demônios, inimigos de Deus e se colocaram sob a condenação de

Deus. Lúcifer não estava sob a condenação de Deus, à nossa semelhança, que em Adão, fomos enganados por Satanás, violentando a nossa liberdade de escolha, induzindo-nos a pecar contra Deus e tornando-nos seus escravos dominados pelo pecado.

Se compreendêssemos o apelo da manifestação da superabundância da graça de Deus na dádiva de Seu Filho Unigênito, assumindo o culpa de nossos pecados e sofrendo a condenação que pesava sobre nós, certamente a resposta às sedutoras investidas de Satanás seria decisiva e contundente. Jesus declarou a respeito de Satanás: *“ele não tem nenhum direito sobre mim”* (Jo 14:30, NVI).

Cedemos nós espaços para Satanás, ou Cristo ocupa de tal maneira todo o nosso ser, que Satanás não encontra nenhum espaço sobre o qual exerce o seu direito?

O ETERNO PLANO DA REDENÇÃO

Somente à luz da visão do grande conflito cósmico espiritual é possível compreender que as Escrituras Sagradas constituem a mensagem de amor, graça e esperança para o ser humano. As suas predições proféticas constituem a revelação do desdobramento do grande conflito cósmico e do *“eterno plano redentor”* de Deus para o conhecimento do ser humano, escravo de Satanás e do pecado. Conhecendo o plano e aceitando-o pela fé, o ser humano recebe vida eterna pela graça por meio da morte substituta de Cristo Jesus.

Portanto, as profecias bíblicas precisam ser compreendidas e interpretadas com o foco no grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás e no *“eterno plano da salvação”*: *“Eu predisse há*

muito as coisas passadas. Minha boca as anunciou, e Eu as fiz conhecidas; então repentinamente agi, e elas aconteceram” (Is 48:3, NVI).

Essa declaração do Soberano do Universo no0s conduz para a conclusão de que quem determina a história da humanidade é o Deus eterno: Ele p0rediz os acontecimentos por meio de Seus profetas e em chegando o tempo determinado, por meio de indivíduos e nações faz as predições acontecer.

A Bíblia, então, como revelação da verdade de Deus, deve conter seus próprios princípios de interpretação. Esses princípios podem ser encontrados no estudo de como seus escritores a utilizaram e foram guiados por ela, quando permitiram que ela interpretasse a si mesma” (Frank M. Hasel, Lição da Escola Sabatina, com comentários, segundo trimestre, professor, 2020, p. 11).

Agindo por meio do poder dos Seus atributos de onipotência, onisciência, onipresença e presciência, Deus determinou todos os acontecimentos no desenvolvimento do grande conflito cósmico e do “*eterno plano da salvação*”, no aniquilamento de Satanás e da temporalidade do pecado em nosso mundo. Previu também todas as escaramuças de Satanás para desviar a mente dos seres humanos da Sua superabundante graça, do Seu incomensurável amor e da Sua infinita justiça. O poder de previsão desses atributos, explicam e justificam porque Deus nunca é colhido de surpresa por qualquer astuta artimanha do inimigo. Todos os acontecimentos estão previstos e se encontram sob o Seu perfeito controle.

A história bíblica relata todos os fatos a partir desta perspectiva: todos os acontecimentos, quer espirituais quer temporais, tiveram e terão lugar so00b o inteiro controle de Deus. Por meio dos Seus

profetas pre0dizia acontecimentos, e então, quando os fazia acontecer durante o tempo canônico, os próprios profetas os relatavam como parte integrante do cumprimento do plano da salvação. Quando as predições ultrapassam esse tempo, as orientações de Deus nas Escrituras Sagradas determinam como compreender e interpretar o seu cumprimento, relacionadas com o *“eterno plano da salvação”*.

O profeta Daniel predisse, por revelação divina, para o rei Nabucodonosor a queda do império Neobabilônico e teve a oportunidade de testemunhar o cumprimento de sua predição. Mas também predisse a sucessão dos reinos e nações depois da Babilônia, que precisam ser compreendidos e interpretados como parte do eterno programa de Deus.

“Deus possuía conhecimento dos eventos futuros, antes mesmo da criação do mundo. Ele não adaptou Seus propósitos para que estes se amoldassem às circunstâncias, mas permitiu que as coisas se desenvolvessem. Não agiu para que certas condições surgissem, mas sabia que elas ocorreriam. O plano que se colocaria em ação no caso de se rebelar alguma das elevadas inteligências celestiais – este era o segredo, o mistério oculto desde as eras passadas. Um oferecimento foi preparado pelos eternos propósitos, para realizar o próprio trabalho que Deus empreendeu em favor da humanidade caída” (VA, p. 17).

Como Deus, em Sua presciência conhece todo o passado e todo o futuro, conhece todas as escaramuças de Satanás que são realizadas por meio de instrumentos humanos, nações ou seres humanos, registradas pelos historiadores humanistas como grandiosos acontecimentos heroicos da história da humanidade,

apenas em sua transitoriedade, sob o domínio da temporalidade do pecado, não constituem imprevistos para Deus e, portanto, não requerem improvisos para solucionar emergências. Ele declara de modo inquestionável: *“Eu crio a luz e a escuridão. Eu controlo todos os acontecimentos, os bons e os maus. Eu, o Senhor, é que faço todas essas coisas”* (Is 45:7. BV).

Os historiadores humanistas, desconhecendo o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, não conseguem perceber o verdadeiro centro de todos os acontecimentos: Cristo realizando o *“eterno plano da salvação”* do ser humano por meio da Sua morte substituta e a restauração do planeta Terra ao Seu Reino eterno com o glorioso acontecimento da Sua segunda vinda como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

“Ao longo de séculos de perseguição, conflito e trevas, Deus tem amparado Sua igreja. Nenhuma dificuldade veio sobre ela, para a qual Ele não estivesse preparado; nenhuma força oponente surgiu para impedir Sua obra, que Ele não houvesse previsto. Tudo aconteceu como Ele predisse. O Senhor não deixou Sua igreja desamparada. Por meio de profetas, Ele revelou o que deveria ocorrer, e aquilo que Seu Espírito inspirou os profetas a predizer tem se realizado. Todos os Seus propósitos serão cumpridos. Sua lei está vinculada ao Seu trono e nenhum poder do mal pode destruí-la. A verdade é inspirada e guardada por Deus, e ela triunfará sobre toda oposição” (AA, p. 11, 12).

“Ele executou aquilo que Seu Santo Espírito inspirara os profetas a predizerem. Todos os Seus desígnios se cumprirão e serão estabelecidos. Sua lei acha-se ligada ao Seu trono, e os agentes satânicos aliados com instrumentos humanos não a podem

destruir. A verdade é inspirada e guardada por Deus; ela viverá e vencerá, embora pareça as vezes sobrepujada. O evangelho de Cristo é a lei exemplificada no caráter. Os enganos praticados contra ela, toda invenção para vindicar a falsidade, todo erro forjado por instrumentos satânicos, serão finalmente para sempre destruídos, e a vitória da verdade será como o surgimento do Sol ao meio-dia” (ME, v. 2, p. 108).

As profecias bíblicas e o cumprimento dos seus acontecimentos preditos, iluminam como um farol toda a história da humanidade, tanto para o passado como para o futuro. Por que, então, os historiadores humanistas que buscam com muito esforço ordenar os acontecimentos da história da humanidade, não aceitam os fatos históricos registrados nas Escrituras Sagradas, confirmando-os como verdadeiramente acontecidos?

A compreensão das palavras dos profetas (2Pe 1:19), não faz parte dos objetivos de Satanás. Seria realmente surpreendente Satanás demonstrar interesse em tornar conhecido e propagar o desenvolvimento do plano da salvação, sua derrota no grande conflito contra Cristo e seu total aniquilamento.

Esta declaração deve soar estranha, porque a maioria das pessoas desconhece o conflito espiritual e moral entre Cristo e Satanás. No entanto, quer queiramos quer não, em face deste grande conflito, ou estamos do lado de Deus ou do lado do inimigo.

No contexto do grande conflito cósmico de conceitos espirituais e do plano da salvação, não são os acontecimentos provocados pelas escaramuças de Satanás que determinam a verdadeira história da humanidade, mas são as profecias bíblicas que determinam a realidade da sequência dos acontecimentos de sua história.

Também não são os acontecimentos da história da humanidade que determinam o cumprimento das profecias bíblicas, mas são as profecias bíblicas que Deus faz acontecer no tempo exato predito, que determinam os acontecimentos da história da humanidade. Os pequenos acontecimentos que são atribuídos como feitos heroicos, a nações e façanhas de seres humanos, não interferem no grande plano de Deus.

“Assim como as rodas com aparência tão complicada [mostradas a Ezequiel] estavam sob o comando da mão por baixo das asas dos querubins, também o complicado jogo dos acontecimentos humanos está sob o controle divino. No meio das lutas e tumultos das nações, Aquele que Se assenta sobre os querubins continua a conduzir os assuntos da Terra” (PR, p. 312).

Gênesis, o revelador do grande conflito e do eterno plano da salvação

Algumas questões são fundamentais e irrevogáveis para a compreensão e interpretação correta das predições das Escrituras Sagradas.

Como em primeiro plano, as Escrituras Sagradas revelam a questão mais importante: *“o Deus eterno, único, incomparável”* (Dt 33:27, Is 46:9, 40:25), Criador e Mantenedor do Universo, é inquestionável compreender e aceitar que os primeiros capítulos de Gênesis constituem a revelação do esboço do que aconteceu no planeta Terra sob o domínio da eternidade de Deus, de Cristo Jesus e do Espírito Santo. Os dois primeiros capítulos revelam como a Trindade, pelo poder da Sua palavra, transformou o planeta em um exuberante e lindo jardim e nele colocando o ser humano como o seu administrador.

As Escrituras Sagradas declaram que negar a existência do Deus eterno, único, incomparável, é atitude de tolos: *“diz o tolo em seu coração: ‘Deus não existe’”* (Sl 14:1, N VI).

Estribados nesse fundamento, compreender que no capítulo três de Gênesis, as Escrituras Sagradas relatam a queda de Adão, com o conseqüente início, no planeta Terra, da temporalidade do pecado e do ser humano, *“destituído da glória de Deus”* (Rm 3:23), perdendo, por causa da desobediência, o direito à eternidade concedida por Deus

Compreender que com a queda de Adão, Gênesis revela que o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, passou a desenvolver-se no planeta Terra, no entanto, os acontecimentos que nele ocorrem não se limitam ao pequeno espaço do planeta, em suas conseqüências, mas alcançam o Universo; revela o *“eterno plano da salvação”*, que, para a solução do grande conflito em escala universal, exigiu o envolvimento do centro do Universo, o trono de Deus, com o *“mistério [...] mantido oculto em Deus”* (Ef 3:9, NVI), revelando a Sua justiça incompreensível e o Seu amor sem limites, na encarnação do divino no humano e na morte sacrifício paradoxal de Cristo Jesus, que se fez Deus-homem;

“O plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. Foi a revelação ‘do mistério encoberto desde tempos eternos’. Foi um desdobramento dos princípios que têm sido, desde os séculos da eternidade, o fundamento do trono de Deus” (DTN, p. 22).

Com essa visão dos três primeiros capítulos de Gênesis, compreende-se que toda a Escritura que segue é o desdobramento do esboço, detalhando a sequência da realização do *“eterno plano*

da salvação”, que foi previsto e estabelecido por Deus *“antes da criação do mundo”* (2Pe 1:20, NVI). A sua realização fundamenta-se nas profecias das Sagradas Escrituras, na cadeia genealógica humana de Jesus e em todos os ritos e símbolos do santuário entregue ao povo de Israel, trazendo como pilar as revelações de Gênesis 3:15.

Nessa compreensão, todos os acontecimentos históricos contidos nos relatos das Sagradas Escrituras, com destaque do povo de Israel, desde a sua formação com o chamado de Deus para Abraão, prometendo fazer a partir dele uma grande nação que deveria revelar para o mundo o Seu caráter e os Seus propósitos: *“por meio de você todos os povos da terra serão abençoados”* (Gn 12:3, NVI), são protótipos do grande conflito espiritual, revelando o verdadeiro caráter e propósitos de Deus e de Satanás.

O período que relaciona os acontecimentos ao planeta Terra, foi determinado por Deus para a perfeita e incontestável revelação do caráter e propósitos de Deus e de Satanás, perante todo o Universo, para definir o julgamento inquestionável de quem é Deus e quem é Satanás. Esse julgamento determinará de maneira definitiva que não se levantará segunda vez a angústia. (Na 1:9).

As Escrituras Sagradas, não são, portanto, escritos de autores humanos, relatando os acontecimentos como produto da interferência de seres humanos ou pelas forças imprevisíveis da natureza, mas as autênticas e inquestionáveis revelações do Deus eterno, tornando-as realidade no tempo determinado. Ponto final.

As revelações de Gênesis 3:15

Gênesis 3:15, define o inquestionável objetivo das Escrituras Sagradas, como uma síntese da linha mestre profética histórica do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, predizendo o desenvolvimento do *“eterno plano da salvação”* e tudo o que aconteceu e acontecerá até o fim do tempo determinado para Satanás, seus demônios, pecadores rebeldes e o pecado: *“porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”* (NVI).

“Esta sentença, proferida aos ouvidos de nossos primeiros pais, foi para eles uma promessa. Ao mesmo tempo que predizia guerra entre o ser humano e Satanás, declarava que o poder do grande adversário finalmente seria aniquilado” (PP, p. 41).

Esse glorioso acontecimento tem hora marcada no eterno cronograma de Deus: *“Pois o fim só virá no tempo determinado”* (Dn 11:27, NVI).

Como o centro das predições proféticas, desde a predição fundamento de Gênesis 3:15, é a vinda do *“Ungido”* o *“Príncipe dos Céus”* (Dn 9:25), o *“Deus eterno”*, em Sua natureza divina, elas precisam estabelecer perfeita harmonia com a genealogia humana de Jesus, também predita em Gênesis 3:15, como *“o Descendente da mulher”*, o *“Filho do homem”*, em Sua natureza humana e com todos os serviços típicos do santuário, que têm o seu alicerce no Substituto revelado em Gênesis 3:15, para identificá-Lo como o verdadeiro Messias, o Cristo, o Príncipe do Céu, o Descendente da mulher e o Cordeiro de Deus, para reconquistar o domínio perdido para Satanás (Dn 7:13, 14),

Em Sua natureza humana, o Messias sofreu a sentença de condenação do culpado transgressor, cumprindo a justiça eterna de Deus exigida pela lei; manifestou o ilimitado amor de Deus na superabundância da graça do Cordeiro morto, provendo a salvação para todo aquele que nEle crer, e derrotou a Satanás; em Sua natureza divina, aniquilará Satanás, todos os demônios, todos os pecadores rebeldes e impenitentes e a temporalidade do pecado em nosso planeta, e restabelecerá *“o primeiro domínio”* (Mq 4:8, ARA), Seu Reino, que *“será um Reino eterno”*, a herança dos santos do Altíssimo (Dn 7:26, NVI).

Com a revelação do plano da superabundância da graça, predizendo a execução da justiça no Substituto divino feito ser humano; na dádiva da graça por amor, e na destruição dos obstinados e irreconciliáveis rebeldes, pela semente da mulher: *“Ela te esmagará a cabeça”* (Gn 3:15, BJ), e assim resgatando o prisioneiro do seu poder, Satanás compreendeu sua condenação e destruição.

Entretanto, ele não desistiu de sua ideia de ser *“como o Altíssimo”* (Is 14:14, NVI). Foi somente com a morte sacrifício e a ressurreição vitoriosa de Jesus, que Satanás entendeu o seu aniquilamento: *“quando Jesus foi posto no sepulcro, Satanás triunfou. Ousou acreditar que o Salvador não viveria novamente. [...] Quando viu Cristo sair em triunfo, compreendeu que seu reino chegaria ao fim e que ele finalmente morreria”* (DTN, p. 782).

O profeta Ezequiel predizendo a derrota e destruição completa de Satanás, proferiu o vaticínio: *“por meio dos seus muitos pecados e do seu comércio desonesto você profanou os seus santuários. Por isso fiz sair de você um fogo, que o consumiu, e reduzi você a cinzas*

no chão, à vista de todos os que estavam observando. Todas as nações que o conheciam espantaram-se ao vê-lo; chegou o seu terrível fim, você não mais existirá” (Ez 28:18, 19, NVI).

“Cristo diz: ‘Todos os que me aborrecem amam a morte’. Deus lhes dá existência por algum tempo, a fim de poderem desenvolver seu caráter e revelar seus princípios. Feito isso, receberão os resultados de sua própria escolha. Por uma vida de rebelião, Satanás e todos quantos a ele se unem colocam-se em tamanha desarmonia com Deus, que Sua própria presença lhes é um fogo consumidor. A glória daquele que é amor os destruirá” (DTN, p. 764).

Desconhecendo o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, o eterno plano da salvação e as profecias das Escrituras Sagradas determinando os acontecimentos, os estudiosos e historiadores humanistas qualificam o relato de Gênesis 1 a 11, como ficção sem sentido e, portanto, sem valor histórico. Do período determinado por Deus para a temporalidade de Satanás e do pecado, desde a queda de Adão até a segunda vinda de Jesus, registram apenas as escaramuças realizadas por Satanás, por meio de nações e seres humanos, sem compreender o seu real significado e o denominam de história da humanidade.

Duas questões mais, são cruciais para a correta compreensão e interpretação das predições proféticas: a aplicação do princípio bíblico de interpretação profética, do dia/ano, e o simbolismo dos personagens envolvidos nas predições.

Desconhecer ou rejeitar estes princípios de interpretação de autoria divina, iluminando todo conteúdo profético histórico da história sagrada do programa redentor de Deus, conduz irreversivelmente para interpretações equivocadas.

O Princípio Bíblico do Dia Ano.

No contexto do grande conflito entre o bem e o mal, a história temporal da humanidade não é determinada pelas realizações dos seres humanos, mas pelas predições de Deus, revelando “o seu plano aos seus servos, os profetas” (Am 3:7, NVI), anunciando a sequência dos acontecimentos e fazendo-os acontecer: “*Eu predisse há muito as coisas passadas, minha boca as anunciou, e eu as fiz conhecidas; então repentinamente agi, e elas aconteceram*” (Is 48:3, NVI).

Portanto, para compreender os relatos das Escrituras Sagradas é preciso compreender os parâmetros estabelecidos por Deus para as Suas predições anunciando acontecimentos futuros.

Como Deus explica nas Escrituras Sagradas a Sua maneira de agir, analisemos declarações Suas que lançam luz sobre o princípio de interpretação dos períodos proféticos, à luz do dia/ano.

Israel havia chegado a Cades-Barnéia, ao sul dos limites da terra de Canaã. Deviam tomar posse da terra prometida. Enviaram expias para avaliar as possibilidades de êxito. O relatório de dez expias foi desalentador e o povo foi convencido de que a conquista era impossível. A incredulidade conduziu-o à rebelião. Deus fez essa predição: “*Durante quarenta anos vocês sofrerão a consequência dos seus pecados e experimentarão a minha rejeição; cada ano corresponde a cada um dos quarenta dias em que vocês observaram a terra*” (Nm 14:34, NVI).

Em razão da sua incredulidade e rebelião em Cades-Barnéia, Deus predisse para os israelitas um período de tempo de espera para receber como herança a terra prometida. Teriam de completar

quarenta anos de permanência no deserto, até o desaparecimento, pela morte, de toda a geração que duvidou do poder de Deus. *“Pois eles não creram em Deus nem confiaram no seu poder salvador”* (Sl 78:22, NVI).

Essa é uma profecia de período de tempo, e com ela Deus estabelece e define o princípio de interpretação das profecias bíblicas que determinam períodos de tempo: um dia profético equivale a um ano literal.

O mesmo princípio do dia/ano é encontrado em Ezequiel 4: *“e carregue a iniquidade da nação de Judá, durante quarenta dias, tempo que eu determinei para você, um dia para cada ano”* (Ez 4:7, NVI).

Por orientação de Deus os profetas em suas profecias usavam as palavras: “dias”: *“cada ano corresponde a cada um dos quarenta dias”* (Nm 14:34, NVI); *“tardes e manhãs”*, que corresponde a um dia: *“passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia”* (Gn 1:5, NVI). *“Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs;”* (Dn 8:14, NVI); *“semanas”*: *“setenta semanas estão decretadas para o seu povo”* (Dn 9:24, NVI); *“meses”*: *“lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses”* (Ap 13:5, NVI); *“tempo”*: *“serão entregues nas mãos dele por um tempo, tempos e meio tempo”* (Dn 7:25, NVI). *“Tempo”*, equivale a um ano: *“passarão sete tempos até que admita”, “ao cabo de tempos, isto é, de anos”* Dn 4:32, NVI e 11:13, ARA).

Cada um desses períodos tem o “dia” como determinante para compreender a extensão da profecia, dando a interpretação correta.

No entanto, é importante salientar que nem sempre Deus usa este princípio. Para Abraão, Deus revelou que seus descendentes seriam *“escravizados e oprimidos por quatrocentos anos”* (Gn 15:13, NVI).

Para o profeta Jeremias, Deus revelou que *“essas nações estarão sujeitas ao rei da Babilônia durante setenta anos”* (Jr 25:11, NVI).

Nessas oportunidades, Deus especificou o período de tempo de forma literal, determinando a duração em anos. Por que Deus não usa sempre o mesmo método nas Suas predições? *“Ai daquele que contende com seu Criador, daquele que não passa de um caco entre os cacos no chão. Acaso o barro pode dizer ao oleiro: o que você está fazendo?”* (Is 45:9, NVI).

Realmente é uma atitude de muito atrevimento do ser humano que não passa de um caco, ousar questionar as ações e os métodos do Deus Todo-poderoso.

A título de curiosidade apliquemos o princípio do dia/ano aos dois períodos citados acima. Quatrocentos anos perfaz o total de 144.000 dias, que, profeticamente equivaleriam a 144.000 anos. Faz sentido para a história da humanidade de 4.000 anos, desde Abraão até os dias atuais?

Os setenta anos de domínio do império Neobabilônico, correspondem a 25.200 dias; profeticamente seriam 25.200 anos. Esse período cabe dentro da história de 2.600 anos desde o império Neobabilônico até os nossos dias?

O profeta Daniel ainda relata o período da insanidade do rei da Babilônia, Nabucodonosor: *“passarão sete tempos até que admita*

que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer” (Dn 4:32, NVI). “*Sete tempos*”, ou, sete anos, completam 2.520 dias, que profeticamente seriam 2.520 anos. Não faz sentido para uma vida de 70 anos.

Não respeitar esse princípio de interpretação dos períodos proféticos das Escrituras Sagradas, é criar o caos no percurso da história temporal da humanidade, dentro do período do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, como parte do eterno plano da salvação realizado por Deus (Ef 3:9-11).

O princípio bíblico do simbolismo

Outro princípio muito importante na interpretação das mensagens proféticas, estabelecido por Deus, é o simbolismo que os profetas usavam para identificar os personagens e locais envolvidos no relato.

Na proclamação da profecia de Gênesis 3:15, Deus revela os primeiros símbolos dos personagens envolvidos no grande conflito cósmico espiritual: o “*Descendente da mulher*”, simbolizando Cristo em Sua natureza divino-humana, e, a “*serpente*”, simbolizando Satanás.

Ao longo da história bíblica encontramos inúmeros símbolos identificando Cristo e Satanás. Por exemplo: o rei e salmista Davi usa o símbolo do pastor para falar de Cristo, Deus eterno, como seu guia e protetor (Sl 23). Jesus identificou-se com este símbolo. Ele disse: “*Eu sou o bom pastor*” (Jo 10:11, NVI). O profeta Isaías, usa o símbolo de: “*um ramo [...] do tronco de Jessé*” (Is 11:1), para identificar a Jesus como o Messias prometido.

O profeta João, no Apocalipse, entre outros símbolos usa o Cordeiro para tipificar Jesus em Sua morte substituta para oferecer graça a todos os pecadores (Ap 5:12). Usa os símbolos de: *“o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi”*, para referir a Cristo como o poderoso vencedor de Satanás no grande conflito cósmico espiritual (Ap 5:5).

No contraponto, o profeta Isaías usa o símbolo da *“estrela da manhã”*, para referir à expulsão de Lúcifer do Céu: *“como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada”* (Is 14:12, NVI).

O profeta Ezequiel, no capítulo 28 do seu livro, se vale do rei de Tiro, para simbolizar a queda de Lúcifer e se transformando em Satanás, o inimigo de Deus. *“O primeiro pecador foi um a quem Deus exaltara grandemente. Ele é representado sob a figura do príncipe de Tiro florescendo em poder e magnificência”* (MM, 1959, p. 66).

O profeta João, usa a figura de um *“dragão vermelho”* para simbolizar Satanás, na sua rebelião e expulsão do Céu e nas suas ações contra Cristo e Sua igreja aqui na Terra.

Portanto, compreendemos que pelo princípio do simbolismo bíblico, Jesus e Satanás são representados por diferentes símbolos. Contudo, é importante observar que por este princípio o símbolo pode mudar, mas o simbolizado continua sendo o mesmo personagem. Tanto o profeta Daniel como o profeta João usam símbolos diferentes para identificar o mesmo personagem, Cristo, ou Satanás, e suas ações ao longo do grande conflito cósmico espiritual.

Simbolismo primário e secundário

Em relação ao dragão vermelho visto no céu atmosférico Ellen G. White declarou: *“a cadeia de profecias na qual se encontram*

esses símbolos começa no capítulo 12 do Apocalipse, com o dragão que procurava destruir a Cristo em Seu nascimento. É dito que o dragão é Satanás (v. 9); foi ele que atuou sobre Herodes com o objetivo de matar o Salvador. Mas o principal agente de Satanás, ao fazer guerra contra Cristo e Seu povo, durante o primeiro século da era cristã, foi o Império Romano, no qual o paganismo era a religião dominante. Assim, embora o dragão represente primeiramente Satanás, é também, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã” (GC, p. 369).

Esta interpretação contém o significado muito importante de que os símbolos usados pelos profetas trazem em si mais de um poder simbolizado, ou mesmo admitem dupla aplicação.

Como entender essa dupla interpretação? O profeta João reconheceu que o dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, no seu todo, simboliza *“a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás”* (Ap 12:9, NVI), mas nada declarou sobre os complementos: cabeças e chifres.

Entretanto, em Apocalipse 17, na besta vermelha vista no deserto, o profeta identifica as cabeças e os chifres como reis: *“aqui se requer mente sábia. As sete cabeças são sete colinas. [...] São também sete reis. [...] Os dez chifres que você viu são dez reis”* (Ap 17:9, 10, 12, NVI).

Com a chave dada pelo próprio profeta de o símbolo no seu todo identificar Satanás e nos complementos, cabeças e chifres, identificar reis, poderes temporais, compreendemos que nas sete cabeças coroadas, e nos dez chifres não coroados do dragão vermelho expulso do Céu, encontramos símbolos de poderes temporais que exerceram ou ainda exerciam o seu poder nos dias do

profeta João, usados por Satanás no conflito contra Cristo, como participantes do corpo do dragão. As cabeças coroadas, complementos do dragão, simbolizam os poderes temporais mais influentes desde o Egito e passando pela Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma Imperial pagã.

Ellen G. White declarou que *“durante o primeiro século da era cristã, foi o Império Romano”*, que executou as ações de Satanás contra Cristo. O Império Romano é simbolizado pela sexta cabeça do dragão e, portanto, em sua sexta cabeça, o dragão *“é também, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã”* (GC, p. 369). Os chifres não coroados exerceriam o seu poder temporal no futuro, aparecendo coroados na cabeça da besta que emergiu do mar.

É importante dar atenção aos símbolos para entender que identificam personagens e locais distintos: Pelo princípio do simbolismo compreende-se que a besta vermelha vista pelo profeta no deserto (Ap 17), no seu todo, tal como o dragão vermelho expulso do Céu, simboliza Satanás; a mulher prostituta nela montada, simboliza uma organização espiritual corrompida, controlada por Satanás. As sete cabeças, o próprio profeta declara que simbolizam sete colinas sobre as quais está sentada a mulher prostituta (Ap 17:9), identificando o local da sede do seu governo; ainda informa que as sete cabeças da besta (Ap 17:7), também simbolizam *“sete reis”*, poderes temporais (Ap 17:10); bem como *“os dez chifres que você viu são dez reis”* (Ap 17:12, NVI), poderes temporais.

Na continuidade de seu relato declara que *“a besta e os dez chifres que você viu odiarão a prostituta. Eles a levarão à ruína”* (*Ap 17:16, NVI), definindo que os três símbolos: a besta, os dez reis e a prostituta, simbolizam e identificam personagens distintos, que estão

para se confrontar em uma cena de destruição. O fato de a besta aparecer sem a mulher prostituta nela montada, mas manifestando ódio contra ela, indica que houve um rompimento no relacionamento, e a besta, Satanás, se voltou contra o instrumento que por séculos fora por ele utilizado contra os santos do Altíssimo.

Portanto, tanto o dragão vermelho expulso do Céu, como a besta vermelha, vista no deserto, simbolizam Satanás em diferentes circunstâncias.

Ellen G. White comentando a ação do dragão e da besta que saiu do mar, descrita em Apocalipse 13, apresenta argumentos que iluminam a compreensão. Ela declarou: *“No capítulo 13, nos versos 1 a 10, descreve-se a besta ‘semelhante a leopardo’, à qual o dragão deu ‘o seu poder, o seu trono, e grande autoridade’ (v. 2). Esse símbolo, como a maioria dos protestantes têm defendido, representa o papado, que herdou o poder, o trono e a autoridade do antigo Império Romano. [...] ‘Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação’ (v. 5-7). Essa profecia que é quase idêntica à descrição do chifre pequeno de Daniel 7, refere-se inquestionavelmente ao papado. [...] Foi a apostasia que levou a igreja primitiva a procurar o auxílio do poder civil, e isso preparou o caminho para o desenvolvimento do papado – a besta”* (GC, p. 369, 372).

Em outro comentário, no entanto, faz esta declaração significativa: *“Satanás está atuando com todas as suas forças, a fim de ocupar o lugar de Deus e destruir a todos que a isso se opuserem. E hoje vemos todo o mundo inclinando-se diante dele. Seu poder é*

aceito como o de Deus. Cumpre-se a profecia do Apocalipse: ‘toda a Terra se maravilhou após a besta’. Ap 13:3” (TI, v. 6, p. 14).

Em sua interpretação, em relação ao dragão vermelho, Ellen G. White reconheceu que em primeiro sentido o dragão vermelho simboliza Satanás, e, “*em sentido secundário*”, simboliza “*Roma pagã*” (GC, 369), que tem o seu cumprimento na sexta cabeça, exercendo o domínio nos dias do apóstolo: “*mas o principal agente de Satanás, ao fazer guerra contra Cristo e Seu povo, durante o primeiro século da era cristã, foi o Império Romano, no qual o paganismo era a religião dominante. Assim, embora o dragão represente primeiramente Satanás, é também, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã*” (GC, p. 369).

Em relação à besta que emergiu do mar, compreendeu que “*esse símbolo, [...] representa o papado, [...] refere-se inquestionavelmente ao papado. [...] o desenvolvimento do papado*” (GC, p. 369, 372), também reconheceu e entendeu que a declaração de que “*toda a Terra se maravilhou após a besta’. Ap 13:3*”, se cumpre com Satanás, que atua com “*todas as suas forças, a fim de ocupar o lugar de Deus*” (TI, v. 6, p. 14).

Como entender e harmonizar que com “*Satanás [...] cumpre-se a profecia do Apocalipse: ‘toda a Terra se maravilhou após a besta’. Ap 13:3*” (TI, v. 6, p. 14), e que também, “*esse símbolo, [...] representa o papado, [...] refere-se inquestionavelmente ao papado. [...] o desenvolvimento do papado?*” (GC, p. 369, 372).

Em relação ao dragão vermelho compreendemos que simboliza Satanás (Ap 12:9). Suas sete cabeças, complementos do dragão, simbolizam poderes temporais, com a sexta cabeça coroada

simbolizando o Império Romano pagão, e a sétima cabeça simbolizando a formação do papado.

Seguindo o mesmo princípio de interpretação do animal todo e os seus complementos, entendemos que é preciso encontrar e identificar o simbolismo da própria besta, como o personagem maior, e dos seus complementos, os personagens menores, isto é, os símbolos identificam personagens distintos.

Portanto, a interpretação da besta e dos seus complementos conduz para a compreensão de que a besta em seu todo simboliza Satanás e a sétima cabeça não coroada, como parte do corpo da besta simboliza o papado, não como poder temporal, pois não está coroada, mas como poder espiritual corrompido por Satanás, e por ele usado na guerra contra a igreja estabelecida por Cristo.

Esta maneira de compreender os símbolos abre a janela para entender quem realmente determina as ações e quem as executa: *“há apenas dois grupos de pessoas na Terra: os que estão sob a bandeira ensanguentada de Jesus Cristo e os que estão sob a bandeira negra da rebelião. [...]*

“O grande conflito que está sendo travado agora não é mera luta de homem contra homem. De um lado está o Príncipe da Vida, agindo como substituto e penhor do ser humano, do outro lado, o príncipe das trevas, tendo sob seu comando os anjos caídos” (EGW, CBASD, v. 7, p. 1089).

“A inimizade de Satanás, atuando por meio de homens como seus instrumentos, foi impressionantemente desenvolvida” (TI, v. 4, p. 593, destaque acrescentado).

Dois líderes invisíveis distintos e dois grupos visíveis distintos em confronto no grande conflito de conceitos espirituais. Cristo buscando libertar os oprimidos por Satanás, por meio do Seu instrumento: a igreja. Satanás lutando com seus instrumentos com todas as forças do engano, para destruir a igreja e o plano da redenção.

O caráter de Satanás

Outro detalhe tremendamente significativo na besta reclamando adoração, na transferência do seu poder e da sua autoridade, está no caráter de Satanás. Ele ambicionou o poder, a autoridade e o direito à adoração, unicamente pertencentes a Deus: *“subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo”* (Is 14:14, NVI).

“Satanás está atuando com0 todas as suas forças, a fim de ocupar o lugar de Deus e destruir a todos que a isso se opuserem. E hoje vemos todo o mundo inclinando-se diante dele. Seu poder é aceito como o de Deus” (TI, v. 6, p. 14).

Quando Nabucodonosor mandou erguer uma estátua na planície de Dura, o objetivo era proclamar e exaltar a grandeza e a perpetuidade de sua obra independente da dependência de Deus. A adoração à imagem, realmente era a ele como reconhecimento do seu poder, autoridade, realização e ambição de perpetuidade.

“A ideia de estabelecer um império e uma dinastia que permanecesse para sempre apelou fortemente ao poderoso monarca cujas armas as nações da terra tinham sido incapazes de resistir. Com o entusiasmo da ilimitada ambição e orgulho personalístico, ele

tomou conselho com seus sábios quanto à maneira de levar avante o projeto” (PR, p. 504, 1960).

Da mesma maneira, Satanás criou uma imagem de si mesmo e determina de que por meio desta imagem, todos o adorem reconhecendo seu poder, autoridade e ambiciosa obsessão de eternidade.

Assim como Nabucodonosor condenou à fogueira aqueles que não o adoraram por meio da sua imagem, assim também Satanás determina que sejam *“mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem”* (Ap 13:15, NVI), obra e manifestação de si mesmo, seu poder e autoridade.

Do Deus eterno é declarado: *“pois, quem nos céus poderá comparar-se ao Senhor? Quem dentre os seres celestiais assemelha-se ao Senhor? [...] Ó Senhor Deus dos Exércitos, quem é semelhante a ti? És poderoso, Senhor, envolto em tua fidelidade. [...] A retidão e a justiça são os alicerces do teu trono; o amor e a fidelidade vão à tua frente”* (SI 89:6, 8, 14, NVI).

Poderoso, fidelidade, retidão, justiça, amor, verdade, são atributos do caráter de Deus *“desde sempre e para sempre”* (SI 90:2, BJ).

Os atributos do caráter de Deus se manifestam de maneira poderosa e incompreensível no relacionamento de justiça e amor com as Suas criaturas. Com a queda de Adão os atributos foram manifestados por Jesus de maneira inexplicável, seguindo direção totalmente oposta à de Lúcifer: *“embora sendo Deus, [...] esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. [...] Humilhou-se a si mesmo”*. E, em Deus o Pai esses

atributos foram manifestados na mais estupenda e gloriosa demonstração de abnegação: *“por isso Deus o exaltou a mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome”* (Fp 2:6-9, NVI).

Os atributos do caráter de Satanás são: enganador, torpeza, injustiça, cobiça, mentiroso, irresistível ambição por poder, autoridade e adoração,

Satanás comunica seus atributos de maldade para os instrumentos que submete e usa na execução de sua luta contra Cristo, mas nunca transfere sua insaciável ambição por poder, autoridade e adoração para outro, muito menos a um inferior a ele.

O profeta declara: *“vi uma besta que saia do mar, tinha dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como de urso e boca com a de leão. “O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade. [...] Todo mundo ficou maravilhado e seguiu a besta. Adoraram o dragão, que tinha dado autoridade à besta, e também adoraram a besta, dizendo: ‘Quem é como a besta? Quem pode guerrear contra ela? [...] e fazia a terra e seus habitantes adorarem a primeira besta”* (Ap 13:3, 4, 12, NVI).

Na visão do profeta não é o império Romano, simbolizado pela sexta cabeça coroada, complemento do dragão vermelho, que transfere seu poder e autoridade para a sétima cabeça não coroada, complemento da besta, o papado. O profeta argumenta que: *“o dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade”*. Aparentemente o dragão está transferindo o seu poder, o seu trono e grande autoridade”, para outro personagem, a besta que emergiu

do mar. Mas essa besta, tal como o dragão, em verdade também simboliza Satanás.

Portanto, o dragão, Satanás, transfere seu poder e autoridade a si mesmo, simbolizado por outro símbolo, a besta, e não ao complemento, à sétima cabeça não coroada, o papado.

Na visão, a transferência é realizada de um símbolo para outro, do dragão vermelho para a besta que emergiu do mar, mas o simbolizado é o mesmo personagem real, Satanás, que, na mudança de símbolo, muda a sua estratégia, do uso da força dos poderes temporais, para a astúcia do poder espiritual corrompido e paganizado.

Os dez chifres coroados da besta simbolizando poderes temporais que até o quarto século depois de Cristo perseguiram e oprimiram a igreja, são influenciados pela besta que emergiu do mar, Satanás, primeiro, por intermédio das lideranças temporais e por meio das lideranças espirituais da igreja em processo de apostasia, e a partir do sexto século, no símbolo de sua sétima cabeça não coroada, culmina com o papado, para usar uma nova estratégia na luta contra os conceitos espirituais do Reino de Deus, não pela força, mas pela subtileza do engano.

O foco central do grande conflito cósmico espiritual não pode ser perdido: os dois líderes do conflito são personagens cósmicos. As lideranças humanas, por sua escolha, tornam-se instrumentos a serviço de um dos personagens cósmicos: Cristo, ou Satanás.

As visões do profeta Daniel e seu alcance

Com a perspectiva dos parâmetros avaliados, analisemos predições proféticas do profeta Daniel reveladas por Deus, nas quais

se encontram períodos de tempo definidos com acontecimentos também definidos, que precisam ser analisados e interpretados à luz do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás e o eterno plano da salvação, aplicando os princípios bíblicos de interpretação profética do dia/ano e do simbolismo de seus personagens, para obter compreensão correta das predições do profeta.

Desconhecer e desconsiderar estas questões fundamentais, significa caminhar para o caos das revelações proféticas que determinam a história bíblica da humanidade.

As duas mil e trezentas tardes e manhãs

Em Daniel 8:14, o profeta fez esta predição: *“Ele me disse: Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será reconsagrado”* (NVI).

O período está relatado em tempo profético, isto significa que segue a determinação de Deus de um dia literal equivaler a um ano literal: *“durante quarenta dias, tempo que eu determinei para você, um dia para cada ano”. [...] “Cada ano corresponderá a cada um dos quarenta dias em que vocês observaram a terra”* (Ez 4:7, NVI, Nm 14:34).

Portanto, para localizar os acontecimentos preditos nesse período profético e os personagens envolvidos, dentro da história da humanidade, é preciso respeitar os princípios de interpretação determinados pela própria Escritura Sagrada. É o princípio bíblico do dia/ano, que estabelece a verdadeira extensão do período. Respeitando este princípio, o período de *“duas mil e trezentas tardes e manhãs”*, compreendendo que *“tarde e manhã”*, está

fundamentado em Gênesis 1:5, 8, 13, 19, 23 e 31, conferindo vinte e quatro horas literais para o dia literal, o ciclo de um dia profeticamente equivalendo um ano literal, realmente determinam 2.300 anos.

Quanto aos personagens e poderes envolvidos no relato, é muito importante dar atenção ao método de os profetas representarem os personagens pelo princípio do simbolismo.

As setenta semanas

Quando o anjo Gabriel explicou o significado da visão das duas mil e trezentas tardes e manhãs para o profeta Daniel, fez um destaque importante com a predição de acontecimentos que ocorreriam em seu determinado tempo: *“setenta semanas estão determinadas para o seu povo e para a sua santa cidade. [...] Saiba e entenda isto; desde que foi dada a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até a vinda do Ungido, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas. [...] Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana. Na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais”* (Dn 9:24-27, NAA).

O anjo Gabriel não está apresentando uma nova visão, mas destacando um detalhe determinado para o povo judeu, dentro da visão das duas mil e trezentas tardes e manhãs: *“setenta semanas estão determinadas para o seu povo”* (Dn 9:24, NAA).

Diferentes traduções trazem termos diferentes: *“setenta semanas estão cortadas”* (AA). *“Setenta semanas foram fixadas”* (BJ). *“Setenta semanas estão decretadas”* (TB).

As diferentes maneiras de traduzir o termo, conduz para uma única conclusão: o anjo Gabriel separou um período de setenta

semanas da visão anteriormente revelada das 2.300 tardes e manhãs especificamente para o povo judeu.

Ao introduzir esse detalhe, Deus revela acontecimentos futuros que precisam ocorrer no ano exato para dar confiabilidade à Sua Palavra: o início do período fundamentado no princípio bíblico do dia/ano; a vinda do Ungido, que pelo princípio bíblico do simbolismo, identifica Cristo, o Messias prometido, 483 anos depois, e a morte de Cristo, na metade da última semana ou dos últimos sete anos do período das setenta semanas, equivalendo 490 anos.

Como Senhor da história da humanidade (Is 48:3), Deus prediz os acontecimentos e no tempo certo os faz acontecer. Foi o que sucedeu com a predição feita por meio do profeta Daniel, determinando o decreto da reconstrução de Jerusalém como o início das setenta semanas e por consequência natural, o início dos 2.300 anos, o período completo da profecia.

Uma questão muito importante precisa ser considerada nas profecias messiânicas, com destaque para as setenta semanas de Daniel 9:25-27, predizendo a vinda do Ungido, o Cristo, o Messias; na relação genealógica humana de Jesus, relatada por Mateus em seu primeiro capítulo no verso 17, anunciando a chegada de Cristo, o Messias; e nos serviços típicos do santuário apontando para Cristo, o Messias sofredor (Is 53), o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29): a sua perfeita relação na identificação do mesmo personagem, pelo princípio do simbolismo bíblico, em sua missão redentora: Cristo Jesus.

O profeta Daniel predisse um período fundamental da profecia mestre proclamada por Deus em Gênesis 3:15, assim que Satanás induziu Adão ao pecado e à queda: *“saiba e entenda isto: [...] até a*

vinda do Ungido, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas” (Dn 9:25, NAA).

Esta declaração é uma predição profética que estabelece o período entre a ordem para reconstruir Jerusalém até a unção de Jesus Cristo como o Messias prometido para restaurar o primeiro domínio (Mq 4:8).

Sete semanas mais sessenta e duas semanas contabilizam um período de 483 dias, equivalendo profeticamente a 483 anos. Esse período inicia com a proclamação do decreto do rei persa, Artaxerxes, no ano 457 a.C., determinando a reconstrução de Jerusalém e termina no ano 27 d.C., com a unção, o batismo de Jesus Cristo.

Mateus em seu relato, declarou: *“E catorze (gerações) do exílio até o Cristo”* (Mt 1:17, NVI). Cristo, no grego, Messias, no hebraico, tanto um como o outro nome conduz para o título: o Ungido. Nesse contexto, Mateus fechou a linha genealógica humana de Jesus com a Sua unção, ou batismo, colocando-se em harmonia com a profecia de Daniel, das 70 semanas, e não com a data do nascimento de Jesus.

O nascimento de Jesus e a Sua unção

Entretanto, ainda que a profecia não inclua o detalhe da data do nascimento de Jesus, isso não diminui a importância desse grandioso acontecimento. Deus o anunciou para os pastores dos campos de Belém como a incomparável Boa Nova para toda a humanidade. *“Ele (Deus) ocultou o dia preciso do nascimento de Cristo, para que o dia não recebesse a honra que deveria ser dada a Cristo como o Redentor do mundo”* (LA, p. 477).

Nesse contexto, o momento decisivo para dar cumprimento à realização do plano da salvação, se encontra na revelação de Jesus como o Messias, o Redentor prometido. Esse momento é o clímax de todas as profecias messiânicas e, mormente, da profecia das setenta semanas do profeta Daniel; o clímax da genealogia humana de Jesus e o clímax de toda a tipologia do santuário.

Os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas relatam que no batismo de Jesus as três pessoas da Trindade manifestaram a Sua presença, para dar toda a importância ao momento da vinda do *“Príncipe do Céu, o Deus eterno”*, o *“Descendente da mulher, o Deus-homem”*, e *“o Cordeiro de Deus”*, o sacrifício substituto, porque havia chegado a plenitude do tempo no calendário de Deus para revelar a vinda do Ungido, *“o Cristo, como o Redentor do mundo”* (LA, p. 477), para salvar pecadores da opressora escravidão de Satanás.

Para cumprir esta missão, veio com as credenciais do *“Descendente da mulher”*, o Filho do homem, em Sua natureza humana para derrotar Satanás e libertar o ser humano da escravidão do pecado; como o *“Cordeiro de Deus”*, em Sua natureza humana, que com Seu sangue purifica o mundo do pecado, devolvendo para o ser humano o direito da liberdade de escolha; em Sua natureza divina, como o *“Príncipe do Céu”*, o Deus eterno, determinar a destruição total de Satanás no final dos mil anos de sua prisão, aniquilar o pecado, dando fim ao grande conflito cósmico espiritual,

Foi nesse glorioso momento que Deus-Pai fez a poderosa proclamação: *“Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele. Então uma voz dos céus disse: Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”* (Mt 3:16, 17, NVI).

Poderia haver momento mais empolgante para todo o Universo? No momento aprazado indicado pela profecia, e confirmado pela cadeia genealógica humana de Jesus, na plenitude do tempo, Ele foi apresentado como o Deus-homem, a solução para o problema da temporalidade do pecado, e o vitorioso Comandante eterno, no grande conflito cósmico espiritual, contra Satanás.

O profeta Isaías assim retrata esse glorioso momento para a humanidade envolta pelas trevas da injustiça e do pecado: *“o Senhor viu isso e desaprovou o fato de não haver justiça. Viu que não havia ninguém e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; por isso, o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça foi o seu apoio. Vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na cabeça; pôs sobre si a veste da vingança e se cobriu de zelo, como de um manto. Segundo as obras deles, assim retribuirá: aos seus adversários, furor; aos seus inimigos, o que merecem; às terras do mar, a devida recompensa. Assim, temerão o nome do Senhor desde o poente, e a sua glória, desde o nascente do sol, pois virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito do Senhor. ‘O Redentor virá de Sião e aos de Jacó que se converterem’, diz o Senhor”* (Is 59:15-20, NAA).

Pouco depois do grande acontecimento da unção de Jesus, João Batista fez a proclamação: *“No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (Jo 1:29, NVI).

Os profetas, e especialmente Daniel, anunciaram a revelação de Jesus como o Messias prometido, *“o Príncipe do Céu, o Deus eterno; a cadeia genealógica humana de Jesus, anunciou-O como “o Descendente da mulher” o Deus-homem; os serviços típicos do*

santuário O anunciavam como: “*o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*”.

A vinda de Jesus para desempenhar a realidade de “*Príncipe do Céu*”, o Deus Eterno (Dn 9:25); o “*Descendente da mulher*”, o Deus homem (Gn 3:15), e, “*o Cordeiro de Deus, que tira o pecado mundo*”, (Jo 1:29, NAA), se fundamenta nos períodos proféticos, em Sua genealogia humana e nos símbolos típicos do santuário. A genealogia humana de Jesus é a linha de tempo sobre a qual são datados os acontecimentos inseridos nos períodos proféticos e relatos históricos. Essa linha de tempo, de acordo com Gênesis 3:15, começa com a queda de Adão, quando a temporalidade do pecado quebrou a eternidade do tempo para o nosso planeta e determinou a sua contabilidade em dias, semanas, meses e anos. Seguindo a contagem progressiva, partindo desse marco zero, a queda de Adão, a genealogia humana de Jesus passa pelos patriarcas, a história do povo de Israel e termina com a Sua unção, em Seu batismo, no ano mais distante do seu início, no ano 27 depois de Cristo.

Como pano de fundo, as profecias messiânicas e a genealogia humana de Jesus revelam o plano da salvação tipificado nos rituais do santuário. Esse período, das setenta semanas, perde seu sentido, analisado sem o fundamento do princípio bíblico do dia/ano, no contexto da linha mestre do tempo, a genealogia humana de Jesus e sem a Sua missão como o Cordeiro de Deus para a realização do “*eterno plano da salvação*”.

A respeito de Jesus, a Escritura declara que a Sua origem é “*desde os dias da eternidade*” (Mq 5:2, NAA), que o qualifica como o Deus eterno e o “*Príncipe do Céu*”; mas, “*Ele se fez carne*” (Jo 1:14), humano, passando pelos condutos humanos da Sua genealogia

humana, desde Adão até o Seu nascimento virginal por meio de Maria, que O qualifica como o *“Descendente da mulher”*, o Filho do homem. Os rituais típicos do santuário O qualificam como *“o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (Jo 1:29, NAA). *“Porque é impossível que sangue de touros e bodes remova pecados. [...] Nessa vontade é que fomos santificados, mediante a oferta do corpo de Cristo, uma vez por todas”* (Hb 10:4, 10, NAA).

É esta dupla natureza, divino-humana, e a perfeita identificação com todos os símbolos do santuário que O qualificam como o verdadeiro Messias, que veio a este mundo para enfrentar Satanás nas triunfantes batalhas do grande conflito cósmico espiritual, resgatar os presos do valente e salvar os seus filhos (Is 49:25).

Quando chegou o momento exato, confirmando a predição do profeta Daniel, Deus entrou em ação: *“Eu predisse há muito as coisas passadas. Minha boca as anunciou, e Eu as fiz conhecidas; então repentinamente agi, e elas aconteceram”* (Is 48:3, NVI). E, como determinava a profecia de Daniel: *“saiba e entenda isto: desde que foi dada a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém”* (Dn 9:25, NAA), no ano 457 a.C., sétimo ano do reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, usando o sacerdote e escriba Esdras como interlocutor, Deus despertou o rei Artaxerxes para fazer acontecer a predição do profeta Daniel, passados mais de oitenta anos, proclamando o decreto para reconstruir a cidade de Jerusalém: *“o rei lhe concedera tudo o que tinha pedido, pois a mão do Senhor, o seu Deus, estava sobre ele”* (Ed 7:6, 7, 11-26, NVI).

Avançando dessa data, *“sete semanas e sessenta e duas semanas”*, 483 anos, conduz *“até a vinda do ungido, o Príncipe”* (Dn 9:25, NAA), e, declarando autêntica a cadeia genealógica humana de

Jesus, desde: *“filho de Adão, filho de Deus”* (Lc 3:38), *“até o Cristo”* (Mt 1:17), determina que no ano 27 d.C., Jesus, em Seu batismo por João Batista, foi ungido pelo Espírito Santo e reconhecido como o *“Descendente da mulher”* (Gn 3:15), o Filho do homem, para a realização do eterno plano da salvação (Ef 3:11).

Passados mais três anos e meio, por meio de Sua morte sacrifício, substituta, *“na metade da semana, (fez) cessar o sacrifício e a oferta de cereais”* (Dn 9:27, NAA). E no ano 34 d.C., o final das setenta semanas determinadas para o povo judeu como nação, foi assinalado pela morte injusta de Estevão, a dispersão da igreja apostólica e a proclamação do evangelho para todos os povos, cumprindo os acontecimentos preditos para esses primeiros 490 anos.

Portanto, os 490 anos da profecia de Daniel e a cadeia genealógica humana de Jesus determinam que a declaração de Paulo: *“Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher [...]”* (Gl 4:4, NAA), encontra o seu exato momento quando Jesus foi revelado como o Cristo, em Seu batismo, isto é, *“o Príncipe do Céu”*, o Deus eterno, *“o Descendente da mulher”*, o Deus-homem e o *“Cordeiro de Deus”*, que tira o pecado do mundo.

O período completo dos 2.300 anos inicia na mesma data das setenta semanas no ano 457 a.C., durante o domínio do império Medo-Persa, e termina em 1.844 d.C., quando Jesus iniciou o serviço de purificação do santuário celestial, com o processo do julgamento investigativo, como o imutável sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 7:24, 11).

Todo o serviço do santuário é típico de Cristo, o Ungido, o Redentor. Nesse contexto, Cristo Jesus é “o *Santíssimo*” (Dn 9:24, NVI), o Tipificado por todos os serviços e símbolos do santuário.

É fascinante como os períodos proféticos e a genealogia humana de Jesus, colocam os acontecimentos narrados nas Escrituras Sagradas, culminando com o grande momento da transição do plano da salvação, dos tipos do santuário terrestre, de sangue de touros e bodes (Hb 10:4), para a realidade do santuário celestial, fundado no sangue de Cristo (Hb 10:10), dentro de uma sequência, que não oferece lugar para questionamentos.

A mensagem de Isaías 59:2, comunica uma ideia muito forte sobre as condições que a temporalidade do pecado criou entre Deus e o ser humano: “*antes, foram as vossas iniquidades que criaram um abismo entre vós e o vosso Deus*” (BJ).

O “*abismo*” envolve as condições espirituais e morais do relacionamento que foi rompido entre Criador e criaturas, mas envolve também a perda da eternidade recebida de Deus, a Fonte do vigor eterno, trocada pela temporalidade do pecado. A temporalidade do pecado ergueu uma barreira existencial que determinou uma brecha, um abismo, na eternidade em nosso planeta, e passamos a contar o tempo porque o pecado é temporal. No entanto, esse abismo será desfeito, quando Deus destruir a temporalidade do pecado, com a restauração do ser humano redimido e do planeta feito novo.

O sonho do rei Nabucodonosor

O rei Nabucodonosor, da Babilônia, havia tido um sonho, mas não o lembrava. Deus mostrou o sonho para o profeta Daniel e revelou o seu significado. Daniel se apresentou perante o rei, falando

em lugar de Deus: “O senhor, ó rei, estava olhando e viu uma grande estátua” (Dn 2:31, NAA).

O período dos 2.300 anos e a visão profética de Daniel 2, onde está relatada e interpretada por Daniel a visão da majestosa estátua vista em sonho pelo rei Nabucodonosor, lançam luz sobre toda a história do plano da salvação, bem como sobre os acontecimentos temporais que teriam lugar no desenvolvimento da história da humanidade, do tempo do império Neobabilônico até a segunda vinda de Cristo.

Os 2.300 anos predizem especificamente acontecimentos espirituais, relacionados com o plano da salvação, e terminam em 1844 d.C., assinalando o começo do juízo de Deus, em sua primeira fase, a investigativa, a partir da qual todos os atos de todos os seres humanos, desde Adão, são analisados, investigados e julgados à luz da lei de Deus. *“A história humana relata as realizações dos homens, suas vitórias em batalhas, seu êxito em atingir a grandeza mundana. A história de Deus descreve o homem tal como o vê o Céu. Nos registros divinos todo o seu mérito consiste na obediência que ele prestar aos mandamentos de Deus. [...] À luz da eternidade ver-se-á que Deus lida com os homens segundo a momentosa questão da obediência e da desobediência”* (MM. 2005, p. 338).

O final da fase do juízo de investigação, justo e correto, culmina com a volta de Jesus, para determinar a recompensa de cada um no ato do juízo executivo. Os que aceitaram a graça de Deus, manifestada na morte substituta de Jesus, passando a viver vida obediente aos Seus mandamentos e aos ensinamentos da Escritura, movidos pelo poder de atração da Sua graça e do Seu amor, receberão a recompensa de vida eterna. Os que rejeitaram a Sua

graça e o Seu amor, continuando em desobediência deliberada, receberão a recompensa da condenação para a morte eterna.

No sonho de Nabucodonosor, da estátua humana, interpretado pelo profeta Daniel, predizendo especificamente acontecimentos temporais, a profecia não apresenta um período fundamentado no princípio do dia/ano, mas na sucessão de reinos da história temporal sob o domínio do pecado, que estão relacionados com os acontecimentos espirituais, e, portanto, ocorrendo no decurso dos 2.300 anos.

Daniel teve a oportunidade e o privilégio de acompanhar o cumprimento da primeira parte de sua interpretação profética. No ano 539 a.C., Babilônia, representada pela cabeça de ouro da grande estátua, foi invadida e dominada por Ciro, o Medo-Persa. Esse acontecimento Daniel colocou de maneira muito clara para o rei Belsazar, que lhe solicitou a interpretação da mensagem escrita por mão misteriosa em uma das paredes do seu palácio, em noite de banquete e orgia: *“peres: teu reino foi dividido e entregue aos medos e persas”* (Dn 5:28, NVI).

A Medo-Pérsia, representada pelo peito e os braços de prata da estátua, tornou-se o poder temporal que dominou o mundo de então até o ano 331 a.C.

Na sequência, o ventre e os quadris de bronze, veio a Grécia de Alexandre, o Grande, que derrotou os medo-persas em três batalhas seguidas: Grânico, em 334 a.C., Issos, em 333 a.C. e Arbela, ou Gaugamela, em 331 a.C. Contudo, a glória do império grego também não teve longa duração. Com a morte de Alexandre, a Grécia se dividiu em quatro reinos menores, quando por volta do ano 200 a.C. o império Romano dos céares, as pernas de ferro,

começou a impor o seu domínio como império mundial. Na batalha de Pidna, em 168 a.C., as últimas resistências macedônias foram dominadas.

Depois do império Romano, nunca mais houve um reino que exercesse o seu domínio como potência mundial. Vivemos nos dias dos reinos representados pelo ferro e o barro misturados nos pés e nos dedos da estátua, mas sem se ligar.

Tal como a visão da estátua do sonho do rei Nabucodonosor revela séculos da história da humanidade, assim também a visão das 2.300 tardes e manhãs revelam um período de tempo de 2.300 anos, que na sua interpretação exige o princípio bíblico do dia/ano.

A visão dos 2.300 anos revela os grandes acontecimentos do plano da salvação desde os dias da Medo-Pérsia até o juízo investigativo do tribunal de Deus, culminando com a justa recompensa dos santos e o castigo dos ímpios no ato do juízo executivo. A profecia da estátua vista por Nabucodonosor, inicia com o domínio do império Neobabilônico, 609 a.C. - 539 a.C., e avança além do final dos 2.300 anos, mas também culminando com o glorioso acontecimento da volta de Jesus, determinando o fim do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, o aniquilamento total de Satanás e da temporalidade do pecado no planeta Terra, e o seu restabelecimento ao Reino eterno de Deus (Dn 7:27).

Isto significa que os dois períodos, terminam com os mesmos acontecimentos: a destruição da temporalidade do pecado e pecadores e o planeta Terra restaurado e reintegrado à eternidade de todo o Universo do domínio de Deus.

Segue uma síntese paralela da sucessão da história temporal predita na estátua do sonho do rei Nabucodonosor e dos principais acontecimentos preditos para os 2.300 anos relacionados com o plano da salvação:

<u>Estátua</u>	<u>Os 2.300 anos</u>
Babilônia	Predição do esboço dos 2.300 anos
Medo-Pérsia	Determinando a vinda do Messias
Roma Pagã	Vinda e unção do Messias
Roma papal	Proclamação do Reino da graça
Juízo no Céu	Juízo investigativo no santuário celestial
Segunda vinda	Segunda vinda e juízo executivo (Dn 2:45)

A reconquista do domínio perdido

Para dominar este planeta, Satanás foi para o jardim do Éden enfrentar Adão e Eva, com o objetivo de vencê-los e tornar-se o seu príncipe governante. Atacou primeiro a Eva, desafiando-a em relação à compreensão e o uso correto da sua liberdade de escolha, conseguindo vencê-la. Então, usou-a para vencer Adão.

Como o plano da salvação foi estabelecido e “*conhecido antes da criação do mundo*” (1Pe 1:20, NVI), ele é a garantia de que o mau e errado uso do livre arbítrio, não seria uma surpresa imprevista pela presciência do Deus eterno, mas traz em si a inquestionável certeza para a solução do problema.

Assim que foi ungido em Seu batismo com plena autoridade e poder para executar a Sua missão de reconquistar este planeta perdido para o domínio de Satanás pela derrota de Adão, Jesus

confrontou-o no deserto da tentação: *“a seguir, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo”* (Mt 4:1, NAA).

O profeta Isaías vaticinando o confronto de Jesus com Satanás, predisse-o com essas palavras: *“será que alguém pode tirar o despojo de um valente? Será que os presos podem fugir do tirano? Mas assim diz o Senhor: ‘certamente os presos serão tirados do valente, e o despojo do tirano será resgatado, porque eu lutarei contra os que lutam contra você e salvarei os seus filhos. [...] Então toda a humanidade saberá que eu sou o Senhor, o seu Salvador e o seu Redentor, o Poderoso de Jacó’”* (Is 49:24-26, NAA).

Quando um exército quer reconquistar um território perdido em uma batalha, não fica na retaguarda esperando que o inimigo ataque, mas lança poderosa operação ofensiva contra o inimigo.

Nesse contexto, assim que Jesus foi investido com autoridade, marchou ao encontro do inimigo, tomando a iniciativa para o confronto no campo de batalhas, para a reconquista do domínio perdido, controlado pelo poder de Satanás, e libertar os prisioneiros acorrentados pelas algemas do pecado, *“do poder dos violentos”* (Is 49:24, NVI).

“Quando Jesus foi levado ao deserto para ser tentado, foi levado pelo Espírito de Deus. [...] Momentosos eram, para o mundo, os resultados em jogo no conflito entre o Príncipe da Luz e o líder do reino das trevas. Depois de tentar o homem a pecar, Satanás reclamou a Terra como sua, e intitulou-se príncipe deste mundo. Havendo levado os pais de nossa raça à semelhança com sua própria natureza, julgou estabelecer aqui seu império. Declarou que os homens o haviam escolhido como seu soberano. Através de seu domínio sobre os homens, adquiriu império sobre o mundo. Cristo

viera para desmentir a pretensão de Satanás. Como Filho do homem, o Salvador permaneceria leal a Deus. Assim se provaria que Satanás não havia adquirido inteiro domínio sobre a raça humana, e que sua pretensão ao mundo era falsa. Todos quantos desejassem libertação de seu poder, seriam postos em liberdade. O domínio perdido por Adão em consequência do pecado, seria restaurado” (DTN, 114, 115).

Entretanto, como o conflito envolve o Reino de Deus e o “suposto” reino de Satanás, Jesus não se aventurou por deliberação própria para o território do inimigo, mas foi conduzido pelo Espírito Santo (Mt 4:1), demonstração evidente e inquestionável de que a Trindade e os exércitos do Céu estão envolvidos no conflito: “e *anjos vieram e o serviram*” (Mt 4:11, NVI).

Gênesis 3:15 com frequência é lembrado como a promessa do Redentor. Mas poucas vezes a sua mensagem é citada para lembrar a declaração de guerra de Deus, entre Cristo e Satanás, no grande conflito espiritual para resgatar o homem da tirania de Satanás. Deus disse: “*porei inimizade entre você (Satanás) e a mulher, (a igreja), entre a sua descendência (filhos da desobediência, da ira, das trevas) (Ef 2:2, 3, e 5:8), e o descendente dela*” (da igreja: primeiro, Cristo, o seu único e verdadeiro fundamento, e também os que aceitam a Sua soberania): “*Porque no passado vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz*” (Ef 5:8, NAA).

Adão e Eva foram vencidos na primeira batalha das tentações. Tinham à sua disposição o jardim inteiro repleto de árvores com frutos lindos, saborosos e agradáveis ao paladar. A curiosidade foi induzida para a desconfiança; a desconfiança alimentou a ambição;

a ambição conduziu para o orgulho e o orgulho manifestou-se em desobediência às amorosas, sábias e justas orientações de Deus, culminando com o pecado, na transgressão da ordem de Deus.

Defrontando Jesus em seu “suposto” território, Satanás desafiou-O em Sua filiação divina para satisfazer as necessidades de Sua natureza humana. Jesus não estava no jardim por Ele criado, com superabundância de alimentos para prover energia e vigor, mas no deserto, produto da atuação de Satanás, desafiando-O para provar o seu poder criador, transformando as duras rochas em pão.

“Satanás viu que, ou venceria, ou seria vencido. Os resultados do conflito envolviam demasiado para ser confiado aos anjos confederados. Ele próprio devia dirigir em pessoa o conflito. [...] Cristo se tornou o alvo de todas as armas do inferno” (DTN, p. 116).

Derrotado em seu primeiro ataque, Satanás desafiou a humanidade de Jesus, para depositar inteira confiança nas promessas de Deus, citadas em um contexto fora da realidade do relacionamento correto com Deus. Jesus colocou a verdadeira condição das promessas de Deus, desarmando e destruindo completamente esse ataque de Satanás.

Mas Satanás não desistiu e desafiou a Jesus em relação a Sua submissão à vontade de Deus, oferecendo uma solução muito mais fácil para o cumprimento de Sua missão. *“A missão de Cristo só se podia cumprir por meio do sofrimento. [...] Cristo poderia livrar-Se do terrível futuro mediante o reconhecimento da supremacia de Satanás”* (DTN. P. 129).

Satanás propôs a Jesus a inversão dos valores. Daria por encerrado o grande conflito, se Jesus concordasse tornar-Se o seu

vassalo: *“Quando o tentador ofereceu a Cristo o reino e a glória do mundo, estava propondo que Ele renunciasse à verdadeira soberania do mesmo e mantivesse o domínio em sujeição a Satanás”* (DTN, p. 130).

Nas duas primeiras tentações, Jesus questionou as propostas de Satanás. Mas quando Satanás propôs corromper a dignidade e o respeito do ato de adoração, com a ousada e insolente oferta de o Criador submeter-Se à criatura, Jesus o expulsou de Sua presença, ordenando: *“retira-te Satanás! Pois está escrito: ‘Adore o Senhor, seu Deus, e só a ele preste culto’”* (Mt 4:10, NVI).

“Jesus repousava na sabedoria e força de Seu Pai celeste. [...] O mesmo se pode dar conosco, A humanidade de Cristo estava unida a divindade; estava habilitado para o conflito, mediante a presença interior do Espírito Santo” (DTN, p. 123).

Quando Jesus ordenou a Satanás que se retirasse, *“a divindade irradiou através da humanidade sofredora. Satanás foi impotente para resistir à ordem. Torcendo-se de humilhação e raiva, foi forçado a retirar-se da presença do Redentor do mundo. A vitória de Cristo fora tão completa, como o tinha sido o fracasso de Adão”* (DTN, p. 130).

O grande conflito estava decidido. As posições ficaram definitivamente estabelecidas. Nos confrontos posteriores até a gloriosa manhã da ressurreição de Jesus, Satanás usou todas as ciladas e artimanhas para reverter a sua derrota, mas o segundo Adão continuou triunfante em Sua missão como o Redentor de pecadores, e preparando o caminho para a destruição de aniquilamento de Satanás, seus demônios, pecadores rebeldes e o pecado, como o Príncipe do Céu.

O apóstolo Paulo, com palavras poderosas e decisivas descreve o momento paradoxal da vitória de Jesus sobre Satanás: *“E, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz”* (Cl 2:15, NVI).

AS PREDIÇÕES DO PROFETA JOÃO NO APOCALIPSE

Na introdução de suas mensagens o profeta João faz declarações importantes sobre a maneira de receber as revelações de Jesus⁰ e relatá-las. Ele declara: *“No dia do Senhor achei-me no Espírito e ouvi por traz de mim uma voz forte, como de trombeta, que*

dizia: ‘Escreva num livro o que você vê e envie a estas sete igrejas. [...] Voltei-me para ver quem falava comigo. Voltando-me, vi sete candelabros de ouro e entre os candelabros alguém semelhante a um filho de homem’ (Ap 1:10-13, NVI).

O profeta declara que, *“no Espírito via”* o que estava sendo revelado por meio de Jesus glorificado, ministrando como sacerdote no santuário celestial e dEle recebendo orientações para escrever o que estava vendo. *“Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: ‘não tenha medo. [...] Escreva, pois, as coisas que você viu’*” (Ap 1:17, 19, NVI). 0

O profeta via em visões acontecimentos projetados como um filme e recebia de Jesus instruções sobre o que estava vendo para escrevê-lo.

Nos capítulos 2 e 3, o Senhor Jesus dirige mensagens para sete igrejas, que usa como símbolos, descrevendo ao longo da história da humanidade acontecimentos e as condições espirituais do povo de Deus divididos em sete períodos, desde a Sua morte sacrifício, quando já havia estabelecido Sua igreja tendo como fundamento Ele mesmo: *“porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo”* (1Co 3:11, NAA). Como poderoso embrião, Jesus preparou os apóstolos (Mt 28:16-20, Jo 17:18 e outros textos). O período da sétima igreja, Laodicéia, termina com a volta de Jesus.

No capítulo 6, com a visão dos sete selos, prediz por meio de seis selos acontecimentos temporais relacionados com espirituais, em nosso mundo, para o mesmo período de tempo correspondente às sete igrejas, isto é, desde os tempos apostólicos até a segunda vinda de Jesus.

No entanto, há um detalhe muito importante nas predições dos sete selos. O primeiro selo traz a visão do tempo da igreja apostólica e assim, sucessivamente, a abertura dos selos avança com os acontecimentos preditos, ao longo da história, até o tempo do sexto selo, que anuncia impressionantes acontecimentos nos elementos da natureza: um grande terremoto, o escurecimento do Sol e da Lua e a queda das estrelas.

Esses grandes sinais da natureza tiveram o seu cumprimento com o terremoto de Lisboa, em 1º de novembro de 1755; o dia escuro em 19 de maio de 1780 e o impressionante espetáculo da chuva de meteoros em 13 de novembro de 1833.

Na sequência do sexto selo, o profeta João, em suas visões vê acontecimentos relacionados com a volta de Jesus, com o glorioso espetáculo de deslumbrante brilho iluminando o planeta: *“o céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares. Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos – todos, escravos e livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. Eles gritavam às montanhas e às rochas: caiam sobre nós e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?”* (Ap 6:14-17, NVI).

Essa visão é uma antecipação de acontecimentos que ocorrerão ao toque da sétima trombeta, anunciando a vitória final e completa de Cristo sobre o “suposto” reino de Satanás: *“o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI).

E então, a visão dos sete selos é interrompida, e o profeta responde a pergunta: *“pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?”* (Ap 6:17, NVI).

Com a volta de Jesus, toda a humanidade impenitente sente que está condenada à destruição. Para responder à pergunta: quem poderá subsistir ante a glória desse grandioso acontecimento, o profeta recebe a visão do selamento dos servos de Deus.

Na visão do capítulo cinco, o profeta vê Jesus identificado por três símbolos: *“Eis que o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu. [...] Depois vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé, no centro do trono”* (Ap 5:5, 6, NVI).

O rei Davi, como poderoso guerreiro, venceu todos os inimigos do povo de Deus, Israel, no passado, e foi ele que fez as importantes e decisivas perguntas, dando também, por revelação, a resposta, identificando aqueles que *“suportarão”* o dia da ira do Cordeiro: *“quem poderá subir o monte do Senhor? Quem poderá entrar no seu Santo Lugar? Aquele que tem as mãos limpas e o coração puro, que não recorre a ídolos nem jura por deuses falsos. Ele receberá bênçãos do Senhor, e Deus, o seu Salvador lhe fará justiça”* (Sl 24:3-5, NVI).

Todos aqueles que vivendo no mundo dominado por Satanás, rejeitam a sua liderança e os falsos deuses por ele criados, mas mantem sua lealdade e fidelidade ao Deus eterno, receberão o Seu selo identificador e *“suportarão”* o poder destruidor da ira do Cordeiro, porque a glória que apavora e destrói os ímpios, manifestada pelo poderoso vencedor, o Leão da tribo de Judá, raiz de Davi, alegre e transforma os justos, selados, manifestada pelo sangue do Cordeiro que foi morto.

Jesus revelando Seus planos ao profeta João

A partir do capítulo 4, uma questão fundamental para entender o relato das visões do profeta é a compreensão do uso da palavra chave para descrever onde via a sequência dos acontecimentos: “ouranos”, traduzida para o português, como céu.

Quarenta e sete vezes o profeta usa a palavra, sendo apenas uma vez no plural, em Apocalipse 12:12. Esta palavra, no singular identifica o céu atmosférico. No plural, identifica o céu sideral e o céu cósmico, o Universo infinito. Também no plural, como metáfora designa o Universo como o “*Reino dos Céus*”, regido pelo Deus eterno.

No seu sermão profético, para descrever a queda das estrelas vista no “céu” (Mt 24:29), é importante observar que Jesus usa a palavra “ouranos”, no singular, que a NAA traduz como “*firmamento*”, isto é: o céu atmosférico. Na sequência usa o plural, que a NAA traduz como “*os poderes dos céus serão abalados*”, dizendo que o fenômeno visto no céu atmosférico, realmente aconteceu no céu sideral.

A mesma palavra Jesus usa ao declarar: “*passará o céu (ouranos) e a terra, porém as minhas palavras não passarão*” (Mt 24:35, NAA). O céu atmosférico vai desaparecer, para ser feito novo junto com a restauração da Terra, harmonizando com o profeta João em Apocalipse 21:1, onde usa o mesmo termo grego.

Entretanto, Jesus usa a palavra “ouranon”, “*céus*”, no plural, como uma metáfora para significar o domínio de Deus: “*o Reino dos Céus (ouranon) é [...]*” (Mt 13:24, 31, 33, 44, 45, 47). Usando a palavra no plural, Jesus está declarando que todo o Universo criado

por Deus, por meio dEle, Jesus (Jo 1:3), compõe o *“Reino dos Céus”*, e Deus sobre tudo domina e administra.

O apóstolo Paulo transmite uma ideia muito importante no relato de suas visões. Em Segundo Coríntios 12:2, declara que *“foi arrebatado até o terceiro céu (ouranos)”*, e no verso 4, diz: *“fui arrebatado ao paraíso (paradeison)”* (NAA). O apóstolo Paulo dá a entender que o Paraíso, local da morada de Deus, do Seu trono e dos seres celestes, se encontra dentro do céu cósmico, o Universo infinito, *“o terceiro céu”*. Mas o *“Reino dos Céus”* abrange todo o Universo, os três céus referidos por Paulo.

Para o ladrão arrependido Jesus prometeu: *“você estará comigo no paraíso (paradeiso)”* (Lc 23:43, NAA), isto é, no centro do *“Reino dos Céus”*.

Para os vencedores da Igreja do período de Éfeso, Jesus assegura: *“ao vencedor, darei o direito de se alimentar da árvore da vida, que se encontra no paraíso (paradeiso) de Deus”* (Ap 2:7, NAA).

A promessa de Jesus e outras referências da Escritura Sagrada comunicam a ideia de que o paraíso é um local específico dentro do infinito Reino dos Céus.

Nos relatos do profeta João, usando a palavra *“ouranos”* no singular, ela precisa ser entendida designando o céu atmosférico como sendo uma grande tela onde as visões são projetadas por Deus com cenas em movimento que o profeta acompanha como um filme.

Ilustrando: estamos na sala de nossa casa acompanhando cenas que acontecem nas savanas africanas. Estamos em nossa casa, confortavelmente sentados em uma poltrona, mas vendo o que acontece a milhares de quilômetros.

Se para entender as visões do profeta João é importante a compreensão da palavra “ouranos”, céu, igualmente importante é observar com atenção o contexto do relato explicando onde realmente os acontecimentos se desenvolvem que o profeta acompanha projetados na tela do céu atmosférico sobre a erma ilha de Patmos.

Vejamos relatos do profeta: em Apocalipse 4:1, onde pela primeira vez usa a palavra “ouranos”, o faz no singular como em mais quarenta e cinco vezes ao longo do livro.

Neste verso a palavra aparece no dativo singular: “ourano”. O profeta declara: *“diante de mim estava uma porta aberta no céu ‘ourano’*. No verso 2, vê um trono armado no céu, “ourano”, mas a realidade que descreve a partir do verso 3, está muito além do céu, “ouranos”, atmosférico. Na visão projetada na tela do céu atmosférico, Deus está mostrando cenas que estão acontecendo no Paraíso, o centro do *“Reino dos Céus”*.

No capítulo 6:13, para descrever a queda das estrelas, usa a mesma palavra “ouranos”, que Jesus usa em Mateus 24:29, isto é, a visão é vista na tela do céu atmosférico, mas a realidade da queda acontece no céu sideral.

No verso 14, é o próprio céu atmosférico, “ouranos”, o primeiro céu, que se recolhe como um pergaminho.

As visões de Apocalipse 12

Em Apocalipse 12, o profeta acompanha três visões: *“apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Ela estava grávida e gritava de dor, pois estava para dar à luz. Então*

apareceu no céu outro sinal: um enorme dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, tendo sobre as cabeças sete coroas. Sua cauda arrastou um terço das estrelas do céu, lançando-as na terra. O dragão colocou-se diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar o seu filho no momento em que nascesse. [...] Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e os seus anjos revidaram” (Ap 12:3, 4, 7, NVI).

Em primeiro lance, descreve dois sinais, ou visões, que aparecem no céu “ouranos”, atmosférico: vê uma mulher gloriosamente ornamentada do sol e que está grávida, já com fortes sinais de que dará à luz uma criança. Aparece então, também no céu “ouranos”, um grande dragão vermelho com características de poderoso e ambicioso usurpador, que, em atitude hostil parou diante da mulher para devorar o seu filho assim que nascesse, porque Ele viria para governar todas as nações (Ap 12:5), destruindo o poder do dragão e o seu domínio.

Entretanto, a mulher recebeu asas (Ap 12:14), e fugiu para o deserto onde é sustentada durante mil duzentos e sessenta dias (Ap 12:6). Essas visões são vistas pelo profeta na tela do céu atmosférico, na ilha de Patmos, mas em verdade são acontecimentos que se desenvolveram e se desenvolvem na Terra, como descreve nos versos 13 a 18.

Mulher, no simbolismo das Escrituras Sagradas tipifica igrejas. A mulher pura tipifica a igreja que reconhece a Deus como o seu esposo e na conduta é submissa à Sua liderança; pratica e ensina os ensinamentos das Suas orientações.

A mulher prostituta, símbolo que aparece no capítulo 17, tipifica a igreja, ou igrejas, que rejeitam os princípios de conduta

estabelecidos por Deus e, misturam os conceitos por Ele estabelecidos com a criação de conceitos e ensinamentos próprios.

O segundo símbolo, o dragão vermelho que também apareceu no céu atmosférico, tinha sete cabeças e dez chifres. As cabeças estavam coroadas e os chifres não.

Na sequência vê outra visão no céu, “ouranos”, de uma guerra de conceitos espirituais nos Céus, no centro do “Reino de *Deus*”, provocada pelo dragão vermelho, contra Miguel, por quem é expulso e lançado para a Terra (Ap 12:7-9). O profeta identifica o dragão vermelho com “a *antiga serpente*”, símbolo que Deus usa em Gênesis 3:15, para identificar Satanás. O profeta João, em acréscimo declara que o dragão vermelho, a “*antiga serpente*”, também é “*chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo*” (Ap 12:9, NVI).

O dragão e seus anjos foram expulsos dos Céus e lançados à Terra. Percebe-se uma clara inversão no relato. Primeiro, o profeta descreve acontecimentos que ocorrem na Terra, para então descrever o que já havia acontecido nos Céus, quando tempo não havia, para justificar os acontecimentos na Terra sob a temporalidade do pecado. Esta maneira de relatar os acontecimentos vistos nas visões, ocorre algumas vezes nos escritos dos profetas.

A guerra de conceitos espirituais, que o profeta vê na tela do céu atmosférico, “ouranos”, na realidade aconteceu em distante passado dos dias do profeta, no centro do “*Reino dos Céus*”, onde está o trono de Deus, conforme descrito nos versos 10 a 12.

O profeta descreve a derrota e a expulsão do dragão, Satanás e seus anjos, do centro do “*Reino dos Céus*”, e sendo “*atirado para*

a terra, e, com ele, os seus anjos” (Ap 12:9, NAA), em confinamento no minúsculo planeta, ainda em estado de caos, dentro do “*Reino dos Céus*”, porque não existe local fora deste Reino.

Nesta cena vista pelo profeta, são feitos uma proclamação e um lamento assim descritos: “*por isso, alegrem-se, ó céus, e vocês que neles habitam! Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vocês, cheio de fúria, sabendo que pouco tempo lhe resta*” (Ap 12:12, NAA). A celebração é proclamada porque Satanás foi expulso “dos Céus”, o Paraíso, e o lamento acontece, porque continua a sua guerra contra Cristo, na Terra. Esta é a única vez em que o profeta usa a palavra “ouranos” no plural, “ouranoi” designando o Universo como o “*Reino dos Céus*”.

A identificação do dragão vermelho com Satanás, é um detalhe muito importante nessa visão, que auxilia fortemente na compreensão das visões que o profeta revela na sequência do seu relato.

Este detalhe abre para a compreensão dos dois personagens centrais envolvidos no grande conflito cósmico espiritual: Miguel, Cristo, e o dragão, Satanás, e esclarece o princípio do simbolismo e o significado do símbolo usado como fundamento, um dragão, relacionado com suas cabeças e chifres, coroados ou não, outro símbolo complementar.

O profeta Ezequiel assim descreve a expulsão de Lúcifer, Satanás, de junto do trono de Deus para o planeta Terra: “*you were in the Eden, in the garden of God; [...] you were on the holy mountain of God, [...] for this I cast you to the earth*” (Ez 28:13, 14, 17, NVI).

Na erma ilha de Patmos, sentado em um rochedo, o profeta acompanhava as projeções de Deus na tela do céu atmosférico, revelando acontecimentos do plano da redenção que ocorrem na Terra, no céu atmosférico, no céu sideral e no Céu cósmico, onde, no Paraíso se encontra o trono de Deus e de onde governa todo o Universo.

GUERRA DE CONCEITOS ESPIRITUAIS NO CÉU

A guerra ocorrida no “*Reino dos Céus*”, envolve os dois personagens centrais e os seus comandados: Miguel e Seus anjos e o dragão e os seus anjos.

Quem é Miguel? No hebraico o nome significa: quem é como Deus. Nas visões do profeta Daniel, Ele aparece como o Príncipe protetor do Seu povo: “*naquela ocasião Miguel, (Aquele que é como Deus), o grande príncipe que protege o seu povo, se levantará*” (Dn 12:1, NVI). *Aquele que é como Deus*, também é a Palavra atuante como o Criador do Universo (Jo 1:1-3). *Aquele que é como Deus*, também é o Cordeiro que foi morto para realizar a redenção do ser humano caído e a restauração do planeta Terra ao domínio do Deus eterno: “*digno é o Cordeiro que foi morto...*” (Ao 5:12, NVI). *Aquele que é como Deus*, é também o Rei dos reis e o Senhor dos senhores (Ap 19:16), “*a quem pertence a glória e o domínio para todo o sempre. Amém!*” (1Pe 4:11, NAA). Ele é “*Cristo Jesus, o Senhor, [...] Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade*” (Cl 2:6, 9, NVI), porque Ele, Jesus, é Aquele que é como Deus – Miguel.

Quem é o dragão? Miguel, criador do Universo, de tudo e de todos nele existentes, criou um anjo que foi estabelecido como o líder dos anjos, “*ungido como um querubim guardião, [...] estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes. [...] Era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado*” (Ez 28:14, 15, NVI).

Esse anjo se tornou conhecido como Lúcifer, portador de luz, por sua função de liderança exercida junto ao trono de Deus. “*Entre os anjos existia paz e alegria, em perfeita submissão à vontade do Céu. O amor a Deus era supremo, e imparcial o amor de uns pelos*

outros. Tal era a condição que existira por séculos, antes da entrada do pecado.

[Lúcifer] possuía um conhecimento de inestimável valor acerca das riquezas eternas, o que o homem não possui. Ele experimentara o puro contentamento, a paz, a exaltada felicidade e as inenarráveis alegrias das moradas celestiais. Havia sentido, antes da rebelião, o prazer da plena aprovação de Deus. Obtivera completa apreciação da glória que circundava o Pai, e sabia que o Seu poder não conhecia limites.

Houve um tempo em que [...] era a alegria [de Lúcifer] executar as ordens divinas. Seu coração estava cheio de amor e regozijo por poder servir ao Criador” (VA, p. 16).

“Lúcifer fora o querubim cobridor. Estivera à luz da presença divina. Fora o mais elevado de todos os seres criados, e o primeiro em revelar ao Universo os desígnios divinos” (DTN, p. 758).

“O Salvador reuniu os discípulos em torno de Si, e disse-lhes: ‘se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos. [...] Diante dEle ressurgiu a visão de Lúcifer, O ‘filho da alva’, sobrepujando em glória a todos os anjos que rodeavam o trono, e ligado pelos mais íntimos laços ao Filho de Deus” (DTN, p. 435).

A sua designação de liderança sobre toda a hoste angelical foi executada com alegria durante tempos eternos. Misteriosamente esta posição de liderança, sua inteligência e beleza atuaram em sua mente com poder corruptor. O profeta Ezequiel descreveu o desenvolvimento desse mistério: *“Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor” (Ez 28:17, NVI).*

“O pecado é um intruso, por cuja presença nenhuma razão se pode dar. É misterioso, inexplicável; desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se para ele se pudesse encontrar desculpa, ou mostrar-se a causa para a sua existência, deixaria de ser pecado” (MM, 1959, p. 66).

Veladamente começou a questionar a autoridade, a sabedoria, a verdade, a justiça, o amor e todos os atributos do caráter de Miguel, perante os anjos, seus liderados, e apresentando os atributos de seu caráter como melhores e superiores, movido pela inexplicável ambição de ser igual ao seu Criador: *“subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo”* (Is 14:14, NVI).

“Pouco a pouco, Lúcifer começou a alimentar o desejo de exaltação própria. [...] Embora toda a sua glória proviesse de Deus, esse poderoso anjo passou a considerá-la como se fosse sua” (PP, p. 11).

O questionamento se revelou no ataque aos princípios de justiça e do amor da lei de Deus que é o poderoso promotor da harmonia de todo o Universo.

“Essa obra de oposição à lei de Deus teve seu início nas cortes do Céu, com Lúcifer, o querubim cobridor. Satanás resolveu ser o primeiro nos concílios do Céu, igual a Deus. Começou sua obra de rebelião com os anjos sob o seu comando, procurando difundir entre eles o espírito de descontentamento. E atuou de modo tão enganoso que muitos dos anjos foram ganhos para seu lado, antes que seus propósitos fossem conhecidos plenamente. Mesmo os anjos leais não puderam discernir plenamente seu caráter, nem ver o rumo para o qual levava sua obra. Havendo Satanás tido êxito em ganhar muitos anjos para o seu lado, levou a Deus a sua causa. Afirmando que era

desejo dos anjos que ele ocupasse, a posição mantida por Cristo” (ME, v. 1, p. 222).

De maneira quase imperceptível, por determinação própria, em um ato inexplicável, separou-se da sua Fonte de vida e felicidade eternas, e o seu coração *“encheu-se de violência e pecou”* (Ez 28:16, NVI).

Lúcifer, a mais honrada das criaturas provocou uma guerra de conceitos nos Céus, contra Miguel, que é Cristo, o príncipe dos Céus, o seu criador.

“Lúcifer [...] tentou abolir a lei de Deus. Pretendeu que as inteligências não caídas do santo Céu não necessitavam de lei, sendo antes capazes de preservarem a si mesmas e de preservarem imaculada integridade” (VA, p.21).

O pecado de Lúcifer foi a rebelião contra a autoridade, a justiça e o amor do caráter de Miguel, que determina o relacionamento em todo o Reino dos Céus, abrangendo todo o Universo.

O profeta Isaías faz uma revelação significativa que bem ilustra a guerra de conceitos travada nos Céus e as consequências dos conceitos de engano: *“As autoridades e os homens de destaque são a cabeça, os profetas que ensinam mentiras são a cauda”* (Is 9:15, NVI).

O profeta João revela que Lúcifer, ensinou mentiras contra Deus e contra Cristo e a autoridade das Suas leis, e com os seus conceitos de mentiras e engano, a *“sua cauda, arrastou consigo um terço das estrelas (anjos) do céu”* (Ap 12:4, NVI).

De maneira sutil, ocultando o seu verdadeiro propósito, induziu uma terça parte dos anjos à rebelião contra a autoridade de Cristo e do governo de Deus, questionando a justiça de Sua lei.

“Desde o princípio, a grande controvérsia fora a respeito da lei de Deus. Satanás procurara provar que Deus era injusto, que Sua lei era defeituosa, e que o bem do Universo exigia que ela fosse mudada. Atacando a lei, ele visava subverter a autoridade de seu Autor. Seria mostrado no conflito se os estatutos divinos eram deficientes e passíveis de mudança, ou perfeitos e imutáveis” (PP, p. 44, 45).

“A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação de sua vontade, uma transcrição de Seu caráter, expressão do amor e sabedoria divinos” (PP, p. 28).

A lei de Deus, transcrição do Seu caráter: *“a tua lei é a própria verdade”* (Sl 119:142, NAA), é a revelação da Sua vontade, expressão do Seu amor, Sua justiça, Sua graça e Sua sabedoria. Esses são atributos do Seu caráter, e tal como todos os Seus atributos, revelam a Sua personalidade como holística, uma totalidade completa e perfeita.

O profeta Isaías faz a reveladora proclamação sobre Jesus: *“Porque o Senhor é o nosso Juiz, o Senhor é o nosso legislador, o Senhor é o nosso Rei; ele nos salvará”* (Is 33:22, NAA).

A mensageira do Senhor para a igreja, argumenta: *“O que a linguagem é para o pensamento, é Cristo para o Pai invisível. Ele é a manifestação do Pai, e é chamado a Palavra de Deus. [...] Como legislador, Jesus exercia a autoridade de Deus. [...] A glória do Pai*

revelava-se no Filho. Cristo manifestou o caráter do Pai” (MM, 1956, p. 38).

Jesus, como legislador, junto com Deus o Pai, são a personificação da lei, e a lei é o transcrito do Seu caráter. Logo, Deus é a lei. Jesus é Deus, logo, Jesus é a lei. Entenda-se lei, por: *“toda palavra que procede da boca de Deus”* (Mt 4:4, NAA).

O Juiz, o Legislador, a Lei, o Rei, em Seu caráter é o revelador do atributo que liga a Ele todas as Suas criaturas, a dependência de Sua graça: *“porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. [...] Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”* (At 17:25, 28, NVI).

O ódio e a inveja de Lúcifer, o transformaram em Satanás, enganador e acusador, e assim voltou-se contra a pessoa de Jesus, atacando o Seu caráter, a Sua Palavra, visando *“subverter a Sua autoridade”*.

O centro da rebelião.

A grande questão da guerra espiritual cósmica entre Cristo e Satanás nasceu em torno da magna questão sobre quem tem o direito de exercer a verdadeira autoridade e é digno de adoração.

Por meio do profeta Isaías Deus faz a desafiadora pergunta: *“com quem vocês me vão comparar? Quem se assemelha a mim?”, pergunta o Santo*” (Is 40:25, NVI).

O apóstolo Paulo apresenta um argumento fundamental como resposta: *“ao Rei eterno, o Deus único, imortal e invisível, sejam honra e glória para todo o sempre. Amém”* (1Tm 1:17, NVI).

A pergunta é do “*Santo*”. A santidade de Deus O revela e O identifica como único em Sua natureza. A unicidade de Deus está no fato de não existir outro com quem possa ser comparado, ou mesmo assemelhado. A santidade O revela como único em Sua existência: é eterno (Sl 90:2); O revela como único em Sua estrutura: é imortal, é invisível (1Tm 1:17 e 6:16); O revela como único em Sua permanência: é imutável (Ml 3:6); O revela como único em Seus atributos (Êx 34:6-8), identificando-O como o Criador, Mantenedor e Redentor (Jo 1:1-3, 14).

A justiça de Deus é única e está expressa na eternidade e imutabilidade de Sua lei. Deus não pode mudar a Sua lei, porque a Sua santidade, unicidade, onisciência e presciência determinam a Sua imutabilidade: “*Desde o começo Eu anuncio o que vai seguir, desde o passado o que não está ainda executado. Eu digo: ‘Meu desígnio subsistirá, e tudo o que Me agrada, Eu o executarei’*” (Is 46:10, TEB).

O Seu amor único é expresso na criação do Universo de maravilhas que encantam e comunicam a certeza de provisão para as necessidades de todas as Suas criaturas; Seu amor único, é expresso na criação de criaturas com a liberdade de escolha.

A Sua graça é única: manifestada na Sua pessoa do Deus Todo-Poderoso, concedendo a liberdade de escolha para as Suas criaturas, fundada no relacionamento do amor; nos atos de assumir a culpa do pecador condenado e sofrer em Si a exigência da justiça da lei, libertando o culpado da justa condenação, e oferecendo graça superabundante movido pelo amor que não sofre alterações, em resposta da fé do contrito transgressor (Is 54:10).

A autoridade de Deus é única, porque é manifestada na execução da justiça substitutiva, revelada no amor incompreensível.

A Sua santidade, unicidade e autoridade são determinantes para a Sua adoração: *“Quem não Te temerá, ó Senhor? Quem não glorificará o teu nome? Pois Tu somente és santo. Todas as nações virão à Tua presença e Te adorarão, pois os Teus atos de justiça se tornaram manifestos”* (Ap 15:4, NVI).

Quando João quis adorar o anjo que lhe revelou as verdades do plano da salvação, esse disse: *“Não faça isso! Sou um servo de Deus, assim como você e os seus irmãos, os profetas, e como são os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!”* (Ap 22:9, NAA).

Cristo, Deus eterno, unido a Deus-Pai e Deus Espírito Santo, atuou como o agente Criador de todo o Universo.

Portanto, a santidade e o poder único como Criador, qualifica o Deus-Trino como a autoridade suprema e o único digno de adoração.

Lúcifer, a mais exaltada criatura de Cristo, de maneira incompreensível e inexplicável ambicionou a autoridade e dignidade de Cristo e receber adoração. Na busca do seu propósito, de maneira mentirosa enganou e aliciou um grande número de anjos e, transformado em Satanás, o acusador e inimigo de Deus e de Cristo, rebelou-se contra o seu Criador.

“A influência de uma mente sobre outra, que é um forte poder para o bem quando santificada, é igualmente forte para o mal, nas mãos dos que se opõem a Deus. Este poder Satanás usou em sua obra de incutir o mal na mente dos anjos, insinuando que estivesse querendo o bem do Universo. Como querubim ungido, Lúcifer fora

altamente exaltado; era imensamente amado pelos seres celestes, e era forte a sua influência sobre eles. Muitos deles deram ouvido a suas sugestões e deram crédito a suas palavras” (MCP, p. 23).

Lúcifer desafiou a unicidade e o poder criador de Deus: *“Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo” (Is 14:14, NVI).*

Nós, seres humanos somos criados únicos por Deus no ventre de nossa mãe (Sl 139:13). A nossa identidade pessoal é única, no entanto, pertencemos a uma espécie de bilhões de criaturas. Somos únicos em nossa personalidade, mas somos semelhantes a bilhões como criaturas da mesma espécie.

Lúcifer foi criado por Deus, com sua identidade pessoal única, mas pertencia à família de bilhões de anjos semelhantes um ao outro. No entanto, mesmo como criatura, Lúcifer ambicionou a autoridade, a unicidade e o poder de Deus e gerou o conflito de conceitos espirituais no Universo.

“O mal continuou a operar, até que o espírito de descontentamento maturou em ativa revolta. Então houve guerra no Céu, e Satanás com todos os que com ele simpatizavam, foi expulso. Satanás guerreou pelo domínio do Céu, e perdeu a batalha. Não poderia Deus por mais tempo confiar-lhe honra e supremacia, e estas, com a parte que ele ocupara no governo do Céu, foram-lhe tiradas”. (ME, v. 1, p. 222).

Nessa guerra de conceitos espirituais, Satanás foi vencido por Miguel e expulso dos Céus com os seus anjos e lançado à Terra ainda em estado de caos, sem forma e vazia (Gn 1:2).

A guerra continua na Terra.

Executando o Seu plano estabelecido na eternidade, Deus transformou o caos de nosso mundo em um exuberante jardim e criou o ser humano para nele habitar e o administrar.

Expulso dos Céus e confinado à Terra, tão logo teve a oportunidade com a criação do ser humano, Adão e Eva, como administradores deste último ato Criador de Deus com o planeta Terra para ser habitado, Satanás continuou a guerra de conceitos espirituais e a sua luta de ódio contra Cristo, atacando Adão e Eva.

Em suas visões, o profeta João viu Satanás em forma de símbolo, como um dragão vermelho, mas o identifica com os nomes: *“Diabo, Satanás ou ainda como a antiga serpente”*.

Disfarçando-se na *“antiga serpente”* e usando os seus conceitos mentirosos, enganou e induziu Adão e Eva ao pecado e a guerra de conceitos espirituais passou a se desenvolver na Terra e se tornou conhecida como o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

“Expulso do Céu, Satanás estabeleceu o seu reino neste mundo, e desde aquele tempo tem lutado incansavelmente para afastar os seres humanos da lealdade a Deus. Usa o mesmo poder de que se serviu no Céu – a influência da mente sobre a mente. Os seres humanos tornam-se tentadores dos semelhantes. Acariciam os fortes, corruptores sentimentos de Satanás, e exercem um poder dominante, coercivo. Sob a influência desses sentimentos, as pessoas ligam-se entre si, formando confederações” (MCP, p. 28).

“Desde esse tempo Satanás e seu exército de confederados têm sido inimigos declarados de Deus em nosso mundo. Satanás tem continuado a apresentar aos homens, como apresentou aos

anjos, suas falsas representações de Cristo e de Deus, e tem ganho o mundo para o seu lado. Mesmo as igrejas professadamente cristãs se têm posto ao lado do primeiro grande apóstata.

“Satanás apresenta-se como o príncipe do reino deste mundo, e foi assim que ele se aproximou de Cristo na última das três grandes tentações, no deserto” (ME, v. 1, p. 222, 223).

Entretanto, Deus, em Sua onisciência e presciência previu o surgimento do mal, no contexto do livre arbítrio, e a solução para o problema foi antecipadamente estabelecida.

Para o problema do grande conflito cósmico espiritual, Deus revelou-se único na sua solução: *“não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito” (Zc 4:6, NVI). “O governo de Deus é moral; e a verdade e o amor devem ser o poder predominante” (DTN, p. 759).*

Quando se julgou vitorioso sobre Adão, Satanás tomou conhecimento do plano da salvação de Deus, por meio da operação resgate, inundando o mundo com os conceitos da verdade, da justiça, do amor e da superabundante graça, revelado e realizado por meio de Cristo Jesus: o *“mistério que, durante épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, [...] mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades das regiões celestiais, de acordo como o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Ef 3:9-11, NVI).*

Revelando o Seu plano eterno, Deus fez a proclamação de guerra entre o dragão, que o profeta João identifica como Satanás, Diabo e antiga serpente, e a *“mulher”*: *“porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este te ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3:15, NVI).*

“O plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. Foi a revelação ‘do mistério que desde tempos eternos esteve oculto’ (Rm 16:25). Foi um desdobramento dos princípios que têm sido, desde os séculos da eternidade, o fundamento do trono de Deus. [...] Deus não ordenou a existência do pecado. Previu-a, porém, e tomou providências para enfrentar a terrível emergência” (DTN, p. 22).

A declaração de guerra proclamada por Deus, no território dominado pelo inimigo, o planeta Terra, tendo como objetivo supremo a promessa da reconquista e a libertação do ser humano, envolvendo toda a sua descendência e o domínio a ele confiado, que fora perdido, evidencia que o grande conflito cósmico espiritual é um confronto direto de Cristo contra Satanás. H. Ross Cole comenta: *“É a cabeça da própria serpente que o descendente da mulher esmagará. A sugestão é a de um conflito pessoal, um contra um, personificando o encontro mais amplo, mais inclusivo”* (No Princípio, p. 64).

“O grande conflito que se fere agora, não é mera luta de homem contra homem. De um lado está o Príncipe da Vida, agindo como substituto e penhor do homem; do outro lado, o príncipe das trevas, tendo sob seu comando os anjos caídos” (MM, 1965, p. 211).

Esta declaração de guerra, gerou duas reações opostas no Universo: *“Celebrem-no, ó céus, e os que nele habitam! Mas ai da terra e do mar, pois o Diabo desceu até vocês! Ele está cheio de fúria, pois sabe que lhe resta pouco tempo”* (Ap 12:12, NVI).

Nas eternas arcadas ressoou o brado antecipado da vitória e o lamento pelo sangue derramado durante a guerra, pelo Cordeiro de

Deus como o valor do resgate, e pelas fiéis testemunhas de Cristo, alvo da violenta fúria de Satanás.

A estratégia de Satanás no conflito desenvolvido na Terra.

O profeta identifica o dragão (drakon, no grego) vermelho com Satanás, o inimigo de Deus. Em verdade, é Satanás, aquele que é identificado como o verdadeiro inimigo de Deus no grande conflito cósmico espiritual entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal, mas que envolve todos os habitantes do mundo. No final do Seu ministério terrestre, Jesus declarou sobre Satanás como sendo o Seu grande inimigo: *“pois o príncipe deste mundo está vindo. Ele não tem nenhum direito sobre mim. [...] Pois o príncipe deste mundo já está condenado”* (Jo 14:30 e 16:11, NVI).

Entretanto, desde a sua primeira investida neste conflito espiritual contra a soberania de Deus, aqui na Terra, atacando o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, Satanás, no jardim do Éden, ocultou-se usando outra criatura, a serpente. Essa é a sua estratégia ao longo da história do pecado em nosso mundo.

A declaração do profeta: *“quando o dragão foi lançado à terra, começou a perseguir a mulher que dera à luz o menino”* (Ap 12:13, NVI), significa que a guerra passou a desenvolver-se na Terra, com Satanás contra a mulher e envolvendo a *“sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus”* (Ap 12:17, NVI), porque, da descendência da mulher viria o menino prometido, Cristo, o Redentor, para aniquilar Satanás e o seu reino.

Por essa razão, o dragão colocou em prática a sua estratégia, e tentou com todo o esforço frustrar o plano de Deus na promessa da

vinda do menino Redentor; estabelecer e firmar o seu domínio sobre o planeta Terra como o seu reino. Com o nascimento de Caim, Satanás envolveu-o desde cedo em suas malhas, corrompendo o seu caráter e fazendo dele a semente, por meio de quem formou a sua descendência para povoar o seu reino. Moisés qualifica a descendência corrompida de Caim, como os filhos *“dos homens”* (Gn 6:2).

Como não obteve o mesmo êxito com Abel, induziu Caim para matar o seu irmão, porque se tornara um intruso em seu reino como uma fiel testemunha do Reino de Deus, desafiando o inimigo em seu “suposto” domínio (Gn 4:2-10).

Para dar sequência ao plano estabelecido para a vinda do “Descendente”, Deus deu a Adão e Eva outro filho 130 anos depois da queda e pouco tempo depois da morte assassina de Abel. Outros filhos já haviam nascido durante este período, pois Caim, quando confrontado por Deus por causa do seu crime, declarou: *“qualquer que me encontrar me matará”* (Gn 4:124, NVI).

Segundo a visão de Deus, nenhum preenchia as condições para dar continuidade à linha genealógica do “Descendente”, e fez nascer Sete, cuja descendência, por sua fidelidade, se tornou conhecida como *“filhos de Deus”* (Gn 6:2).

Entretanto, com o tempo, Satanás conseguiu misturar as duas descendências, atraindo os filhos de Deus pela beleza da cupidez das filhas dos homens: *“por causa da perversidade do homem”* (Gn 6:5, NVI).

A intensidade do engano e das ações pecaminosas contra Deus se avolumaram de tal forma que, *“o Senhor viu que a*

perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal” (Gn 6:5, NVI).

Deus interveio com o dilúvio, e com Noé e sua família, *“homem justo, íntegro entre o povo da sua época; ele andava com Deus” (Gn 6:9, NVI)*, deu um novo começo para o Seu plano redentor dentro do período da temporalidade do pecado.

Cerca de 500 anos depois a situação era idêntica ao tempo do dilúvio, e Deus vocacionou Abraão, para dar continuidade ao plano do “Descendente” redentor.

Assim a guerra se desenvolveu ao longo de quatro milênios: *“Cristo é nosso exemplo. A resolução do anticristo, de propagar a rebelião que iniciou no Céu, continuará a atuar nos filhos da desobediência” (TI, v. 9, p. 230).*

E ao longo desse período do conflito, da mesma maneira como agiu com Adão e Eva, no jardim do Éden, Satanás, o *“anticristo, que iniciou a sua rebelião no Céu”*, continua com a estratégia, se ocultando e usando diferentes instrumentos, e lançando os seus *“ataques combinados de homens malignos e anjos maus. A inimizade de Satanás, atuando por meio de homens como seus instrumentos, foi impressionantemente desenvolvida” (TI, v. 4, p. 593).* (Destaque acrescentado). *“Faz parte de sua estratégia ocultar-se e agir às escondidas” (GC, p. 431).*

Assim ele agiu contra os judeus dispersos em todo o domínio da Medo-Pérsia, usando Hamã e enganando Xerxes: *“O próprio Satanás, o instigador oculto deste plano, estava procurando aliviar a*

Terra dos que preservavam o conhecimento do verdadeiro Deus” (PR, p. 601).

Comentando a ação de Satanás durante o ministério terrestre de Jesus, é declarado que *“instrumentos satânicos operavam de contínuo para Lhe obstruir o caminho”* (TI, v. 6, p. 307).

Os instrumentos de Cristo e os instrumentos de Satanás

“Nenhuma verdade é mais claramente ensinada na Bíblia do que esta: Deus pelo Seu Espírito Santo, dirige de maneira especial Seus servos na Terra em grandes movimentos que têm por objetivo promover a obra da salvação. Os seres humanos são instrumentos nas mãos de Deus, usados por Ele para cumprir Seus propósitos de graça e misericórdia” (GC, p. 293).

O apóstolo Paulo define com clareza que os seres humanos podem ser usados como instrumentos de Cristo para a proclamação do Seu Reino, ou instrumentos de Satanás para promover a injustiça: *“Não ofereçam os membros do corpo de vocês ao pecado, como instrumentos de injustiça; antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida; e ofereçam os membros do corpo de vocês a ele, como instrumentos de justiça”* (Rm 6:13, NVI).

Cristo é o grande comandante na guerra cósmica espiritual contra Satanás: *“Por meio de Cristo, Deus opera para trazer o homem de volta ao seu original relacionamento com o Criador, e para corrigir as desorganizadoras influências introduzidas por Satanás. Unicamente Cristo permaneceu incontaminado num mundo de egoísmo, onde os homens são capazes de destruir um amigo ou irmão de modo a levar a cabo o esquema posto em suas mãos por Satanás”* (TI, v. 6, p. 237).

Para proclamar a mensagem do plano da salvação, Jesus estabeleceu e usa a Sua igreja. *“Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não poderão vencê-la”* (Mt 16:18, NVI).

“Então vi outro anjo, que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na terra, a toda nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6, NVI).

Para formar e estabelecer a Sua igreja, Jesus escolheu e chamou instrumentos individuais: *“Foi na ordenação dos doze apóstolos que se deram os primeiros passos na organização da igreja que depois da partida de Cristo, devia levar avante Sua obra na Terras. A respeito dessa ordenação, o relato diz: ‘depois, Jesus subiu ao monte e chamou os que Ele quis, e vieram para junto Dele. Então designou doze, aos quais chamou de apóstolos, para estarem com Ele para os enviar a pregar’* (Mc 3:13, 14)”.*”*

“Por meio desses frágeis instrumentos, mediante Sua Palavra e Seu Espírito, Ele decidiu colocar a salvação ao alcance de todos. Deus e os anjos contemplavam aquele momento com júbilo e alegria. [...] Sua missão era a mais importante a que seres humanos já haviam sido chamados, inferior apenas à do próprio Cristo” (AA, p. 12, 13).

“Mas o Senhor disse a Ananias: Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis” (At 9:15, NVI).

“Embora uma solene revelação da vontade de Deus quanto a nós tenha sido feita a todos, o conhecimento de Sua vontade não coloca de lado a necessidade de se fazer fervorosas súplicas por ajuda e de se buscar diligentemente cooperar com Ele na resposta

às orações que foram feitas. Ele realiza Seus propósitos por meio de instrumentos humanos” (CBASD, v. 6, p. 1249).

“A igreja de Cristo é o instrumento de Deus para a proclamação da verdade; ela se acha por Ele revestida de poder a fim de realizar uma obra especial; e se for leal a Deus, obediente aos Seus mandamentos, contará com a excelência do poder divino. Se ela honrar o Senhor Deus de Israel, não haverá poder que contra ela prevaleça. Se ela for fiel a sua aliança, as forças do inimigo não terão para vencê-la mais poder do que teria a palha para resistir ao redemoinho” (TI, v. 8, p. 11).

“Não somos postos em contato com o mundo para ser levedados pela sua falsidade, mas para, como instrumentos de Deus, ser para o mundo um fermento da verdade divina” (TI, v. 7, p. 168).

“Em uma carta enviada a seu filho Edson e à nora Emma, Ellen White alertou: ‘Todas as forças de anjos maus combinadas com homens maus estarão em ação para suprimir a verdade’ Nesse campo de batalha, mantenha sua fidelidade e identidade fortemente baseadas na comunhão com Deus e Sua revelação” (MM, 2019, p. 335).

“A igreja é o instrumento escolhido por Deus para a salvação dos seres humanos. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio, Deus planejou que Sua igreja refletisse às pessoas Sua plenitude e suficiência. Os membros da igreja, que Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, devem manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo; por meio dela, a demonstração final e plena do amor de Deus será manifesta no devido tempo, até mesmos aos ‘principados e potestades nos lugares celestiais’ (Ef 3:10)” (AA, p. 7).

Do outro lado, Satanás se oculta e usa dois instrumentos básicos para defender o seu “suposto” reino e atacar o Reino de Cristo: os poderes temporais paganizados e o falso sistema de culto e adoração. Une os dois, para combater todos aqueles que amam e vivem os conceitos do Reino de Deus.

Assim, Satanás, simbolizado pelo dragão vermelho, já havia lutado contra todos aqueles que ao longo dos séculos estavam vivendo em harmonia com o governo de Cristo, em seu “suposto” território, usando todos os poderes temporais ao longo da história da humanidade, com destaque para o Egito, a Assíria, a Babilônia, a Medo-Pérsia, a Grécia e Roma imperial, que aparecem simbolizados nas suas sete cabeças coroadas.

Todos esses poderes eram dominados por um falso sistema de espiritualismo pagão, criado por Satanás, opondo-se e combatendo os princípios da verdade, justiça e amor manifestados pelo caráter de Deus.

Entretanto, a vida e a morte vitoriosas do *“Descendente”*, o menino nascido da mulher, tipicamente aconteceu na eternidade quando Deus planejou a criação do Universo: *“mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito, conhecido antes da criação do mundo”* (1Pe 1:19, 20, NVI).

Esse plano eterno é o mistério que *“foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas”* (Ef 3:9, NVI), para torná-lo conhecido no tempo oportuno.

Identificando os instrumentos

Como alguém pode ser identificado como um instrumento nas mãos de Jesus, ou um instrumento nas mãos de Satanás?

Certa oportunidade Jesus estava dialogando com os líderes espirituais de Seus dias, e fez-lhes esta declaração interrogatória: *“Por que vocês não compreendem a minha linguagem? É porque vocês são incapazes de ouvir a minha palavra”* (Jo 8:43, NAA).

Este problema persiste ao longo dos séculos. O ser humano é incapaz de ouvir e muito menos de compreender a Palavra de Deus. No entanto, tal como os interlocutores de Jesus, ouve a palavra do inimigo. Jesus continuou a Sua argumentação e feriu o ponto crucial de não compreender a Sua linguagem e as Suas palavras: *“Vocês são do diabo, que é o pai de vocês, e querem satisfazer os desejos dele. Ele [...] jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”* (Jo 8:44, NAA).

Esta é a grande tragédia em nosso mundo: os seres humanos que são incapazes de dar ouvidos às verdades da Palavra de Deus, dão ouvidos às mentiras inventadas pelo inimigo.

Jesus é muito objetivo na maneira de colocar esta questão: *“Mas, porque eu digo a verdade, vocês não creem em mim. [...] Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso, vocês não me ouvem, porque não são de Deus”* (Jo 8:45, 47, NAA).

Todo aquele que questiona e rejeita as verdades da Palavra de Deus, como a fonte segura de informações sobre questões espirituais e temporais, não é de Deus.

Jesus acusou os mestres judeus de que eles tinham por pai o diabo e buscavam satisfazer a sua vontade. Em resposta os mestres judeus devolveram a acusação e disseram que Ele estava possuído

pelo demônio: *“Será que não temos razão em dizer que você é samaritano e têm demônio?”* (Jo 8:48, NAA).

Como Jesus avaliou a questão de ser dominado pelo diabo e fazer-lhe a vontade? *“Jesus respondeu: Eu não tenho demônio; pelo contrário, honro o meu Pai, mas vocês me desonram. [...] Se me glorifico a mim mesmo, a minha glória não é nada. Quem me glorifica é o meu Pai, o qual vocês dizem que é o Deus de vocês. Entretanto, vocês não o conhecem; Eu, porém, o conheço”* (Jo 8:49, 54, 55, NAA).

Para Jesus, ser dominado pelo diabo fazendo a sua vontade, não significa possessão visível, mas aceitar e defender as suas falsas ideias. A situação é a mesma de submeter-se ao controle de Deus e fazer a Sua vontade. Jesus declarou: Eu conheço a Deus, que é meu Pai, e defendo as Suas ideias e faço a Sua vontade, guardando a Sua palavra.

Jesus realmente foi contundente com os líderes espirituais de Seus dias. Eles se diziam filhos de Deus, mas não O conheciam. Qual a evidência que Jesus destacou como prova de que eles não conheciam a Deus? Não guardavam e não obedeciam à Sua Palavra, mas defendiam os conceitos mentirosos de Satanás.

“Pois, quando a Satanás é permitido controlar a mente não regida por Deus, ele a conduzirá de acordo com a sua vontade, até que a pessoa que está assim em seu poder se torna um eficiente instrumento para executar os seus desígnios. Tão amarga é a inimizado do grande originador do pecado contra os propósitos de Deus, tão terrível o seu poder para o mal, que quando os homens se desligam de Deus, Satanás os influencia e a mente deles é cada vez mais subjugada. Isto só ocorre até que lançam fora o temor de Deus

e o respeito ao ser humano e se tornam ousados e confessos inimigos de Deus e de Seu povo” (CBASD, v. 2, p. 1127).

A quem prestamos obediência e com quem nos identificamos? Obedecemos a Palavra de Deus e nos identificamos com o Seu caráter, ou praticamos as mentiras de Satanás, identificando-nos com o caráter dele? Esta é a inquestionável questão que define de quem somos instrumento e a quem prestamos o nosso serviço.

“Quando se permite a Satanás moldar a vontade, ele a usa para realizar seus fins. Inspira teorias de incredulidade e incita o coração humano a guerrear contra a palavra de Deus. Com persistente e perseverante esforço, procura inspirar aos homens suas próprias energias de ódio e antagonismo contra Deus, e dispô-los em oposição às instituições e reivindicações do Céu e à operação do Espírito Santo. Alista sob seu estandarte todas as agências más, e leva-as para o campo de batalha sob seu generalato, afim de opor o mal ao bem” (MCP, p. 527).

É essa submissão a Satanás e identificação com os seus conceitos de engano que conduz o ser humano para o ato de adoração a Satanás e a rejeição a Deus, o único digno de adoração.

Satanás e seus métodos ocultos

No jardim do Éden, *“para realizar sua obra sem que fosse percebido, Satanás preferiu fazer uso da serpente como médium, um disfarce bem adaptado ao seu propósito de enganar. [...] Assim, no jardim da paz, o destruidor estava à espreita, observando sua presa. [...] Diante da pergunta ardilosa do tentador, ela respondeu: [...] Satanás fez parecer ao santo casal que, se violassem a lei de Deus, eles se beneficiariam” (PP, p. 29-31).*

Observe-se que Satanás “disfarçou-se” em forma da serpente para tentar e enganar Eva. Alcançando o seu objetivo, usou Eva como instrumento para tentar e enganar Adão: *“Adão atendeu a voz de Satanás lhe falando por meio da esposa; ele acreditou em outra voz; não naquela que proferiu a lei no Éden”* (MM, 2021, p. 195).

Sobre a maneira de Satanás influenciar e usar seres humanos nesta guerra cósmica contra Cristo, Ellen G. White faz declarações muito importantes: *“Os líderes das igrejas populares não permitirão que a verdade seja apresentada de seus púlpitos ao povo. O inimigo os leva a resistir à verdade com rancor e malícia. Fabricam-se falsidades. Repete-se a experiência de Cristo com os líderes judeus. Satanás procura eclipsar todo raio de luz que vem de Deus para o Seu povo. Ele opera por meio dos líderes como o fez por intermédio dos sacerdotes e dirigentes nos dias de Cristo”* (TI, v. 8, p. 197).

Mas não é somente sobre os desobedientes da lei de Deus que Satanás atua. Ele penetra nas fileiras do Seu povo induzindo-o a cometer atos contrários à Sua vontade: *“Satanás levantou-se contra Israel e levou Davi a fazer um recenciamento do povo”* (1Cr 21:1, NVI). *“Foi o inimigo de nossa obra quem lançou o apelo para a consolidação da obra de publicações sob um só poder controlador em Battle Creek”* (TI, v. 8, p.217).

Muitas vezes atitudes que parecem insignificantes aos olhos humanos, são setas inflamadas que lançamos contra o semelhante, dominados e usados pelo inimigo: *“Muitos que professam ajuntar com Cristo, estão espalhando. [...] Expressando suspeita, inveja e descontentamento, entregam-se a Satanás como instrumentos. Antes que reconheçam o que estão fazendo, o adversário por meio deles conseguiu seu propósito. A impressão do mal foi feita, a sombra*

foi projetada, os dardos de Satanás atingiram o alvo” (PJ, p. 340, 341).

Qualquer ato de maldade praticado contra o semelhante é um dardo destruidor de Satanás usando instrumentos humanos como se estes fossem os verdadeiros causadores das desgraças entre os seres humanos.

O primeiro confronto registrado depois da queda de Adão, aconteceu, Satanás usando Caim para matar Abel, seu irmão, *“reconhecido como justo”* (Hb 11:4, NVI), vivendo os princípios do Reino de Deus no “suposto” território de Satanás. E, assim, sucessivamente, Satanás agiu ao longo das gerações.

“Pesava sobre Ele (Cristo) a dor de todas as épocas. [...] Viu que, na história do mundo, a começar com a morte de Abel, o conflito entre o bem e o mal tinha sido constante” (DTN, p. 534).

Poderes temporais a serviço do dragão vermelho, Satanás.

“Então apareceu no Céu outro sinal; um enorme dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, tendo sobre as cabeças sete coroas” (Ap 12:3, NVI).

Nas visões acompanhadas pelo profeta aparece o dragão vermelho com sete cabeças coroadas, indicando que simbolizam poderes que exerceram, exerciam ou ainda exerceriam a sua autoridade e poder, sendo usados por Satanás na guerra contra Cristo e Sua igreja. O dragão também tem dez chifres não coroados, indicando que são poderes que ainda não exerciam a sua autoridade. Isto relacionado com os dias do profeta João.

Depois do dilúvio, pode ser dito que de maneira mais direta, sete poderes temporais foram usados pelo dragão, Satanás, para

“perseguir a mulher”, os santos do Altíssimo, fiéis e leais aos princípios do Reino de Deus, ao longo da história da humanidade.

Em verdade, de modo mais amplo, Satanás atua em toda parte em nosso mundo, em sua guerra contra o Reino de Cristo. No entanto, esses sete poderes se caracterizaram pela influência que exerciam sobre as nações de seu tempo e como tratavam os filhos do Reino de Deus vivendo no território do inimigo.

Trazendo à memória a atuação do Egito, o salmista declara: *“Mas enviou um homem adiante deles, José, que foi vendido como escravo”* (Sl 105:17, NVI).

Deus, em Seus planos, conduziu José para o Egito para demonstrar *“às nações pagãs as bênçãos que sobrevêm a humanidade mediante o conhecimento de Deus. [...] José se demonstrou fiel à sua aliança com o Deus do Céu. E todo o Egito se maravilhou da sabedoria do homem a quem Deus instruíra. Faraó ‘fê-lo senhor da sua casa, e governador de toda a sua fazenda, para, a seu gosto, sujeitar os seus príncipes, e instruir os seus anciãos’.* Sl 105:21, 22. Não somente ao povo do Egito, mas a todas as nações ligadas com aquele poderoso reino, Deus Se manifestou por intermédio de José. Desejava torna-lo um portador de luz a todos os povos, e colocou-o como o segundo no trono do maior império da Terra, a fim de que a iluminação celestial se estendesse perto e longe. Por sua sabedoria e justiça, pela pureza e benevolência de sua vida diária, por sua devoção aos interesses do povo – e esse povo era uma nação idólatra – José foi o representante de Cristo. Em seu benfeitor, para quem todo o Egito se voltava com gratidão e louvor, aquele povo gentio, e por meio dele todas as nações com

quem estavam em contato, deviam contemplar o amor de seu Criador e Redentor” (TI, v. 6, p. 219, 220).

Quando a influência e todos os benefícios proporcionados por José foram esquecidos e os egípcios perceberam que os hebreus se multiplicavam, passaram a considerá-los como uma ameaça para a soberania e segurança nacional do Egito,

Por esta razão, controlados e usados pelo dragão, Satanás, os egípcios passaram a oprimir com cargas pesadas e influenciar com práticas abomináveis o povo de Deus em formação, a partir de Abraão.

A ousadia e o atrevimento do Faraó ouvindo o pedido de Moisés para deixar o povo de Israel ir e celebrar uma festa ao Senhor, é similar em seu espírito, à rebeldia de Lúcifer contra Deus e Cristo no Céu: *“Quem é o Senhor, para que eu lhe obedeça e deixe Israel sair? Não conheço o Senhor”* (Êx 5:2, NVI).

Assim também a Assíria, além de exercer a sua influência paganizada, estendeu o seu domínio político desde o rio Tigre até as fronteiras do reino de Judá, levando para o cativeiro as dez tribos do reino de Israel, mesmo em sua condição de apostasia, e ameaçando com o mesmo destino a tribo de Judá.

“Israel é um rebanho disperso, afugentado por leões. O primeiro a devorá-lo foi rei da Assíria; e o último a esmagar os seus ossos foi Nabucodonosor, rei da Babilônia. Portanto, assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: castigarei o rei da Babilônia e a sua terra assim como castiguei o rei da Assíria” (Jr 50:17, 18, NVI).

Satanás sempre agiu com tamanho engano sobre as nações que recebiam autoridade de Deus, com domínio e influência sobre

todos os povos de seu tempo, que essas rejeitavam a soberania de Deus e se colocavam a serviço dos planos de Satanás.

“Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Eu fiz a Terra, os seres humanos e os animais que nela estão, com o meu grande poder e com o meu braço estendido, e eu a dou a quem eu quiser. Agora sou eu mesmo que entrego essas nações nas mãos de meu servo Nabucodonosor” (Jr 27:4-6, NVI).

Babilônia foi o primeiro império com domínio sobre as nações do seu tempo e reconhecido de extensão mundial dentro dos limites da época. Recebeu esse domínio das mãos de Deus em condições idênticas às do Egito, porque recebeu a poderosa influência de Deus como o Senhor do Céu e da Terra por meio do profeta Daniel e seus amigos, mas rejeitou a Sua soberania e se submeteu ao poder de Satanás na realização de seus propósitos contra o Reino de Deus

A Medo-Pérsia, ainda que proclamasse a liberdade de retorno dos judeus para a sua terra natal, exerceu forte influência sobre as nações com o seu sistema paganizado de adoração. Houve circunstâncias quando se opôs tenazmente contra o desenvolvimento do plano da salvação. O profeta Daniel relatou uma dessas circunstâncias e Ellen G. White comentando, fez esta declaração: *“Enquanto Satanás estava procurando influenciar as mais altas autoridades da Medo-Pérsia para que não mostrassem favor ao povo de Deus, anjos trabalhavam no interesse dos exilados. Era uma controvérsia na qual todo o Céu estava interessado. Por intermédio do profeta Daniel, temos um vislumbre dessa poderosa luta entre as forças do bem e os poderes do mal. [...] A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram contidas todos os dias*

de Ciro, e todos os dias de seu filho Cambises II, que reinou cerca de sete anos e meio” (PR, p. 571, 572).

A Grécia, com suas filosofias pagãs, espalhou pelo mundo a descrença no Deus eterno e criador. Roma assimilou todas as formas de apostasia de seus antecessores e procurou destruir a fé na existência do Deus verdadeiro.

“Aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e de suas hostes. Satanás reputa por súditos seus os habitantes do mundo; adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas; mas eis um pequeno grupo que resiste à sua supremacia. Se ele os pudesse desarraigar da Terra, completo seria seu triunfo. Como influenciava as nações pagãs para destruírem Israel, assim, num próximo futuro, ele incitará as maléficas potências terrestres para destruir o povo de Deus” (TI, v. 9, p. 231).

Satanás tentando matar Jesus Encarnado.

Com o nascimento de Jesus, Satanás usou Roma pagã e tentou “devorar”, aniquilar o Filho da mulher, Jesus, desde o seu nascimento até a Sua triunfante morte na cruz.

Como Satanás executou esses ataques contra o menino que estava para nascer trazendo em Si o plano da redenção? *“Quando Herodes percebeu que havia sido enganado pelos magos, ficou furioso e ordenou que matassem todos os meninos de dois anos para baixo” (Mt 2:16, NVI).* Satanás usou Herodes, representante de Roma Imperial pagã para executar esse ato contra Jesus, que foi frustrado por Deus, mas custou a vida de um grande número de inocentes crianças. *“Do dragão que procurava destruir a Cristo, em Seu nascimento, é dito que o dragão é Satanás (v: 9); foi ele que*

atuou sobre Herodes com o objetivo de matar o Salvador. Mas o principal agente de Satanás, ao fazer guerra contra Cristo e Seu povo, durante os primeiros séculos da era cristã, foi o Império Romano, no qual o paganismo era a religião dominante. Assim, embora o dragão represente primeiramente Satanás, é também, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã” (GC, p.369).

Falando sobre a morte sacrifício de Jesus, Ellen G. White declarou que: *“quando Jesus foi posto no sepulcro, Satanás triunfou. Ousou acreditar que o Salvador não viveria novamente. [...] Quando viu Cristo sair em triunfo, compreendeu que seu reino chegaria ao fim e que ele finalmente morreria” (DTN, p. 782). “Anjos maus exultaram ao redor da sepultura, pois imaginavam que Cristo havia sido vencido” (VA, p.).*

Durante os quatro mil anos desde a queda de Adão até a vinda de Jesus como o Messias e nos primeiros séculos depois da Sua primeira vinda, Satanás, simbolizado pelo dragão vermelho, guerreou contra o Reino de Cristo, oprimindo e destruindo os santos do Altíssimo, usando os poderes temporais paganizados.

O Velho Testamento em seus relatos revela os protótipos dessa guerra de conceitos espirituais, onde Satanás por meio de povos por ele dominados e induzidos a adorá-lo, colocando entre o Deus eterno, Criador do Universo, criaturas e imagens em forma de simulacros, de fabricação humana, mas inspiração de Satanás, e pela força da guerra impor os seus falsos conceitos espirituais.

O apóstolo Paulo, trazendo á memória essas ações de Satanás, escreveu para os romanos, resgatados dessa depravada e fútil adoração a Satanás, para adorar o único e verdadeiro Deus: *“dizendo-se sábios, tonaram-se loucos e trocaram a glória do Deus*

imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. [...] Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém” (Rm 1:23, 25, NVI).

A Sagrada Escritura revela que o Sol, astros, animais e imagens fundidas se tornaram motivos centrais e obrigatórios para culto e adoração, desde antes do dilúvio e passando pelas nações, com destaque para o Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma Imperial, com seu poder dominante, e desaguando na igreja apostólica com mais intensidade a partir do terceiro século. Os grandes e poderosos poderes temporais estão simbolizados pelas sete cabeças coroadas do dragão, Satanás, que provocou essa guerra de conceitos espirituais no centro do Universo, o Paraíso, mas expulso e lançado para a Terra, com a queda de Adão, continua com a guerra e reclama o planeta como o seu domínio.

Satanás comandando a guerra contra Cristo em Sua missão.

Todos os acontecimentos que ocorrem na história da humanidade, em primeiro plano constituem a história do grande conflito espiritual entre Cristo e Satanás. Cristo, realizando o plano redentor no cumprimento das predições proféticas da Escritura Sagrada, e Satanás, com suas escaramuças, procurando destruir o plano. Entretanto, todos estão sob o inteiro e perfeito controle de Deus. Se assim não fosse, Ele deixaria de ser o Deus onipotente, onipresente, onisciente e presciente.

Para revelar que Deus conhece, prevê e controla todas as ações de Satanás ao longo do grande conflito espiritual, Jesus

advertiu a Pedro: *“Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo”* (Lc 22:31, NVI).

É importante observar como outras versões traduzem a advertência de Jesus: *“Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo”* (BJ). *“Simão, Simão, escute bem! Satanás já conseguiu licença para pôr vocês à prova”* (NTLH).

Estas traduções nos reportam para a experiência do patriarca Jó, onde Satanás também obteve a permissão de Deus para provar a fidelidade de Jó: *“O Senhor disse a Satanás: ‘pois bem, ele está nas suas mãos; apenas poupe a vida dele’”* (Jó 2:6, NVI).

Outro exemplo que ilumina esta estratégia de Satanás, é relatado pelo profeta Daniel: *“então ele me disse: ‘você sabe por que vim? Tenho que voltar para lutar contra o príncipe da Pérsia e, logo que for, chegará o príncipe da Grécia; [...] e nessa luta ninguém me ajuda contra eles, senão Miguel, o príncipe de vocês”* (Dn 10:20, 21, NVI).

Ellen G. White comentando o relato do profeta Daniel, fez esta declaração: *“Enquanto Satanás estava procurando influenciar as mais altas autoridades da Medo-Pérsia para que não mostrassem favor ao povo de Deus, anjos trabalhavam no interesse dos exilados. Era uma controvérsia na qual todo o Céu estava interessado. Por intermédio do profeta Daniel, temos um vislumbre dessa poderosa luta entre as forças do bem e os poderes do mal. Durante três semanas, Gabriel se empenhou em luta com os poderes das trevas, procurando conter as influências em ação na mente de Ciro; e antes que a contenda terminasse, o próprio Cristo veio em auxílio de Gabriel. [...] A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram*

contidas todos os dias de Ciro, e todos os dias de seu filho Cambises II, que reinou cerca de sete anos e meio” (PR, p. 571, 572).

O pastor Elias Brasil de Souza, PhD em teologia e exegese do Antigo Testamento, argumenta com muita clareza: *“sabemos desde o início de Daniel 10 que o rei da Pérsia era Ciro. No entanto, um rei humano sozinho não pode oferecer oposição significativa a um ser celestial. Isso indica que, por traz do rei humano, existia um agente espiritual maligno que instigava Ciro a impedir que os judeus reconstruíssem o templo”* (Lição da Escola Sabatina, Primeiro Trimestre de 2020, Edição para o Professor, p. 163).

Exemplos muito esclarecedores sobre o uso de instrumentos humanos no desenvolvimento do grande conflito espiritual, encontramos de maneira dramática nos últimos dias da vida de Jesus, morrendo para vindicar o caráter de Deus, salvar pecadores, condenar o caráter de Satanás e destruir a temporalidade do pecado.

A vida e morte de Jesus no plano de Deus.

A rebelião de Lúcifer não tem explicação. O apóstolo Paulo a define como *“o mistério da iniquidade”* (2Ts. 2:7, NVI). Como na rebelião de Lúcifer o amor e a justiça de Deus foram acusados de falsos e tirânicos, a resposta foi manifestada no *“grande mistério da piedade”* (1Tm 3:16): *“porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito”* (Jo 3:16, NVI).

A rebelião do ódio e compulsão foi confrontada *“não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito”* (Zc 45:6, NVI).

A vida e morte de Jesus no plano eterno de Deus foi um concerto de amor eterno entre Deus, o Pai, e Deus o Filho. Deus *“tanto amou que deu o Filho”*. O Filho tanto amou que se deu a Si

mesmo: *“por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Esta ordem recebi de meu Pai”* (Jo 10:17, 18, NVI).

Quando Deus, o Pai, decidiu que a realização do plano da redenção teria o fundamentado do amor, Ele deu o que de mais preciso possuía: o Filho. Em face da decisão do Pai, o Filho de *“espontânea vontade”* entregou a Sua vida para realizar o plano. As duas decisões de amor sem limites, moveram o Pai em amor indescritível pelo Filho: *“por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida”* (Jo 10:17, NVI).

“Tudo isso proveio de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação. [...] Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2Co 5:18, 21, NVI).

Os pilares do plano de Deus

A proclamação do desenvolvimento e execução do plano de Deus se fundamenta em três poderosos e inquestionáveis pilares. Quando Jesus revelou a Sua missão para o cumprimento do plano de Deus, fez essa significativa a declaração que ilumina confirma e certeza de Sua messianidade: *“Não penseis que vim suprimir a Lei ou os profetas: não vim suprimir, mas cumprir. Pois em verdade eu vos declaro, antes que passem o céu e a terra, não passarão da lei um i nem um ponto do i, sem que tudo haja sido cumprido”* (Mt. 5:17 e 18, TEB).

Se em Jesus, Sua vida, Seu julgamento, condenação e morte não se cumprissem todos os detalhes da lei, o Pentateuco, as

predições dos Salmos e dos profetas, não poderia ser o Salvador, porque não seria o Messias tipificado nos simbolismos do santuário, revelado na Sua cadeia genealógica humana e predito nas mensagens proféticas.

Para tornar real a salvação era inquestionável cumprir a lei das cerimônias da salvação tipificada, e cumprindo assim a justiça da lei moral *“a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós”* (Rm 8:4, NVI), na Pessoa do Filho do Homem, oferecendo graça, perdão, justificação, reconciliação e salvação. *“Cristo satisfaz as exigências da lei em Sua natureza humana. [...] Cristo se tornou nosso sacrifício e fiador. Ele se tornou pecado por nós, para que nós pudéssemos, através dEle, receber a justiça de Deus. Pela fé em Seu nome, Ele imputa em nós Sua justiça, e ela se torna um princípio vivo em nossa vida”* (O Senhor Justiça Nossa, p. 86, 88).

Porque o que era impossível efetivar pelo ato legal da lei cerimonial, *“porque aquilo que a Lei (cerimonial) fora incapaz de fazer”* (Rm 8:3), tirar os pecados, *“pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados”* (Hb 10:4, NVI), porque os sacrifícios oferecidos repetidamente *“nunca podem remover os pecados”* (Hb 10:11, NVI), *“Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei (moral) fossem plenamente satisfeitas em nós”* (Rm 8:3 e 4, NVI).

Também para tornar real o plano da salvação, o cumprimento de tudo o que os profetas predisseram a Seu respeito no restante da Escritura, teria de cumprir-se na Pessoa de Jesus. Nada, do que estava tipificado nos serviços do santuário e escrito nos profetas a

respeito da Sua missão para salvar o pecador, poderia ser revogado, mas teria de cumprir-se.

Ele também teria de nascer conforme determinava a Sua cadeia genealógica humana para dar cumprimento à proclamação de Deus de que viria em natureza humana como o *“Descendente da mulher”*.

Sem culpa, mas condenado.

Outra questão fundamental na condenação e morte de Jesus, está na condição de não ter uma única mancha de culpa, mas ser condenado, porque Sua morte era Substituta. Se tivesse uma única culpa, não seria o sacrifício perfeito, como Substituto, para pagar o preço do resgate pelo pecador. Ele entregou a Sua vida como o Filho do Homem, *“sem pecado”* (Hb 4:15), perfeito e inculpável, porque nenhum outro nome é dado entre os anjos e os homens que pudesse tornar real a salvação.

Jesus foi julgado e condenado, pelo tribunal e lei civil romanos. No entanto, um detalhe impressiona: cinco vezes, *“Disse Pilatos aos principais sacerdotes e às multidões: Não vejo neste homem crime algum”* (Lc 23:4, ARA), ou expressão similar; 2ª: v. 14; 3ª: v. 22, Mt 27:23 e Mc 15:14; 4ª: Mt 27:24; 5ª: Jo 19:4). Perante a lei civil romana Jesus é declarado justo e inocente.

A mulher de Pilatos enviou-lhe uma mensagem: *“não se envolva com este inocente [...]”* (Mt 27:19, NVI). O centurião romano, que comandou a execução, reconheceu com profunda emoção: *“Certamente este homem era justo”*. E: *“verdadeiramente este era o Filho de Deus”* (Lc 23:47 e Mt 27:54, NVI). Sete vezes Jesus é declarado inocente, sem culpa, e no momento de Sua morte é

reconhecido como o Filho de Deus, o sacrifício da graça do Deus justo e amoroso, para cumprir a justiça exigida contra o homem culpado. João Batista anunciou Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e pelo centurião romano a morte de Jesus foi reconhecida como o sacrifício de Deus em favor do pecador, como uma dádiva e não como uma condenação.

O ato da justa sentença da lei moral executado em Jesus, que veio ao mundo *“à semelhança do homem pecador”* é reconhecido por Deus como *“plenamente satisfeito em nós”*, que somos o transgressor culpado.

O profeta Isaías predizendo o Seu julgamento, declarou: *“Ele não disse nada aos seus juízes e acusadores! Foi condenado num julgamento injusto e mentiroso”* (Is 53:7, 8, BV), *“embora não tivesse feito injustiça, e nenhum engano fosse encontrado em sua boca”* (Is 53:9, NAA)

“Nunca será esquecido que Ele suportou a culpa e a vergonha do pecado e a ocultação da face de Seu Pai, até que as misérias de um mundo perdido Lhe quebrantaram o coração e aniquilaram Sua vida na cruz do Calvário” (GC, p. 539).

O julgamento de Jesus e o plano de Satanás.

Confrontando-se com Jesus nos dias em que esteve neste mundo para o cumprimento de Sua missão, de maneira muito intensa, nos dias que antecederam a Sua morte vitoriosa, Satanás se empenhou com todas as forças e artimanhas para induzir Jesus a pecar ou de alguma forma levá-Lo à morte antes ou depois da *“hora”* marcada no relógio de Deus, aniquilando o Seu plano da salvação.

A Escritura Sagrada e os escritos inspirados revelam as ações de Satanás com outros personagens humanos na condenação e morte de Jesus: *“Então Satanás entrou em Judas [...] e tratou com eles como lhes poderia entregar Jesus”* (Lc 22:3, 4, NVI).

“Judas sabia como eles estavam ansiosos para prender Jesus e se ofereceu para traí-Lo e entregá-Lo aos chefes dos sacerdotes e anciãos, por algumas moedas de prata. [...] Satanás estava operando diretamente por intermédio de Judas e, em meio à cena impressionante da última ceia, o traidor estava imaginando planos para entregar seu Senhor” (HR, p. 145, 146).

Satanás utilizou Judas, um dos discípulos de Jesus, para criar a oportunidade de prender e condenar Jesus à morte.

No horto do Getsêmani, no momento de Sua traição e prisão, Jesus revelou quem verdadeiramente estava na liderança de Sua prisão, do Seu julgamento e da Sua condenação: *“mas é vossa hora e o poder das Trevas”* (Lc 22:53, BJ). Jesus evidencia com grande amplitude e clareza que o conflito de conceitos espirituais teria a manifestação poderosa e mesmo visível do ódio e da maldade de Satanás, *“o poder das Trevas”*

A descrição de Ellen G. White, do julgamento e da condenação de Jesus, revela o quadro dramático e cruel, oculto, ao longo de toda a trama condenatória de Jesus, dessa batalha espiritual, como parte do grande conflito espiritual: *“Voltando, Jesus tornou a procurar o seu retiro, caindo prostrado, vencido pelo horror de uma grande treva. A humanidade do Filho de Deus tremia naquela probante hora. Não orava agora pelos discípulos, para que a fé deles não desfalecesse, mas por Sua própria alma assediada de tentação e angústia. [...] Os próprios demônios, em forma humana, achavam-se na turba, e que*

se poderia esperar, senão a resposta: ‘Seja crucificado’. [...] Desfalecido de fadiga e coberto de ferimentos, Jesus foi levado, sendo açoitado à vista da multidão. [...] Satanás dirigia a cruel massa nos maus tratos ao Salvador. Era seu desígnio provocá-Lo, se possível, à represália, ou levá-Lo a realizar um milagre para Se libertar, frustrando assim o plano da salvação. Uma mancha sobre Sua vida humana, uma falha de Sua humildade para resistir à terrível prova, e o Cordeiro de Deus teria sido uma oferta imperfeita, um fracasso para a redenção do homem. [...] Grande foi a ira de Satanás, ao ver que todos os maus tratos infligidos ao Salvador não Lhe forçaram os lábios a soltar uma só queixa. Embora houvesse tomado sobre Si a natureza humana, era sustido por uma força divina, e não Se apartou num só passo da vontade do Pai. [...] Aos que padeciam morte de cruz era permitido ministrar uma poção entorpecente, para amortecer a sensação de dor. Essa foi oferecida a Jesus; mas havendo-a provado, recusou-a. Não aceitaria nada que Lhe obscurecesse a mente. Sua fé devia ater-se firmemente a Deus. Essa era, Sua única força. Obscurecer a mente era favorecer vantagem a Satanás. [...] Satanás torturava com cruéis tentações o coração de Jesus. [...] Hostes de anjos maus se achavam reunidas em torno daquele lugar. Houvesse sido possível, e o príncipe das trevas com seu exército de apóstatas, teria mantido para sempre fechado o túmulo que guardava o Filho de Deus” (DTN, p. 690, 733, 734, 735, 746, 753 e 779).

Observe-se a cruenta opressão de Satanás contra Cristo, desde o jardim do Getsêmani até o sepulcro providenciado por José de Arimatéia. Uma massa de demônios e seres humanos

comandados por Satanás, agindo com o desígnio de frustrar “o plano da salvação”.

“Cristo sofria vivamente sob maus tratos e insultos. Nas mãos dos seres que criara, e pelos quais estava fazendo imenso sacrifício, recebeu toda espécie de opróbrios. E sofreu proporcionalmente à perfeição de Sua santidade e ao Seu ódio pelo pecado. Seu julgamento por homens que agiam como demônios era-Lhe um sacrifício sem fim. Achar-se rodeado de criaturas humanas sob o domínio de Satanás, era-Lhe revoltante. E sabia que, num momento, por uma irradiação súbita de Seu divino poder, poderia reduzir a pó Seus cruéis atormentadores. Isso tornava a provação mais dura de sofrer” (DTN, p. 700, destaque acrescentado).

“Cortava o Seu coração a ideia de que aqueles que Ele tentava salvar, aqueles a quem tanto amava, se unissem aos planos de Satanás. O conflito era terrível” (DTN, 687).

Quando, Pilatos, em sua última tentativa para não condenar Jesus à morte, valendo-se do costume de soltar um condenado durante a festa da páscoa, colocou ao lado de Jesus o mais hediondo criminoso que estava preso e fez a decisiva pergunta: *“Qual dos dois vocês querem que eu solte?”* (Mt 27:21, NAA), por que a turba descontrolada pediu a libertação de Barrabás e clamou pela condenação de Jesus? *“Satanás e seus anjos tentavam Pilatos e procuravam conduzi-lo à sua própria ruína”* (VA, p. 115).

“Satanás e seus anjos resolveram tornar mais humilhante possível a morte de Cristo. Encheram o coração dos guias judeus de sentimentos de amargo ódio ao Salvador. Dominados pelo inimigo, sacerdotes e príncipes instigaram a multidão a postar-se contra o Filho de Deus. [...] E o próprio Pilatos, conhecendo-Lhe a inocência,

entregou-O às afrontas de homens dominados por Satanás” TI, v. 9, p. 229).

No seu livro, “O Desejado de Todas as Nações”, Ellen G. White faz uma declaração contundente sobre a maneira oculta de Satanás agir: *“matando Cristo, os sacerdotes se tinham tornado instrumentos de Satanás. Achavam-se agora inteiramente em seu poder. Estavam emaranhados numa teia da qual não viam escape, senão continuando sua guerra contra Cristo”* (DTN, p. 785).

Para conseguir levar Jesus a pecar, ou desistir de Sua morte Substituta, que foi a batalha decisiva do grande conflito cósmico espiritual, Deus permitiu as ações de Satanás e seus anjos para *“tornar mais humilhante possível a morte de Cristo”*. Satanás, lutando com desespero letal, usou os *“guias judeus, os sacerdotes e príncipes, Pilatos e a multidão de homens dominados pelo seu poder”*.

Jesus experimentou as provas mais severas nos momentos finais da grande batalha do Getsêmani até o Calvário. Se não resistisse a uma de todas as cruéis investidas de Satanás, o plano da salvação estaria destruído.

Em uma de suas mensagens matinais, o Pastor Emilson dos Reis escreveu: *“Se o diabo tentar um de nós e vencer, conquistará apenas um. Talvez, por intermédio deste, alcance mais alguns. Porém, se ele conseguisse levar Cristo a cometer um único pecado, por menor que fosse, quantos ele conquistaria? Subjugaria todos! O destino de toda a humanidade repousava sobre os ombros de Jesus, e Satanás sabia disso. Por essa razão, ele perseguiu Jesus tão incansavelmente, da manjedoura à cruz.*

“Mesmo quando Jesus se esvaía em sangue, na angústia final, Satanás estava a postos. Agindo por meio da multidão curiosa e insensível, dos sacerdotes e demais líderes religiosos e dos próprios ladrões que sofriam ao Seu lado, ele tentou o Salvador a odiá-los e a desistir de Sua missão Mt 27:38-44” (MM, 2023, p. 187).

“Satanás, porém, trabalhando por meio dos elementos desobedientes, contrariava a obra de Deus. Desesperado, determinou-se a eliminar todo raio de luz que brilhasse em meio as trevas morais do mundo e, assim, acabar com a comunicação proveniente do trono divino. Resolveu desafiar Deus Pai, que enviou Seu Filho ao mundo. ‘Este é o herdeiro’ – disseram os lavradores maus – ‘venham, vamos matá-lo, e a herança será nossa’ (Mc 12:7). E assim crucificaram o Senhor da vida e da glória”. (MM, 2022, p. 121).

Atente-se para a aplicação definida de Ellen G. White, da parábola dos lavradores: *“Satanás, [...] determinou-se a eliminar todo raio de luz que brilhasse em meio as trevas morais do mundo. [...] Resolveu desafiar Deus Pai, que enviou Seu Filho ao mundo. ‘Este é o herdeiro’ – disseram os lavradores maus – ‘venham, vamos matá-lo, e a herança será nossa’ (Mc 12:7). E assim crucificaram o Senhor da vida e da glória”. (MM, 2022, p. 121).*

Matando Jesus por meio de instrumentos humanos, Satanás julgava vencida a guerra do grande conflito espiritual e se tornar o soberano definitivo deste mundo com toda a desgraça do pecado.

Satanás, o pecado, e sua temporalidade determinada

Na declaração profética de Gênesis 3:15, Deus faz uma promessa e estabelece que o período entre a promessa e o seu

cumprimento se limita a um espaço de tempo, por Ele determinado. O começo é a queda de Adão, e o fim, é a destruição de Satanás, seus demônios e todos os pecadores rebeldes, no final dos mil anos da prisão de Satanás. Somente Deus conhece a extensão desse espaço de domínio da temporalidade do pecado.

O conflito espiritual entre Cristo e Satanás, é um conflito sem tréguas. Portanto, compreender a história da humanidade à luz dos relatos da Escritura Sagrada, coloca perante nós o grande desafio de submeter ao crivo da sua investigação, sem preconceitos estabelecidos, a autenticidade e veracidade de suas informações. Seguindo este procedimento, as dúvidas são desfeitas.

Há, porém, pelo menos três questões cruciais para compreender o surgimento e a existência do Universo, do planeta Terra e a história da humanidade que nele acontece ao longo de milênios como a conhecemos: a rejeição de Deus como o Criador, a rejeição das Escrituras Sagradas como um documento histórico digno de confiança e o desconhecimento do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás. A terceira é, sem dúvida, o nó górdio. Desconhecer o grande conflito cósmico espiritual, com o conseqüente problema do pecado e o plano da salvação como a única solução para o conflito e o aniquilamento do pecado, é bloquear o caminho para compreender a verdade sobre a criação, a existência e o desígnio de nosso mundo e do Universo.

Se no estudo das Escrituras Sagradas e especialmente de suas profecias, não divisarmos este conflito, Cristo por meio de Seu instrumento, a igreja, proclamando o plano da salvação, e Satanás, por meio de seus instrumentos, os poderes temporais e os poderes espirituais corrompidos, atacando a Cristo e o plano da salvação, não

compreendemos a verdadeira história a humanidade, continuamos desconhecendo o domínio de Satanás sobre a mente humana e não compreendendo a verdadeira razão da existência do pecado, do bem e do mal. Aliás, o pecado é um conceito inexistente no contexto do conhecimento e da sabedoria humana.

Esta é a grande questão que gera tantos porquês, questionando o sofrimento e a morte em face da existência de Deus como Todo-poderoso, justo e amoroso. A compreensão do grande conflito cósmico espiritual é a única resposta convincente para a existência do pecado e suas consequências: sofrimento e morte.

O SÉTIMO SELO

Com estas perspectivas analisemos a visão do profeta João relatada no capítulo 8 de Apocalipse: *“Quando o Cordeiro quebrou o sétimo selo, houve silêncio no céu durante quase meia hora. Então vi os sete anjos que estão em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas. Veio outro anjo e ficou em pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e lhe foi dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos. Então o anjo pegou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto. Então os sete anjos que tinham as sete trombetas se prepararam para tocar”* (Ap 8:1-6, NAA).

No capítulo 8 de Apocalipse, as cenas projetadas na tela do céu atmosférico na desolada ilha de Patmos retomam a visão dos sete selos, para revelar os acontecimentos que fazem parte do sétimo selo. Enquanto os seis primeiros selos predizem acontecimentos que ocorreram na Terra, desde os dias do apóstolo João até o glorioso acontecimento da volta de Jesus (Ap 6:14-17), a abertura do sétimo selo revela acontecimentos que inicialmente ocorrerão no Céu (Ap 8:1-6), e então, prediz acontecimentos que ocorrerão no Céu e na Terra, descrevendo de maneira mais detalhada o que ele viu no final do sexto selo, a volta de Jesus com glória e majestade (Ap 6:14-17).

Lembrando que a abertura dos sete selos pelo Cordeiro que foi morto, visto pelo profeta na tela do céu atmosférico, acontece realmente onde se encontra o trono de Deus, o Paraíso. O profeta liga: *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, aos *“sete anjos que estão em pé diante de Deus”*, isto é, no Paraíso, e também ao *“altar*

de ouro que está diante do trono”, onde Jesus abre os sete selos e ministra no santuário celestial, também no Paraíso.

Portanto, os acontecimentos preditos pelo sétimo selo precisam ser entendidos, não como uma volta para o passado, e que devem ser interpretados à luz de relatos históricos, mas uma progressão para o futuro, como acontecimentos escatológicos, dando continuidade aos acontecimentos do sexto selo, com o desdobramento da visão da majestosa volta de Jesus (Ap 6:14-17), e prosseguindo até a vitória total de Deus e do Cordeiro sobre Satanás, no grande conflito cósmico espiritual, no final dos mil anos da prisão de Satanás e seus demônios.

Nas revelações feitas para o profeta João, a visão do capítulo 8 faz parte da visão que o profeta começou a acompanhar a partir do capítulo 4:1: *“depois destas coisas, olhei, e eis que havia uma porta aberta no céu (ouranos). Suba até aqui, e eu lhe mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas”* (NAA).

A partir dessa visão, acompanhou cenas projetadas no céu atmosférico da ilha de Patmos, mostrando o trono de Deus, o Cordeiro digno de abrir o livro dos selos, na sede do Universo, o Paraíso (Ap 5 e 6). Com a abertura do sexto selo, viu o grande terremoto que abalou Lisboa, o escurecimento do sol, da lua e a queda das estrelas, realmente ocorrendo na Terra e no céu sideral (Ap 6:12-14).

Então as cenas passaram para a segunda vinda de Jesus e a reação dos seres humanos diante do glorioso espetáculo (Ap 6:15-17).

No capítulo 7, a cena retorna no tempo para pouco antes do fechamento da porta da graça e revela o selamento dos santos, na Terra, confirmando a certeza de sua salvação, a garantia de propriedade e proteção, como aconteceu com o sangue nos umbrais das portas dos lares israelitas, durante o período dos últimos sete flagelos sobre os ímpios, e passando para a sua recepção, no Paraíso. Tudo passa diante do profeta como um filme na tela do céu atmosférico, mas as cenas mostram acontecimentos que ocorrem na Terra, no céu sideral e no Paraíso.

No capítulo 8, a cena retorna para a visão da abertura dos sete selos que acontece onde está o trono de Deus, no Paraíso, portanto o mesmo local da recepção dos santos, mas a projeção na tela atmosférica, retrocede para a abertura do sétimo selo.

Na visão da recepção dos salvos a cena é de movimento e muito regozijo. Mas, assim que o Cordeiro abre o sétimo selo, a tela do céu atmosférico e o ambiente onde se encontra o profeta é dominado por um profundo período de silêncio, *“durante quase meia hora”*, que em realidade acontece no Paraíso.

Os primeiros acontecimentos revelados com a abertura do sétimo selo, significativamente importantes, ocorrerão no Céu, o Paraíso. João revela em suas predições que a abertura do sétimo selo começa com o acontecimento de *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, seguido pela visão de *“sete anjos que estão em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas”* (Ap 8:1, 2, NAA).

Na sequência, João viu outro anjo com um incensário de ouro, junto ao altar, isto, no santuário celestial, com muito incenso para oferecer a Deus junto com as orações dos santos. O acontecimento tem lugar no santuário celestial, mas é realizado em favor dos santos

aqui na Terra, que receberam o selo de Deus, visão relatada no capítulo 7, se unindo às suas orações em seu clamor a Deus para libertá-los do poder do pecado e sustentá-los em sua fé na esperança durante o período do toque das sete trombetas, que culmina com o retorno de Jesus,

Em seguida o anjo encheu o incensário com fogo do altar e lançou-o sobre a terra, e então acontece uma primeira manifestação poderosa do poder e da Soberania de Deus: *“houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:3-5, NVI).

O silêncio por “quase meia hora” no contexto das visões

Analisemos o período de silêncio no contexto do modelo das visões do profeta. Entendendo que o profeta via os acontecimentos projetados na tela do firmamento, o céu atmosférico, mas a realidade, dependendo das cenas, ocorria em diferentes locais, podemos imaginar a sequência seguindo o relato do profeta.

A abertura do sétimo selo determina como primeiro acontecimento um período de *“silêncio no céu durante quase meia hora”*. Onde realmente acontece esse período de *“silêncio”*? Quando acontece? E, por que acontece esse momento de *“silêncio”*?

Onde acontece essa “quase meia hora de silêncio”?

O profeta relata: *“quando o Cordeiro quebrou o sétimo selo, houve silêncio no céu durante quase meia hora”*. (Ap 8:1, NAA).

Em Apocalipse 5:1, o profeta deixa bem evidente que a abertura dos sete selos acontece no local onde se encontra o trono de Deus: *“Então vi na mão direita daquele que está assentado no trono um livro em forma de rolo, escrito de ambos os lados e selado com sete selos”* (NVI).

O primeiro acontecimento relatado pelo profeta com a abertura do sétimo selo é o momento de silêncio *“durante quase meia hora”*, ocorrendo no Paraíso, porque é na mão direita de quem está assentado no trono que se encontra o rolo selado com sete selos, e é ali junto ao trono que o Cordeiro abre os sete selos. Na sequência, o profeta vê sete anjos a quem foram dadas sete trombetas; outro anjo com um incensário de ouro prepara-se para oferecer muito incenso com as orações dos santos; este anjo, enche o incensário com fogo do altar e o lança sobre a Terra; ouve-se então uma manifestação do poder soberano de Deus, e os sete anjos com as *“sete trombetas, preparam-se para tocá-las”* (Ap 8:6, NVI).

Como a abertura dos sete selos acontece no Paraíso, junto ao trono de Deus, mas que o profeta acompanha na tela do céu atmosférico, uma análise atenta conduz à compreensão de que os primeiros acontecimentos da abertura do sétimo selo, incluindo o *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, sucedem no Paraíso, onde se encontra o trono de Deus e o santuário, e, onde os exércitos do *“Reino dos Céus”*, anjos com as suas trombetas (Ap 8:2) e anjos com as taças da ira de Deus (Ap 16:1), estão em preparo para a batalha final do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

Quando acontece esse momento de silêncio?

Alguns estudiosos das Escrituras Sagradas interpretam que esse período de tempo refere a transladação dos santos, da Terra ao Céu, apoiados nas declarações em “Primeiros Escritos”, páginas 16 e 110.

Analisemos a declaração da página 16 em seu contexto. No relato de sua primeira visão, Ellen G. White está descrevendo o

glorioso acontecimento da segunda vinda de Jesus. Destaco alguns argumentos: *“Todos nós em silêncio solene olhávamos a nuvem que se aproximava, [...] enquanto em redor dela se achavam dez milhares de anjos, entoando um cântico agradabilíssimo; e sobre ela estava sentado o Filho do homem. [...] Todos nós exclamamos então: ‘Quem poderá estar em pé? Estão as minhas vestes sem mancha?’ Então os anjos cessaram de cantar, e houve algum tempo de terrível silêncio, quando Jesus falou: ‘Aqueles que têm mãos limpas e coração puro serão capazes de estar em pé; Minha graça vos basta’. [...] Houve um forte terremoto. As sepulturas se abriram, e os mortos saíram revestidos de imortalidade. [...] Todos nós entramos na nuvem, e estivemos sete dias ascendendo para o mar de vidro”* (PE, p.15, 16).

O texto relata a segunda vinda de Jesus, referindo a dois momentos de *silêncio*, não nos Céus, mas aqui na Terra. No primeiro momento, os santos em *silêncio*, estão acompanhando a vinda do cortejo celestial, e no segundo momento, os anjos cessam o seu cântico e um *“terrível silêncio”* precede a proclamação de Jesus de que os puros de coração, confiantes em Sua graça estão aptos para receber a recompensa de vida eterna em Seu Reino. Com a ressurreição de todos os que morreram na fé em Cristo, e a transformação dos santos vivos, refere à viagem de sete dias até o Céu, mas não declara que há *“silêncio no céu”* durante esse período. O mais importante, é que Ellen G. White não fundamenta o seu relato em Apocalipse 8:1. Ela descreve a sua visão dos acontecimentos, mas sem referir à *“cerca de meia hora de silêncio”*, relatada por João. Ela fundamenta o tempo da viagem na visão que lhe foi revelada.

No contexto em que João descreve esse período de *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, oferece algumas dificuldades para relacioná-lo com a visão de Ellen G. White. O período de *silêncio*, encontra-se na abertura do sétimo selo, isto é, é o primeiro acontecimento do sétimo selo. Depois desse período de *silêncio*, segue a visão de sete anjos com sete trombetas, o oferecimento do incenso a favor dos santos, o lançar do fogo do altar sobre a Terra, a poderosa proclamação do poder e da soberania de Deus e os sete anjos com as sete trombetas se preparando para tocá-las e, então, começa a sequência de acontecimentos ao soar de cada trombeta.

Portanto, entre o *silêncio* nos Céus e a volta de Jesus, e então, os santos subindo aos Céus, está a sequência que culmina com o toque das sete trombetas e das sete últimas pragas. Para oferecer coerência, o período de *silêncio* teria de fazer parte da sétima trombeta que anuncia: *“o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI). Entretanto, ele acontece antes de soar a primeira trombeta.

A visão da abertura do sétimo selo, com *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, mesmo não usada por Ellen G. White para fundamentar a sua declaração do tempo de viagem dos santos para o Céu, não anula a sua declaração. Pelo contrário, revela que Deus omitiu a informação de Apocalipse 8:1, para Ellen G. White, porque o seu contexto identifica outro acontecimento.

No entanto, outra declaração de Ellen G. White em “Primeiros Escritos”, página 110, traz o argumento: *“todo o Céu estará vazio de anjos, enquanto os expectantes santos O estarão aguardando e com os olhos postos no Céu, [...]”*.

Essa declaração é feita também sem estar ancorada em Apocalipse 8:1. Para obter discernimento sobre a declaração é importante seguir o princípio bíblico comparando e analisando outras declarações e buscando compreensão nos fundamentos do texto sagrado.

A gloriosa recepção dos salvos

Ligando o relato da visão de Ellen G. White com o Salmo 24, encontramos alguns argumentos importantes. Às perguntas: *“Quem poderá estar em pé? Estão as minhas vestes sem mancha?”* (PE, p. 16), encontram eco no verso 3 do Salmo 24: *“Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar?”* (NAA). E a resposta de Jesus: *“aqueles que têm mãos limpas e coração puro serão capazes de estar em pé; Minha graça vos basta”* (PE, p. 16), estabelece harmonia com os versos 4 a 6 do Salmo 24: *“O que é limpo de mãos e puro de coração, [...] este receberá do Senhor a bênção e a justiça do Deus da salvação”* (NAA).

O Salmo 24, na sequência, relata o cortejo dos santos, precedido pelo Rei da Glória, chegando aos portais do Céu, e ouve-se então um majestoso responso entre os recepcionistas e os bem-vindos, proclamando: *“Levantem as suas cabeças, ó portas! Levantem-se, ó portais eternos, para que entre o Rei da glória”*. Os recepcionistas perguntam com a tônica que expressa exaltação pela vitória: *“Quem é o Rei da glória?”* (Sl 24:7, 8, NAA).

O responso somente pode acontecer porque, enquanto uma grande multidão do exército de anjos veio com Jesus para buscar os salvos, outra multidão permaneceu no Céu para o mais glorioso momento do plano da salvação: recepcionar e aclamar Cristo Jesus,

o Rei da glória, vitorioso no grande conflito cósmico espiritual, trazendo os Seus troféus.

Os bem-vindos respondem com a proclamação do magnífico triunfo: *“o Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas”,* para repetir a majestosa aclamação da chegada do poderoso conquistador: *“Levantem as suas cabeças, ó portas! Levantem-se, ó portais eternos, para que entre o Rei da glória”* (SI 24:8, 9, NAA).

Os recepcionistas insistem em tom de pergunta que confere toda a importância ao acontecimento; *“Quem é esse Rei da glória?”* E todo o Universo, bem-vindos e recepcionistas com brados retumbantes de alegria eterna, aclamam: *“o Senhor dos Exércitos, Ele é o Rei da glória”* (SI 24:10, NAA).

Então, como o Todo-Poderoso vencedor, Jesus apresenta para o Universo os troféus conquistados com o amor eterno (Jr 31:3), e concede a cada vencedor, pelo poder do *“sangue do Cordeiro”* (Ap 12:11), a coroa da vitória sobre o pecado.

Em seu livro, *“A História da Redenção”*, Ellen G. White descreve o glorioso momento da coroação dos salvos, antes, de em marcha triunfal transpor os *“portais eternos”*, entrando no Céu: *“Antes de entrar na cidade, os santos foram dispostos em um quadrado perfeito, com Jesus no centro. Ele de pé, com a cabeça e ombros acima dos santos, e acima dos anjos. Sua forma majestosa e o adorável rosto podiam ser vistos por todos no quadrado. [...] Vi então um grandíssimo número de anjos trazerem da cidade gloriosas coroas, sendo uma para cada santo, com seu nome escrito na mesma”* (HR, p. 412, 413).

O relato descreve a chegada de Jesus com os santos à entrada da cidade preparada para os salvos. E, “*então um grandíssimo número de anjos trazerem da cidade gloriosas coroas*”, para coroar os santos pela vitória sobre Satanás e o pecado pelo poder triunfante de Jesus.

No Céu, não haverá *silêncio* precedendo a recepção dos salvos, porque não é possível imaginar *silêncio* para o preparo de uma grande festa. E muito mais, para a festa da eternidade. Em visão, na minha mente, vejo representantes de todos os mundos, presentes nos Céus, para essa empolgante recepção. Estarão todos em *silêncio*, aguardando o maior momento para o Universo de Deus?

A visão de Ellen G. White, da volta de Jesus, é a primeira a ela revelada pouco depois do grande desapontamento em 1844, e publicada em 1846. Visões posteriores adicionaram detalhes mais abundantes sobre os acontecimentos finais e a segunda vinda de Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para trazer a recompensa de vida eterna para os justos salvos, e de condenação eterna para os pecadores rebeldes ao plano da salvação. No seu livro, “O Grande Conflito”, o relato da visão de “Primeiros Escritos” é repetido, com alguma variação nas palavras, mas omite a informação dos “*sete dias ascendendo para o mar de vidro*”.

O fato de não fazer referência ao acontecimento da viagem de sete dias dos salvos para o mar de vidro, em visões subsequentes, não invalida a informação. A questão importante, é não fundamentar a declaração em Apocalipse 8:1, porque João prediz um acontecimento que ocorrerá no Céu, na abertura do sétimo selo e não, no seu final. No relato de sua visão, Ellen G. White fala do acontecimento que fechará o sétimo selo. Portanto, são dois

acontecimentos distintos, revelados em visões distintas, para dois profetas distintos.

Outro importante detalhe que precisa ser considerado é a sequência dos acontecimentos que abrange o período do sétimo selo, iniciando com o *“silêncio no céu durante quase meia hora”*; continuando com os sete anjos que recebem sete trombetas; o anjo trazendo um incensário de ouro e muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos; em seguida o anjo enche o incensário com fogo do altar e o lança sobre a Terra; e, em resposta à poderosa manifestação do poder e da Soberania de Deus, *“os sete anjos, que tinham as sete trombetas, se prepararam para tocar”* (Ap 8:6, NAA), e os acontecimentos relacionados com a visão das sete trombetas, passam a se desenrolar na Terra (Ap 8:7-13, 9 e 11:15-19). A volta de Jesus e a viagem dos salvos para o Céu, acontece depois do toque da sétima trombeta e a execução da sétima praga.

Portanto, de acordo com Apocalipse 8:1, os acontecimentos do sétimo selo, terão o seu início com o período de *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, antes de soar a primeira trombeta e terminarão com o toque da sétima trombeta, a sétima praga e o acontecimento relatado por Ellen G. White de que, *“todos nós entramos na nuvem, e estivemos sete dias ascendendo para o mar de vidro”* (PE, p. 16), mas esse período de tempo da viagem não está relacionado com o *silêncio* nos Céus.

O tempo de silêncio e a tristeza de Deus

Por que acontece esse período de tempo de silêncio? Os profetas e escritores do Novo Testamento, ancoram os argumentos de suas mensagens em relatos do Velho Testamento. Portanto, relacionando esse *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, sete

dias em tempo profético, com a destruição realizada por Deus com o dilúvio, encontramos um paralelo muito significativo. Por que Deus instruiu Noé, de que depois de ele entrar na arca, *“daqui a sete dias farei chover sobre a terra [...]”* (Gn 7:4, NVI).

Por que depois de sete dias? Moisés em Gênesis 6, informa: *“O Senhor viu que a maldade das pessoas havia se multiplicado na terra e que todo desígnio do coração deles era continuamente mau. Então o Senhor ficou triste por haver feito o ser humano na terra, e isso lhe pesou no coração. [...] O Senhor disse: Farei desaparecer da face da terra o ser humano que criei. Destruirei não apenas as pessoas, mas também os animais, os seres que rastejam e as aves dos céus; porque estou triste por havê-lo feito”* (Gn 6:5-7, NAA).

As declarações são muito explícitas relacionando a frustração de Deus, Sua profunda tristeza e os sete dias de espera para então destruir o que havia criado para o Seu deleite. Certamente houve tristeza e silêncio no Céu e em todo o Universo durante sete dias, ou, *“durante quase meia hora”*, antes de Deus fazer jorrar todas as fontes das grandes profundezas e abrir as comportas do céu (Gn 7:11), para com a Sua perfeita justiça executar o juízo e destruir os pecadores rebeldes e impenitentes. Deus estava profundamente triste por necessitar aniquilar as obras de Sua criação. Se Deus estava triste, certamente todo o Céu estava triste e em silêncio, isto é, todo o Universo. Essa tristeza, é frustração.

Atos de Deus executados com tristeza

A mesma situação se repetirá antes dos acontecimentos das sete trombetas e das últimas sete pragas. *“Porque o Senhor se levantará [...] para realizar a Sua obra, a sua obra alheia, e para executar a Sua tarefa, a Sua tarefa estranha”* (Is 28:21, NAA).

A destruição é uma obra alheia, estranha, para Deus que se deleita em criar. *“E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom”* (Gn 1:31, NVI).

Mas, para purificar o Universo das obras corruptoras de Satanás, terá de executar a estranha obra de destruir todas as criaturas e toda a criação realizada pelo poder de Sua Palavra, que se encontram neste planeta, porque tudo foi corrompido pela temporalidade do pecado.

A quem e o que Deus destruirá antes da restauração do Seu Reino no planeta Terra? *“Todo o que é chamado pelo Meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz”* (Is 43:7, NVI).

Destruir a todos aqueles que criara para glorificá-Lo, mas que recusaram o Seu plano e contra Ele se rebelaram, é um ato estranho para Deus e pesa em Seu coração.

Porém, a destruição atingirá outras criaturas criadas para a Sua glória: *“Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. [...] Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes. Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado”* (Ez 28:12, 14, 15, NVI).

Lúcifer, o portador de luz, que se transformou em Satanás, o destruidor, e a terça parte de anjos que a ele se uniu, será destruída. Deus não executará essa tarefa como um déspota insano, mas como o Deus da justiça e do amor eternos.

“Um conto rabínico sobre a travessia do Mar Vermelho diz: assim que o mar começou a afogar os egípcios. [...] Então a voz triste de Deus interveio, dizendo: ‘A obra das Minhas mãos, Minha criação,

afundou no mar!’ O amor de Deus é tão grande que Ele não tem prazer na destruição, mesmo dos mais ímpios” (Lição da ESabatina, Edição do Professor, com comentários de Ellen G. White, Segundo Trimestre de 2021, p. 67, 68).

“Para o nosso misericordioso Deus, infligir castigo é um ato estranho. ‘Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso’ (Ez 33:11” (GC, p. 520)

A tristeza de Jesus

Quando Jesus, antes de Sua condenação à morte, entrou em Jerusalém, ao avistá-la ainda à distância, chorou e lamentou por causa da incredulidade daqueles que por Ele foram escolhidos para ser para Ele a Sua *“propriedade peculiar dentre todos os povos [...] um reino de sacerdotes e uma nação santa”* (Êx 19:5, 6, NAA), mas O rejeitaram.

“As lágrimas agonizantes de Cristo não foram derramadas apenas por Jerusalém. Ele chorou ao pensar na terrível retribuição que sobrevirá ao mundo impenitente” (MM, 2022, p. 239).

Destruir, aniquilando totalmente aqueles que criou para a Sua glória, é um ato estranho que pesa, corta, o coração de Jesus.

Aproximava-se a hora de Jesus sofrer a Sua morte sacrifício em favor dos pecadores. Para três de Seus discípulos disse: *“a minha alma está profundamente triste, uma tristeza mortal”* (Mt 26:38, NVI).

Dois eram os motivos dessa profunda tristeza, mas que se fundem em um só. *“Agora, porém, parecia excluído da luz da mantenedora presença de Deus. Era então contado entre os transgressores. Devia suportar a culpa da humanidade caída. Sobre Aquele que não conheceu pecado, devia pesar a iniquidade da raça*

caída. Tão horrível Lhe parece o pecado, tão grande o peso da culpa que deve levar sobre Si, que é tentado a temer que ele O separe para sempre do amor do Pai. Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclama: ‘a Minha alma está profundamente triste até a morte’” (DTN, p. 681).

A tristeza de Jesus se fundava na terrível malignidade do pecado, temendo que a culpa assumida de todos os transgressores, excedesse a grandeza de Sua justiça e de Sua vida sem pecado, separando-O *“para sempre do amor do Pai”*.

“Sua alma estava cheia do medo esmagador da separação de Deus em consequência do pecado. Satanás Lhe dissera que, se Ele se tornasse o substituto e Penhor por um mundo pecador, jamais voltaria a ser um com Deus, mas permaneceria sob seu controle” (MM, 2022, p. 331).

No entanto, a tristeza de Jesus também revelava os Seus mais profundos sentimentos pelos pecadores *“oprimidos pelo Diabo”* (At 10:38), para os quais viera ao mundo para os salvar, mas que rejeitaram a Sua dádiva de amor e graça: *“Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores”* (Mt 26:45, NVI).

“Cristo sofria vivamente sob maus tratos e insultos. Nas mãos dos seres que criara, e pelos quais estava fazendo imenso sacrifício, recebeu toda espécie de opróbrios. E sofreu proporcionalmente à perfeição de Sua santidade e ao Seu ódio pelo pecado. Seu julgamento por homens que agiam como demônios era-Lhe um sacrifício sem fim. Achar-se rodeado de criaturas humanas sob o domínio de Satanás, era-Lhe revoltante. E sabia que, num momento, por uma irradiação súbita de Seu divino poder, poderia reduzir a pó

Seus cruéis atormentadores. Isso tornava a provação mais dura de sofrer” (DTN, p. 700).

“Cortava o Seu coração a ideia de que aqueles que Ele tentava salvar, aqueles a quem tanto amava, se unissem aos planos de Satanás. O conflito era terrível” (DTN, 687).

O pastor Zinaldo A. Santos resumiu em uma frase os motivos da tristeza de Jesus” *“sentiu tristeza diante da incredulidade dos ouvintes e diante do amargo cálice que provaria” (MM, 2020, p. 310).*

Entretanto, a tristeza e o sofrimento não eram somente de Jesus: *“Mas Deus sofria com Seu Filho. Anjos contemplavam a agonia do Salvador. Viam seu Senhor circundado de legiões das forças satânicas, Sua natureza vergada ao peso de misterioso pavor que todo O fazia tremer. Houve silêncio no Céu. Nenhuma harpa soava. [...] O anjo não veio para tomar-Lhe o cálice das mãos, mas para fortalecê-Lo a fim de que o bebesse, com a certeza do amor do Pai. [...] Afirmou-Lhe que Seu Pai é maior e mais poderoso que Satanás, que Sua morte redundaria na inteira derrota do mesmo, e que o reino deste mundo seria dado aos santos do Altíssimo. Disse-Lhe que Ele veria o trabalho de Sua alma, e ficaria satisfeito, pois contemplaria uma multidão de membros da família humana salvos, eternamente salvos” (DTN, p. 693, 694).*

Deus declara: *“teria eu algum prazer na morte do ímpio? Palavra do Soberano, o Senhor. Ao contrário, acaso não me agrada vê-lo desviar-se dos seus caminhos e viver? [...] Pois não me agrada a morte de ninguém” (Ez 18:23, 32, NVI).*

Entretanto, como a justiça e o pecado não podem conviver eternamente, Deus determinou um dia em que todos os seres

criados, celestes e humanos, que rejeitaram o Seu direito de propriedade, se rebelando contra Ele, ou, que foram comprados pelo sangue de Cristo, o incomparável ato e valor da Sua graça, da Sua justiça e do Seu amor, mas recusaram esta dádiva e a Sua proteção amorosa, desobedecendo à Sua lei, serão destruídos. Todas as obras criadas para proclamar a Sua glória como o Criador, mas que foram contaminadas pela temporalidade do pecado e todas as obras realizadas, que exaltam o orgulho humano sob o domínio do pecado, serão destruídas, quando Deus executar a Sua tarefa estranha e misteriosa (Is 28:21).

Essa *“durante quase meia hora de silêncio no céu”*, é o contraponto da gloriosa manifestação do Universo, quando no amanhecer do quarto dia de Suas atividades de criação na Terra, Deus dissipou a última camada de trevas, e abriu as cortinas do Seu canteiro de obras apresentando para o Universo o meio ambiente da Terra preparado para receber a vida animal e o ser humano, que foi criado para ser o seu administrador. Esta última criação de Deus, até aquele momento, deslumbrou o Universo. Um hino de louvor, de exaltação, de glorificação e de adoração ecoou nas arcadas celestes em reconhecimento ao Criador. Que espetáculo glorioso! *“Quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus gritavam de alegria”* (Jó 38:7, NAA).

Todavia, chegou o momento de destruir tudo isso. A decisão desse ato, pesa no coração de Deus e O deixa triste. Assim como aconteceu com o dilúvio, quando com pesar e tristeza em Seu coração, fez sobrevir a destruição, do mesmo modo, antes de executar a obra de purificação da temporalidade do pecado e dos

pecadores impenitentes, o Universo dos Céus ficará em “*silêncio cerca de meia hora*”.

O silêncio é o fruto natural da tristeza. Os três amigos de Jó, que o visitaram durante o seu sofrimento, quando o viram, “*não o reconheceram. Então ergueram a voz e choraram. E cada um, rasgando o seu manto, lançavam pó ao ar sobre a cabeça. Sentaram-se com ele no chão durante sete dias e sete noites. E ninguém lhe disse uma só palavra, pois viram que a dor era muito grande*” (Jó 2:12, 13, NAA).

Confrontando a declaração: “*todo o Céu estará vazio de anjos, enquanto os expectantes santos O estarão aguardando e com os olhos postos no Céu*” (PE, p. 110), com a da “A História da Redenção”, citada acima: “*Vi então um grandíssimo número de anjos trazerem da cidade gloriosas coroas*” (HR, p. 113), entende-se que esta harmoniza com a grandiosa recepção de Jesus e dos salvos, vaticinado no Salmo 24, em um majestoso responso de glorificação, entre os dois corais de anjos.

Entretanto, como o acontecimento da recepção dos salvos com um período de silêncio e vazio no Céu, ou não, não exerce nenhuma influência sobre a salvação dos remidos, porque somos salvos pela fé na graça revelada por meio de Cristo Jesus, vivamos com intensidade a nossa gloriosa esperança, para que, ao chegarmos lá, junto aos portais da cidade santa, recebamos a coroa da vida eterna de nossa vitória sobre Satanás e o pecado pela fé no poder de Jesus.

O arrependimento de Deus

A maioria das versões traduz Gênesis 6:6: “*arrependeu-se o Senhor*”, ou muito similar, para então expressar como Deus se sentiu.

A “Nova Almeida Atualizada” substitui por: *“então o Senhor ficou triste por haver feito o ser humano na terra, e isso lhe pesou no coração”*. Unindo as duas expressões: *“então o Senhor ficou triste”*, e: *“isso lhe pesou no coração”*, ou como a “Nova Versão Internacional” e “A Bíblia de Jerusalém”, respectivamente traduzem: *“e isso cortou-lhe o coração”*, *“e afligiu-se o seu coração”*, transmite a ideia de um profundo sentimento de tristeza, frustração, decepção.

Deus estabeleceu um plano perfeito e executou-o com grande amor, com toda a dedicação e com inexplicável excelência de perfeição. Entretanto, essa criação perfeita foi maculada, corrompida por um ato de violência, praticado pelo inimigo.

A frustração não é arrependimento no sentido de ter praticado um ato errado e arrepender-se por tê-lo praticado, mas é sentir-se profundamente afligido, porque a criação em que *“tudo havia ficado muito bom”* (Gn 1:31, NVI), perdeu todo o esplendor da sua perfeição, beleza e encanto e transformando-se em grande frustração.

Quem pratica um ato errado e sente que seu íntimo o acusa, envolvendo-o com tristeza, não quer repeti-lo. Essa tristeza, gera o arrependimento no sentido genuíno. O ato cometido atua na consciência como um agulhão causando tristeza e uma batalha íntima buscando destruir o ato praticado. O que é alcançado unicamente pela confissão sincera e contrita: *“um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás”* (Sl 51:17, NVI).

Quem pratica um ato errado e sente tristeza, não pelo ato em si, mas pelas consequências que este ato lançará contra ele, é envolvido por *“uma terrível expectativa de juízo”* (Hb 10:27, NVI), que gera o remorso.

Não foi isso o que aconteceu com Deus. Ele não se arrependeu do trabalho realizado. Pelo contrário, quando contemplou tudo o que havia realizado, culminando com a última criação: o planeta Terra transformado em exuberante jardim, exultou pelo que havia feito. No entanto, quando, de maneira incompreensível e inexplicável o *“que era muito bom”*, foi completamente desvirtuado, por criaturas criadas para glorificá-Lo, Ele teve um profundo sentimento de tristeza, provocado pela frustração de ver o seu plano realizado, destruído pela interferência do inimigo. Mas, como Deus eterno, onisciente e presciente, proclamou decididamente: *“vou fazer tudo novamente, de tal maneira que Minha tristeza desaparecerá totalmente. Jamais virá à Minha mente”* (Is 65:17).

AS SETE TROMBETAS E OS SETE ÚLTIMOS FLAGELOS

Em Apocalipse 8, quando foi aberto o sétimo selo, João acompanhou uma sequência de acontecimentos no santuário do Céu que culmina com a visão dos sete anjos diante do trono de Deus que receberam sete trombetas (Ap 8:1-6).

Antes de esses sete anjos receberem a ordem para tocar as suas trombetas, acontece a primeira manifestação do poder e da Soberania de Deus com *“trovões, vozes, relâmpagos, e um terremoto”* (Ap 8:5, NVI).

Na sequência dessa manifestação, os sete anjos começam a tocar as suas trombetas anunciando que a batalha final do Armagedom do grande conflito cósmico de conceitos espirituais começará e os juízos de condenação e destruição serão executados contra o “suposto” reino de Satanás.

Antes de iniciar *“a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso”* (Ap 16:14, NVI), com os sete flagelos destruidores do poder Deus, do “suposto” reino de Satanás, o mundo estará dividido em duas classes bem distintas: os servos de Deus que foram selados nas testas (Ap 7:3); *“aqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), mas têm *“a marca da besta”* (Ap 16:2, NVI).

“Dois grandes poderes opostos são revelados na última grande batalha. De um lado está o Criador do Céu e da Terra. Todos que se encontram do seu lado têm o seu selo. Eles são obedientes as Suas ordens” (EF, p. 215). *“O Capitão do Exército do Senhor estará à frente dos anjos do Céu para dirigir a batalha”* (ME, p. 426). *Do outro lado está o príncipe das trevas, com os que escolheram a apostasia e a rebelião”* (EF, p. 215).

“Os que escolheram a apostasia e a rebelião”, envolve em primeiro plano os anjos rebeldes que se uniram a Satanás, no Céu, contra o governo de Deus. Em segundo plano estão todos os pecadores impenitentes que rejeitaram a oferta da graça de Deus por meio de Cristo Jesus, e são reunidos pelos espíritos de demônios para a batalha do Armagedom.

“Será travada a batalha do Armagedom. E nesse dia nenhum de nós deverá estar dormindo. Precisamos estar bem despertos, como as virgens prudentes, tendo azeite em nossas vasilhas com nossas lâmpadas. O poder do Espírito Santo deve estar sobre nós, e o Capitão do Exército do Senhor estará à frente dos anjos do Céu para dirigir a batalha. Solenes acontecimentos ainda ocorrerão diante de nós. Soará uma trombeta após a outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra” (ME, v. 3, p. 426).

Compreende-se por estas declarações de Sua mensageira, que Deus relaciona os acontecimentos preditos por meio do profeta João, das sete trombetas e das sete últimas pragas, como integrantes da batalha final do Armagedom, que determina o fim do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

O grande conflito espiritual teve o seu início no Céu, entre Miguel, Cristo, o Criador de todo o Universo, e Lúcifer, a mais honrada criatura, que se transformou em Satanás: *“então estourou a guerra no céu. Miguel e os seus anjos lutaram contra o dragão. Também o dragão e os seus anjos lutaram, mas não conseguiram sair vitoriosos, e não havia mais lugar para eles no céu. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo. Ele foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos” (Ap 12:7-9, NAA).*

Deus, em Sua onisciência e presciência, determina e controla todos os acontecimentos: *“Lembrem-se das coisas passadas, das coisas da antiguidade: que Eu sou Deus e não há outro semelhante a Mim. Desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antiguidade revelo as coisas que ainda não sucederam. Eu digo: o*

Meu conselho permanecerá em pé, e farei toda a Minha vontade” (Is 46:9, 10, NAA).

Ellen G. White comentando a onipresença de Deus, declarou: *“Coisa alguma pode acontecer em qualquer parte do Universo, sem o conhecimento dAquele que é onipresente. Nem um acontecimento sequer da vida humana é desconhecido a nosso Criador” (MM, 1959, p. 61).*

Todos os acontecimentos são previstos por Deus. Nada do que acontece escapa à Sua percepção e o declara de modo inquestionável e irrefutável: *“o Meu conselho permanecerá em pé, e farei toda a Minha vontade” (Is 46:10, NAA).*

Nesse contexto, os acontecimentos da história da humanidade são determinados pelas predições das profecias bíblicas. É Deus, quem revela aos Seus servos os profetas, as profecias predizendo os acontecimentos e os faz ocorrer no tempo determinado, tornando-os acontecimentos históricos da humanidade

Muitos já se preocuparam e muitos ainda se preocupam para determinar o glorioso dia da volta de Jesus, e estar prontos para esse maravilhoso acontecimento. As Escrituras em verdade enfatizam o preparo, vigiai, em todo o tempo de espera, porque a volta de Jesus acontecerá inesperadamente. Jesus fez a importante advertência: *“vigiem, [...] vocês também precisam estar preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam” (Mt 24:42, 44, NVI).*

A primeira profecia bíblica, determinando o período da temporalidade do pecado tem o acontecimento do seu começo, a queda de Adão (Gn 3:15, e tem o acontecimento que determina o seu

fim, a destruição de Satanás e os demônios no final dos mil anos (Ap 20:7-9), mas não determina a exata extensão do período. Jesus respondendo para os discípulos à pergunta sobre o tempo da restauração, declarou: *“não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade”* (At 1:6,7, NVI).

Há profecias bíblicas que predizem o período de tempo entre o acontecimento que determina o seu início e acontecimento que determina o seu fim. Sobre o período das setenta semanas, o profeta Daniel recebeu orientações: *“sabe e entende: desde a saída da orem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta duas semanas”* (Dn 9:25, ARA). Deus especificou um acontecimento para o começo e outro, para o fim. O período mais longo desse modelo de profecia também foi revelado para o profeta Daniel: *“Ele me disse; ‘isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs, então o santuário será purificado’”* (Dn 8:14N, VI), alcançado o seu final no ano 1.844. Não há nenhuma profecia com final determinado, marcado, além do final dos 2.300 anos.

Há profecias com acontecimento marcado, mas com tempo de extensão indefinido: a volta de Jesus: *“porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam”* (M. 24:44, NVI).

Três outros acontecimentos de importância suprema, estão preditos, e terão lugar antes da volta de Jesus, mas que também não têm ocorrência determinada, revelada: o decreto da lei dominical, o fechamento da porta da graça e o início da sequência dos sete flagelos.

O decreto dominial está predito: *“também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar ou vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o número da besta ou o número do seu nome”* (Ap 1:16, 17, NVI).

O fim do tempo da graça de Deus determina que todas as questões estarão definidas: *“continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar a justiça; e continue o santo a santificar-se”* (Jo 22:11, NVI).

“Estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança” (TI, v. 8, p. 42).

Por ser desconhecido esse inaudito momento, da troca de vestimentas da graça de Jesus pelas vestimentas de Sua vingança, a vigilância e estar preparado em todo o tempo é de crucial importância em suas consequências eternas.

Sobre o início dos sete últimos flagelos o profeta João declara. *“Então ouvi uma forte voz que vinha do santuário e dizia aos sete anjos: ‘Vão derramar sobre a terra as sete taças da ira de Deus’* (Ap 1.6:1, NVI). Quando? Depois de fechada a porta da graça. Quando? Depois de promulgado o decreto dominial. Quando? Os acontecimentos estão preditos, mas a sua ocorrência são *“momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade”* (At 1:7, BJ).

Há profecias que têm período de tempo determinado, mas não é possível localizá-las no tempo porque dependem de

acontecimentos preditos cuja ocorrência não está revelada: os sete últimos flagelos: *“por isso num só dia as suas pragas a alcançarão”* (Ap 18:8, NVI).

Assim, por Sua vontade, Deus determinou um período de tempo para a temporalidade de Satanás e suas obras de *“engano”*. Completado esse período, Satanás e todos os seus anjos serão totalmente destruídos, aniquilados, no acontecimento que o profeta João identifica como *“a batalha do grande Dia do Deus Todo-Poderoso”* (Ap 16:14, NAA), em um local, simbolicamente chamado Armagedom (Ap 16:16), que envolve o nosso planeta, supostamente reclamado por Satanás como o seu reino sob o seu domínio.

Essa é a batalha final no grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás: *“o Capitão do Exército do Senhor estará à frente dos anjos do Céu para dirigir a batalha”, e “do outro lado está o príncipe das trevas, com os que escolheram a apostasia e a rebelião”* (ME, v. 3, p. 426 e EF, p. 215).

“Será travada a batalha do Armagedom. [...] Soará uma trombeta após a outra” (ME, v. 3, p. 426), anunciando os juízos de Deus em sua sequência, e *“uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra”* (ME, v. 3, p. 426).

Estas declarações interpretativas determinam que os acontecimentos anunciados pelas sete trombetas, em relação ao nosso tempo, ainda não aconteceram, mas acontecerão no tempo determinado por Deus, no futuro, quando será travada a batalha final do Armagedom, com o exército de Cristo confrontando o exército de Satanás, atacando e destruindo o seu reino e determinando o fim absoluto do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

Portanto, os acontecimentos anunciados pelas sete trombetas ainda não são históricos, mas predições escatológicas. Como suas predições acontecerão durante o período dos últimos sete flagelos, por uma questão óbvia, nunca se tornarão históricos. Esta interpretação faz sentido?

Aceitando que o cumprimento da predição de João, dos acontecimentos das sete trombetas, ainda está no futuro, é preciso cautela na interpretação.

O profeta Isaías teve a visão da intervenção de Deus no final do grande conflito cósmico espiritual: *“Porque eis que o Senhor virá em fogo, e os seus carros de guerra, como uma tempestade, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo. Porque com fogo e com a sua espada o Senhor entrará em juízo com toda a humanidade; e serão muitos os mortos da parte do Senhor”* (Is 66:15, 16, NAA).

“Chegará o estrondo até a extremidade da Terra, porque o Senhor tem contenda com as nações, entrará em juízo com toda a carne; os perversos entregará à espada”. (Jr 25:31). Durante 6 mil anos, o grande conflito esteve em andamento. O Filho de Deus e Seus mensageiros celestiais estavam em guerra contra o poder do maligno para advertir, esclarecer e salvar os filhos dos homens. Agora todos tomaram sua decisão; os ímpios se uniram completamente a Satanás em sua luta contra Deus. É chegado o tempo para Deus reivindicar a autoridade de Sua lei que foi desprezada. Agora a controvérsia não é somente com Satanás, mas também com os homens. ‘O Senhor tem contenda com as nações’; ‘os perversos entregará à espada’” (GC₁ p. 543).

No Céu a controvérsia dos conceitos espirituais começou com Lúcifer, tornando-se Satanás. Na Terra, com a sua vitória sobre Adão, induzindo o ser humano à rebeldia contra Deus e à prática do pecado, durante seis mil anos a controvérsia continuou com Satanás contra Deus e Cristo Jesus, enganando e disputando o domínio sobre os seres humanos. Com a queda de Adão, Deus revelou o plano da Sua justiça e graça eternas do plano da redenção, *“conhecido antes da criação do mundo”* (1Pe 1:20, NVI), para resgatar o ser humano do domínio de Satanás, por meio de Cristo Jesus, que por direito de criação pertence a Ele.

Quando Cristo sair do santuário celestial e fechar a porta da graça, *“a controvérsia não (será) somente com Satanás, mas também com os homens. ‘O Senhor tem contenda com as nações’; ‘os perversos entregará à espada’”* (GC₁ p. 543), [...] *“o Senhor entrará em juízo com toda a humanidade”* (Is 66: 16, NAA). E então, os juízos de Deus, por meio dos últimos sete flagelos, atingirão em primeira sequência, os seres humanos que rejeitaram a Sua justiça e a Sua graça e não receberam o Seu selo de propriedade e proteção. O ajuste contra Satanás, o autor da rebelião, e os seus demônios, ocorrerá no final dos mil anos da prisão de Satanás.

A porta da graça é fechada

Na continuidade de sua visão, João viu *“sete anjos que estão em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas”*. (Ap 8:2, NAA).

Em seguida viu um anjo com um incensário de ouro aproximando-se do altar. *“A ele foi dado muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos”* (Ap 8:3, NVI).

Esse ato de *“muito incenso para oferecer”* (Ap 8:3, NVI), é a resposta às orações dos santos e a garantia da proteção de Deus de Sua propriedade em face dos acontecimentos iminentes ao soar das sete trombetas. Os santos permanecerão durante o período das sete trombetas e das sete últimas pragas sem o intercessor, e o incenso, a provisão da graça de Deus é feita com superabundância. *“Deixando Ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra. Durante esse tempo terrível, os justos devem viver à vista de um Deus santo, sem intercessor”* (GC, p. 510).

Uma questão muito importante em relação ao anjo junto ao altar, é, quem realmente ministra no santuário celestial em favor dos santos?

O apóstolo Paulo, além de outras, fez essa declaração: *“pois Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; ele entrou nos céus, para agora se apresentar diante de Deus em nosso favor”* (HJb 9:24, NVI).

Portanto, quem o profeta João vê ministrando no santuário celestial, é o próprio Cristo, como sumo sacerdote eterno.

Ellen G. White também assim interpretou esse lance do profeta Joao: *“então vi Jesus, que estivera ministrando diante da arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançar o incensário. Levantou as mãos e, e com grande voz disse: ‘está feito’”* (PE, p. 279).

Cristo, encheu o incensário *“com fogo do altar e lançou-o sobre a terra”* (Ap 8:3-5, NVI), proclamando a inquestionável certeza de que chegou o momento decisivo da batalha do grande conflito entre Cristo e Satanás.

Em suas visões, o profeta descreve esse momento com maiores detalhes: *“Vi no céu outro sinal, grande e maravilhoso: sete anjos com as sete últimas pragas, pois com elas se completa a ira de Deus. {...} Depois disso olhei e vi que se abriu nos céus o santuário, o tabernáculo da aliança. Saíram do santuário os sete anjos com as sete pragas. Eles estavam vestidos de linho puro e resplandecente, e tinham cinturões de ouro ao redor do peito. E um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre. O santuário ficou cheio de fumaça da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia entrar no santuário enquanto não se completassem as sete pragas dos sete anjos”* (Ap 15:1, 5-8, NVI).

Apagado o fogo do altar no santuário do Céu, esse enche-se da fumaça da glória e do poder de Deus, cessa a intercessão, termina a misericórdia, finda a graça e a porta da arca da salvação é fechada.

Acontece então, a proclamação do início da batalha final contra Satanás e todas as forças do mal de seu “suposto” reino, com a primeira poderosa manifestação do inquestionável poder e da Soberania de Deus: *“e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:5, NVI).

“Estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança” (TI, v. 8, p. 42).

“Logo o mundo será abandonado pelo anjo da misericórdia, e as sete últimas pragas estão para ser derramadas. [...] Os raios da ira de Deus estão prestes a cair, e quando Ele começar a punir os

transgressores, não haverá um período de pausa até ao fim. A tempestade da ira de Deus está se acumulando, e só permanecerão os que são sanificados pela verdade no amor de Deus. Serão escondidos com Cristo em Deus até que passe a desolação” (TM, p.182).

“Será travada a batalha do Armagedom. [...] Solenes acontecimentos ainda ocorrerão diante de nós. Soará uma trombeta após a outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra” (ME, v. 3, p. 426), porque a controvérsia que durante seis mil anos era com Satanás, fechada a porta da graça, também envolve os pecadores rebeldes que rejeitaram o amoroso convite da graça de Deus.

“Vós o vereis e o vosso coração se regozijará; os vossos membros serão viçosos como a erva; a mão de lahweh se revelará aos Seus servos, mas a Sua cólera, aos Seus inimigos. Com efeito, lahweh virá no fogo, com os Seus carros de guerra, como um furacão, para acalmar com ardor a Sua ira e a Sua ameaça com chamas de fogo. Sim, por meio do fogo lahweh executa o julgamento, com a Sua espada, sobre toda a carne; muitas serão as vítimas de lahweh” (Is 66:14-16, BJ).

As trombetas e o povo de Israel

Entre o povo de Israel a trombeta tinha um uso bastante diversificado, e pelo menos havia dois modelos de trombetas. Ainda junto ao monte Sinai, Deus orientou Moisés, para fazer *“duas trombetas de prata batida. Elas serão usadas por você para convocar a congregação e para dar sinal de partida. [...] Quando, na sua terra, vocês saírem a lutar contra os inimigos que os oprimem, também tocarão as trombetas na forma de alarme” (Nm 10:2, 9, NAA).*

O toque da trombeta podia significar ordem de partida, ordem de parada, isto, na marcha pelo deserto para a terra de Canaã (Nm 10:6, 7). Lá estabelecidos, o toque de trombetas convocava o povo para as festas de alegria e para os diferentes sacrifícios.

Também usavam as “*trombetas de chifre de carneiro*” (Js 6:4), o shofar, para diversificadas convocações.

Um importante toque de alarme convocava o povo para a guerra, contra os inimigos (Nm 10: 9, 10). Na conquista da cidade de Jericó, “*sete sacerdotes, com as sete trombetas de chifre de carneiro diante do Senhor, passaram e tocaram as trombetas; e a arca da aliança do Senhor os seguia*” (Js 6:8, NAA).

A conquista da cidade de Jericó sugere algumas ideias bem interessantes: Israel começou a tomar posse da sua herança, a terra prometida; os habitantes da terra prometida deviam ser destruídos, aniquilados, por causa da sua maldade e rejeição da Soberania de Deus; essa missão devia ser precedida pelo soar das trombetas, anunciando a ação Deus; o toque era de sete trombetas tocadas por sete sacerdotes; a ação de Deus estava manifesta na presença da arca da aliança; a destruição dos rebeldes aconteceria por meio de uma poderosa manifestação de Deus.

Essa intervenção de Deus, dando início a destruição dos habitantes de Canaã, não estabelece uma similaridade típica com o soar das sete trombetas tocadas por sete anjos, “*que estão em pé diante de Deus*” (Ap 8:2, NAA), seguido por sete anjos que recebem ordem “*vinda do santuário*”, onde se encontra a arca da aliança e o trono de Deus (Ap 16:1, NAA), para executar os juízos correspondentes, sobre o “suposto” reino de Satanás, destruindo todos os pecadores que rejeitaram a Soberania de Deus?

A “voz” que comanda

Sobre o grande conflito cósmico espiritual nos seus acontecimentos finais, Ellen G. White declarou: *“estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança”* (TI, v. 8, p. 42)

Atente-se para essa questão muito importante sobre a ordem para os sete anjos com os sete últimos flagelos: *“Então ouvi uma forte voz, que vinha do santuário e dizia aos sete anjos: ‘vão derramar sobre a terra as sete taças da ira de Deus’”* (Ap 16.1, NVI). Esses sete anjos foram vistos por João em visão anterior, registrada no capítulo 15, onde o profeta adiciona alguns detalhes significativos: *“Depois disso olhei e vi que se abriu nos céus o santuário, o tabernáculo de Deus. Saíram do santuário os sete anjos com as sete pragas, [...] O santuário ficou cheio da fumaça da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia entrar no santuário enquanto não se completassem as sete pragas dos sete anjos”* (Ap 15:5-8, NVI).

Na visão, o profeta vê os sete anjos com as sete taças das pragas, sair do santuário e este se encheu com a glória de Deus e do Seu poder.

Em Apocalipse 8, o profeta João já teve uma visão de sete anjos relacionados com os juízos de Deus: *“Vi os sete anjos que se achavam em pé diante de Deus; a eles foram dadas sete trombetas. Outro anjo, que trazia um incensário de ouro, aproximou-se e se colocou em pé junto ao altar. [...] Então o anjo pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra, e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:1-5, NVI).

O profeta viu outros sete anjos que estão em pé diante de Deus, e a eles foram dadas sete trombetas. Mais um anjo com um incensário se aproxima do altar. Já demonstramos que esse *“outro anjo”*, é Cristo Jesus ministrando no santuário celestial. Cristo encheu o incensário com fogo do altar e o lançou sobre a Terra, *“e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto. Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las”* (Ap 8:5, 6, NVI).

O profeta não faz nenhuma referência à *“voz”*, ordenando o toque das sete trombetas, mas passa a relatar a sequência do toque de cada trombeta. Somente em relação a sexta trombeta declara que ouviu *“uma voz que vinha das pontas do altar de ouro que está diante de Deus. Ela disse ao sexto anjo que tinha a trombeta: ‘soltem os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates’* (Ap 9:14, NVI).

Para quem é dada a ordem para soltar os quatro anjos: *“O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e secaram-se as suas águas para que fosse preparado o caminho para os reis que vêm Oriente”* (Ap 16:12, NVI). A ordem do anjo da sexta trombeta é dada para o sexto anjo com a sua taça da ira de Deus que executa a ordem.

De quem é essa voz que ordena ao sexto anjo com a sua trombeta que proclame a ordem para soltar os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates, preparar o caminho para os reis que vem do Oriente e determina acontecimentos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás?

Para executar o castigo, a voz dá a ordem de comando para os sete anjos com as suas taças da ira de Deus. Em relação ao toque

das sete trombetas, no entanto, somente na sexta trombeta uma voz comanda e determina o que deve ser feito. Como entender?

Até o quinto flagelo, as consequências aumentam em magnitude com insuportáveis sofrimentos. Os atingidos, aqueles que não têm o sinal da proteção de Deus na testa, a graça manifestada por Jesus: *“desejão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:6, NVI).

No sexto flagelo, sob a ordem da gloriosa voz do Soberano do Universo, o poderoso exército do Céu entra em ação. Tal como aconteceu na morte dos primogênitos na meia noite no Egito, o exército de anjos exterminadores é solto para executar a sua obra letal de aniquilamento completo do pecado e dos pecadores, em primeira instância, de um terço da humanidade que não tem o selo de Deus na testa.

Como o Universo é regido por leis que estabelecem perfeita ordem, conclui-se que no Céu, onde está o santuário e o trono de Deus, e de onde parte a “voz” que determina todas as ações do grande conflito entre Cristo e Satanás, que tudo é realizado sob o comando do poder Soberano que está assentado no trono: Deus.

Esta maneira de descrever os dois acontecimentos, o soar das trombetas e o derramar das pragas se desenrolando a partir do santuário nos Céus, comunica a ideia de que João viu em duas visões distintas, projetadas no céu atmosférico, sete anjos com trombetas para transmitir a ordem de ação, e outros sete anjos com as *“taças da ira de Deus”* (Ap 16:1, NVI), para executar a ordem. O santuário é o local onde se encontra o trono de Deus, o Soberano do Universo. Portanto, as ordens para determinar a ação e para executá-la, partem do trono de Deus: *“ouvi uma forte voz que vinha*

do santuário” [...] “e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto” (Ap 16:1 e 8:5, NVI).

As cenas que aparecem são de um campo de batalha, mas onde as armas não são de poder bélico material, e sim, de poderosas manifestações destruidoras sobre a natureza, a vida animal e humana, pelo poder de ordem da poderosa Palavra de Deus.

Por meio do poder da Sua Palavra criou todas as coisas (Sl 33:9); pelo mesmo poder da Sua Palavra decreta a destruição de tudo o que foi contaminado e corrompido pela temporalidade do pecado. Deus, com pesar, destruirá tudo o que criou em nosso planeta, para glorificá-Lo, mas que com o espírito de rebelião, rejeitou a Sua soberania de justiça e amor.

Quando Jesus termina a Sua obra intercessora da graça, *“pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra, e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto” (Ap 8:1-5, NVI).*

Assim como proclamou sobre a cruz antes de entregar a Sua vida para ratificar a redenção do ser humano do domínio de Satanás: *“está consumado”*, do mesmo modo Jesus, por meio do ato de lançar o fogo do altar sobre a Terra, declara que a Sua obra da graça redentora está completa: *“continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar justiça; e continue o santo a santificar-se” (Ap 22:11, NVI).*

“Quando Jesus sair do santuário, os que são santos e justos serão santos e justos ainda; pois todos os seus pecados estarão apagados, e eles selados com o selo do Deus vivo. Mas aqueles que forem injustos e sujos serão injustos e sujos ainda” (PE, p. 48).

“Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança” (TI, v. 8, p. 42), e Sua “voz” comanda os atos finais do grande conflito contra Satanás.

Os sete anjos preparados (Ap 8:6), ao toque de sua trombeta, obedecendo a “voz” de comando do Soberano do Universo, determinam a sequência dos alvos que devem ser atingidos pelo poder destruidor *“da ira de Deus”* (Ap 16:1, NAA), e cada anjo com a sua taça, executa a ordem lançando sobre o alvo designado o seu flagelo, sem misericórdia.

Fechada a porta da graça, *“soará uma trombeta após a outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra”* (ME, v. 3, p. 426), até o momento em que *“o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e do santuário saiu uma forte voz que vinha do trono, dizendo: ‘Está feito!’ Houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a terra”* (Ap 16:17, 18, NVI), e acontece a volta de Jesus em glória e majestade.

O poder destruidor das pragas

Outro detalhe muito importante do período das sete trombetas e das sete pragas, é que o castigo não atinge apenas os seres humanos, mas de maneira muito evidente revela que o grande conflito cósmico espiritual envolve Cristo contra Satanás, o seu “suposto” reino e todos os seus demônios.

As declarações da mensageira de Deus são enfáticas: *“quando Ele começar a punir os transgressores, não haverá um período de pausa até ao fim. [...]”* (TM, p.182). *“Soará uma trombeta após a*

outra; uma taça após a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra” (ME, v. 3, p. 426).

Comentando sobre o dilúvio, a pena inspirada declarou: *“A água parecia vir das nuvens em grandes cataratas. Os rios romperam suas margens e inundaram os vales. Jatos de água irrompiam da terra, com força indescritível, arremessando pedras maciças a muitos metros de altura, que, ao caírem, enterravam-se profundamente no solo. [...] À medida que a violência da tempestade aumentava, árvores, edifícios, pedras e terra, eram lançados para todos os lados. [...] O próprio Satanás, obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu por sua existência (PP, p. 71).*

No dilúvio, Deus não atuou para destruir Satanás, mas ele, *“obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu por sua existência”.*

Se Deus obrigou Satanás a permanecer no meio dos elementos em fúria, durante o dilúvio, ele e seus demônios não serão poupados do período das pragas. O castigo atingirá os demônios, mas não os destruindo. A destruição exterminadora acontecerá no final do milênio.

O profeta Malaquias predizendo essa destruição total, declarou: *“pois eis que vem o dia, queimando como fornalha. Todos os soberbos e todos os que praticam o mal serão como a palha; o dia que vem os queimará, diz o Senhor dos Exércitos, de modo que não lhes deixará nem raiz nem ramo” (MI 4:1, NAA).*

“Todos os soberbos e todos os que praticam o mal”, envolve Satanás, seus demônios e todos os pecadores que a ele se uniram na rebelião contra o Reino de Deus, a Sua justiça e o Seu amor.

Todos serão como palha, no dia da grande fornalha. Esse fogo consumidor, não deixará nem raiz, Satanás, nem ramo, seus demônios e os pecadores rebeldes. *“Nas chamas purificadoras, os maus são finalmente destruídos, desde a raiz até os ramos (Satanás é a raiz, e seus seguidores, os ramos)”* (GC, p. 556).

A sincronia das sete trombetas com as sete pragas

Na sequência, João declara: *“Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las* (Ap 8:6, NVI). Por tudo o que acontece antes dessa declaração, os acontecimentos das sete trombetas que são integrantes do sétimo selo, e começam a ser anunciados e ocorrer depois da sequência de acontecimentos vista e relatada pelo profeta, são, portanto, acontecimentos futuros, escatológicos, que passam a ocorrer na Terra após o fechamento da porta da graça (Ap 8:7-13, 9 e 11:15-19).

O toque das sete trombetas encontra o seu antítipo no toque das sete trombetas determinando a destruição de Jericó, o aniquilamento das nações condenadas por Deus e a conquista da Terra Prometida. Assim, o toque das sete trombetas apocalípticas, determina os acontecimentos que destruirão a Satanás, o seu “suposto reino”, e proclamam o restabelecimento do Reino de Cristo sobre o planeta Terra, assim, como estabeleceu Israel na terra de Canaã: *“O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI).

Esta maneira de compreender o cumprimento dos acontecimentos das sete trombetas harmoniza com as declarações da mensageira de Deus, que são enfáticas: *“quando Ele começar a punir os transgressores, não haverá um período de pausa até ao fim. [...]”* (TM, p.182). *“Soará uma trombeta após a outra; uma taça após*

a outra será derramada sucessivamente sobre os habitantes da Terra” (ME, v. 3, p. 426).

Essas declarações evidenciam que o soar das trombetas está relacionado com as sete últimas pragas. Nesse contexto, compreendendo que os acontecimentos anunciados pelas sete trombetas são futuros, não compete a nós dizer como todos os detalhes serão executados por Deus. No entanto, somos desafiados ao estudo para obter luz até o limite que Deus revela.

Destacamos uma questão muito importante na maneira de Deus atuar. Assim como em Sua *“grande misericórdia, de acordo com Seu caráter divino, Deus suportou Lúcifer por muito tempo”* (PP, p. 14), do mesmo modo Ele age com a humanidade pecadora e rebelde aos princípios do Seu Reino e às Suas manifestações de amor.

No plano e no cronograma eterno de Deus, *“há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu”* (Ec 3:1, NVI): *“Deus mantém uma conta com as nações. Durante todos os séculos da história deste mundo, os maus obreiros têm acumulado, ira para o dia da ira, e quando chegar o tempo em que a iniquidade atingir o limite estabelecido da misericórdia divina, Sua clemência terminará. Quando os números acumulados nos registros do Céu indicarem que o total da transgressão está completa, virá a ira, sem mistura de misericórdia, e então se verá que terrível coisa é esgotar a paciência divina. Essa crise será atingida quando as nações se unirem na invalidação da lei de Deus”* (TI, p. 524).

“A substituição do verdadeiro pelo falso é o último ato do drama. Quando essa substituição se tornar universal, Deus se revelará. Quando as leis humanas forem exaltadas acima das leis de Deus,

quando os poderes da Terra procurarem obrigar as pessoas a guardar o primeiro dia da semana, saibam que é chegado o tempo para Deus atuar. Ele se levantará em Sua majestade e sacudirá terrivelmente a Terra. Sairá do Seu lugar para punir os habitantes do mundo por sua iniquidade. A Terra descobrirá o seu sangue e já não encobrirá aqueles que foram mortos” (Maranata, 2021, p. 261).

Acompanhemos em pequeno esboço a sincronia das sete trombetas com as sete pragas. A seguir faremos uma análise mais detalhada.

Tanto em Apocalipse 8 como 16, as visões do profeta se centralizam no santuário celestial, porque é nele que se realiza todo o plano da salvação; no santuário se desenvolvem todas as ações de proteção a favor dos santos, e dele partem todas as ações de Deus para a batalha do Armagedom, a destruição do “suposto” reino de Satanás e seus demônios, o castigo e destruição de todos os ímpios. Cada ação terá o seu anúncio pelo respectivo anjo com a sua trombeta e o acontecimento ocorrerá com a ação do respectivo anjo com a execução da sua taça destruidora “*da ira de Deus*” (Ap 16:1, NAA). São acontecimentos escatológicos preditos que ainda devem ocorrer.

A primeira trombeta é tocada e anuncia juízos sobre a terra. A primeira praga é derramada sobre a terra.

A segunda trombeta proclama juízos sobre o mar. A segunda praga é derramada no mar.

A terceira trombeta anuncia juízos sobre os rios e as fontes de águas. A terceira praga é lançada sobre os rios e as fontes de águas.

A quarta trombeta proclama juízos por meio do Sol, da Lua e das estrelas. A quarta praga é derramada sobre o Sol.

A quinta trombeta envolve uma estrela que caiu do céu, e provoca escuridão, trevas. A quinta praga é derramada sobre o trono da besta que é envolvido por trevas.

A sexta trombeta está relacionada com o grande rio Eufrates. A sexta praga é derramada sobre o grande rio Eufrates.

A sétima trombeta proclama a segunda vinda de Jesus e a restauração do Reino de Deus no planeta Terra. A sétima praga é derramada no ar e ouve-se a proclamação: *“está feito”*.

A primeira trombeta e a primeira praga

“O primeiro anjo tocou a sua trombeta, e granizo e fogo misturado com sangue foram lançados sobre a terra. Foi queimado um terço da terra, um terço das árvores e toda a relva verde” (Ap 8:7, NVI). *“O primeiro anjo foi e derramou a sua taça pela terra, e abriram-se feridas malignas e dolorosas naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI).

A primeira trombeta anuncia granizo e fogo misturado com sangue, e o primeiro anjo com a sua taça da ira de Deus contra o pecado, derrama-a sobre a Terra, e como consequência desses três flagelos: *“granizo e fogo misturados com sangue”* (Ap 8:7, NVI), é atingida a terça parte do reino de Satanás, destruindo a terça parte da vida vegetal (Ap 8:7), e as pessoas são castigadas com *“feridas malignas e dolorosas”* (Ap 16:2, NVI).

O profeta Zacarias, assim descreve o terrível poder dessa poderosa arma destruidora da ira de Deus: *“esta será a praga com que o Senhor castigará todos os povos que guerrearem contra*

Jerusalém: a carne deles apodrecerá estando eles em pé, os seus olhos apodrecerão nas suas órbitas, e a língua deles apodrecerá na boca” (Zc14:12, NAA). Jerusalém, é típico do povo fiel a Deus.

Um detalhe importante que é colocado em destaque é que as pragas atingem as *“pessoas que tinham a marca da besta e que adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NAA).

Assim, a determinação da ordem das sete trombetas é dirigida contra o reino de Satanás e seus súditos, e a poderosa arma de destruição da primeira praga fere com feridas malignas e dolorosas grande número desses súditos humanos do reino de Satanás e inimigos de Deus.

Esse detalhe também aparece na terceira praga, mas identificando os atingidos com aqueles que *“derramaram sangue de santos e profetas, também lhes deste sangue para beber. É o que merecem”* (Ap 16:6, NAA).

Na quinta praga esse detalhe aparece na proclamação da ordem pelo quinto anjo ao toque de sua trombeta, mas de forma inversa, determinando que: *“tão somente às pessoas que não tinham o selo de Deus”* (Ap 9:4, NAA), são o alvo das pragas. Na execução da ordem pelo quinto anjo com a sua taça, o detalhe aparece na declaração: *“contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado”* (Ap 16:11, NVI).

“Os ímpios estão cheios de aflição não por causa de sua pecaminosa negligência para com Deus e seus semelhantes, mas porque Deus venceu. Lamentam, que o resultado seja o que é, mas não se arrependem de sua impiedade. Se pudessem, não deixariam de experimentar todo e qualquer meio para vencer” (GC, p. 542).

Da mesma forma, na proclamação da sexta trombeta é declarado que o castigo é lançado sobre aqueles que *“não se arrependeram das obras das suas mãos; eles não deixaram de adorar os demônios e os ídolos”* (Ap 9:20, NAA).

Na sétima praga a ênfase do detalhe é colocada na declaração da execução da ordem de que *“Deus se lembrou da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira”* (Ap 16:19, NAA).

Outro detalhe também importante é que os atingidos pelas pragas, sofrem as consequências dos flagelos, mas não morrem.

Como os alvos dos ataques do exército do Senhor não são universais, mas regionais, podemos compreender que o primeiro objetivo é constituído por uma terça parte dos súditos humanos do reino de Satanás.

“Estas pragas não são universais, caso contrário os habitantes da Terra seriam completamente exterminados. Contudo, serão os mais terríveis flagelos nunca antes experimentados por mortais. Antes do fim do tempo da graça, todos os juízos sobre os seres humanos foram misturados com misericórdia. O sangue propiciatório de Cristo tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas, no juízo final, a ira é derramada sem estar misturada com a misericórdia” (GC, p. 522).

Um terço

Da primeira à quarta e à sexta trombetas, é declarado que um terço de determinado alvo é atingido. Com o que relacionar esse um terço? Avaliemos esse detalhe muito importante e interessante nessa sincronia das sete trombetas com as sete pragas.

Quando Satanás foi expulso do Céu, é declarado que com o seu poder de engano, com a *“sua cauda arrastou consigo um terço das estrelas do céu”* (Ap 12:4, NVI).

Para Jesus, no primeiro ataque direto depois de Sua unção para as batalhas decisivas do grande conflito cósmico espiritual, Satanás *“mostrou todos os reinos do mundo”*, como se Jesus, o Criador de todo o Universo, desconhecesse a tragédia da temporalidade do pecado de nosso mundo, e declarou: *“Eu Te darei toda a autoridade sobre eles e todo o seu esplendor, porque me foram dados e posso dá-los a quem eu quiser”* (Lc 4:5, 6, NVI).

Este “suposto” reino de Satanás, Deus irá dismantelar, destruir, transformar em pó (Mt 4:1-3), com o soar das trombetas e o poder destruidor das pragas. Primeiro, em sequência, são atingidos alvos que Satanás qualificou como a glória e o esplendor do seu reino: um terço de toda a terra, um terço dos oceanos, um terço dos rios e fontes das águas e um terço do brilho do sol, da lua e das estrelas. A destruição do reino físico de Satanás, trará consequências terríveis sobre os seus súditos com a manifestação de sofrimentos atormentadores para os quais não será encontrado qualquer recurso do conhecimento humano oferecendo cura ou mesmo algum alívio, porque *“isso é o dedo de Deus”* (Êx 8:19, NVI).

E então, depois de lançar o poder destruidor sobre o trono de Satanás, com a quinta praga, são atacados, pelo exército de Cristo (Ap 9:15-19), os atormentados habitantes deste reino de esplendor, destruindo um terço de toda a humanidade que não tem *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4), com a sexta praga, lembrando que no período das pragas haverá apenas dois grupos distintos.

Por que esse um terço não refere nem à quinta nem à sétima trombeta? A quinta trombeta anuncia como alvo *“uma estrela que havia caído do céu sobre a Terra”* (Ap 9:1, NVI). A quinta praga é derramada *“sobre o trono da besta”* (Ap 16:10, NVI), de Satanás, a estrela que caiu do céu. Uma questão é inquestionável: o grande conflito cósmico envolve Cristo contra Satanás. Teve o seu início no Céu e terá o seu desfecho final aqui na Terra com o aniquilamento de Satanás, seus demônios e pecadores rebeldes.

A sétima trombeta anuncia essa vitória total do Reino de Deus e do Cordeiro, sobre o “suposto” reino de Satanás, e a sétima praga lançada no ar, é seguida da proclamação: *“está feito!”* (Ap 16:17). A temporalidade do pecado chegou ao fim.

“Na luta insana de suas violentas emoções, e pelo derramamento terrível da ira de Deus sem mistura, caem os ímpios habitantes da Terra – sacerdotes, governadores e povo, ricos e pobres, homens ilustres e gente comum. ‘Os que o Senhor entregar à morte naquele dia se estenderão de uma a outra extremidade da Terra; não serão pranteados nem recolhidos, nem sepultados’ (Jr 25:33)”. (GC, p. 544).

A segunda trombeta e a segunda praga

“O segundo anjo tocou a sua trombeta, e algo como um grande monte em chamas foi lançado ao mar. Um terço do mar transformou-se em sangue, morreu um terço das criaturas do mar e foi destruído um terço das embarcações” (Ap 8:8, 9, NVI). *“O segundo anjo derramou a sua taça no mar, e este se transformou em sangue como de um morto, e morreu toda criatura que vivia no mar”* (Ap 16:3, NVI).

A segunda trombeta anuncia o castigo em forma de um grande monte de fogo lançado no mar, transformando uma terça parte de suas águas em sangue, como de um morto, matando uma terça parte das criaturas nele existentes e destruindo um terço das embarcações que se constituem um meio de comércio do reino de Satanás. As consequências harmonizam com a segunda praga.

A terceira trombeta e a terceira praga

“O terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, queimando como tocha, sobre um terço dos rios e das fontes de águas; o nome da estrela é Absinto. Tornou-se amarga um terço das águas, e muitos morreram pela ação das águas que se tornaram amargas” (Ap 8:10, 11, NVI). *“O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes, e eles se transformaram em sangue”* (Ap 16:4, NVI).

A terceira trombeta determina a ação destruidora sobre uma terça parte dos rios e das fontes de águas.

Absinto é uma planta, em diferentes variedades, da qual são extraídos produtos para diversos usos. É de sabor muito amargo e tem efeitos letais. João viu uma grande estrela, *“queimando como tocha”* (Ap 8:10), que comunica a ideia da cor de sangue, no que se transformam uma terça parte das águas dos rios e das fontes de águas, ao impacto da ação da terceira praga, adicionadas de amargura, angústia, e poder letal da estrela de Absinto, e matando todas as criaturas existentes na terça parte dos rios e das fontes de águas.

“Muitas pessoas morreram”

Quando o anjo toca a terceira trombeta, determinando que a terceira praga seja lançada sobre a terça parte dos rios e das fontes de águas, o profeta informa que *“muitas pessoas morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas”* (Ap 8:11, NAA).

Conforme analisado acima, as pessoas que têm a marca da besta, atingidas pelas pragas, não morrem, mas sofrem os tormentos até a sexta praga, quando *“pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saiam da boca dos cavalos, foi morta uma terça parte da humanidade”* (Ap 9:18, NAA). Com a sétima praga, que culmina com a volta de Jesus, o restante da humanidade é morta (Ap 19:17, 18 e 6:14-17).

Quem são as pessoas que morrem em consequência da terceira praga que transforma a terça parte das águas dos rios e das fontes de águas em sangue?

O profeta evidencia que aqueles que têm a marca da besta (Ap 16:2), e os que não têm o selo de Deus na testa (Ap 9:4), são atormentados pelas pragas até acontecer a sua morte com a sexta e a sétima pragas.

As pessoas que são mortas por causa da água contaminada com sangue e Absinto, não são identificadas como tendo a marca da besta, ou não tendo o selo de Deus. Apenas é declarado que *“muitas pessoas morreram por causa dessas águas”* (Ap 8:11, NAA).

O profeta Joel faz a poderosa proclamação: *“proclamem isto entre as nações: ‘declarem guerra santa [...] e comecem a colher, porque a plantação está madura. [...] Porque é grande a maldade dessas nações! Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o*

Dia do Senhor está perto, no vale da Decisão. [...] O Senhor rugirá de Sião. [...] Os céus e a terra tremerão” (Jl 3:9, 13-16, NAA).

Podemos imaginar que haverá multidões que não se conscientizaram do grande conflito entre Cristo e Satanás, entre o bem e o mal, entre a justiça e o pecado e as suas consequências eternas, e permaneceram no vale da decisão, porque *“não sabem distinguir entre a mão direita e a mão esquerda”* (Jn 4:11, NAA).

Quando Deus revelou para Abraão que havia decidido destruir Sodoma e cidades vizinhas, Abraão fez um veemente apelo lembrando o caráter de Deus: *“Será que o juiz de toda a terra não faria justiça?”* (Gn 18:25, NAA).

O juiz de toda a Terra e do Universo, fará justiça retribuindo a cada um segundo a sua capacidade de discernimento entre o certo e o errado. Aqueles que não tiveram a capacidade de compreender a extensão do grande conflito espiritual, não sofrerão as consequências das últimas pragas que têm objetivo definido: destruir o reino de Satanás. Mas aqueles que não foram despertados de sua ignorância espiritual e nunca decidiram viver em harmonia com a vontade de Deus, expressa em Sua lei, e também nunca tomaram uma decisão efetiva se identificando como rebeldes aos princípios do Reino de Deus, perecerão em consequência da falta de água potável, porque esta foi misturado com Absinto, um veneno letal. *“Assim, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão”* (Rm 2:12, NAA).

“Nem todos neste mundo tomaram o partido dos inimigos de Deus. Nem todos se tornaram desleais” (TI, v. 9, p. 15).

Entretanto, todos aqueles que conscientemente se uniram ao grande apóstata e inimigo de Deus, e como *“homens malignos”* (TI, v. 4, p. 593), prestando o seu serviço como instrumentos de Satanás, *“aqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), atacando os eleitos de Deus, receberão o seu castigo na justa medida: *“Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas. Porque derramaram sangue de santos e de profetas, também lhes deste sangue para beber. É o que merecem”* (Ap 16:4-6, NAA). *“E todos os que pecaram sob a lei serão julgados pela lei”* (Rm 2:12, NAA). *“Porque não justificarei o ímpio”* (Êx 23:7, NAA).

Os pecadores que permaneceram no *“vale da decisão”*, (Jl 3:14), *“aqueles que não tinham o selo de Deus na testa”*, mas também não *“tinham a marca da besta e (não) adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), morrerão pela consequência das águas letais da terceira praga.

A quarta trombeta e a quarta praga

“O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferido um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas, de forma que um terço deles escureceu. Um terço do dia ficou sem luz, e também um terço da noite” (Ap 8:12, NVI). *“O quarto anjo derramou a sua taça no sol, e foi dado poder ao sol para queimar os homens com fogo. Estes foram queimados pelo forte calor e amaldiçoaram o nome de Deus, que tem domínio sobre estas pragas; contudo, recusaram arrepender-se e glorifica-lo”* (Ap 16:8, 9, NVI).

Os símbolos utilizados para descrever a ordem e a execução da ação de Deus, parecem contraditórios. Na ordem da trombeta, o sol, a lua e as estrelas perdem um terço do seu poder de brilho. Na

execução da praga, somente aparece o sol, com poder aumentado em seu calor, causando queimaduras nos homens.

Analisando esses efeitos à luz dos raios infravermelhos, compreende-se o poder de sua ação destruidora. Com a retirada do brilho natural dos astros, a permanência dos raios infravermelhos, provocam graves problemas para os olhos e fortes queimaduras na pele quando a sua ação é prolongada.

Na quarta praga, Deus retira a camada protetora da atmosfera que filtra os raios infravermelhos e o brilho dos astros diminui, mas o seu poder de destruição aumenta e queimaduras terríveis aparecem na pele dos homens. Como a ação é o resultado *“da ira de Deus”* (Ap 16:1, NAA), contra o pecado e pecadores rebeldes, e provavelmente prolongada, as queimaduras aumentam o seu poder destruidor.

Na ordem da trombeta, a retirada da camada protetora da atmosfera, atua sobre o sol, a lua e as estrelas, ofuscando o seu brilho, mas na execução da ordem, somente o sol aparece como o agente da praga, castigando os homens. O sol perde o seu brilho, mas os seus raios infravermelhos aumentam seu poder de provocar queimaduras na pele dos seres humanos. Nem a lua nem as estrelas com o seu brilho diminuído, têm o mesmo poder de causar queimaduras dolorosas.

Três ais

Executado o quarto flagelo ordenado pela quarta trombeta, o profeta João acompanha um espetáculo no céu atmosférico preanunciando acontecimentos mais terríveis: *“Enquanto eu olhava, ouvi uma águia que voava pelo meio do céu e dizia em alta voz: ‘ai,*

ai, ai dos que habitam na terra, por causa do toque das trombetas que está prestes a ser dado pelos três outros anjos” (Ap 8:13, NVI).

Com essa mensagem, o profeta João prediz a execução de três ais que são acontecimentos de assombro em face da consumação da ira de Deus executada sem mistura de misericórdia contra o pecado. O profeta Isaías fez a proclamação profética: *“o Senhor se levantará como fez no monte Perazim, mostrará sua ira como no vale de Gibeom, para realizar sua obra, obra muito estranha, e cumprir sua tarefa, tarefa misteriosa” (Is 28:21, NVI). [...] Pois fiquei sabendo do Senhor Deus de todo poder que a destruição da terra inteira está decidida” (Is 28:22, TEB).*

Já analisamos que a destruição dos pecadores rebeldes e impenitentes é uma *“obra estranha e misteriosa”* para Deus.

“Os juízos de Deus cairão sobre os que procuram oprimir e destruir o Seu povo. Sua grande longanimidade para com os ímpios torna os seres humano ousados na transgressão. Mas o castigo divino, apesar de postergado, não é menos certo e terrível. ‘O Senhor Se levantará, como no monte de Perazim, e Se irará, como no vale de Gibeom, para realizar a Sua obra, a Sua obra estranha, e para executar o Seu ato, o Seu ato inaudito (Is 28:21)’. Para o nosso misericordioso Deus, infligir castigo é um ato estranho” (GC, 520).

O profeta Jonas, que com veemência proclamou a destruição da grande cidade de Nínive, não compreendeu a grandeza de *“qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que vocês fiquem cheios de toda a plenitude de Deus” Ef 3:18, 19, NAA).*

Deus revelou o Seu caráter para Jonas: *“E você não acha que eu deveria ter muito mais compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem distinguir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?”* (Jn 4:11, NVI).

O salmo 45 é uma proclamação de exaltação do caráter de Deus e de Cristo Jesus: *“O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de justiça é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade”* (Sl 45:6, 7, NVI).

O aniquilamento do pecado e do mal, Deus fará com ira santa, porque Ele é santo, único, e odeia o pecado: *“com quem vocês vão me comparar? Quem se assemelha a mim?” pergunta o Santo* (Is 40:25, NVI).

Os pecadores serão destruídos como justa retribuição de sua escolha, mas com profundo pesar no coração de Deus, porque rejeitaram o Seu amor, a Sua graça e a Sua justiça, na morte substituta de Jesus.

“No dia do juízo final, toda alma perdida compreenderá a natureza de sua rejeição da verdade. A cruz será apresentada, e sua real significação será vista por todo espírito que foi cegado pela transgressão. Ante a visão do Calvário com sua misteriosa Vítima, achar-se-ão condenados os pecadores. Toda falsa desculpa será banida. A apostasia humana aparecerá em seu odioso caráter. Os homens verão o que foi sua escolha. Toda questão de verdade e de erro, na longa controvérsia, terá então sido esclarecida. No juízo do Universo, Deus ficará isento de culpa pela existência ou continuação do mal. Será demonstrado que os decretos divinos não são cúmplices do pecado. Não havia defeito no governo de Deus,

nenhum motivo de desafeto. Quando os pensamentos de todos corações forem revelados, tanto os leais como os rebeldes se unirão em declarar” (DTN, p. 58): “Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não te temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois tu és santo. Por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos” (Ap 15:3, 4, NAA).

A quinta trombeta e a quinta praga

“O quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que havia caído do céu sobre a terra. À estrela foi dada a chave do Abismo. Quando ela abriu o Abismo, subiu fumaça como a de uma gigantesca fornalha. O sol e o céu escureceram com a fumaça que saía do Abismo. Da fumaça saíram gafanhotos que vieram sobre a terra, e lhes foi dado poder como o dos escorpiões da terra. Eles receberam ordens para não causar dano nem a relva da terra, nem a qualquer planta ou árvore, mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa. Não lhes foi dado poder para mata-los, mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses. Naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejaram morrer, mas a morte fugirá deles. Os gafanhotos pareciam cavalos preparados para a batalha. Tinham sobre a cabeça algo como coroas de ouro, e o rosto deles parecia rosto humano. Os cabelos deles eram como os de mulher e os dentes como os de leão. Tinham couraças como couraças de ferro, e o som das suas asas era como o barulho de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha. Tinham caudas e ferrões como de escorpiões, e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses.

Tinham um rei sobre eles, o anjo do Abismo, cujo nome em hebraico, é Abadom e, em grego, Apoliom. O primeiro ai passou; dois outros ais ainda virão” (Ap 9:1-12, NVI).

“O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas. De tanta agonia, os homens mordiam a própria língua, e blasfemavam contra o Deus dos céus, por causa das suas dores e das suas feridas; contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado” (Ap 16:10, 11, NVI).

O relato do toque da quinta trombeta é mais amplo em detalhes em relação ao da quinta praga. O centro é o mesmo: o trono da besta. Compreendendo que o grande conflito cósmico espiritual é Cristo contra Satanás, esses acontecimentos finais precisam ser compreendidos nesse contexto.

A quinta trombeta determina o ataque do exército de Deus ao trono da besta, Satanás, e o quinto anjo com a sua taça destruidora atinge com impacto direto o trono do “suposto” reino de Satanás. *“O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas” (Ap 16:10, NVI).*

O trono da besta é o trono de Satanás. Como o reino de Satanás é este mundo (Lc 4:6, Jo 12:31), o seu trono está situado neste mundo.

Atingir o trono de um poder significa atacar o centro dominante desse poder. Os quatro primeiros flagelos atingiram diferentes alvos do “suposto” reino de Satanás, o quinto flagelo atingirá o centro de seu reino.

O poço do Abismo

Ao toque da quinta trombeta, o profeta João viu *“uma estrela que havia caído do céu sobre a Terra”* (Ap 9:1, NVI). Que estrela caiu do céu? *“Como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada! Como foi atirado à terra!”* (Is 14:12, NVI). *“O grande dragão foi lançado fora. [...] Ele e os seus anjos foram lançados à terra”* (Ap12:9, NVI). *“Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago”* (Lc 10:18, NVI).

A essa estrela caída do Céu, Satanás, *“foi dada a chave do poço do Abismo”* (Ap 9:1, NVI). A entrega da chave de determinado local, significa conferir autoridade e poder de administração do local. Ao toque da quinta trombeta, Satanás recebe autoridade e poder para administrar o poço do Abismo.

O que é esse poço do Abismo? O apóstolo Pedro refere a esse lugar com poucas palavras: *“Com efeito, se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas lançou-os em abismos tenebrosos do Tártaro, onde estão guardados à espera do julgamento”* (2Pe 2:4, BJ).

Anjos que foram expulsos do céu, e aprisionados nos *“abismos tenebrosos do Tártaro”*, onde estão *“à espera do julgamento”*. Anjos caídos que estão presos em Abismos tenebrosos? Como entender esta mensagem do apóstolo Pedro?

“E, quanto aos anjos que não conservaram suas posições de autoridade, mas abandonaram sua própria morada, ele os tem guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia” (Jd 6, NVI). Judas acrescenta que os anjos que foram lançados nos *“abismos tenebrosos do Tártaro”*, estão *“guardados em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia”*.

A Escritura declara que duas testemunhas confirmam que o fato é verdadeiro. Anjos caídos estão aprisionados, aguardando o dia do julgamento. Quanto representam em números, um terço de todos os anjos criados? Já imaginaram se todos os anjos transformados em demônios estivessem soltos em nosso mundo para atormentar os seres humanos com tentações e maldades? Pedro e Judas nos convencem de que Deus permitiu determinado número de demônios permanecer livres, para agir em nosso mundo com toda a sua malignidade e assim, revelar o verdadeiro caráter de todos os anjos rebeldes, perante o Universo, para, no final julgar e condenar a todos com a mesma sentença.

O evangelista Lucas, em seu relato sobre a manada de porcos que foi possessa pelos demônios, depois de expulsos do endemoninhado Gadareno, contém um argumento muito importante em relação aos demônios aprisionados: *“e imploraram que não os mandasse para o Abismo”* (Lc 8:31, NVI).

Por que não, para o Abismo? Porque o Abismo é a prisão dos demônios e lá se encontra aprisionada a grande maioria dos anjos caídos que foram expulsos dos Céus, e estão presos *“em abismos tenebrosos do Tártaro, onde estão guardados à espera do julgamento”* (2Pe 2:4, BJ).

No entanto, João declara, que ao soar da quinta trombeta o anjo que caiu do céu, Satanás, receberá a chave desse poço do Abismo, para abri-lo e soltar todos os demônios nele aprisionados e prepará-los para a grande e decisiva batalha do grande conflito cósmico espiritual.

A absoluta Soberania de Deus

Quem entrega as chaves do poço do Abismo para a estrela que caiu dos Céus, para que ela possa abri-lo?

Isaías é o profeta que exalta a Soberania de Deus. Em uma dessas mensagens declara sobre essa Soberania absoluta: *“Eu farei isso acontecer para que todas as nações, do Oriente ao Ocidente, saibam que não há outro Deus além de Mim. Eu sou o Senhor, e não há nenhum outro. Eu crio a luz e a escuridão. Eu controlo todos os acontecimentos, os bons e os maus. Eu, o Senhor, é que faço todas essas coisas”* (Is 45:6, 7, BV).

Na declaração, depois de proclamar a Sua Soberania absoluta: *“Eu controlo todos os acontecimentos, os bons e os maus”*, Deus manifesta o Seu poder de domínio absoluto. Nada acontece neste mundo e no Universo que escape ao controle da Sua Soberania.

Isso está muito evidente na experiência de Jó, que ilumina esse detalhe. Satanás teve permissão de Deus para lançar as calamidades em várias situações na vida de Jó. Contudo, com o poder de Sua Soberania, Ele controlou a maligna ação do diabo em harmonia com os Seus desígnios, limitando as atuações do inimigo em todos os acontecimentos. *“O Senhor disse a Satanás: ‘Pois bem, ele está nas tuas mãos: apenas poupe a vida dele’* (Jó 2:6, NVI).

Para o prepotente e ao mesmo tempo pusilânime Pilatos, que ousou advertir a Jesus: *“não sabe que tenho autoridade para soltar você como para crucificá-Lo?”*, Jesus respondeu com clareza e convicção que estão além da percepção humana: *“o senhor não teria nenhuma autoridade sobre Mim, se de cima não lhe fosse dada”* (Jo 19:10, 11, NAA).

Assim, enquanto não completar a obra do plano da redenção, Deus limita as ações de Satanás: *“ao passo que os anjos seguram*

os quatro ventos, proibindo que o terrível poder de Satanás seja exercido em sua fúria, até que os servos de Deus sejam selados em suas testas” (MM, 1989, p. 308). (Destaque acrescentado).

Entretanto, quando essa obra estiver concluída e chegar o momento determinado para dar fim ao grande conflito cósmico espiritual, Satanás receberá a chave para abrir o poço do Abismo, onde estão presos a maioria dos seus demônios, liberando-os para as cenas e batalhas finais do conflito: *“um terrível conflito encontra-se diante de nós. Aproximamo-nos da peleja do grande dia do Deus todo-poderoso. O que tem estado sob controle será solto. O anjo da misericórdia está dobrando as asas, preparando-se para descer do seu trono e deixar o mundo sob o domínio de Satanás” (EF, p. 215). (Destaque acrescentado).*

Assim como Deus determinou um limite para Satanás em suas ações contra Jó, do mesmo modo Ele determina e controla todas as ações de Satanás no contexto do grande conflito cósmico espiritual. Durante a quinta praga, Satanás receberá autoridade para soltar os demônios presos no poço do Abismo, mas Deus limitará o seu poder de atuação: *“ela abriu o poço do abismo, e dele saiu fumaça como a fumaça de uma grande fornalha. E o sol e o ar escureceram com a fumaça saída do poço. Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e lhes foi dado poder como o poder que têm os escorpiões da terra. E lhes foi dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma, e tão somente às pessoas que não têm o selo de Deus na testa. Também não lhes foi permitido que os matassem, mas que os atormentassem durante cinco meses” (Ap 9:2-5, NAA).*

Deus determina para Satanás e os demônios o que eles podem fazer e o que não podem fazer.

A quinta trombeta e o selo de Deus

Quando Satanás abriu o poço do Abismo, saiu fumaça com tamanho volume que escureceu o sol e o ar, o céu atmosférico. Negra fumaça ou trevas simbolizam o poder do pecado: *“o povo que vivia nas trevas”* (Mt 4:16, NVI).

Do meio dessa fumaça saíram gafanhotos que vieram sobre a terra, recebendo poder como dos escorpiões. Um detalhe muito importante: foi-lhes ordenado para causar dano somente *“àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), isto é, àqueles que não aceitaram a justiça de Cristo, a graça, pela fé no Seu sacrifício substituto, e não vivem a *“obediência que vem pela fé”* (Rm 1:5, NVI), à Sua lei.

O selo de Deus, identificando os santos vivos, todos aqueles que aceitaram a salvação pela fé no sangue expiatório de Cristo Jesus e obedecem aos mandamentos de Deus, somente será colocado na sua testa pouco tempo antes de ser fechada a porta da graça: *“não danifiquem, nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos a testa dos servos de nosso Deus”* (Ap 7:3, NVI). *“Os justos vivos receberão o selo de Deus antes do fim da graça”* (ME, v. 1, p, 66).

Portanto, essa nuvem de gafanhotos, recebendo *“ordens para não causar dano nem à relva da terra, nem a qualquer planta ou árvore, mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), não pode ser interpretado como um acontecimento ocorrido ao longo da história da humanidade, antes do fechamento

da porta da graça, porque o sinal que identifica o selo de Deus, distinto da marca da besta, somente será conhecido pouco antes do fechamento da porta da graça. Portanto, precisa encontrar interpretação depois desse glorioso e ao mesmo tempo tremendo acontecimento.

Um detalhe importante precisa ser considerado: Satanás receberá poder absoluto sobre todos os seres humanos *“que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI). Isso inclui todos aqueles que rejeitaram a graça e justiça de Deus e aceitaram a marca da besta e da sua imagem, o cristianismo apostatado, bem como todos aqueles que rejeitaram a graça e a justiça de Deus, mas não se uniram decididamente à imagem da besta, o paganismo confesso.

Gafanhotos ou demônios?

Mais um detalhe importante em relação aos gafanhotos que saem do poço do Abismo, é que na sequência eles se *“pareciam como cavalos preparados para a batalha”* (Ap 9:7, NVI). Na cabeça tinham uma coroa parecida como de ouro, mas não era ouro; o rosto parecia de ser humano, mas não eram seres humanos; cabelos como de mulheres, mas não eram mulheres; e dentes como de leão, indicando violência e ferocidade, mas não eram leões. Couraças como de ferro e o barulho de suas asas era semelhante a muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha, mas não eram cavalos nem carruagens. *“Tinham caudas e ferrões como de escorpiões, e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses”* (Ap 9:10, NVI). Mas não eram escorpiões.

Dos versos 4-6, a visão esclarece que esses gafanhotos, que não são gafanhotos, recebem poder para atormentar, não a todos os

seres humanos, mas *“apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), durante um período de cinco meses.

É declarado que o tormento é semelhante à picada de escorpião, mas não mata. O tormento será tão terrível que os atingidos clamarão pela morte, sem encontrá-la: *“desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:6, NVI).

Esses gafanhotos, que não são gafanhotos, têm como rei, o anjo do Abismo, Satanás, o destruidor.

A descrição de João é a de um exército em marcha para a batalha. De onde vem esse exército? Do poço do Abismo, aberto pelo anjo que caiu do Céu, Satanás, que é o rei comandando esse exército, que em realidade são demônios, simbolizados por gafanhotos.

A metáfora é impressionante. Os demônios saem do poço do Abismo como uma nuvem de gafanhotos que escurece o sol e a atmosfera. Não atacam a natureza, que é o terrível flagelo causado pela voracidade de gafanhotos reais, mas os seres humanos, *“que não tinham o selo de Deus na testa”*, com tormentos terríveis. Portanto, nesta metáfora do profeta, os gafanhotos simbolizam os demônios soltos da sua prisão, o poço do Abismo.

Imaginemos, um terço dos anjos, que se tornaram demônios, invadindo o planeta Terra para atormentar a grande maioria dos seres humanos. Quantos são em números, um terço dos anjos? Trinta trilhões? Não sei, mas são tantos que conseguem escurecer o brilho do sol.

O profeta João deve ter copiado essa metáfora dos escritores do Velho Testamento. O escritor do livro dos Juízes, referindo à

invasão dos midianitas sobre as terras de Israel, declarou: *“pois vinham [...] como uma nuvem de gafanhotos”* (Jz 6:5, e 7:12, NAA).

O profeta Jeremias também usou essa metáfora para descrever o ataque dos Medo-Persas quando conquistaram a Babilônia: *“o Senhor Todo-Poderoso jurou pela sua própria vida que vai trazer muitos homens para atacarem a Babilônia, Eles chegarão como uma nuvem de gafanhotos e darão o grito de vitória. [...] Deem o sinal de ataque! Toquem as cornetas para que os povos escutem! Preparem as nações para lutarem contra Babilônia! [...] Indiquem um oficial para comandar o ataque. Tragam um grande número de cavalos, como se fossem uma nuvem de gafanhotos”* (Jr 51:27, NTLH).

É importante e interessante observar que o profeta Jeremias usa a metáfora de soldados montados em seus cavalos *“como se fossem uma nuvem de gafanhotos”*.

Da mesma maneira, o profeta João, continuando, descreve os gafanhotos como cavalos formando um poderoso e imenso exército, que apresentam semelhanças humanas, mas não são humanos, correndo para a batalha sob o comando do seu rei, o anjo do Abismo, Satanás (Ap 9:11).

“Um terrível conflito encontra-se diante de nós. Aproximamo-nos da peleja do grande dia do Deus todo-poderoso. O que tem estado sob controle será solto. O anjo da misericórdia está dobrando as asas, preparando-se para descer do seu trono e deixar o mundo sob o domínio de Satanás. [...] A Terra será o campo de batalha – o local da peleja e da vitória finais. [...] A rebelião será debelada para sempre” (EF, p. 215). (Destaque acrescentado).

Cinco meses

Outra questão que também precisa ser considerada: os gafanhotos recebem poder não para matar, *“mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses”* (Ap 9:5, NVI).

O período dos sete últimos flagelos precisa ser interpretado como tempo profético, porque *“num só dia as suas pragas a alcançarão”* (Ap 18:8, NVI), isto é, um ano literal. Mas o período de *“cinco meses”*, fazendo parte do período das sete últimas pragas, precisa ser compreendido como tempo literal.

Cinco meses = 150 dias literais, transformados em tempo profético, correspondem a 150 anos literais. Não cabem dentro do período de um ano das pragas.

Entretanto, procurar um rei na história da humanidade que viveu 150 anos, ou mesmo um poder temporal que durante esse período de domínio, com o seu exército atormentou os seres humanos *“que não tinham o selo de Deus na testa”*, com tormentos tais que esses buscavam a morte, mas ela fugia deles, e o exército atormentador também não os matava, esse período de tempo não será encontrado na história da humanidade para cumprir esses lances proféticos.

Outro fator complicador encontra-se no selo de Deus que identifica os selados, que não poderão ser atormentados durante esses cinco meses. O selo de Deus somente será colocado na testa de Seus servos vivos, pouco antes do fechamento da porta da graça (Ap 7:1-8).

No contraponto do selamento dos santos, todos aqueles que se identificarem com o falso sistema de adoração e de autoridade

espiritual, receberão a marca da besta, isto é, de Satanás, durante o tempo determinado para o selamento dos santos de Deus (Ap 13:15-17).

Esses dois acontecimentos estabelecerão a perfeita distinção entre os dois grupos: *“O sábado será a grande prova da lealdade, pois é o ponto da verdade especialmente contestado. Quando sobrevier aos seres humanos a provação final, será traçada a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem. Ao passo que a observância do falso sábado, de acordo com a lei do Estado e de forma contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que está em oposição a Deus, a guarda do verdadeiro sábado, em obediência à lei divina, será uma prova de lealdade para com o Criador. Enquanto um grupo de pessoas, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, receberá a marca da besta, outro, preferindo o sinal da obediência à autoridade divina, receberá o selo de Deus”* (GC, p. 503, 504).

“Porém, quando a observância do domingo for imposta por lei, [...] e somente depois que essa situação estiver assim claramente exposta perante o povo, e este for levado a escolher entre os mandamentos de Deus e os dos homens, é que aqueles que continuam a transgredir receberão o sinal da besta. [...] No desfecho dessa controvérsia, toda a cristandade estará dividida em dois grandes grupos: os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus, e os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o sinal dela” (GC, p. 377).

Esses detalhes inviabilizam a interpretação colocando o acontecimento no passado, porque as circunstâncias e as pessoas

envolvidas identificando duas classes bem definidas pelo selo de Deus e do sinal da besta, ainda não ocorreram.

No entanto, se no tempo de duração dos castigos das pragas de cerca de um ano, inserirmos o período de *“tormento durante cinco meses”*, que Deus permite que os demônios executem sobre os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), ele começa com a quinta praga e termina com a sexta.

Está aqui um detalhe importante: a ação das pragas até a quinta praga, com exceção da terceira, castiga os seres humanos, mas não os mata. Na segunda praga é declarado que *“morreu todo ser vivo que havia no mar”* (Ap 16:3, NAA), em consequência da água transformada em sangue.

Na execução da ordem pelo anjo com a terceira taça, é declarado que os rios e as fontes de águas, *“se transformaram em sangue”*, mas não é dito de que pessoas que têm a marca da besta, morrem. No entanto, é proclamada a justiça dos atos de Deus, dizendo: *“Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas. Porque derramaram sangue de santos e de profetas, também lhes deste sangue para beber. É o que merecem”* (Ap 16:4-6, NAA).

Certamente com a terceira praga, a vida animal na terça parte dos rios e das fontes de águas, morre, tal como acontecerá na segunda praga com a terça parte do mar. Os animais morrem pelas consequências das pragas, mas não como castigo; não foram envolvidos pelo pecado à semelhança do ser humano.

Analisando a ordem da terceira trombeta e a execução da terceira praga, compreende-se que uma terça parte dos seres

humanos sofrerá as consequências do castigo de ter à disposição para beber água potável transformada em sangue, com sabor amargo e poder letal, que sob as circunstâncias da praga causa tormentos terríveis, mas não mata. Será a justa retribuição pelo sangue derramado de santos e profetas. *“É o que merecem”*.

A informação contida na ordem da terceira trombeta de que *“muitas pessoas morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas”* (Ap 8:11, NAA), já foi analisada em tópico anterior.

Até a quinta praga, essa é a única informação de que seres humanos morrem como consequência das pragas, mas nada é declarado de que não tenham o selo de Deus, ou tenham a marca da besta. Nas outras pragas, os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), ou têm a marca da besta, sofrem terríveis tormentos causados pelas pragas, mas não morrem (Ap 16:2).

A quinta taça, taça das trevas

“O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas. De tanta agonia, os homens mordiam a própria língua, e blasfemavam contra o Deus dos céus, por causa das suas dores e das suas feridas; contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado” (Ap 16:10, 11, NVI).

O relato da execução da quinta praga é bem mais sucinto em relação à ordem expedida pelo anjo da quinta trombeta. No entanto, em sua essência, a quinta praga descreve os efeitos determinados pela quinta trombeta.

Quando o quinto anjo toca a sua trombeta, ele anuncia que a estrela que caiu do Céu, recebe a chave do poço do Abismo para abri-lo. Aberto o poço do Abismo, *“dele saiu fumaça como a fumaça de uma grande fornalha. O sol e o ar (aér = ar, atmosfera) se escureceram com a fumaça saída do poço”* (Ap 9:2, NAA).

Da quinta praga, o profeta declara que a taça será derramada *“sobre o trono da besta (Satanás). O reino da besta ficou em trevas”* (Ap 16:10, NAA).

Qual o real significado desse flagelo? Jesus declarou de Si mesmo: *“Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida”* (Jo 8:12, NAA). João dá o seu testemunho a respeito de Deus: *“Deus é luz, e não há nele treva alguma”* (1Jo 1:5, NAA).

Paulo faz a desafiadora pergunta: *“Que comunhão existe entre a luz e as trevas? Que harmonia pode haver entre Cristo e o Maligno?”* (2Co 6:14, 15, NAA).

Portanto, Jesus, Deus, são a luz; os Seus ensinamentos, são a luz. O Maligno, Satanás e os seus conceitos de comportamento, são as trevas.

A maneira de Ellen G. White descrever as condições espirituais do mundo na primeira vinda de Jesus, também lança luz sobre o significado desta praga: *“Durante os séculos que precederam o primeiro advento de Cristo, o mundo parecia quase inteiramente sob o domínio do príncipe das trevas, e ele governava com poder terrível, como se por meio do pecado de nossos primeiros pais os reinos do mundo se houvessem tornado de direito propriedade sua. [...] Cristo veio a fim de revelar Deus ao mundo como um Deus de amor, pleno*

de misericórdia, ternura e compaixão. A espessa escuridão com que Satanás se esforçara por circundar o trono da Divindade foi dissipada pelo Redentor do mundo, e o Pai mais uma vez Se manifestou aos homens como a luz da vida” (TI, v. 5, p. 738, 739).

“O engano do pecado atingira sua culminância. [...] confundidos e enganados, avançavam, em lúgubre procissão rumo à ruína eterna para a morte em que não há nenhuma esperança de vida, para a noite que não tem alvorecer. Agentes satânicos estavam incorporados com os homens. O corpo de criaturas humanas, feito para habitação de Deus, tornara-se morada de demônios. [...] O próprio selo dos demônios se achava impresso na fisionomia dos homens. Esta refletia a expressão das legiões do mal de que se achavam possessos” (DTN, p. 36).

Essas condições imperantes antes da primeira vinda de Jesus, com a humanidade *“quase inteiramente sob o domínio do príncipe das trevas”, e “a espessa escuridão com que Satanás se esforçara por circundar o trono da Divindade foi dissipada pelo Redentor do mundo, e o Pai mais uma vez Se manifestou aos homens como a luz da vida”* (TI, v. 5, p. 738, 739).

Em Sua primeira vinda Jesus veio para expulsar Satanás do principado desde mundo e brilhar a luz da verdade da salvação desfazendo *“a espessa escuridão”* do engano de Satanás, *“para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo”* (2Co 4:6, NVI).

Do início do ministério de Jesus, é declarado: *“o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz”* (Mt 4:16, NVI).

Com a quinta praga, Deus fará com que Satanás revele toda a malignidade e engano do seu caráter, desmascarando-o completamente perante o Universo, permitindo que envolva a humanidade com “*espessa escuridão*” de trevas espirituais. Essa “*espessa escuridão*”, simboliza total desconhecimento de Deus, da Sua justiça, do Seu amor, da Sua graça e do poder de Seu plano redentor, realizado por meio da morte substituta de Jesus.

O toque da quinta trombeta determinando a quinta praga, soa como um paradoxo. Satanás recebe autoridade e poder, que significa domínio, para organizar o seu exército que em grande parte está aprisionado no poço do Abismo. Quando abre o poço, negra fumaça envolve a Terra com trevas, significando que o príncipe das trevas recebeu o domínio total sobre os seus demônios e os seus súditos humanos, que formam o seu “suposto” reino. Os seres humanos, que rejeitaram a oferta da graça de Deus, assim como aconteceu antes da primeira vinda de Jesus, são envolvidos em densas trevas espirituais, ficando o mundo “*inteiramente sob o domínio do príncipe das trevas, [...] como se por meio do pecado de nossos primeiros pais os reinos do mundo se houvessem tornado de direito propriedade sua* (TI, v. 5. p. 738).

A quinta “*taça da ira de Deus*” (Ap 16: NAA), é a taça das trevas espirituais com a total ausência do amor, da misericórdia e da graça de Deus para com os pecadores impenitentes, e o total “*domínio do príncipe das trevas*”, revelando toda a malignidade do seu caráter.

A quinta taça, a taça da angústia dos ímpios

Quando o tempo da ira se completar, “*pois o que foi decidido irá acontecer*” (Dn 11:36, NVI), “*se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do povo de Deus, e haverá tempo de*

angústia, como nunca houve, desde que existem nações até aquele tempo” (Dn 12:1, NAA).

Como já vimos em outros lances proféticos, o profeta João, no seu livro “Apocalipse”, amplia e ilumina as predições do profeta Daniel: *“Então o anjo pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto. Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las. [...] Então ouvi uma forte voz que vinha do santuário e dizia aos sete anjos: ‘vão derramar sobre a terra as sete taças da ira de Deus’” (Ap 8:6 e 16:1, NVI).*

Com a intervenção divina com todo o Seu poder, lançando sobre os pecadores rebeldes o Seu castigo sem misericórdia, pela ação dos terríveis juízos das sete pragas, *“haverá tempo de angústia, como nunca houve”* sobre a Terra: *“naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles. [...] As pessoas mordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemavam contra o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam” (Ap 9:6, NVI e 16:10, 11, NAA).*

“Removeu-se a restrição que estivera sobre os ímpios, e Satanás tem domínio completo sobre os impenitentes que se tornaram incorrigíveis. Acabou a paciência de Deus. O mundo rejeitou Sua misericórdia, desprezou Seu amor e pisou Sua lei. Os ímpios passaram dos limites de seu tempo de graça. O Espírito de Deus, persistentemente resistido, foi, por fim, retirado. Sem o amparo da graça divina, eles não têm proteção contra o maligno. Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. [...] O mesmo poder destruidor exercido pelos santos anjos, quando Deus ordena, será exercido pelos anjos maus quando Ele

permitir. Há agora forças preparadas, aguardando apenas o consentimento divino para espalhar a desolação por toda parte” (GC, 510, 511).

Com a quinta praga, Satanás agindo como se fosse o legítimo proprietário da Terra, abre o poço do Abismo e libera todos os demônios aprisionados, para juntá-los a todos os que já estão soltos em nosso mundo, e, com *“a espessa escuridão com que Satanás se esforçara por circundar o trono da Divindade”* (TI, v. 5, p. 739), ao longo dos séculos, ele envolverá todo o seu “suposto” reino e *“mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final”* (GC, p. 511), a todos os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), atormentando-os em meio as trevas espirituais e provocando terríveis dores em seus corpos, em acréscimo a todos os tormentos que começaram a sofrer desde a primeira praga da ira de Deus .

Entretanto, haverá uma situação marcante: os demônios não receberão *“poder para matá-los, mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses. A agonia que eles sofreram era como a da picada do escorpião. Naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:5, 6, NVI). A agonia física e a angústia emocional serão tão lancinantes e terríveis que *“os homens mordiam a própria língua, [...] por causa das suas dores e das suas feridas”* (Ap 16:10, 11, NVI).

Como resultado da terrível angústia provocada pelas pragas da ira de Deus, pelos dolorosos tormentos infligidos pelos demônios (Ap 9:5, 6) e em sua desesperada agonia envolvidos por trevas espirituais, pela ausência total da misericórdia, do amor e da graça de Deus, blasfemam contra Deus, não se arrependendo das suas

obras, porque a oportunidade para o arrependimento passou para sempre.

Os tormentos descritos pela ação da quinta praga, tornam-se mais compreensíveis à luz da primeira praga quando: *“abriram-se feridas malignas e dolorosas naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI); da ação da terceira praga, que transforma a água potável dos rios e das fontes de água em sangue como de morto; também da quarta praga, sob cujos efeitos os impenitentes *“foram queimados pelo forte calor”* do sol (Ap 16:9, NVI).

O profeta Sofonias teve uma visão desse tempo de angústia dos ímpios: *“trarei angústia sobre as pessoas, e elas andarão como se estivessem cegas, porque pecaram contra o Senhor. O sangue dessas pessoas será derramado como pó, e a sua carne será espalhada como esterco”* (Sf 1:17, NAA).

“Andarão como se estivessem cegas”, completamente dominadas pelo príncipe das trevas espirituais e os demônios, e ainda sofrendo as consequências dos flagelos da Ira de Deus.

“É impossível descrever o horror e desespero dos que pisaram os santos mandamentos de Deus” (GC, p.530).

Nas pragas derramadas sobre os egípcios, a angústia foi num poder crescente culminando com a terrível noite da morte dos primogênitos: *“haverá grande clamor em toda a terra do Egito, qual nunca houve, nem haverá jamais”* (Êx 11:6, ARA). Essa declaração de Deus ecoa Daniel 12:1, predizendo um tempo de angústia para os ímpios, antes de sua total destruição.

Entretanto, assim como aconteceu no Egito, quando os flagelos de Deus arruinaram todo o país do Egito, mas os filhos de Israel se preparavam para o êxodo sob a proteção de Deus, assim também no final das últimas sete pragas, *“se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do povo de Deus, [...] naquele tempo, o povo de Deus será salvo, todo aquele que for achado inscrito no livro”* (Dn 12:1, NAA).

O primeiro ai

Com os acontecimentos do quinto flagelo cumpre-se o primeiro ai proclamado pela *“águia”* ao final da quarta trombeta. Satanás, soltando todos os seus demônios presos no Abismo, e, reunindo-os com todos que estão em atividade, durante cento e cinquenta dias atormentarão todos os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI).

Lúcifer foi criado para honrar e glorificar o seu Criador como a mais gloriosa e honrada criatura de Deus, mas inexplicavelmente se corrompeu e se transformou em Satanás, o inimigo de Deus. Rebelou-se contra o seu Soberano e Criador, e juntamente com os seus demônios, desempenham o realismo do primeiro ai, infligindo terrível tormento *“àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”*, com tal intensidade que *“os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão a morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:4, 6, NVI).

Não olvidando que todo esse tormento começa com a primeira praga, desenvolvendo-se em um processo crescente com a sequência das pragas, porque os atingidos não conseguem morrer: *“desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:6, NVI). A morte

dos ímpios, somente acontecerá por meio do ato destruidor do poder do exército comandado por Cristo, com a sexta e sétima pragas.

Com o primeiro ai, Deus permitirá que Satanás revele toda a sua malignidade perante o Universo, não apenas em sua atuação contra Cristo e Seus santos, mas nessa oportunidade aumentando o sofrimento de seus próprios súditos, atingidos pelo castigo de Deus.

“O primeiro ai passou. Eis que, depois dessas coisas, vêm ainda dois ais” (Ap 9:12, NAA).

A sexta trombeta e a sexta praga

“O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: ‘solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates’. Então foram soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte da humanidade. O número dos exércitos da cavalaria era vinte mil vezes milhares; eu ouvi o seu número. Assim, nesta visão, pude ver que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saíam fogo, fumaça e enxofre. Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da boca dos cavalos, foi morta a terça parte da humanidade. Pois a força dos cavalos estava na boca e na cauda deles. As caudas deles eram semelhantes a serpentes, com cabeças, e com elas causavam dano” (Ap 9:13-20, NAA).

“O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates. As águas do rio secaram, para que se preparasse o caminho dos reis

que vêm do Oriente. Então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs. São espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro a fim de ajuntá-los para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso. Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha'. Então ajuntaram os reis no lugar que em hebraico se chama Armagedom" (Ap 16:12-16, NAA).

Ao soar da quinta trombeta, é permitido ao anjo do Abismo, Satanás, libertar o seu exército prisioneiro e prepara-lo para a batalha final.

Ao toque da sexta trombeta, Deus atua nos preparativos finais do Seu exército para essa batalha decisiva. Um poderoso anjo, *"o mesmo que tem a trombeta"*, ordena que sejam soltos *"os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates"*

E o sexto anjo com a sua taça *"da ira de Deus"*, executa a ordem: *"o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates. As águas do rio secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do Oriente"* (Ap 16:12, NAA).

Dois acontecimentos decisivos relacionados com o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás ocorrerão ao toque da sexta trombeta e da execução da sexta praga, determinando a segunda vinda de Jesus: os quatro anjos presos junto ao grande rio Eufrates serão soltos e o rio secará, preparando o caminho para os *"reis que vem do Oriente"*.

Os quatro anjos junto ao grande rio Eufrates

Quem são esses quatro anjos amarrados junto ao grande rio Eufrates? O que os mantém amarrados impedindo a sua ação e por que ao toque da sexta trombeta é dada a ordem para que sejam soltos?

Esses quatro anjos destruidores amarrados junto ao grande rio Eufrates, aparecem pela primeira vez em Apocalipse 7, onde o profeta João informa: *“Depois disso vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos, para impedir que qualquer vento soprasse na terra, no mar ou em qualquer árvore. Então vi outro anjo subindo do Oriente, tendo o selo do Deus vivo. Ele bradou em alta voz aos quatro anjos a quem havia sido dado poder para danificar a terra e o mar: ‘não danifiquem, nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos as testas dos servos do nosso Deus’”* (Ap 7:2, 3, NVI) (Destaque acrescentado).

“Quatro poderosos anjos seguram os poderes da Terra até que os servos de Deus sejam assinalados na frente. As nações do mundo são ávidas de conflito; mas elas são detidas pelos anjos. Quando for removido esse poder repressor, haverá um tempo de aflição e angústia. [...] Todos os que não possuem o espírito da verdade se unirão sob a liderança de agentes satânicos. Mas devem ser mantidos sob controle até chegar o tempo para a grande batalha do Armagedom” (Maranata, 2021, p. 256).

Antes do fechamento da porta da graça os servos de Deus receberão o Seu selo, identificando-os como Sua propriedade. Com esse acontecimento ninguém mais terá poder para tocar nos santos de Deus. Também Satanás, colocará a sua marca de identidade sobre o restante da humanidade de todos aqueles que se submeteram à sua liderança.

Quatro anjos estão retendo os quatro ventos, símbolo de contendias, lutas, guerras. *“As nações do mundo são ávidas de conflito; mas elas são detidas pelos anjos”*.

Outro anjo, vindo do Oriente, ordena aos quatro anjos que estão preparados para cumprir sua missão destruidora, que aguardem até findar o assinalamento dos santos.

Realizado o selamento, inicia-se a *“grande batalha do Armagedom”*, dos juízos de Deus com os últimos sete flagelos e, no momento determinado, os quatro anjos destruidores entram em ação. É com essa perspectiva que o profeta João descreve a sua missão: *“que estavam preparados para aquela hora, dia, mês e ano, foram soltos para matar um terço da humanidade”* (Ap 9:15, NVI).

Na sequência o profeta esclarece que não são apenas quatro anjos, mas formam o glorioso exército de Deus, pronto para a batalha. Descrevendo esse exército de anjos, viu-os como cavaleiros montados em cavalos: *“os cavalos e os cavaleiros que vi em minha visão tinham este aspecto: as suas couraças eram vermelhas como o fogo, azuis como o jacinto, e amarelas como o enxofre. A cabeça dos cavalos parecia a cabeça de um leão, e da sua boca lançavam fogo, fumaça e enxofre. Um terço da humanidade foi morto pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre, que saíam das suas bocas”* (Ap 9:17-18, NVI).

Quem compõe esse um terço da humanidade que é morto pelos quatro anjos amarrados junto ao grande rio Eufrates, o exército de Deus, que estava preparado *“para aquela hora, dia, mês e ano, [...] para matar um terço da humanidade”* (Ap 9:15, NVI), e foram soltos ao toque da sexta trombeta? O profeta revela que é formado dentre aqueles que *“não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4,

NVI), mas *“tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), um dos alvos dos sete últimos flagelos da ira de Deus.

“O restante da humanidade que não morreu por essas pragas, [...] de fogo, fumaça e enxofre que saíam das suas bocas. O poder dos cavalos estava na boca e na cauda, (Ap 9:20, 18, 19, NVI), o exército de Deus, é identificada como “aqueles que não se arrependeram das obras das suas mãos; eles não pararam de adorar os demônios e os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, ídolos que não podem ver, nem ouvir, nem andar. Também não se arrependeram dos seus assassinatos, das suas feitiçarias, da sua imoralidade sexual e dos seus roubos” (Ap 9:20, 21, NVI).

Esse *“restante da humanidade”* identifica-se com aqueles que também não receberam o selo Deus porque rejeitaram a Sua graça e justiça por meio de Cristo Jesus. Também não se identificam com o falso cristianismo, adorando a imagem da besta e recebendo a marca do falso sistema de adoração, mas viveram apegados a corruptas práticas espirituais, criadas por Satanás. Dominados pelos *“demônios, ídolos, assassinatos, feitiçarias, imoralidade sexual e roubos”*.

Esse *“restante da humanidade”* inclui o paganismo professo em suas várias formas, o ocultismo o ateísmo e toda forma de rebeldia e rejeição aos princípios espirituais de Deus comunicados por Sua Palavra nas Escrituras Sagradas. *“Fora ficam os cães, (todos os que se deleitam em práticas nojentas, abomináveis a Deus), os que praticam a feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira”* (Ap 22: 15, NVI)

Todos esses, mesmo *“tendo conhecido a Deus, não o glorificaram com Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. [...] Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém”* (Rm 1:21-23, 25, NVI).

“O resto da humanidade [...] também não se arrependeram” de todas essas práticas abomináveis e condenadas por Deus, será morto ao comando do toque da sétima trombeta, proclamando: *“o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI), e com a execução do sétimo flagelo, culminando com a segunda vinda de Cristo (Ap 16:17-21) pelo esplendor da glória de Jesus, e aniquilados e reduzidos à cinzas no final dos mil anos pelo fogo consumidor de Deus.

Como os últimos sete flagelos aniquilam o “suposto” reino de Satanás, essa destruição somente poderá acontecer depois de fechada a porta da graça, quando os dois grupos, aqueles que têm o selo de Deus na testa e aqueles que têm a marca da besta, estarão perfeitamente identificados (Ap 7).

Secamento do grande rio Eufrates

Já analisamos a declaração do profeta Isaías, 59:2: *“antes, foram as vossas iniquidades que criaram um abismo entre vós e o vosso Deus”* (BJ).

O “*abismo*” envolve o rompimento das relações espirituais e morais do relacionamento com o Criador e a perda da eternidade dEle recebida. A justiça de Deus exigia a morte eterna.

Entretanto, Deus amou o mundo com amor inexplicável e com um ato de graça por meio de Cristo Jesus, colocou uma ponte sobre o abismo unindo a justiça e a misericórdia: *“a misericórdia e a justiça estavam separadas, em oposição uma à outra. [...] Nosso Senhor e Redentor, [...] implantou Sua cruz entre o Céu e a Terra. [...] Nela um Ser igual a Deus levou a pena de toda injustiça e pecado. Perfeitamente satisfeita, a justiça se curvou reverentemente diante da cruz, dizendo: ‘Basta’. [...] O pecador atraído pelo poder de Cristo para sair da confederação do pecado, aproxima-se da cruz erguida e diante dela se prostra. Então surge uma nova criatura em Cristo Jesus. O pecador está limpo e purificado. Ele recebe um novo coração. A santidade percebe não ter nada mais a exigir. [...] Cristo na cruz foi o meio pelo qual a misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram. Este é o meio de mover o mundo”* (MM, 2021, p. 241).

Em outra mensagem, a inspiração adiciona mais alguns conceitos muito importantes: *“O amor de Deus para com o mundo não se manifestou quando enviou Seu Filho. Na verdade, Ele amava o mundo e por isso enviou Seu Filho, a fim de que a Divindade revestida da humanidade entrasse em contato com esta enquanto a Divindade se apoderava da Divindade. Se bem que o pecado houvesse cavado um abismo entre o homem e seu Deus, uma bondade divina proveu um plano que lançasse uma ponte sobre esse abismo. E que material Ele usou? Uma parte de Si mesmo. O resplendor da glória do Pai veio a um mundo manchado e endurecido*

pela maldição e, mediante Seu caráter, mediante Seu corpo divino, estabeleceu a ponte sobre o abismo. [...] As janelas do Céu se abriram e os chuveiros da graça divina, como fluxos curadores, caíram em nosso mundo entenebrecido. [...] Oh que amor; que incomparável, inexprimível amor!” (MM, 1962, p. 10, destaque adicionado).

A graça é a insuperável dádiva de Deus para oferecer perdão e justificação, colocando a ponte da justiça e do amor sobre o abismo do pecado e convidando o pecador para sobre ela caminhar em direção ao seu Criador, que por meio de Cristo Jesus está vindo ao Seu encontro celebrar a reconciliação, porque a iniciativa de todo o processo começou com Deus: *“Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo. [...] Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”* (1Co 5:18, 21, NVI).

Aceitar a graça da justiça de Deus por meio de Cristo, significa perdão, justificação e salvação; desprezar e rejeitar a oferta da graça, significa condenação para a morte eterna: *“quem nele crê não é condenado. Mas quem não crê, já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus”* (Jo 3:18, NVI).

“Pela vida e morte de Cristo, também os pensamentos dos homens são trazidos à luz. [...] Em sua atitude em relação a Cristo, todos manifestariam de que lado se achavam. E assim todos passam sobre si mesmos o julgamento” (DTN, p. 57).

O final do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás será assinalado pelo momento em que o abismo do pecado separará definitivamente os pecadores rebeldes e impenitentes do Deus de

amor e justiça, porque a ponte da graça, a intercessão de Cristo, será totalmente removida.

Com o toque da sexta trombeta, o sexto anjo com a sua taça executa a ordem: *“o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates. As águas do rio secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do Oriente”* (Ap 16:12, NAA).

Compreendemos que os quatro anjos amarrados junto ao grande rio Eufrates constituem o exército de Deus preparado para a batalha final do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás. Qual o significado simbólico do grande rio Eufrates e o seu secamento, preparando o *“caminho para os reis que vem do Oriente”* (Ap 16:12, NVI)?

Intérpretes das profecias apocalípticas argumentam que o secamento do rio Eufrates simboliza a mudança de posição dos poderes temporais em relação à Babilônia espiritual, fundamentados na argumentação do profeta João: *“então o anjo me disse: ‘as águas que você viu, onde está sentada a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas. A besta e os dez chifres que você viu odiarão a prostituta. Eles a levarão à ruína e a deixarão nua, comerão a sua carne e a destruirão com fogo, pois Deus colocou no coração deles o desejo de realizar o propósito que ele tem, levando-os a concordarem a dar à besta o poder que eles têm para reinar até que se cumpram as palavras de Deus”* (Ap 17:15-17, NVI).

Os poderes temporais compreendendo que foram enganados pelos falsos ensinamentos de Babilônia, contra ela se voltam, destruindo-a. Como interpretação secundária está correta e faz sentido. No entanto, teria a ação de poderes temporais, a competência de conservar amarrados os quatro anjos junto ao grande rio Eufrates, o

poderoso exército celestial, impedindo a sua ação, e ao toque da sexta trombeta ordenam que os soltem para que cumpram a sua missão de matar em primeiro momento a terça parte da humanidade? Faz sentido, considerando o Deus Todo-poderoso em Suas ações contra Satanás e o seu “suposto” reino, no contexto do grande conflito cósmico espiritual em relação ao preparo do *“caminho para os reis que vem do Oriente”* (Ap 16:12, NVI), que entendemos como a volta de Cristo como o Rei dos reis e o Senhor dos senhores?

Existe algum poder de Satanás ou humano que impeça as ações de Deus, ou determine as condições para a volta de Jesus? Por meio do profeta Isaías, Deus declara: *“desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade revelo as coisas que ainda não sucederam. Eu digo: o Meu conselho permanecerá em pé, e farei toda a Minha vontade”* (Is 46:10, NAA).

O plano da salvação, estabelecido por Deus na eternidade, e os acontecimentos do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás nunca estiveram limitados ou condicionados a circunstâncias externas, quer do poder de Satanás, quer de poderes humanos, mas se desenvolvem segundo a presciência da Sua vontade, seguindo o programa estabelecido na eternidade, independentes de qualquer outra interferência.

O poder que impede as ações de Deus sem misericórdia

Por meio do profeta Isaías, Deus faz essa declaração sucinta, mas contundente em relação à Sua maneira de agir: *“Eu predisse há muito as coisas passadas. Minha boca as anunciou, e Eu as fiz conhecidas, então repentinamente agi, e elas aconteceram”* (Is 48:3, NVI).

Agindo por meio do poder dos Seus atributos de onipotência, onisciência, onipresença e presciência, Deus determinou todos os acontecimentos no desenvolvimento do plano da salvação, do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, e previu todas as escaramuças de Satanás para desviar a mente dos seres humanos da Sua infinita justiça, do Seu incomensurável amor e da Sua superabundante graça. O poder desses atributos, explicam e justificam porque Deus nunca é colhido de surpresa por qualquer astuta artimanha do inimigo. Todos os acontecimentos estão previstos e se encontram sob o Seu inteiro e perfeito controle.

Sobre Sua maneira de executar os juízos finais, é declarado: *“antes do fim do tempo da graça, todos os juízos sobre os seres humanos foram misturados com misericórdia. O sangue propiciatório de Cristo (a graça) tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas, no juízo final, a ira é derramada sem estar misturada com a misericórdia”* (GC, p. 522).

Na execução do plano da salvação e na destruição do reino de Satanás e de toda a temporalidade do pecado, qual o único poder que detém a ação da justiça de Deus, do castigo sem misericórdia? A justiça de Deus sem misericórdia, somente pode ser executada com a total ausência do poder da Sua superabundante graça, manifestada por meio de Cristo Jesus, que é a fonte de vida e segurança para o pecador. O rio da graça, a poderosa intercessão de Cristo, precisa cessar de exercer o seu poder protetor, ou na expressão do profeta João, secar, para que os pecadores impenitentes recebam a justa punição *“da ira de Deus”* sem misericórdia, decretada pela justiça de Deus.

“A severidade da retribuição que aguarda o transgressor pode ser julgada pela relutância do Senhor em executar justiça. A nação que, por tanto tempo, Ele suporta e que não ferirá antes de ela ter enchido a medida de sua iniquidade, segundo os cálculos divinos, beberá, por fim, a taça da ira sem misericórdia” (GC, p. 521).

Enquanto o grande rio da graça, Cristo Jesus, espalha as suas águas intercessoras, os quatro anjos estão amarrados, não recebendo ordem de seu “Capitão” para entrar em ação. *“Nos céus, o Senhor estabeleceu o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo. Bendigam o Senhor os seus anjos, valorosos em poder, que executam as suas ordens e lhe obedecem a palavra” (Sl 103:19, 20, NAA).*

O poder da graça, emanado de Cristo Jesus, impede o castigo sem misericórdia: *“depois disso vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos, para impedir que qualquer vento soprasse na terra, no mar ou em qualquer árvore. Então vi outro anjo subindo do Oriente, tendo o selo do Deus vivo. Ele bradou em alta voz aos quatro anjos a quem havia sido dado poder para danificar a terra e o mar: ‘não danifiquem, nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos as testas dos servos do nosso Deus’” (Ap 7:2, 3, NVI).*

Enquanto o processo redentor da graça está desenvolvendo a sua obra de salvar pecadores, assinalando-os com o Espírito Santo que os ensina a viver em harmonia com a vontade de Deus, e, *“é a marca de propriedade de Deus colocada em vocês, a qual é a garantia de que chegará o dia em que Deus os libertará” (Ef 4:30, NTLH),* quatro anjos estão nos quatro cantos da Terra retendo outros quatro anjos que têm o *“poder para danificar a terra e o mar”*.

Os quatro anjos com poder para danificar a terra e o mar, somente serão autorizados para realizar a sua obra depois do selamento de todos os servos do nosso Deus, portanto, depois de fechada a porta da graça.

Esses quatro anjos, em sua missão para destruir se identificam com os quatro anjos amarrados junto ao grande rio Eufrates, que também estão impedidos de realizar a sua missão até que chegue o momento determinado.

O grandioso propósito da missão da graça precisa concluir a sua obra de selamento, para só então os quatro anjos que seguram os ventos dos quatro cantos da Terra, receberem a ordem de soltar os ventos e os quatro anjos destruidores ouvirem a ordem para executar a sua missão. O poder da graça impede a ação do poder do castigo sem misericórdia.

“Estão a postos forças satânicas sob forma humana. Homens se têm confederado para oporem-se aos exércitos do Senhor. Essas confederações continuarão até que Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança”
(TI, v. 8, p. 42)

Fechando-se a porta da graça, a justiça punitiva de Deus será executada sem misericórdia, porque a Sua ira que sempre se manifestou contra o pecado, no final do grande conflito se manifestará na destruição do pecado e também dos pecadores rebeldes. No plano perfeito de Deus, de justiça e amor, não existe espaço para o pecado.

Acontecimentos que iluminam

Para a grande cidade Babilônia, seus habitantes e a sua sobrevivência, o rio Eufrates era um perfeito símbolo de vida e segurança. Assim, como símbolo espiritual, o grande rio Eufrates tipifica a graça de Deus manifesta por meio de Cristo, o único que pode conceder vida e segurança para toda a humanidade. Cristo Jesus é o único Todo-poderoso que tem as *“chaves da morte e do Hades”* (Ap 1:18, NVI), e por Sua determinação fecha a porta da graça, o manancial da vida, e ordena ao Seu exército que execute a missão destruidora do pecado e dos pecadores rebeldes.

No entanto, assim como o rio Eufrates não secou em seus mananciais, mas foi desviado do seu leito, o secamento do grande rio da graça, não acontece porque o manancial para de jorrar, Cristo, a graça eterna, mas porque o rio da graça é desviado do seu grande propósito, em consequência da rejeição ousada e rebelde dos pecadores impenitentes, embriagados com o vinho escarnecedor do pecado oferecido por Satanás.

O mundo antediluviano chegou a uma condição de rebeldia contra Deus que, *“então disse o Senhor: por causa da perversidade do homem, meu Espírito não contendrá com ele para sempre”* (Gn 6:3, NVI).

O apóstolo Paulo faz uma declaração poderosa sobre a rejeição da atuação do Espírito Santo lutando com os pecadores para aceitar a graça: *“quão mais severo castigo, julgam vocês, merece aquele que pisou aos pés o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança pelo qual ele foi santificado, e insultou o Espírito da graça?”* (Hb 10:29, NVI).

O mundo sofreu as consequências catastróficas da destruição por meio do dilúvio, porque a humanidade *“pisou aos pés o Filho de*

Deus”, o manancial da graça; *“profanou o sangue da aliança”*, a revelação da graça santificadora; *“e insultou o Espírito da graça”*, o Deus eterno que apela e conduz os pecadores para o manancial da graça.

A graça de Deus foi pisada, profanada e insultada, e essa afrontosa rejeição fez Deus fechar a porta da graça, tipificada pela porta da arca, a provisão salvadora da graça, e o rio da graça *“secou”* para os pecadores rebeldes, dominados por Satanás. *“Quando o Espírito é afinal rejeitado, nada mais pode Deus fazer pela alma”* (DTN, p. 322).

Quando a porta da graça foi fechada, a destruição sobreveio por meio da manifestação da *“ira de Deus”* sem misericórdia, e o mundo foi subvertido pelas águas do Dilúvio.

Quando Deus revelou para Abraão que retirou a Sua graça de cinco cidades, porque ela foi totalmente rejeitada, e as destruiria (Gn 18:17-33; Dt 29:23), atendeu o pedido de Ló, poupando Zoar da destruição. Mas há um detalhe muito significativo na declaração de Deus: *“vá depressa e refugie-se nela; pois nada posso fazer, enquanto você não tiver chegado lá”* (Gn 19:22, NAA). A cidade seria poupada porque um *“justo”*, era presença suficiente para o tamanho daquela cidade para a graça de Deus impedir a Sua ação da justiça sem misericórdia; A destruição estava determinada, mas ela somente não aconteceria com a presença de um *“justo”*. *“Nada posso fazer, enquanto você não tiver chegado lá”* É a graça de Deus que limita a Sua ação destruidora.

Entretanto, a rejeição da graça pelos habitantes de Zoar, continuou ousada e atrevida apesar da destruição das quatro cidades vizinhas. *“Ló habitou pouco tempo em Zoar. A iniquidade prevalecia*

ali como em Sodoma, e ele temeu ficar pelo receio de ser destruída a cidade. Não muito tempo depois, Zoar foi consumida, conforme havia sido o intuito de Deus. [...] As chamas que consumiram as cidades da planície transmitem sua luz de advertência até os nossos dias. Aprendemos a terrível e solene lição de que, ao mesmo tempo que a misericórdia de Deus suporta longamente o transgressor, há um limite além do qual os homens não podem ir no pecado. Quando é atingido aquele limite, a oferta da misericórdia é retirada e inicia-se a execução do juízo” (PP, p. 133, 130).

As consequências da rejeição da graça

“Mas aquele que rejeita a obra do Espírito Santo, assume uma posição que impede o acesso ao arrependimento e a fé. É pelo Espírito que Deus opera no coração; quando o homem rejeita voluntariamente o mesmo, e declara que é de Satanás, corta o conduto por onde Deus Se pode comunicar com ele. Quando o Espírito é afinal rejeitado, nada mais pode Deus fazer pela alma” (DTN, p. 322).

“Jesus não abandonaria o lugar santíssimo sem que cada caso fosse decidido, ou para a salvação ou para a destruição; e que a ira de Deus não poderia manifestar-se sem que Jesus concluísse Sua obra no lugar santíssimo, depusesse Seus adereços sacerdotais e Se vestisse com vestes de vingança. Então Jesus sairá de Sua posição entre o Pai e a humanidade, e Deus não mais silenciará, mas derramará Sua ira sobre aqueles que rejeitaram Sua verdade. [...] Quando nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no santuário, Ele se levantará, trajará as vestes de vingança, e então as últimas sete pragas serão derramadas” (PE, p. 36).

“Vestiu-se da justiça como de uma couraça, cobriu-se de vestes de vingança – como de uma túnica – , vestiu-se de zelo como de uma capa” (Is 59:17, BJ).

Jesus precisará despir as Suas vestes de Sumo Sacerdote, as vestes da graça, e trajar as vestes de Rei, para então dar ordens a Seu poderoso e valoroso exército, soltando-o para executar a sua missão. Essa é a única condição e circunstância que impede a execução da justiça de Deus sem misericórdia.

“Mas, no juízo final, a ira é derramada sem estar misturada com a misericórdia” (GC, p. 522). Como a graça perdoadora e redentora de Deus por meio de Cristo Jesus, é totalmente rejeitada, cessa a sua atuação protetora em favor do pecador rebelde, dominado por Satanás.

Essa ação da *“ira de Deus”* sem misericórdia inicia com o toque do primeiro anjo soando a sua trombeta, como acontecia com as guerras de Israel contra os seus inimigos, proclamando o ataque contra o “suposto” reino de Satanás, e o primeiro anjo com a sua taça destruidora avança para executar a sua missão. E assim, em sucessão ininterrupta, ao toque de cada trombeta os flagelos são lançados.

“Na ocasião em que os juízos de Deus estiverem caindo sem misericórdia, oh! quão invejável para os ímpios será a posição dos que habitam ‘no esconderijo do Altíssimo!’ [...] Mas a porta da graça estará fechada para os ímpios (EF, p. 202).

Isso acontecerá em escala coletiva depois de ser fechada a porta da graça. Cessando a intercessão de Cristo em favor dos

pecadores, a reação contra Deus se manifestará em escala crescente com a sequência das consequências da ação das pragas.

“O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: ‘solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates’. Então foram soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte da humanidade. O número dos exércitos da cavalaria era vinte mil vezes milhares; eu ouvi o seu número. Assim, nesta visão, pude ver que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saíam fogo, fumaça e enxofre. Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da boca dos cavalos, foi morta a terça parte da humanidade. Pois a força dos cavalos estava na boca e na cauda deles. As caudas deles eram semelhantes a serpentes, com cabeças, e com elas causavam dano” (Ap 9:13-20, NAA).

Em cumprimento da ordem *“o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e secaram-se as suas águas para que fosse preparado o caminho para os reis que vêm Oriente”* (Ap 16:12, NVI).

Todas as missões destruidoras contra o “suposto” reino de Satanás foram executadas e o caminho está preparado para a vinda dos Reis do Oriente

O sétimo anjo toca a sua trombeta anunciando: *“o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI). E o sétimo anjo lança a sua taça no

ar, *“e do santuário saiu uma forte voz que vinha do trono, dizendo: ‘está feito!’”* (Ap 16:17, NVI).

É o glorioso dia da vinda dos Reis vindo do Oriente, e trazendo o galardão de eternidade para todos aqueles que aceitaram a Sua oferta da graça; a condenação eterna para todos aqueles que a rejeitaram e o ato de vingança contra o autor da rebelião e do pecado.

“Pois o dia da vingança estava no meu coração e chegou o ano da minha redenção (Is 63:4, NVI).

Por que somente na sexta praga?

No entanto, se a graça cessou a sua atividade em favor dos pecadores com a abertura do sétimo selo, por que somente na sexta trombeta ecoa a ordem: *“solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates”*, Cristo, o grande rio do poder da graça? E o grande rio seca, preparando o *“caminho para os reis que vem do Oriente?”* (Ap 9:14 e 16:12, NVI)

A resposta se encontra na sequência progressiva do plano da ação destruidora das pragas sobre o “suposto” reino de Satanás e na reação progressiva contra Deus, dos seres humanos por elas castigados. As pragas atingem o reino de Satanás, *“aqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), com devastações aumentando a cada praga.

Uma questão muito importante na ação das pragas, é que até a quinta praga os seres humanos, *“aqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), serão atormentados pelas consequências do poder das pragas, mas não morrerão, excluída a terceira praga.

Com a execução da quinta praga os demônios comandados por Satanás, receberão permissão para causar *“tormento aos homens durante cinco meses”* (Ap 9:10, NVI), isto, somente a todos os seres humanos que não têm *“o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), aumentando o seu tormento de sofrimentos, mas não recebendo o poder para matá-los (Ap 9:5), colocando em evidência a inquestionável Soberania de Deus (Ap 9:15).

Em resposta à quarta praga, os atingidos *“amaldiçoaram o nome de Deus, que tem domínio sobre estas pragas; contudo, recusaram arrepender-se e glorificá-Lo”* (Ap 16:9, NVI).

Sob a ação da quinta praga, os homens *“blasfemaram contra o Deus dos céus, [...] contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado”* (Ap 16:11, NVI).

A rejeição total do poder da graça acontece quando a criatura se ergue contra o seu Criador, amaldiçoando o nome de Deus e blasfemando contra Ele, como aconteceu com a rebelião de Lúcifer. O grande rio da graça seca para aqueles que são o objeto de Sua ação amorosa, mas que rejeitam com atitude ousada, insolente e abominável essa dádiva de Deus.

As pragas em suas várias formas atingirão e causarão destruição em todos os domínios do “suposto” reino de Satanás, mas a destruição de seres humanos *“que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:4, NVI), mas *“tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (Ap 16:2, NVI), somente acontecerá em primeiro momento durante a sexta praga. A destruição se dará pela ação do exército de Deus, que o profeta João descreve por meio de símbolos: *“Os cavalos e os cavaleiros que vi em minha visão tinham este aspecto: as suas couraças eram vermelhas como o fogo, azuis como o jacinto,*

e amarelas como o enxofre. A cabeça dos cavalos parecia a cabeça de um leão, e da sua boca lançavam fogo, fumaça e enxofre. Um terço da humanidade foi morto pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre, que saíam das suas bocas. O poder dos cavalos estava na boca e na cauda; pois a suas caudas eram como cobras; tinham cabeças com as quais feriam as pessoas” (Ap 9:17-19, NVI).

Sob essas circunstâncias e condições o anjo da sexta trombeta ordenará: soltem os quatro anjos que estão amarrados pelo poder Soberano da autoridade de Cristo Jesus, nos Céus e na Terra (Mt 28:18), porque o impedimento, a Sua graça, foi totalmente desviado pela rejeição insultuosa e blasfema, e cessou a sua poderosa ação redentora e protetora, para os pecadores rebeldes.

Esses quatro anjos, detidos pela Soberana autoridade da graça protetora de Cristo Jesus, que em verdade constituem o poderoso e inumerável exército de anjos de Deus e de Cristo, no momento certo, exato, *“preparados para aquela hora, dia, mês e ano”* (Ap 9:15, NVI), determinado por Deus, no grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, entrará em ação, avançará para realizar a sua estranha e devastadora obra (Is 28:21), quando, *“pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da boca dos cavalos, foi morta uma terça parte da humanidade”* (Ap 9:18, NAA), em sua primeira operação na batalha final do grande conflito, destruindo parte do *“esplendor”* do reino de Satanás.

É importante dar atenção ao fato de que nessa ação da sexta praga, um terço da humanidade, súditos do “suposto” reino de Satanás, será aniquilada pelo poder dos exércitos de Deus, sem que os exércitos de Satanás ofereçam qualquer intervenção de resistência.

Então o profeta declara que *“o restante da humanidade que não morreu por essas pragas, fogo, fumaça e enxofre, nem assim se arrependeu das obras de suas mãos; eles não pararam de adorar os demônios [...]”*. (Ap´9:20, NVI).

Com o majestoso rio da graça seco de suas águas, *“o caminho para os reis que vêm do Oriente”* (Ap 16:12, (NVI), está preparado, e então acontece o sétimo flagelo, espalhado pelo ar, *“e do santuário saiu uma forte voz que vinha do trono, dizendo: ‘está feito!’ Houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto”* (Ap 16:17, 18, NVI).

É a volta de Cristo Jesus, com majestade Soberana, poder de vencedor e glória deslumbrante, *“os reis que vem do Oriente”*, e é pelo esplendor *“de sua vinda”* (2Ts 2:8, NVI), que o restante da humanidade será morta (Ap 19:17, 18 e 6:14-17).

O profeta Isaías teve visão semelhante da intervenção de Deus no final do grande conflito cósmico espiritual: *“Porque eis que o Senhor virá em fogo, e os seus carros de guerra, como uma tempestade, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão em chamas de fogo. Porque com fogo e com a sua espada o Senhor entrará em juízo com toda a humanidade; e serão muitos os mortos da parte do Senhor”* (Is 66:15, 16, NAA).

A graça é o poder de Deus para curar vidas contaminadas pelo pecado: *“Mas ele foi transpassado por causa de nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados”* (Is 53:5, NVI).

Para eliminar o pecado, o ato é realizado por Deus com ira sem mistura de misericórdia, isto é, total ausência de graça. *“Pois, o dia da vingança estava no meu coração, e chegou o ano da minha redenção (retribuição, BJ). Na minha ira pisoteei as nações; na minha indignação as embebedei e derramei na terra o sangue delas”* (Is 63:4, 6, NVI).

Para executar esse ato, é preciso que *“Cristo deixe Seu lugar de intercessor diante do propiciatório e envergue as vestes de vingança”* (TI, v. 8, p. 42).

O profeta Isaías descreve com palavras dramáticas esse ato de Deus: *“o Senhor se levantará como fez no monte Perazim, mostrará sua ira como no vale de Gibeom, para realizar sua obra, obra muito estranha, e cumprir sua tarefa, tarefa misteriosa”* (Is 28:21, NVI). *“Pois fiquei sabendo do Senhor Deus de todo poder que a destruição da terra inteira está decidida”* (Is 28:22, TEB).

Destruir as obras realizadas pelo poder e amor de Sua Palavra, mas que foram contaminadas pelo inimigo com a chaga maligna e abominável da temporalidade do pecado, é um ato muito estranho e misterioso para o Deus de justiça, amor e graça. Entretanto, para restaurar este mundo ao seu primeiro domínio (Mq 4:8), esse estranho e misterioso ato da ira de Deus contra o pecado, será executado com a total ausência da graça.

É a rejeição dessa manifestação incompreensível e inexplicável do amor e da graça, com espírito de ousada rebelião, que seca o grande rio Eufrates da superabundante graça de Deus, que jorra inesgotável da Fonte eterna, Cristo Jesus. O rio da graça não seca, porque a Fonte, Jesus, deixa de existir, mas porque o

reconhecimento da dependência dela é totalmente rejeitada pelo pecador rebelde, dominado pelo espírito da rebelião de Satanás.

“As trevas espirituais que caem sobre as nações, igrejas e indivíduos não são devidas à retirada arbitrária do socorro da graça divina por parte de Deus,. Mas a negligência ou rejeição da luz divina por parte dos homens” (GC, p. 322).

Assim aconteceu com Lúcifer no Céu. Assim aconteceu com o mundo antediluviano. Assim aconteceu com Sodoma e Gomorra. Assim aconteceu com os povos cananitas: *“Deus declarou a razão pela qual devia transcorrer esse tempo. Disse-lhes que a iniquidade dos amorreus ainda não havia atingido o ponto máximo, e que a expulsão e o extermínio deles não podia ser justificado até que enchessem a medida de sua iniquidade. [...] É assim que Deus lida com as nações. Ao longo de um período de graça Ele exerce longanimidade para com nações, cidades e indivíduos. Mas quando fica evidente que não querem vir a Ele para ter vida, eles são visitados com juízos. Chegou o tempo quando os juízos de Deus foram infligidos aos amorreus, e virá o tempo quando todos os transgressores da lei de Deus ficarão sabendo que Ele não inocenta o culpado”* (Ellen G. White, CBASD, v. 1, p. 1204. Destaque acrescentado).

A presença da graça significa vida, a ausência da graça pela rejeição atrevida e insolente, seca o grande rio Eufrates e significa condenação, juízos sem misericórdia e morte eterna.

Deus, na proclamação do Seu plano redentor conduziu José para o Egito para revelar *“às nações pagãs as bênçãos que sobrevêm a humanidade mediante o conhecimento de Deus. [...] a fim de que a iluminação celestial se estendesse perto e longe. [...]*

José foi o representante de Cristo. Em seu benfeitor, [...] deviam contemplar o amor de seu Criador e Redentor” (TI, v. 6, p. 219, 220).

Os egípcios, dominados por Satanás, rejeitaram a oferta da graça de Deus e na pessoa do faraó e sua liderança, insultaram e desafiaram a Soberania de Deus: *“Quem é o Senhor, para que eu lhe obedeça? Não conheço o Senhor” (Êx 5:2, NVI).*

Parafraseando, faraó declarou: *“Quem é esse Senhor da graça? Não O conheço e não tenho nenhum interesse em conhecê-Lo”.*

A progressiva rejeição das manifestações de Deus, culminaram com o crescente poder destruidor das pragas até o completo aniquilamento do exército egípcio, símbolo de Satanás e do seu reino.

Do mesmo modo, no final do grande conflito espiritual, fechada a porta da graça, os juízos de Deus serão executados com poder destruidor progressivo e crescente, culminando com o completo extermínio do pecado e pecadores, raiz e ramos, reduzidos a cinzas.

Enquanto os egípcios foram o alvo da justiça de Deus sem misericórdia, porque rejeitaram a dádiva da Sua graça, os israelitas viveram a gloriosa experiência da proteção da graça, tipificada no sangue do cordeiro nos umbrais das portas, e libertos do poder do anjo destruidor, partiram para a sua herança.

“A pintura dos umbrais das portas com o sangue do cordeiro imolado representava o sangue de Cristo, o qual deveriam aguardar com expectativa. [...] O cordeiro sem mancha representava o imaculado Cordeiro de Deus, sem qualquer contaminação do pecado. Assim como as casas de Israel deveriam ser aspergidas com

sangue, para que o anjo destruidor passasse por cima delas sem se deter, é necessário que nós nos arrependamos dos nossos pecados e nos apropriemos dos méritos do sangue de Cristo para nos proteger do anjo vingador de Deus no dia da matança. Somente por meio de Cristo nosso perdão pode ser obtido. Seu sangue nos guarda de um Deus vingador dos pecados” (MM, 2022, p. 257).

O sangue tipificado do Cordeiro, a graça, determinou a diferença entre os israelitas e os egípcios. Para os israelitas, a presença do sangue do Cordeiro, a graça, proveu proteção e libertação; para os egípcios, a ausência do sangue tipificado do Cordeiro, a graça, permitiu a condenação sem misericórdia.

É a rejeição da graça que determina a destruição do autor da rebelião, Satanás, seus demônios e todos aqueles que a ele se submeteram e o adoram. *“A história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o tempo em que começou no Céu até o final da rebelião e extirpação total do pecado, é também uma demonstração do imutável amor de Deus”* (PP, p. 9).

Uma questão muito importante: A graça, Deus somente pode manifestar por meio de Jesus Cristo; a Sua ira, destruindo os pecadores rebeldes, Ele fará acontecer por meio dos anjos, o Seu poderoso exército. No final do grande conflito de conceitos espirituais, com a rejeição completa da graça, Cristo Jesus, o exército de anjos receberá a ordem de comando para executar a missão a ele confiada: derramar a ira de Deus contra o pecado e os pecadores rebeldes, para destruí-los totalmente. Todavia, o glorioso espetáculo da redenção pela eterna graça é a majestosa manifestação no desfecho final do grande conflito e será celebrado ao longo da

eternidade. *“O dia da ira para os inimigos de Deus é o dia de final livramento para a Sua igreja”* (PR, p. 727).

Assim como a presença da graça significa vida, salvação, redenção e eternidade, a ausência da graça significa morte, condenação, destruição e redução à cinzas.

Uma questão muito importante

Em Apocalipse 16:2, o profeta João deixa evidente de que os últimos sete flagelos constituem a consumação *“da ira de Deus [...] naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem”* (NVI). Portanto, são acontecimentos que ocorrerão depois do fechamento da porta da graça.

Em Apocalipse 9:4 e 5, demonstra que os demônios soltos por Satanás do poço do Abismo, ao toque da quinta trombeta, *“receberam ordens para não causar dano nem a relva da terra, nem a qualquer planta ou árvore, mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa. Não lhes foi dado poder para mata-los, mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses”* (NVI).

Já foi analisado que esse acontecimento somente poderá ocorrer durante o período das sete últimas pragas. Os justos serão selados pouco antes de fechar a porta da graça, oportunidade em que os ímpios receberão a marca da besta, identificando-os como súditos de Satanás e definindo duas classes distintas. (Ap 7:1-8). E, Ellen G. White informa que *“os justos vivos receberão o selo de Deus antes do fim da graça. [...] A observância do domingo não é ainda o sinal da besta, e não o será até que saia o decreto compelindo as pessoas a venerarem esse falso sábado. [...] Ninguém recebeu até agora o sinal da besta”* (MM, 2021, p. 297).

Se o selo de Deus é colocado sobre os justos vivos antes de finalizar a graça e a marca da besta somente terá vigência com o decreto dominical, que ainda não aconteceu, inviabiliza o cumprimento desse lance profético em qualquer período anterior ao fim da graça.

Portanto, encontramos nesse lance profético mais um forte argumento de que a graça, a intercessão de Cristo Jesus em favor dos pecadores, precisa cessar, para que a execução da ira de Deus sem misericórdia realize a sua estranha obra e a segunda vinda de Jesus como Rei dos reis, aconteça, trazendo o galardão para justos e injustos.

Graça no mundo restaurado

Vencido o pecado e reintegrado o homem ao Universo sem pecado, a graça será a permanente companheira entre Redentor e redimidos: *“Pois o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, conduzindo-os até às fontes de água da vida”* (Ap 7:17, BJ).

No capítulo 22:1 e 2 de Apocalipse, a certeza da graça, como o dom que comunica vida eterna aos santos no mundo renovado, é transmitida nestas palavras: *“Então o anjo me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça da cidade, e de um e do outro lado do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês. E as folhas da árvore são para a cura dos povos”* (NAA).

Água que comunica vida; frutos que comunicam vida; folhas que comunicam vida. Assim como o manancial renova

permanentemente as suas águas, a árvore da vida, de modo permanente e certo renova seus frutos. Símbolos perfeitos da permanente provisão de graça para os redimidos, pela permanente e visível presença de Cristo. Vida eterna jorrando do Manancial de graça eterna – o trono de Deus e do Cordeiro.

O rio Eufrates no jardim do Éden

Entretanto, a Escritura Sagrada traz uma questão muito importante relacionada com o rio Eufrates, no jardim do Éden, antes da queda de Adão. Moisés informa em seu relato sobre a criação na Terra: *“e um rio saía do Éden para regar o jardim e de lá se dividia, repartindo-se em quatro braços. [...] E o quarto rio é o Eufrates”* (Gn 2:10-14, NAA).

O profeta João informa que no mundo restaurado ele viu *“o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro”* (Ap 22:1, NAA). Esse rio da água da vida que brota do trono de Deus como a permanente e imutável garantia comunicando vida eterna a todos os redimidos do pecado e a todas as Suas criações no Universo, encontra o seu antítipo no *“rio que saía do Éden”*.

O rio que saía do jardim do Éden, o centro do governo de Deus no planeta Terra, era a garantia da presença permanente da graça de Deus, brotando de Seu trono, a Fonte eterna, inesgotável, de vida abundante, executando a missão de regar e sustentar toda a Sua criação executada no jardim, concedendo vida. E então, se dividia em quatro braços, executando a mesma missão para todo o planeta, como a manifestação permanente da inteira dependência de toda a criação do seu Criador, isto é, da graça de Deus. *“E o quarto rio é o Eufrates”* (Gn 2:14, NAA).

Assim será no mundo restaurado: *“o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro”* (Ap 22:1, NAA), a eterna graça, *“a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus”* (Is 35:2, NVI), comunicará a glória e o esplendor da Sua eternidade aos seres humanos e à natureza restaurados.

“E um rio saía do Éden, repartindo-se em quatro braços” (Gn 2:10, NAA). Dois salmos trazem argumentos profundamente significativos que fazem pensar sobre os quatro braços do rio que procede do Éden: *“justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem”* (Sl 89:14, NAA).

Quatro braços de um rio que procede do jardim do Éden; quatro fundamentos do trono de Deus.

Outro Salmo declara: *“a graça e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram”* (Sl 85:10, NAA).

Jesus deixou o Seu trono no Céu, trazendo Consigo os quatro fundamentos do Seu Reino, e veio ao mundo em rebelião, dominado por Satanás. Viveu e ensinou a verdade, sofrendo, como inocente e sem pecado, a condenação da justiça, e assim revelou a superabundância da graça, e restabeleceu a paz entre o Criador e a criatura, desfazendo a transgressão, a iniquidade, com o restabelecimento do direito, a equidade. Onde o direito domina, a paz é o fundamento que orienta o relacionamento.

“Pois aprovou a Deus fazer habitar nele toda a plenitude e tudo reconciliar por meio dele e para ele, na terra e nos céus, tendo estabelecido a paz pelo sangue de sua cruz” (Cl 1:19, 20, TEB).

A graça é a revelação do incompreensível e inexplicável amor e justiça de Deus no plano da criação e da redenção por meio de

Jesus Cristo. *“Pode-se meditar nele todos os dias de nossa vida; pode-se esquadriñar diligentemente as Escrituras a fim de compreendê-lo; pode-se reunir toda faculdade e poder a nós concedidos por Deus, no esforço de compreender o amor e a compaixão do Pai celeste; e todavia existe ainda um infinito para além. Pode-se estudar por séculos esse amor, não obstante jamais se poderá compreender plenamente a extensão, a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus em dar Seu Filho para morrer pelo mundo. A própria eternidade nunca o poderá bem revelar”* (TI, v. 5, p. 740).

Jesus anuncia a Sua volta

Com o grande rio Eufrates, o rio da graça em sua obra perdoadora, justificadora e restauradora completamente seco pela rejeição, e o seu poder protetor e intercessor sem atuação em favor do pecador rebelde, o cenário em todos os detalhes estará preparado com o caminho para que venha do Oriente o Rei dos reis com todo o Seu glorioso exército, trazendo a recompensa de vida eterna para todos aqueles que aceitaram a Sua oferta de graça perdoadora e justificadora, e a condenação eterna para todos aqueles que a rejeitaram.

No entanto, Satanás, que testemunhará a devastadora destruição em todo o seu “suposto” domínio a partir do primeiro flagelo, incluindo a morte da terça parte de seus súditos pelo poderoso exército exterminador de Deus durante a sexta praga, não aceitará perder o seu domínio sobre os habitantes deste mundo e coloca em ação todo o seu poder de engano: *“então vi saírem da boca do dragão, da boca da besta, da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs. São espíritos de demônios que*

realizam sinais miraculosos; eles vão aos reis de todo o mundo, a fim de reuni-los para a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso” (Ap 16:13, 14, NVI).

Atente-se com atenção: *“são espíritos de demônios que realizam sinais miraculosos”,* que se dirigem aos poderes temporais de todo o mundo para atraí-los a Satanás e reuni-los para a grande *“batalha do grande dia do Deus Todo-poderoso”* (Ap 16:14, NVI).

Enquanto os espíritos satânicos realizam o seu esforço final para salvar o reino de Satanás, Jesus faz a gloriosa e aguardada proclamação: *“Eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante e conserva consigo as suas vestes, para que não ande nu e não seja vista a sua vergonha”* (Ap 16:15, NVI).

A essa gloriosa proclamação de Cristo, ansiosamente aguardada pelos santos expectantes, segue a momentosa proclamação de Deus: *“A voz de Deus é ouvida do céu, declarando o dia e a hora da vinda de Jesus e estabelecendo concerto eterno com Seu povo”* (CS, p. 692).

Tudo também estará preparado para a decisão da *“batalha do grande dia do Deus todo-poderoso”* (Ap 16:14, NVI), a batalha do Armagedom (Ap 16:16).

O poderoso engano de Satanás

Anunciado o dia da volta de Jesus, Satanás tentará contrafazer este glorioso e vitorioso acontecimento de Cristo, e aparecerá de forma espetacular, imitando a volta de Jesus, e enganando os habitantes da Terra: *“Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus como indício do poder dos demônios, que realizarão milagres. Os espíritos diabólicos irão aos reis da Terra e*

ao mundo inteiro para mantê-los no engano e forçá-los a se unir a Satanás em sua última luta contra o governo do Céu. Por meio desses agentes, tanto governantes como súditos serão enganados. [...]

“Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará a Cristo. [...] Assim o grande enganador fará parecer que Cristo veio. [...] Curará as doenças do povo, (deixando de atormentá-lo, Ap 9:5) com as terríveis dores e feridas (Ap 16:11), e, afirmando ser o próprio Jesus, alegará ter mudado o sábado para o domingo, ordenando a todos que santifiquem o dia que ele abençoou. [...] Esse será um engano poderoso, e quase invencível” (GC, p. 518, 519).

Satanás, vendo o seu esquema de luta contra Cristo e Deus, completamente desmoronado, entrará em ação com todos os seus demônios, no mundo inteiro para segurar os seus governantes e habitantes unidos a ele, operando grandes sinais: *“afirmando ser o próprio Jesus. [...] Fará parecer que Cristo veio. [...] Curará as doenças do povo, [...] alegará ter mudado o sábado para o domingo. [...] Esse será um engano poderoso quase invencível” (GC, p. 518, 519).*

O decreto de morte dos santos

Com as manifestações de Satanás, contrafazendo a segunda vinda de Jesus e proclamando que o dia de adoração e reconhecimento de Deus como o Soberano, é o domingo, ele incitará os poderes espirituais e temporais para proclamar a santidade do domingo e determinar a morte de todos os que se recusam submeter a este falso sábado. Tal como aconteceu com os judeus na Medo-

Pérsia, será decretado um dia para executar todos os hereges rebeldes.

“E Satanás une-se com protestantes e católicos, agindo em parceria com eles como o deus deste mundo, ordena aos homens como se fossem os súditos de seu reino, para serem manejados, governados e controlados conforme lhe agrada. [...] Satanás usurpa, assim, as prerrogativas de Jeová. O homem do pecado assenta-se no templo de Deus, ostentando-se como se fosse Deus e agindo acima de Deus” (Maranata, 2021, p. 190).

“Quem é que dará seu reino a esse poder? O protestantismo, um poder que, embora professe ter a índole e o espírito do cordeiro e estar aliado com o Céu, fala com voz de dragão. Ele é impelido por um poder que vem de baixo” (MM, p. 186, 2ª edição, 2021).
(Destaque acrescentado)

Compreendendo que o decreto dominical será estabelecido pouco antes do fechamento da porta da graça, como consequência das calamidades que assolarão o planeta em escala crescente de quantidade e intensidade, deverá se entender que haverá um tempo de tolerância e pressão para que todos aceitem e se submetam ao decreto: *“ao se afastarem as pessoas cada vez mais de Deus, Satanás recebe permissão para dominar sobre os filhos da desobediência. Ele lança destruição entre os homens. Há calamidades em terra e mar. Propriedades e vidas são destruídas pelo fogo e por inundações. Satanás resolve atribuir isso aos que recusam curvar-se ante o ídolo estabelecido por ele. Seus agentes apontam para os adventistas do sétimo dia como a causa da perturbação. ‘Essas pessoas se insurgem em desafio à lei’, dizem eles. ‘Elas profanam o domingo. Se fossem compelidas a obedecer*

à lei para a observância dominical, cessariam esses terríveis juízos” (Maranata, 2021, p. 175).

“Então o grande enganador convencerá as pessoas de que os que servem a Deus é que estão causando esses males. [...] será declarado que os seres humanos estão ofendendo a Deus pela violação do descanso dominical; que esse pecado acarretou calamidades que não cessarão antes que a observância do domingo seja estritamente imposta; e que os que apresentam os requisitos do quarto mandamento, destruindo assim a reverência pelo domingo, são perturbadores do povo, impedindo sua restauração ao favor divino e à prosperidade” (GC, p. 491).

As calamidades provocadas por Satanás, criando as condições para a proclamação do decreto dominical, serão seguidas pelo fechamento da porta da graça e os sete últimos flagelos da ira de Deus sem mistura de misericórdia para castigar os pecadores rebeldes. Como as fieis testemunhas de Deus não se submeterão ao decreto dominical, será tomada a decisão de sua condenação à morte.

“O sábado será a grande prova de lealdade, pois é o ponto da verdade especialmente contestado. Quando sobrevier aos seres humanos a provação final, será traçada a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem. Ao passo que a observância do falso sábado, de acordo com a lei do Estado e de forma contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que está em oposição a Deus, a guarda do verdadeiro sábado em obediência à lei divina, será uma prova de lealdade para com o Criador. Enquanto um grupo de pessoas, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, receberá a marca da besta, outro,

preferindo o sinal da obediência à autoridade divina, receberá o selo de Deus” (GC, p. 503, 504, destaque acrescentado).

Quem verdadeiramente representa o “poder que está em oposição a Deus”? Satanás ou o papado? Satanás iniciou a sua oposição ao governo de Deus e de Cristo, no Céu, e continua nessa luta na Terra, envolvendo poderes temporais e espirituais, formando o grupo de oposição a Deus e a Cristo, e recebendo a marca da besta, Satanás: paganismo, islamismo e cristianismo apostatado, e entre o último, encontra-se o papado, o protestantismo e o espiritismo.

Assim como *“o sinal da obediência à autoridade divina”*, por parte de seres humanos, é *“o selo de Deus”*, um Ser cósmico, do mesmo modo, *“o sinal de submissão aos poderes terrestres, a marca da besta”*, é de Satanás, um ser cósmico.

Os dois líderes do grande conflito espiritual são seres cósmicos: Cristo e Satanás. Cristo comanda os anjos leiais e, Satanás comanda os seus demônios. Aqui na Terra, os dois grupos em oposição são formados por seres humanos.

“Como o sábado se tornou o ponto especial de controvérsia no cristianismo, e as autoridades religiosas e seculares se combinaram para impor a observância do domingo, a recusa persistente de uma pequena minoria em ceder à exigência popular, fará com que essa minoria seja alvo de ódio universal. Será afirmado que os poucos que permanecem em oposição a uma instituição da Igreja e lei do Estado, não devem ser tolerados; que é melhor que eles sofram do que nações inteiras sejam envolvidas em confusão e ilegalidade. [...] Esse argumento parecerá concludente e, por fim, sairá um decreto contra os que santificam o sábado do quarto mandamento,

denunciando-os como merecedores do mais severo castigo e dando ao povo liberdade para, depois de certo tempo, mata-los” (GC, p. 511, 512).

“Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para eliminar a odiada seita. Ficará combinado que, em determinada noite, se dará um golpe decisivo que faça silenciar por completo a voz de discordância e reprovação” (GC, p. 527).

O decreto de morte para os leais observadores do santo sábado, dos Dez Mandamentos e a fé em Jesus, deverá ser proclamado durante o sexto flagelo. Lembrando sempre de que assim como aconteceu ao longo do grande conflito, é Satanás quem toma as decisões e determina as ações. Nesse final ele atuará como o oitavo rei.

A angústia de Jacó, o povo de Deus

O profeta Jeremias vaticina um tempo de angústia para o povo de Deus: *“Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó, mas ele será salvo dela”* (Jr 30:7, NAA).

Jacó, em seu retorno de Harã para Canaã, ouvindo que Esaú, seu irmão, vinha ao seu encontro com quatrocentos homens armados, mesmo com a certeza da promessa de Deus de proteção e segurança: *“volte para a terra de seus pais, [...] e eu estarei com você”* (Gn 31:3, NVI), teve uma noite de angústia mental, espiritual e emocional no vale do ribeiro do Jaboque (Gn 32:22-32), onde lutou com Deus, suplicando o perdão do seu pecado de enganar o pai e roubar o direito de primogenitura do irmão, e por livramento da ira de Esaú.

Mesmo com a certeza de proteção e segurança, os filhos de Deus viverão a sua noite de angústia espiritual e emocional no seu vale do Jaboque, durante o período das sete últimas pragas, e mormente em face do decreto de morte.

“Embora o povo de Deus esteja rodeado de inimigos que se esforçam por destruí-lo, a angústia que sofrem não é o medo da perseguição por causa da verdade. O problema é o receio de que não tenham se arrependido de todo pecado, e de que, por causa de alguma falta, não se cumpra a promessa do Salvador: ‘Eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro’, (Ap 3:10). [...] Contudo, ao mesmo tempo em que têm uma profunda sensação de sua indignidade, os fiéis não possuem nenhuma falta oculta para revelar. Seus pecados foram examinados e apagados no Juízo; eles não podem trazê-los à lembrança” (GC, p. 514, 515).

“A hora mais negra da luta da igreja com os poderes do mal, é a que imediatamente precede o dia do seu livramento final. Mas ninguém que confie em Deus precisa temer, pois quando ‘o sopro dos opressores é como a tempestade contra o muro’ Deus será para a Sua igreja como ‘um refúgio contra a tempestade’, (Is, 25:4). Naquele dia, unicamente aos justos é prometido livramento” (PR, p. 725).

“No entanto, aos olhos humanos, parecerá que os servos de Deus logo deverão selar seu testemunho com sangue, assim como fizeram os mártires antes deles. [...] Dia e noite clamam a Deus suplicando livramento. Os ímpios se alegram, e ouve-se o grito de zombaria: ‘Onde está agora a fé que vocês tinham? Por que Deus não os livra de nossas mãos, se vocês realmente são povo Dele?’ [...] Assim como Jacó, todos estão lutando com Deus. Sua fisionomia

expressa a luta interna. A palidez está estampada em cada rosto, mas não deixam de orar fervorosamente” (GC, p. 523).

“Muitos não compreendem o que devem ser a fim de viverem à vista do Senhor sem um sumo sacerdote no santuário, durante o tempo de angústia. Os que hão de receber o selo do Deus vivo, e ser protegidos, no tempo de angústia, devem refletir completamente a imagem de Jesus” (PE, p. 71).

“Essas pragas enfureceram os ímpios contra os justos, pois pensavam que nós havíamos trazido os juízos divinos sobre eles e que, se pudessem livrar a Terra de nós, as pragas cessariam. Saiu o decreto para matar os santos, o que fez com que estes clamassem dia e noite por livramento. Esse foi o tempo da angústia de Jacó. Então todos os santos clamaram com angústia de espírito e alcançaram livramento pela voz de Deus” (PE, 36, 37).

“Vi então os principais homens da Terra consultando entre si, e Satanás e seus anjos ocupados em redor deles. Vi um impresso, espalhado nas diferentes partes da Terra, dando ordens para que se concedesse ao povo liberdade para, depois de certo tempo, matar os santos, a menos que estes renunciassem à sua estranha fé, abandonassem o sábado e guardassem o primeiro dia da semana” (PE, p. 282).

“Se as pessoas pudessem ver com visão celestial, contemplariam grupos de anjos magníficos em poder ao redor daqueles que obedeceram à exortação de Cristo para que fossem perseverantes. Com ternura e compaixão, os anjos têm testemunhado sua angústia e ouvido suas orações. Estão à espera da ordem de seu Comandante para os tirar do perigo. [...] Porém ninguém pode passar pelos poderosos guardas posicionados ao

redor dos que são fiéis. Alguns são atacados ao fugir das cidades e povoados. Mas as espadas levantadas contra eles se quebram e caem frágeis como a palha. Outros são defendidos por anjos em forma de guerreiros” (GC., p. 523, 524).

Quando a sexta praga é lançada sobre a Terra, prepara-se “o caminho para os reis que vêm do Oriente” (Ap 16:12, NVI), e ouve-se dos céus a poderosa e triunfante proclamação de Jesus: “eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante e conserva consigo as suas vestes, para que não ande nu e não seja vista a sua vergonha” (Ap 16:15, NVI).

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande som de trombeta, e estes reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:30, 31, NVI).

Assim como aconteceu no Egito, quando durante a escuridão da meia noite o anjo destruidor elevou ao máximo o poder da angústia dos egípcios com a morte dos primogênitos, e os israelitas partiram da opressão do cativeiro para a liberdade preparada por Deus, do mesmo modo, na meia noite das últimas pragas, a angústia dos ímpios atingirá a sua culminância com a manifestação da vinda “do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão”, porque o seu fim inexorável chegou.

Mas naquela noite, raiará a manhã gloriosa da redenção eterna para todos os que estão sob o abrigo do sangue do Cordeiro, a graça protetora e redentora de Deus. A angústia de Jacó, a incerteza mental de garantia de proteção e livramento se transformará na

explosão de júbilo eterno porque o Redentor está chegando: *“mas, naquele tempo, o povo de Deus será salvo, todo aquele que for achado inscrito no livro”* (Dn 12:1, NAA).

“Depois disso ouvi nos céus algo semelhante à voz de uma grande multidão, que exclamava: ‘Aleluia! A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus. [...] Então ouvi algo semelhante ao som de uma grande multidão, como o estrondo de muitas águas e fortes trovões, que bradava: ‘aleluia!, pois reina o Senhor, o nosso Deus, o Todo-poderoso. Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos e dar-lhe glória! Pois chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou’” (Ap 19:1-7, NVI).

Sétima trombeta e a sétima praga

As visões do profeta João no livro do Apocalipse, não seguem uma ordem cronológica rigorosa. Algumas vezes está relatando uma visão até determinado momento, para interrompe-la e introduzir outra visão.

Depois de relatar os acontecimentos da sexta trombeta e da sexta praga, e, antes de descrever o toque da sétima trombeta, o profeta relata duas visões sobre acontecimentos muito importantes, mas que cronologicamente retrocedem no tempo. No capítulo 10, os acontecimentos estão relacionados com o grande desapontamento das testemunhas fiéis de Deus ocorrido na década de 1840, que receberam a comissão de profetizar de novo (Ap 10:11), pregando o evangelho eterno para todos os povos.

No capítulo 11, a visão retrocede para o período dos mil duzentos e sessenta anos, de 538 até 1798, durante os quais Satanás com os seus instrumentos oprimiu os santos do Altíssimo e

com os seus artifícios de maldade tentou destruir as duas testemunhas de Deus, as Sagradas Escrituras.

Na visão de Apocalipse 10, o profeta João relata a proclamação de um anjo, relacionada com o tocar da sétima trombeta, com as seguintes palavras: *“Então o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive para todo o sempre, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há, dizendo: Já não haverá demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, então se cumprirá o mistério de Deus, como ele anunciou aos seus servos, os profetas”* (Ap 10:5-7, NAA).

Quem é esse anjo que faz essa importante e poderosa proclamação? No início da visão o profeta revela que viu *“outro anjo poderoso, que descia dos céus. Ele estava envolto numa nuvem, e havia um arco-íris acima de sua cabeça. Sua face era como sol, e suas pernas eram como colunas de fogo. [...] e deu um brado como o rugido de um leão”* (Ap 10:1-3, NVI).

Em visões anteriores o profeta relata que Jesus *“vem com as nuvens”* (Ap 1:7, NVI); que *“um arco-íris, parecendo uma esmeralda, circundava o trono”* (Ap 4:3, NVI); que *“seus pés eram como o bronze numa fornalha ardente e sua voz como o som de muitas águas [...] Sua face era como o sol quando brilha em todo o seu fulgor”* (Ap 1:15, 16, NVI);

O profeta ainda adiciona que ouviu *“uma voz dos céus, que disse: ‘sele o que disseram os sete trovões’. [...] Depois falou comigo mais uma vez a voz que eu tinha ouvido falar dos céus: ‘vá, pegue o livro aberto que está na mão do anjo”* (Ap 10:4, 8, NVI).

O profeta também revela que, voltou-se *“para ver quem falava comigo. [...] Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: ‘não tenha medo. Sou Aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo”* (Ap 1:12, 17, 18, NVI).

Todos esses detalhes revelam que o *“outro anjo poderoso (que ordenou para o profeta): ‘é preciso que você profetize de novo”* (Ap 10:1, 11, NVI), é o próprio Senhor Jesus Cristo.

Jesus argumentou com muita clareza de que o final determinado para o domínio da temporalidade do pecado, pertence unicamente a Deus, o Pai: *“quanto ao dia e a hora ninguém sabe, nem mesmo os anjos, nem o Filho, senão somente o Pai”* (Mt 24:36, NVI). É *“o mistério de Deus”*.

Entretanto, Deus, a Trindade, sabe com exatidão o momento quando irá intervir nos acontecimentos atuais do nosso mundo, para dar fim à história da temporalidade do pecado e restabelecer neste planeta o Seu Reino, que em todo o Universo é de eternidade a eternidade, onde habita a justiça, o amor e a graça. .

O profeta Habacuque, em visão similar, queixou-se a Deus por não compreender com clareza todos os Seus desígnios: *“por que ficas calado enquanto os ímpios devoram os que são mais justos que eles?”* Todavia, em meio às suas incertezas decidiu ficar leal a Deus e atento à Sua voz: *“ficarei no meu posto de sentinela e tomarei posição sobre a muralha, aguardarei para ver o que o Senhor me dirá e que resposta terei à minha queixa”*. E Deus respondeu: *“então o Senhor me respondeu: [...] Pois a visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará. Ainda que demore, espera-a; porque ela certamente virá e não atrasará”* (Hc 1:13, 2:1-3, NVI).

A última frase é assim traduzida na “Tradução Ecumênica da Bíblia”: *“porque virá sem falta, sem adiar”*.

O programa do plano da redenção, estabelecido por Deus na eternidade, não sofre mudanças pelas interferências de Satanás, ou pela indiferença ou ansiedade de seres humanos: *“nem homens ímpios nem demônios podem impedir a obra de Deus ou excluir Sua presença de Seu povo”* (GC, p. 441).

Sem adiantamento e sem tardança, o fim do domínio de Satanás e do pecado, chegará no momento determinado. Esse não é um momento aleatório, mas definitivamente estabelecido. Ele não falhará. Mas é da inteira competência de Deus. É inútil e tola toda a especulação humana.

Provavelmente, considerando que depois de Jesus dizer para o profeta: *“já não haverá demora”*, e a seguir declarar que, quando o sétimo anjo soar a sua trombeta, se cumprirá *“o mistério de Deus”*, a melhor tradução seria: *“não haverá tardança”*.

O profeta Daniel é conclusivo: *“porque o fim virá no tempo determinado”* (Dn 11:27, NAA). No Salmo 75:2 é feita esta declaração relativa à intervenção de Deus nos destinos da história da humanidade: *“Tu dizes: Eu determino o tempo em que julgarei com justiça”* (NVI).

Os vinte e quatro anciãos se unem a essa proclamação de vitória exaltando a justiça do julgamento de Deus: *“Os vinte e quatro anciãos que estavam assentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se sobre os seus rostos e adoraram a Deus, dizendo: ‘graças te damos, Senhor Deus todo-poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e começaste a reinar. As*

nações se iraram; e chegou a tua ira. Chegou o tempo de julgares os mortos e de recompensares os teus servos, os profetas, os teus santos e os que temem o teu nome, tanto pequenos como grandes, e destruir os que destroem a terra” (Ap 11:16-18, NVI),

Todos os acontecimentos do plano da redenção têm momento marcado e certo para ocorrer no cronograma de Deus. Assim, o grandioso momento da intervenção de Deus em nosso planeta dominado por Satanás e pela temporalidade do pecado, tem hora marcada no cronograma de Deus e ele acontecerá sem adiantamento e sem tardança.

Ante a proximidade do dia da Sua morte, Jesus declarou para os Seus discípulos: *“chegou a hora de ser glorificado o filho do homem”* (Jo 12:23, NVI).

Na noite da Sua prisão no jardim do Getsêmani, declarou de que esse momento marcado chegou: *“Basta! Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores”* (Mc 14:41, NVI).

Comentando a resposta de Jesus para a Sua mãe, é dito em “O Desejado de Todas as Nações”: *“todo ato da vida de Cristo na Terra era cumprimento do plano que existira desde os dias da eternidade. Antes de vir à Terra, o plano jazia perante Ele, perfeito em todos os seus detalhes. Ao andar entre os homens, porém, era guiado passo a passo pela vontade do Pai. Não hesitava em agir no tempo designado. Com a mesma submissão esperava até que houvesse chegado a oportunidade”* (DTN, p. 147).

Antes de soar a sétima trombeta anunciando a execução dos atos da sétima praga, o anjo que estava *“em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive*

para todo o sempre” (Ap 10:5, 6, NVI), que o fim do grande conflito cósmico espiritual aconteceria na “hora” determinada em “cumprimento do plano que existira desde os dias da eternidade. [...] Perfeito em todos os seus detalhes” (DTN, p. 147). Não haverá tardança.

“Seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra seca, mostra a parte que está desempenhando nas cenas finais do grande conflito com Satanás. Essa posição denota Seu supremo poder e autoridade sobre toda a Terra. O conflito se tornou mais forte e decidido de século em século, e continuará assim até as cenas conclusivas, quando a magistral atuação dos poderes das trevas atingir seu clímax [...]” (MM, 2002, p. 344).

Depois dessas visões, o profeta retoma à visão das sete trombetas, descrevendo a sétima trombeta que anuncia a vitória completa de Cristo sobre o “suposto” reino de Satanás: *“O sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve fortes vozes nos céus que diziam: ‘O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre’ (Ap 11:15, NVI).*

Deus, Soberano do Universo

Ao toque da sétima trombeta um espetáculo grandioso, extraordinário abre-se perante os habitantes deste mundo e de todo o Universo, confirmando com a segunda poderosa manifestação a Soberania e o poder de Deus, assim descrito por João: *“então foi aberto o santuário de Deus nos céus, e ali foi vista a arca da sua aliança. Houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e um grande temporal de granizo” (Ap 11:19, NVI).*

Com a segunda poderosa manifestação da Soberania e do poder de Deus, proclamada do santuário dos Céus, onde se encontra o Seu trono, a arca da Sua aliança eterna é aberta, manifestando para o mundo e para o Universo o único e verdadeiro Soberano e apresentando o documento da carta magna de Sua autoridade única: a Sua eterna e imutável lei que rege todo o Universo.

Para assombro e pavor de todos os pecadores rebeldes e irreconciliáveis, essa manifestação acontece justamente na noite determinada para exterminar todos aqueles que professam total fidelidade na observância do santo sábado e da santa e eterna lei de Deus: *“Com brados de triunfo, zombaria e maldições, pessoas más se aglomeram, prestes a atacar a presa, quando, uma densa escuridão, mais intensa do que as trevas da noite, cai sobre a Terra. Então o arco-íris, resplandecendo com a glória do trono de Deus, atravessa o céu e parece cercar cada um dos grupos em oração. As multidões iradas param de repente. Seus gritos de zombaria silenciam. O alvo de sua ira sanguinária é esquecido. Com terríveis pressentimentos contemplam o símbolo da aliança de Deus, desejando colocar-se sob o amparo de seu esplendor insuperável”* (GC, p. 527).

“Aparece então no céu uma mão segurando duas tábuas de pedra sobrepostas. O profeta escreveu: ‘Os céus anunciam a Sua justiça, porque é o próprio Deus que julga’ (Sl 50:6). [...] E os dez preceitos divinos, breves, abrangentes e cheios de autoridade, são apresentados à vista de todos os habitantes da Terra” (GC, p. 530).

No final da sexta praga, Satanás tentará contrafazer a pessoa e a volta de Cristo, proclamando a mudança do santo sábado para o domingo.

No entanto, ao toque da sétima trombeta aparece perante o Universo a gloriosa verdade da eternidade e da imutabilidade da santa lei de Deus que rege todo o Universo, revelando a santidade e a eternidade do santo sábado com destaque, e Satanás é desmascarado.

O segundo ai

Com os acontecimentos do sexto flagelo e com os primeiros acontecimentos do sétimo, cumpre-se o segundo ai proclamado pela “águia” ao final da quarta trombeta.

No seu relato em Apocalipse 11:14, o profeta João coloca o fim do segundo ai passados os mil duzentos e sessenta anos da opressão de Satanás aos filhos do Altíssimo, depois de as duas testemunhas subirem para o Céu e antes do toque da sétima trombeta (Ap 11:15). Portanto, no final da sexta trombeta e da sexta praga e culminando com acontecimentos ao soar da sétima trombeta e a sétima praga.

Nesse contexto, o segundo ai começa com a ordem da intervenção do exército de Deus ao toque da sexta trombeta que determina a morte de *“um terço da humanidade, [...], mas apenas aqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9:18, 4, NVI).

“O sexto anjo tocou a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das pontas do altar de ouro que está diante de Deus. Ele disse ao sexto anjo que tinha a trombeta: ‘solta os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates’ Os quatro anjos que estavam preparados para aquela hora, dia, mês e ano, foram soltos para matar um terço da humanidade (Ap 9:13-15, NVI). [...] Aqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem (Ap 16:2, NVI).

Os exércitos de Deus entram em ação e *“um terço da humanidade foi morto pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre, que saíam das suas bocas”* (Ap 9:18, NVI). O restante da humanidade que não é morto, sofre as consequências de todas as pragas precedentes, procurando a *“morte, mas não a encontrarão; desejam morrer, mas a morte fugirá deles”* (Ap 9:6, NVI).

O aniquilamento de criaturas modeladas a imagem e semelhança de Deus e que haviam sido criadas para a Sua glória (Is 43:7), mas que Satanás corrompeu com os seus conceitos de engano, formando seu “suposto” reino, constituem a razão do segundo ai, o segundo lamento da tristeza de Deus. *“Juro pela minha vida, palavra do Soberano, o Senhor, que não tenho prazer na morte dos ímpios”* (Ez 33:11, NVI).

A destruição das lideranças espirituais

Tal como aconteceu com as pragas que destruíram o Egito, exercendo o seu poder destruidor em ordem crescente, onde, com a sétima praga da chuva de granizo, muitos egípcios morreram, mas os que permaneceram vivos não se arrependeram nem reconheceram a soberania de Deus, assim também, a morte de um terço dos súditos do reino de Satanás, aumentará a determinação de executar o decreto de morte dos santos, convictos de que estes são os culpados de todos os flagelos, inclusive da morte súbita e sem explicação de milhões de seres humanos.

“Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para eliminar a odiada seita. Ficará combinado que, em determinada noite se dará um golpe decisivo que faça silenciar por completo a voz de discordância e repreensão” (GC, p. 527).

Entretanto, quando multidões se organizam para executar o decreto, com o sétimo flagelo, é revelado para o mundo e para o Universo, a eterna e imutável lei de Deus com a santidade do sábado em destaque. Diante desse espetáculo majestoso nos céus, o povo compreende que foi enganado pela liderança espiritual, e *“esquecendo o objeto de sua ira sanguinária”*, os fiéis observadores da lei e do santo sábado de Deus, volta-se contra os seus líderes espirituais: *“O povo vê que foi iludido. Um acusa o outro de tê-lo levado à destruição; mas todos se unem em acumular suas mais amargas condenações contra os líderes religiosos. [...] As multidões estão cheias de furor. Exclamam: ‘Estamos perdidos! E vocês ‘são causa de nossa ruína’, e voltam-se contra os falsos pastores. Aqueles que mais os admiravam, pronunciarão as mais terríveis maldições sobre eles. As mesmas mãos que os coroavam com honraria se levantarão para destruí-los. As espadas que deveriam matar o povo de Deus são agora empregadas para exterminar seus inimigos. Por toda parte há contenda e morticínio”* (GC. P.543).

Essa fúria incontida será lançada contra as lideranças de todo o falso sistema de culto e adoração, matando e destruindo tudo o que representa este sistema preparado e organizado por Satanás para enganar. Assim, o segundo ai começa com a destruição completa da terça parte da humanidade, *“apenas aqueles que não tinham o selo de Deus na testa”* (Ap 9: 4, NVI), e termina com o terrível morticínio das falsas lideranças espirituais.

Esse dia de extermínio das falsas lideranças espirituais, seguido da libertação do povo de Deus, encontra um simbolismo na morte de Hamã e a libertação dos judeus, ocorrida na Medo-Pérsia, sob o reinado de Assuero, Xerxes: *“assim Hamã morreu na forca que*

tinha preparado para Mardoqueu. [...] Para os judeus foi uma ocasião de felicidade, alegria, júbilo e honra” (Et 7:16 e 8:16, NVI).

O mais impressionante nessa manifestação de ira e destruição, é que Satanás, que oculto por traz do falso sistema de culto e adoração, enganou governantes e súditos, se une às multidões enfurecidas, de forma visível, e se apresentando como o verdadeiro líder temporal e espiritual.

“Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai” (Ap 11:140, NAA).

Do Oriente vem os Reis

Quando os pecadores enganados por Satanás, por meio de seus falsos líderes espirituais, estão executando a sua ira destruidora contra suas lideranças, no Oriente surge o poderoso e glorioso exército comandado por Cristo, o Rei dos reis e Senhor dos senhores: *“Em meio ao céu agitado, há um espaço claro de glória indescritível, de onde vem a voz de Deus como o som de muitas águas, dizendo: ‘Está feito’. (Ap 16:17). [...] Logo surge no oriente uma pequena nuvem escura, aproximadamente do tamanho da metade da mão de um homem. É a nuvem que envolve o Salvador, e que, a distância, parece estar cercada pela escuridão. O povo de Deus sabe que esse é o sinal do Filho do Homem. [...] Jesus, na nuvem, avança como poderoso vencedor. [...] Com hinos de melodia celestial, os santos anjos, em vasta e inumerável multidão, acompanham-No em Seu trajeto. O firmamento parece estar cheio de seres resplandecentes – ‘milhões de milhões e milhares de milhares’ (Ap 5:11). Nenhuma caneta consegue descrever essa cena; mente mortal alguma tem a capacidade de imaginar seu*

esplendor. ‘Sua glória cobre os céus, e a Terra se enche do Seu louvor. O Seu esplendor é como a luz’. (Hc 3:3, 4” (GC, p. 528, 531).

Foi do oriente, do leste, que Deus iluminou este mundo à Sua poderosa ordem: que a luz brilhe (2Co 4:6), e do oriente amanheceu o primeiro dia, rompendo as trevas abismais que envolviam o planeta. É do oriente que virá o Rei do Sol da Justiça com o Seu poderoso exército de anjos para resgatar todos aqueles que se mantiveram fiéis aos princípios do Seu Reino e decididamente confiantes em Sua gloriosa promessa de libertação do território do inimigo: este mundo envolvido pela escuridão do domínio de Satanás e da temporalidade do pecado, e destruir todos os que rejeitaram a Sua Soberania (Mt 21:33-46).

O profeta declara que o caminho é preparado para *“os reis que vêm do Oriente”*. Por que usa o plural? Compreendendo que as três pessoas da Trindade formam uma unidade perfeita, as três exercem o atributo de sua Trina Soberania do Universo. Na criação do Universo e posteriormente na Terra, as três pessoas planejaram e executaram todo o cronograma estabelecido em perfeita harmonia e unidade de ações. A primeira e poderosa declaração de Moisés abrindo o relato da criação, é profundamente reveladora: *“no princípio Deus criou”* (Gn 1:1) Deus, *“Eloim”*, o plural de *“El”*. Como dizendo: no princípio a Trindade criou.

No desenvolvimento do plano da salvação as três pessoas da Trindade estão indivisivelmente unidas. Assim acontecerá quando a Trindade vier em majestade e glória para executar a redenção. Os reis virão do oriente para buscar a noiva para a gloriosa cerimônia do casamento do Cordeiro.

Jesus falando de Sua segunda vinda, advertiu seus acusadores: *“mas eu digo a todos vós: chegará o dia em que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”* (Mt 26:64, NVI). Por essa declaração compreende-se que Jesus não virá sozinho.

O brado da vitória

O sétimo anjo derrama a sua taça no ar e do santuário ouve-se forte voz com o brado de vitória: *“está feito”* (Ap 16:17, NVI).

Na sua sequência, as pragas são lançadas sobre a terra, sobre o mar, sobre os rios e as fontes de águas, sobre o sol, sobre o trono da besta, sobre o grande rio Eufrates e a sétima é lançada pelo ar.

A grande Babilônia espiritual também receberá a recompensa da sua prostituição sob o impacto de uma terrível tempestade de granizo com enormes pedras caindo sobre os homens: *“a grande cidade foi dividida em três partes, e as cidades das nações se desmoronaram. Deus lembrou-se da grande Babilônia e lhe deu o cálice do vinho do furor da sua ira. Todas as ilhas fugiram, e as montanhas desapareceram. Caíram sobre os homens, vindas do céu, enormes pedras de granizo, de cerca de trinta e cinco quilos cada; eles blasfemaram contra Deus por causa do granizo, pois a praga fora terrível”* (Ap 16:19-21, NVI).

“Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos – todos, escravos e livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. Eles gritavam às montanhas e às rochas: caiam sobre nós e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?” (Ap 6:15-17, NVI).

Assim como aconteceu durante o dilúvio, quando *“o próprio Satanás, obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu por sua existência* (PP, p. 71), do mesmo modo, ao soar da sétima trombeta e o clangor dos elementos da natureza sob a ação da sétima praga, a humanidade impenitente e condenada, apelará a esses mesmos elementos por proteção, mas será destruída. Satanás e seus demônios temerão por sua existência. *“Demônios reconhecem a divindade de Cristo e tremem diante de Seu poder”* (GC,. P. 529).

Com a sétima praga e o glorioso acontecimento da volta de Jesus, *“o restante da humanidade que não morreu por essas pragas: [...] fogo, fumaça e enxofre”*, lançado pelos anjos, o poderoso exército de Deus, (Ap 9:20, 18, NVI), será destruída pela ação determinada da ordem proclamada pela sétima trombeta e a execução da sétima praga: *“está feito!”*

Enquanto os seis primeiros flagelos atingem alvos definidos do “suposto” reino de Satanás, o sétimo flagelo tem como objetivo destruir totalmente este reino, reduzindo ao pó todo o seu esplendor e toda a sua glória, e proclamando que as missões da batalha foram totalmente consumadas: *“está feito”*, que é complementada com a terceira poderosa manifestação da Soberania e do poder de Deus, como confirmação da vitória sobre o inimigo: *“houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a terra”* (Ap 16:18, NVI).

As três manifestações da Soberania e do poder de Deus, são semelhantes em sua magnitude em relação ao que aconteceu no monte Sinai, quando Deus proclamou a eterna Lei do Seu governo

perante os israelitas: *“ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e raios, uma densa nuvem cobriu o monte, e uma trombeta ressoou fortemente. [...] Vendo-se o povo diante dos trovões e dos relâmpagos, e do som da trombeta e do monte fumegando, todos tremeram assustados”* (Êx 19:16 e 20:18, NVI).

“Desde que o ser humano foi criado, nunca se testemunhou manifestação de poder divino como a que houve quando a lei foi proclamada do Sinai. [...] Por entre os maiores cataclismos da natureza, a voz de Deus, semelhante a uma trombeta, foi ouvida da nuvem. A montanha se abalou da base ao topo e as hostes de Israel, pálidas e tremendo de terror, caíram com o rosto em terra. Aquele cuja voz abalou a terra naquela hora declarou: ‘mais uma vez Eu farei tremer não só a terra, mas também o céu’ (Hb 12:26). [...] Quanto menos os transgressores de Sua lei e os que rejeitaram Sua obra expiatória conseguirão olhar para o Filho de Deus quando Ele aparecer na glória de Seu Pai, rodeado por todo o exército celestial, para executar o juízo sobre eles. [...] O dia que traz terror e destruição aos transgressores da lei de Deus trará aos obedientes ‘alegria indescritível e cheia de glória’ (Maranata, 2021, p. 38).

Todavia, as manifestações no início e no final das sete trombetas e das sete pragas são mais poderosas, porque não manifestam somente a gloriosa Soberania de Deus, a grandeza da Sua justiça, a imensidade do Seu amor, a magnanimidade da Sua graça, como foi no monte Sinai, mas também a irretocável execução dos Seus justos juízos sobre o reino de Satanás, proclamando a vitória total de Cristo.

“O universo inteiro foi testemunha das cenas do Sinai. Nos efeitos das duas administrações viu-se o contraste entre o governo

de Deus e o de Satanás. De novo os habitantes de outros mundos, onde o pecado não entrou, viram os resultados da apostasia de Satanás e o tipo de governo que ele teria estabelecido no Céu, caso lhe houvesse sido permitido exercer o domínio” (PP, 284).

Prisão de Satanás e seus demônios

O reino de esplendor e glória de Satanás, estará totalmente destruído ao final da sétima praga, porém, Satanás e seus demônios, incluindo os que foram soltos do Abismo durante a quinta praga, que ficaram completamente paralisados em meio a tempestade de granizo (Ap 16:21), serão todos aprisionados no Abismo: *“vi descer dos céus um anjo que trazia na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações, até que terminassem os mil anos” (Ap 20:1, 2, NVI).*

“Olhei para a terra, e ela era sem forma e vazia; para os céus, e a luz tinha desaparecido. Olhei para os montes e eles tremiam; todas as colinas oscilavam. Olhei, e não havia mais gente; todas as aves do céu tinham fugido em revoada. Olhei, a terra fértil era um deserto; todas as suas cidades estavam em ruínas por causa do Senhor, por causa do fogo da sua ira” (Jr 4:24-26, NVI).

Confinado ao planeta Terra, sem uma criatura viva para enganar, Satanás e seus demônios estarão simbolicamente totalmente amarrados pela corrente das circunstâncias.

A batalha final do Armagedom

Ao final dos mil anos, Satanás e seus demônios serão soltos com a ressurreição de todos os rebeldes contra a graça de Deus e

que foram mortos pelo poder letal da sexta e da sétima pragas, pela poderosa ação dos exércitos do Senhor. Também, todos aqueles que ao longo dos milênios, morreram em rebelião contra o governo de justiça e de amor do Deus eterno e rejeitaram a Sua oferta da dádiva da graça perdoadora e justificadora por meio de Cristo Jesus, ressurgirão na segunda ressurreição.

Soltos, Satanás e seus demônios sairão *“para enganar as nações (dos ímpios ressurretos) que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a batalha. [...] Então os três espíritos os reuniram no lugar que, em hebraico, é chamado de Armagedom. [...] Seu número é como a areia do mar. As nações (sob o comando de Satanás e seus demônios) marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu e as devorou”* (Ap 20:8, 16:16 e 20:8, 9, NVI).

O exército de Satanás, os espíritos de demônios, seus agentes, que vem do Abismo ao final dos mil anos de sua prisão (Ap 20;1), reúnem os seres humanos ressurretos, para, unidos ao exército dos demônios, se envolver *“em sua última luta contra o governo do Céu”* (GC, p. 518).

O apóstolo Paulo declarou que *“a nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados e as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais”* (Ef 6:12, NAA).

“Os dominadores deste mundo tenebroso”, que durante milênios guerrearam contra o Reino de Cristo, oprimiram e mataram os santos do Altíssimo, estarão enfrentando o momento de sua justa e inquestionável condenação: *“Tu és justo, tu, o Santo, que és e que*

eras, porque julgaste todas as coisas; [...] verdadeiros e justos são os teus juízos” (Ap 16:5, 7, NVI).

O toque da quinta trombeta determina o fim, o aniquilamento total do autor da iniquidade e da injustiça, mas que se consumará no final dos mil anos de sua prisão: *“você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. [...] Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes. Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado” (Ez 28:12, 14,15, NVI). “Pela multidão das suas iniquidades, pela injustiça do seu comércio, você profanou os seus santuários. Por isso, fiz sair do meio de você um fogo que o consumiu; eu o reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que o contemplam. [...] Você se tornou objeto de espanto e deixará de existir para sempre” Ez 28:6-19, NAA).*

Toda a *“ira de Deus”*, executando com a sua eterna justiça o aniquilamento do pecado, envolve o autor do pecado, Lúcifer, que se transformou em Satanás, o inimigo de Deus, os anjos caídos, transformados em demônios e todos os pecadores, que enganados por Satanás e seu exército, rejeitaram o amor e a graça de Deus. *“No dia da ira do Senhor. No fogo do seu zelo o mundo inteiro será consumido, pois ele dará fim repentino a todos os que vivem na terra. [...] Não sobrarão raiz ou galho algum” (Sf 1:18, MI 4:1, NVI).*

Satanás e seus demônios somente serão destruídos na grande batalha final do Armagedom, quando todos os ímpios, ressuscitados na segunda ressurreição, também sofrerão a condenação da segunda morte, a morte eterna, lançados *“no lago de fogo que arde com enxofre (Ap 20:10, NVI), “preparado para o Diabo e seus anjos”*

(Mt 25:41, NVI). *“Esta é a segunda morte: o lago de fogo”* (Ap 20:14, BJ), que determina o fim do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

Toda essa destruição será realizada por Deus, que é perfeito amor e perfeita justiça. Quando Deus *“realizar (essa) sua obra, obra muito estranha, e cumprir sua tarefa, tarefa misteriosa”* (Is 28:21, NVI), a fará com Sua justa ira contra o pecado, mas com o coração afligido pela destruição daqueles que criou para glorificá-Lo.

“A justiça tem uma irmã gêmea – o amor” (OC, p. 262). *“Em toda a Bíblia, Deus é apresentado não somente como um Ser de misericórdia e benignidade, mas também como um Deus de rigorosa e imparcial justiça”* (EF, p. 207).

Deus odeia o pecado, mas o Seu coração *“é cortado”* (Gn 6:6, NVI), quando criaturas, trazendo em si *“o modelo da perfeição”* (Ez 28:12, NAA), ou criadas à Sua imagem e semelhança em todos os atributos comunicáveis do Seu Ser, para glorificá-Lo, são dominadas pelo poder corruptor do pecado.

“As lágrimas agonizantes de Cristo não foram derramadas apenas por Jerusalém. Ele chorou ao pensar na terrível retribuição que sobrevirá ao mundo impenitente” (MM, 2022, p. 239)

Três majestosas manifestações do poder de Deus

As três poderosas proclamações da Soberania e do poder de Deus, são três majestosos momentos no final do grande conflito cósmico espiritual contra o reino de Satanás, em uma sequência crescente, com gloriosas manifestações de Deus, da Sua Soberania, do Seu poder e da Sua autoridade como o único que é digno de adoração, porque Ele é justiça e amor.

A primeira manifestação é feita assim que a proteção é garantida para os santos, o castigo é determinado contra os perversos, a porta da graça é fechada e antes de soar a primeira trombeta: *“houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:3-6). A segunda manifestação acontece quando ao toque da sétima trombeta é aberto o santuário nos céus, e com toda a sua glória aparece a arca da Sua aliança eterna, com as duas tábuas da santa, eterna e imutável lei de Deus, diante de toda a humanidade, todas as hostes demoníacas e o infinito e grandioso Universo de Deus: *“houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e um grande temporal de granizo”* (Ap 11:19, NVI). A terceira e final manifestação da Soberania e do poder de Deus acontece quando o sétimo anjo derrama a sua taça destruidora e determina a destruição completa do autor da temporalidade do pecado e dos pecadores rebeldes e impenitentes: *“houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a terra”* (Ap 16:18, NVI).

Novos céus e nova Terra

Por meio do profeta Jeremias, Deus declarou: *“assim diz o Senhor: ‘Toda esta terra ficará devastada, embora eu não vá destruí-la completamente’”* (Jr 4:27, NVI). E Isaías complementa: *“pois vejam! Criarei novos céus e nova terra, e as coisas passadas não serão lembradas. Jamais virão à mente!”* (Is 65:17, NVI). O apóstolo Pedro fez a poderosa declaração: *“todavia, de acordo com a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, onde habita a justiça”* (2Pe 3:13, NVI).